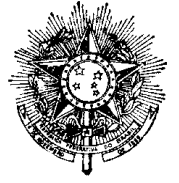




MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Humanas de Sociais
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História



***EXEMPLA E MEMORIA: A CONSTRUÇÃO DE UM REPERTÓRIO
DE PERSONAGENS FEMININAS EM TITO LÍVIO E TÁCITO***

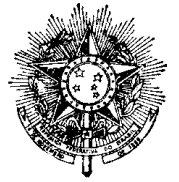
Caroline Morato Martins

Mariana, MG

Junho de 2023



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Humanas de Sociais
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História



Caroline Morato Martins

***EXEMPLA E MEMORIA: A CONSTRUÇÃO DE UM REPERTÓRIO
DE PERSONAGENS FEMININAS EM TITO LÍVIO E TÁCITO***

Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de doutora.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Favversani

Mariana
2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M386e Martins, Caroline Morato.

Exempla e memoria [manuscrito]: a construção de um repertório de personagens femininas em Tito Lívio e Tácito. / Caroline Morato Martins. - 2023.

243 f.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Favarsani.

Tese (Doutorado). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História.

Área de Concentração: História.

1. Tito Lívio. 2. Tácito, Cornélio. 3. Memória. 4. Exempla. 5. Roma - História. 6. Mulheres na literatura. I. Favarsani, Fábio. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 930.85-055.2(043.2)

Bibliotecário(a) Responsável: Iury de Souza Batista - CRB6/3841



FOLHA DE APROVAÇÃO

Caroline Morato Martins

Exempla e Memoria: A construção de um repertório de personagens femininas em Tito Lívio e Tácito

Tese apresentada ao Programa de História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Doutor

Aprovada em 28 de fevereiro de 2023.

Membros da banca

Prof. Dr. Fabio Faversoni - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Alexandre Agnolon - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Fábio Duarte Joly - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Profa. Dra. Semíramis Corsi Silva - (Universidade Federal de Santa Maria)
Prof. Dra. Sarah Fernandes Lino de Azevedo

Fabio Faversoni, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 23/06/2023



Documento assinado eletronicamente por **Fabio Faversoni**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/06/2023, às 19:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0546376** e o código CRC **BE74A955**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Ouro Preto por me oferecer estes mais de onze anos de ensino de qualidade, sendo um espaço fundamental de aprendizagem profissional, científica e humana. Agradeço aos professores do Departamento de História bem como a todos os técnicos e funcionários da UFOP, em especial, àqueles do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS). Sou excepcionalmente grata aos professores de História Antiga, Fábio Duarte Joly e Fábio Faversoni, que me guiaram e inspiraram na área de pesquisa que escolhi tantos anos antes. Agradeço ao meu orientador, Fábio Faversoni, por tanto acreditar em mim, pelo encorajamento e por me estimular a progredir profissionalmente em todos os momentos e em meio a adversidades. Agradeço por todos os esforços de incentivo, pela compreensão, confiança, apoio e paciência nestes longos anos, além de suas leituras críticas atentas e únicas aos meus textos. Agradeço ao professor Fábio Joly por sua competência, disponibilidade e generosidade de sempre, pelos estágios de docência, leituras fundamentais de tantos dos meus trabalhos e aulas inspiradoras. Ao Alexandre Agnolon também por todo o cuidado na leitura e discussão detalhada de textos que produzi, aulas fascinantes e paciência em seus esforços no ensino de latim e retórica antiga. Agradeço ainda a todos os integrantes do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (LEIR-UFOP), espaço onde muito aprendi e compartilhei, especialmente aos amigos Stephanie Martins, João Victor Lanna e Mamede Queiroz Dias, que me acompanharam nesta década de trabalho no grupo. Agradeço à CAPES pelas bolsas de estudos de doutorado concedidas para manutenção da pesquisa no Brasil e para estudo no exterior. Agradeço ao departamento de Classics and Ancient History da University of Exeter por me receber como aluna de doutorado visitante, em especial a professora Rebecca Langlands pela orientação e aos alunos de doutorado do departamento.

Agradeço minhas antigas amigas, Luana Melo, Lídia Generoso, Lauriany de Souza, Stephanie Martins e Juliana Carvalho e aos novos amigos, Owen e Wagner. Agradeço também ao Bruno Gouveia, por todo o auxílio, cuidado e compreensão dos últimos anos.

RESUMO

Mulheres lendárias e reais da Antiguidade foram temas de representação em obras antigas de diferentes gêneros e períodos. Esta tese tem o objetivo de discutir a construção da memória sobre personagens femininas por meio de duas narrativas específicas escritas sobre e sob períodos distintos da História de Roma, porém especialmente conectados. Para tal, buscamos compreender a influência da tradição exemplar nas obras dos dois autores estudados, o contexto histórico específico de transição da República e instauração do Principado romano bem como alguns conceitos fundamentais para os problemas abordados, como os de *allelopoiesis*, *exemplum*, *fama*, repertório, *pudicitia* e retrato.

Uma obra estudada é a *Ab urbe condita*, de Tito Lívio e a outra é os *Annales*, de Tácito. Nossa intenção é demonstrar como a modelação de *exempla* femininos e o emprego da exemplaridade se dá de forma similar em ambas as obras. Além disso, buscamos entender como uma crítica e preocupação com a regulação do comportamento feminino mostra-se relevante para o período de início do Império Romano e como as duas obras conectam tal crítica à tópica de uma decadência moral de Roma.

PALAVRAS-CHAVE: *Exempla*; Tito Lívio; Tácito; Roma; Memória

ABSTRACT

Legendary and real women were the subject of representation in ancient works belonging to different genres and historical periods. This PhD dissertation aims to discuss the memory construction about women characters in two ancient sources. These were written in different historical periods as well as spoke about different periods of Rome history, but they have a special connection. For this purpose, will be comprehend the influence of exemplar tradition on the two authors who are being studied, also the historical context of transition from the Republic to the Roman Empire as well as some important concepts for the problems studied such as *allelopoiesis*, *exempla*, *fama*, repertoire, *pudicitia* and portrait.

One of the studied works is the *Ab urbe condita* of Titus Livy and another is the *Annales* of Tacitus. The intention is to demonstrate how the construction of female's *exempla* and the use of the exemplarity have similar paths in both works. In addition, will be understood the relevance for the time of the Early Roman Empire of a critique tendency and concern about the regulation of female behavior and how the two works connected this critique with the topic concerning a moral decadence of Rome.

KEYWORDS: *Exempla*; Livy; Tacitus; Rome; Memory

SUMÁRIO

Introdução

<i>Fontes utilizadas</i>	17
<i>Roteiro dos capítulos</i>	20

Capítulo I: *Allelopoiesis* como ferramenta analítica para a exemplaridade e para escrita da memória romana

Parte 1. A <i>fama</i> , a memória prevalente e a regulação do comportamento feminino	24
1.1 <i>A fama de Nero e suas situações morais precedentes</i>	33
1.2 <i>A fama de Agripina Menor e suas situações morais precedentes</i>	43
1.3 <i>Família e ambição maternal na disputa pelo poder imperial</i>	53
1.4 <i>Dos primórdios do exercício da liderança e intervenção feminina: Vênus, Lavínia e Réia Sílvia como precedentes de atuação e poder na progenitura feminina</i>	62
<i>Vênus</i>	63
<i>Lavínia</i>	66
<i>Reia Sílvia e Aca Larência</i>	72
Parte 2. A História de Roma, a História das mulheres de Roma e a Exemplaridade	79
2.1 <i>O exemplum de Tarpéia</i>	86
2.2 <i>Conclusões: Agripina Menor, Tarpéia e o coletivo de exempla femininos em Lívio (Lavínia, Reia Sílvia e Aca Larência)</i>	93

Capítulo II: Exemplaridade e repertório: a construção da memória sobre mulheres da Roma inicial

Parte 1. Memória/história e mito/lenda em Tito Lívio: a conexão entre a moralidade e a narrativa sobre o passado romano	103
1.1 <i>Mitos, lendas e contos</i>	108
1.2 <i>Mito, história e memória</i>	110
1.3 <i>História, memória e exemplaridade no contexto augustano</i>	113
Parte 2. O repertório de mulheres em Lívio: moralidade e regulação da atuação feminina nos <i>exempla</i> das sabinas, Hersília, Cloélia e Virgínia	117

2.1 <i>Hersília, as mulheres sabinas e Cloélia</i>	118
2.2 <i>Repertório e exempla: de Vênus à Lucrecia</i>	128
2.3 <i>O exemplum de Virgínia</i>	130
2.4 <i>Conclusões</i>	139
Capítulo III: Entre monarquia e império: <i>exempla</i> e retratos femininos	
Parte 1. Tanaquil e Túlia como rainhas maléficas da história romana	143
1.1 <i>Horácia</i>	145
1.2 <i>Tanaquil</i>	149
1.3 <i>Túlia</i>	167
Parte 2. Agripina Maior e Livia Drusa: exemplaridade, situação ética e <i>fama</i>	180
2.1 <i>Livia: de viúva de Augusto a madrasta assassina</i>	187
2.2 <i>Agripina Maior: de esposa exemplar a mãe ambiciosa</i>	196
2.3 <i>Conclusões</i>	218
Considerações finais	221
Referências Bibliográficas	225

Introdução

A exemplaridade é um campo de estudos que se desenvolveu significativamente na última década, mas é assunto comum aos próprios antigos¹. Por exemplo, a obra de Valério Máximo, *Facta et Dicta Memorabilia*, é vista como uma compilação de *exempla* escritos no século primeiro de nossa era. Além da exemplaridade em Valério Máximo, Tito Lívio e Tácito, estudos se dedicaram ao tema da exemplaridade com foco em outros autores latinos, como Cícero², Plínio³, Sêneca⁴ e Josefo⁵. Calcada em conceitos e princípios utilizados em obras escritas na Antiguidade, com o principal deles sendo o de *exemplum*, este campo de estudo têm indicado alternativas para questões do contexto histórico romano em amplo escopo e recorte temporal. Nesta tese, buscamos utilizar a exemplaridade mais do que como uma discussão historiográfica moderna útil para as questões proposta da pesquisa, mas como ferramenta de análise das próprias obras antigas foco deste estudo. Pensamos que a exemplaridade como abordagem se mostra particularmente útil para entender o contexto romano de transição entre a República e o estabelecimento e legitimação do poder imperial. Conforme observado por Gowing, o uso de *exempla* republicanos por autores romanos foram se tornando menos relevantes ao

¹ Cf: LANGLANDS, Rebecca. *Exemplarity ethics in ancient Rome*. Cambridge: United Kingdom; New York: Cambridge University Press, 2018, p.2; BLOOMER, W. M. *Valerius Maximus and the Rhetoric of the New Nobility*. Chapel Hill, 1992 e BELLEMORE, J. When Did Valerius Maximus Write the *Dicta et Facta Memorabilia*? *Antichthon*, 23, 1989, p. 67-80.

² Cf: BRINTON, A. Cicero's Use of Historical Examples in Moral Argument. *Philosophy and Rhetoric* 21 (3), 1988, p. 169-184; LANGLANDS, R. Roman *Exempla* and Situation Ethics: Valerius Maximus and Cicero *De Officiis*. *The Journal of Roman Studies*, 101, 2011, p. 100-122; LOWRIE, M. Cicero on Caesar or Exemplum and Inability in the *Brutus*. In: A. Arweiler and M. Möller (eds) *Vom Selbst-Verständnis in Antike und Neuzeit. Notions of the Self in Antiquity and Beyond*. Berlin, 2008, p. 131-154.

³ Cf: BRADLEY, K. R. The Exemplary Pliny. In: C. Deroux (ed.) *Studies in Latin Literature and Roman History XV*, 323, 2010, p. 384-422; LANGLANDS, R. Pliny's "Role Models of Both Sexes": Gender and Exemplarity in the *Letters*. *EuGeStA*, 4, 2014, p. 214-237; Para epigramas de Marcial e epístolas de Plínio, cf: MORELLO, R. Traditional *Exempla* and Nerva's New Modernity. Making Fabricius Take the Cash. In: A. König and C. Whitton (eds.) *Roman Literature under Nerva, Trajan and Hadrian. Literary Interactions, AD.96-138*. Cambridge, 2018, p. 302-329.

⁴ Cf: LAROSA, B. The Mythical *Exempla* of Faithful Heroines in Seneca the Elder's Work. In: M. T. Dinter, C. Guérin and M. Martinho (eds.) *Reading Roman Declamation: Seneca the Elder*. Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 186-200; MAYER, R. G. Roman Historical *Exempla* in Seneca. In: B. L. Hijmans and P. Grimal (eds.) *Sénèque et la prose latine: neuf exposés suivis de discussions*. Geneva, 1991, p. 141-176; ROLLER, M. B. Between Unique and Typical: Senecan *Exempla* in a List. In: M. Lowrie and S. Lüdemann (eds.) *Exemplarity and Singularity. Thinking Through Particulars in Philosophy, Literature and Law*, Oxon and New York, 2015, p. 81-95; ROLLER, M. B. Precept(or) and Example in Seneca. In: K. Volk and G. Williams (eds.), *Latin Philosophy*, Oxford: Oxford University Press, 2015, 129-56; VAN DER POEL, M. The Use of *Exempla* in Roman Declamation. *Rhetorica*, 27 (3), 2009, p. 332-353.

⁵ Cf: KRAUS, C. S. From *Exempla* to *Exemplar*? Writing History around the Emperor in Imperial Rome. In: J. Edmondson, S. Mason and J. Rives (eds.) *Flavius Josephus and Flavian Rome*. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 181-200.

longo do século I d.C, à medida que o Principado foi sendo estabelecido⁶. Por exemplo, tornam-se menos destacados heróis republicanos tradicionais como Caio Múcio Cévola, Camilo e Lúcio Quíncio Cincinato, que foram fundamentais para o trabalho historiográfico de Lívio durante o final da República Romana e o início da era de Augusto. Mas isso não refuta o uso de *exempla* republicanos em toda uma variedade de textos, uma vez que autores continuaram a elaborar conjuntos de ações exemplares, como na obra *Facta et Dicta Memorabilia*, de Valério Máximo, que funcionou como um manual de referência, colocando heróis republicanos famosos ao lado de exemplos mais recentes do final da República e início da era imperial. Contudo, como observa Barchiesi, uma mudança na maneira como os *exempla* podiam ser usados ocorreu durante o período augusto, com autores como Tito Lívio enfatizando seu valor moral em contraste com representações anteriores que destacavam como ações heróicas eram realizadas na busca de autopromoção⁷.

Embora seja difícil elaborar um panorama completo de como os romanos entendiam seu próprio sistema da exemplaridade, a estruturação de uma abordagem fornece os meios conceituais pelos quais podemos tentar entender como esse sistema funcionava. Neste sentido, duas abordagens principais se destacaram nos últimos anos por oferecerem respostas sólidas sobre como os *exempla* romanos funcionaram em um nível cultural amplo, não se tratando necessariamente de abordagens mutuamente exclusivas. Iremos apresenta-las em mais detalhes adiante e ao longo da tese, mas, essas duas abordagens foram desenvolvidas por Rebecca Langlands e Matthew Roller⁸.

⁶ Cf: GOWING, A. M. *Empire and Memory. The Representation of the Roman Republic in Imperial Culture*. Cambridge. 2005, p. 69-80.

⁷ Cf: BARCHIESI, A. Exemplarity: Between Practice and Text. In: Y. Maes, J. Papy and W. Verbaal (eds.) *Latinitas Perennis. Volume II: Appropriation and Latin Literature*. (Brill's Studies in Intellectual History, Vol. 178), Leiden, 2009, p. 52. Ver também essa discussão, incluindo o lugar das mulheres nessa virada dos *exempla* para o Principado, em: CHAMBERS, L. *Exemplarity in Early Imperial Rome: gendered usability and literary constructions of female exempla*. Manchester: University of Manchester. PhD diss. 2021, p. 14-16.

⁸ Cf: LANGLANDS, R. *Reading for the Moral in Valerius Maximus: The Case of Severitas*. Cambridge Classical Journal, 54, 2008, p. 160-187; LANGLANDS, R. *Roman Exempla and Situation Ethics: Valerius Maximus and Cicero De Officiis*. *The Journal of Roman Studies*, 101, 2011, p. 100-122; LANGLANDS, R. Roman Exemplarity: Mediating between General and Particular. In: M. Lowrie, and S. Lüdemann (eds.) *Exemplarity and Singularity: Thinking Through Particulars in Philosophy, Literature and Law*, Oxon and New York, 2015, p. 68-80 e LANGLANDS, Rebecca. *Exemplarity Ethics in Ancient Rome*. Cambridge: United Kingdom; New York: Cambridge University Press, 2018. O trabalho da autora apresenta sobreposições às obras: MAYER, R. G. Roman Historical Exempla in Seneca. In: B. L. Hijmans and P. Grimal (eds.) *Sénèque et la prose latine: neuf exposés suivis de discussions*. Geneva, 1991, p. 141-176; CHAPLIN, Jane D. *Livy's exemplary history*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2000; CHAPLIN, Jane D. Livy's use of exempla. In: MINEO, B. (Ed.). *A Companion to Livy*. (Blackwell Companions to the Ancient World). New York: John Wiley & Sons Inc, 2014, p. 102-113 e BARCHIESI, A. Exemplarity: Between Practice and Text. In: Y. Maes, J. Papy and W. Verbaal (eds.)

Ao longo do início da primeira dinastia imperial romana, entre os principados de Augusto até o final do de Nero, passando pelos governos de Tibério, Calígula e Cláudio, obras antigas posteriores e contemporâneas aos períodos destes governos comunicaram informações sobre o ambiente social e político em questão. Elas descreveram acontecimentos e indicaram características de cada imperador e seus governos, divulgando suas respectivas genealogias, feitos, aparências e comportamentos. As obras ainda anunciaram informações sobre magistrados e outras várias figuras públicas, sobretudo, masculinas e pertencentes à aristocracia do período. Neste estudo, nosso interesse se centra em duas narrativas específicas de obras da literatura latina, de Lívio e Tácito, que transmitiram representações de mulheres carregadas de valores morais e que constroem discussões voltadas ao tema. Trataremos da conexão entre a representação de cunho moral de mulheres da aristocracia romana do período da chamada dinastia Júlio-claudiana e de mulheres da chamada Roma inicial, vinculadas, respectivamente, ao início do período imperial e ao período da monarquia romana.

Há uma ampla bibliografia sobre a exemplaridade, sobretudo, em Lívio. Contudo, a bibliografia se torna mais escassa para a abordagem conjunta das obras de Lívio e Tácito considerando a ótica deste tema. A bibliografia dedicada aos dois autores no tocante aos *exempla* femininos especificamente, mostra-se ainda menos abundante⁹. A abordagem da exemplaridade para um estudo deste conjunto de *exempla* femininos, que engloba as personagens lendárias romanas e as personagens Júlio-claudianas, com foco em Lívio e Tácito, mostra-se inovadora e apresenta originalidade considerando nosso recorte de obras e o escopo deste estudo.

Latinitas Perennis. Volume II: Appropriation and Latin Literature. (Brill's Studies in Intellectual History, Vol. 178), Leiden, 2009, p. 41-62. Já a abordagem de Roller, primeiro foi apresentada em: ROLLER, Matthew B. *Exemplarity in Roman Culture: The Cases of Horatius Cocles and Cloelia.* Classical Philology, Vol. 99, No. 1, 2004, p. 1-56 e ROLLER, Matthew B. Precept(or) and Example in Seneca. In: K. Volk and G. Williams (eds.), *Latin Philosophy*, Oxford: Oxford University Press, 2015. Posteriormente, a abordagem foi ampliada em: ROLLER, Matthew B. *Models from the past in Roman culture: a world of exempla.* Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

⁹ Indicamos os seguintes trabalhos que abordaram, em alguma medida, conjuntamente mulheres lendárias de Roma, incluindo a análise sobre Lívio, e mulheres imperiais, considerando a obra de Tácito: GILLESPIE, Caitlin C. *Goddesses on Earth? Tacitus on Exemplarity and Excess in the Domus Augusta.* Philadelphia: University of Pennsylvania. PhD diss. 2012; CHAMBERS, L. *Exemplarity in Early Imperial Rome: gendered usability and literary constructions of female exempla.* Manchester: University of Manchester. PhD diss. 2021; BALMACEDA, Catalina. *Las mujeres de Livio: exempla, pasado y presente.* Vinã del Mar: Intus-legere historia, Vol. 14, Nº 1, 2020, p. 168-189; JOSEPH, K. *Pudicitia: The Construction and Application of Female Morality in the Roman Republic and Early Empire.* Waltham/Boston: Brandeis University. Master's Thesis, 2018; STEVENSON, Tom. *Women of early Rome as exempla in Livy, Ab Urbe Condita, Book 1.* Classical World, v. 104, n. 2, p.175-189, 2011.

Desta maneira, a pesquisa investiga como ocorre a construção da memória romana sobre as mulheres da primeira dinastia do império romano em fontes escritas após o período em questão, mas também considerando a produção literária do referido período que incluía as figuras lendárias femininas de Roma. Por isto, entendemos que para investigarmos a representação de mulheres do período Júlio-claudiano, torna-se fundamental investigar também àquelas representações de mulheres do passado mítico de Roma para que se entenda como estão conectadas as construções destes dois grupos de mulheres representadas na literatura latina antiga. Isto se justifica pelo contexto histórico onde a primeira dinastia se estabeleceu e buscava legitimar seu poder¹⁰.

Neste contexto, houve grandes esforços para se construir e divulgar a memória de um passado de fundação da cidade repleto de importantes figuras lendárias femininas¹¹. Estas figuras cumprem um papel importante na narrativa fundacional de Roma que é o de serem motivo para tópicos referentes à discussão moral. Em ambos os casos, sejam mulheres do período Júlio-Claudiano ou do tempo de fundação, destaca-se nas fontes o tema da moralidade feminina por meio das representações dos episódios em que se inserem as figuras femininas e seus comportamentos nestas situações narradas¹². O problema abordado se desenvolve, assim, pela análise de uma reconstrução ou reprodução de certos entendimentos ou interpretações, sobretudo de cunho moral, sobre a vida e situações que viveram essas mulheres-personagens. De acordo com Bloomer, em sua análise sobre Valério Máximo, todos os *exempla* são, em certa medida, desistoricizados: é isso que lhes dá sua potência e funcionalidade éticas, pois eles se referem a uma narrativa que existe fora do texto, fazendo parte da memória coletiva da comunidade¹³. Assim, as personagens femininas foram divulgadas e remodeladas por meio das narrativas de obras que refletiam a memória sobre essas figuras.

¹⁰ Sobre a legitimação do poder imperial por meio da escrita dos mitos fundacionais de Roma, especialmente, em Lívio, ver: FELDHERR, A. *Livy's Revolution: civic identity and the creation of the res publica*. T Habinek y A Schiesaro (eds.). *The Roman Cultural Revolution*, Cambridge: Cambridge University Press, 1977, p. 136-157; FORSYTHE, G. *Livy and Early Rome: A Study in Historical Method and Judgment*. Steiner, Stuttgart, 1999; MILES, G. *Livy: Reconstructing Early Rome*, Cornell University Press. Ithaca, London, 1995.

¹¹ O tema foi amplamente abordado em: CLAASSEN, J. M. The Familiar Other: the pivotal role of women in Livy's narrative of political development in Early Rome. *Acta Classica*, n. 41, 1998, p. 71-103 e BAUMAN, R. *Women and Politics in Ancient Rome*. London, New York: Routledge, 1994.

¹² Cf: BENOIST, S. Women and *Imperium* in Rome. Imperial Perspectives. In: FABRE-SERRIS, J; KEITH, A. (eds.) *Women and War in Antiquity*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2015, p. 266-288 e CLAASSEN, J. M. The Familiar Other: the pivotal role of women in Livy's narrative of political development in early Rome. *Acta Classica*, n. 41, 1998, p. 71-103.

¹³ Cf: BLOOMER, W. M. *Valerius Maximus and the Rhetoric of the New Nobility*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1992 e LANGLANDS, R. *Reading for the Moral in Valerius Maximus: The Case of Severitas*. *Cambridge Classical Journal*, 54, 2008, p. 160-187.

A construção ou remodelação da memória das mulheres aristocráticas acontece em um ambiente que tem como elemento central a diferença temporal entre quem escreve tais narrativas e o tempo em que se alocam essas figuras femininas históricas ou míticas. Chaplin apontou que a potência de um *exemplum* é aprimorada quando eles surgem de um período de tempo cronologicamente mais próximo do leitor do que de um passado mais distante¹⁴. De acordo com Langlands, a ideia do imediatismo dos *exempla* e a necessidade deles em um presente, como modelos vivos, atravessa todo o corpus das cartas de Plínio como um tema central. Esta é, para a autora, uma nova ênfase na ética exemplar que é característica da literatura da era pós-domiciana em geral¹⁵. A proximidade temporal, assim, é considerada com peso diferente para Langlands em relação ao que sugeriu Chaplin. Para Langlands, em um escopo mais amplo da cultura romana, a própria cultura não se lembra do evento de acordo com como um indivíduo o fez acontecer, mas cria um repertório de "remediações" que ajudam a sustentar o conhecimento do evento para os membros individuais de uma cultura e estabelecem que o conhecimento compartilhado e a comemoração do evento são culturalmente importantes¹⁶.

O elemento de conexão entre diferentes temporalidades reflete uma tensão entre passado e presente, vivos e mortos e é pano de fundo da escrita da memória com foco moral sobre as mulheres romanas. *Exempla* contribuem, assim, para uma compreensão histórica da identidade romana. Chaplin usou o termo “dupla temporalidade” para explicar essa função inerente aos *exempla*: na medida em que são relevantes para explicar o passado, fornecem um modelo a ser imitado para ações futuras, o que os torna significativos para garantir a continuação das hierarquias sociais. A autora, assim como Balmaceda, apresenta uma abordagem que confere menos destaque a flexibilidade e mutabilidade dos *exempla*, por outro lado, enfatizando mais uma função pedagógica/educacional estrita do passado, onde *exempla* apresentam-se mais fixos, monumentalizados, em um passado menos desistoricizado, e que serve de bússola moral para o futuro, como na *historia magistra vitae*¹⁷.

¹⁴ Cf: CHAPLIN, J. D. *Livy's exemplary history*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2000, p. 49.

¹⁵ Cf: LANGLANDS, Rebecca. *Exemplarity ethics in ancient Rome*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2018, p. 249.

¹⁶ *Ibid.*, p. 187.

¹⁷ Cf: CHAPLIN, Jane D. *Livy's exemplary history*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2000, p. 198; BALMACEDA, C. *História exemplar: A competição na Historiografia romana*. Mariana: História da Historiografia, v. 12, n. 29, 2019, p. 69-95 e BALMACEDA, Catalina. *Las mujeres de Livio: exempla, pasado y presente*. Vinã del Mar: Intus-legere historia, Vol. 14, N° 1, 2020, p. 168-189.

Neste sentido, o estudo do conceito de *allelopoiesis* se torna particularmente útil como uma alternativa para o entendimento do processo de construção da memória e o estabelecimento da exemplaridade como forma e tradição narrativa¹⁸. O passado fundacional da cidade estava sendo estabelecido por meio de narrativas escritas majoritariamente no momento de transição da República ao Império. Estas narrativas incorporavam disputas de versões e buscavam transmitir uma memória sobre a fundação de Roma. Por isso, o passado da Roma inicial era construído e refletido a partir da realidade histórica do início do Principado, que também se alterava com a memória deste passado. As duas temporalidades encontram seus reflexos como que em um espelho, onde passado e presente são construídos simultaneamente. Essa construção mútua entre passado e presente encontra na ideia de *allelopoiesis* uma possibilidade interpretativa e que irá compor as bases da abordagem teórica e conceitual desta tese.

Já que a memória das ancestrais foi assumida como importante parâmetro e como reguladora das mulheres vivas, estabelecem-se, na esfera narrativa, *exempla* de mulheres com diferentes vícios e virtudes, defeitos e qualidades típicos do vocabulário romano¹⁹. Situações de caráter exemplar foram narradas, ora com possíveis interpretações negativas, ora positivas. Estes padrões morais vinculados a figuras femininas e relativos aos seus comportamentos e temperamentos, foram tomados no âmbito literário e social, como recomendados a serem imitados ou evitados. O próprio sistema de exemplaridade, considerando sua ênfase pedagógica no desenvolvimento moral e ético contínuo, fazia parte de um processo mais amplo de socialização que se colocava na Roma antiga. A socialização é o meio pelo qual os valores sociais e culturais são ensinados, transmitidos, ou ainda, internalizados e depois reproduzidos ao longo do tempo, de acordo com o sociólogo francês Pierre Bourdieu²⁰. Neste sentido, a narrativa sobre as mulheres da

¹⁸ Para nossa abordagem, seguimos o entendimento e utilização do conceito de *allelopoiesis* proposto em: FAVERSANI, F; JOLY, F. D. *Alexandre em Quinto Cúrcio e o Principado Romano: um estudo de allelopoiesis*, Rio de Janeiro: Phoênix, 27-2: 97-100, 2021.

¹⁹ Sobre a *virtus* romana, ver: BALMACEDA, C. *Virtus Romana: Politics and Morality in the Roman Historians*. University of North Carolina Press, Chapel Hill, 2017. Sobre espaços públicos e privados e o exercício da *virtus* considerando uma discussão de gênero, ver: WILCOX, A. *Exemplary Grief: Gender and Virtue in Seneca's Consolations to Women*. *Helios*, v. 33, n. 1, 2006, p. 73-100.

²⁰ Cf: BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. *Reproduction in Education, Society and Culture*. Second Edition, London: Sage Publications, 1990; BOURDIEU, P. *Language and Symbolic Power*. Cambridge: Polity Press, 1991 e BOURDIEU, P. *Masculine Domination*. Cambridge: Polity Press, 2001. Sobre essa função social e pedagógica da exemplaridade, ver: CHAMBERS, L. *Exemplarity in Early Imperial Rome: gendered usability and literary constructions of female exempla*. Manchester: University of Manchester. PhD diss. 2021, p. 17-23 e o capítulo "Exploitation, Participation and the Social Function of *Exempla*", em: LANGLANDS, Rebecca. *Exemplarity ethics in ancient Rome*. Cambridge: United Kingdom; New York: Cambridge University Press, 2018, p. 67-85.

aristocracia romana ou sobre figuras lendárias e mitológicas romanas, divulga, mais do que informações específicas sobre a vida ou existência real dessas figuras femininas, a preocupação com a criação e amplificação de paradigmas morais femininos então entendidos como úteis para a sociedade. Como indicou Chambers, a exemplaridade dentro desse processo da socialização romana incluía também outras instituições públicas e práticas culturais que preservavam a memória cultural dos romanos, como a presença de imagens nos átrios das casas de famílias aristocratas e exibidas em funerais públicos, além de triunfos, apresentações teatrais e uma grande variedade de símbolos visuais²¹. Assim, *imagines* tiveram papel ativo e constante como um meio direto pelo qual o indivíduo era lembrado no código de conduta de seus ancestrais e, ao fazê-lo, refletia simultaneamente os valores estabelecidos na sociedade mais ampla até o observador²².

Por meio da perpetuação da memória, criava-se e transmitia-se exemplos sociais em múltiplas versões que poderiam ser interpretados como alternadamente e simultaneamente como elogiáveis e/ou refutáveis, em uma vasta gama de possibilidades e variações de vertentes interpretativas a quais os autores se associavam. De acordo com Rebecca Langlands, foi na obra de Lyons, de 1989, a primeira vez que um pesquisador do tema da exemplaridade demonstrou consciência de que um mesmo *exemplum* pode ser interpretado de diferentes formas dependendo do contexto que se insere. Contudo, essa consciência era expressa claramente pelos próprios autores antigos latinos do primeiro século de nossa era. O estudo de John Lyons foi sobre *exempla* na literatura do início da modernidade. Para a autora, o que foi notável sobre esse estudo foi que ele se contrastou

²¹ CHAMBERS, L. *Exemplarity in Early Imperial Rome: gendered usability and literary constructions of female exempla*. Manchester: University of Manchester. PhD diss. 2021, p. 17-18.

²² Ver sobre isso: FLOWER, H. I. *Ancestor Masks and Aristocratic Power in Roman Culture*. Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 14. Para uma discussão sobre as interações das mulheres com as imagens, ver: WEBB, L. Gendering the Roman imago. *EuGeStA*, v. 7, 2017, p. 140-183. As imagens também formavam uma parte fundamental dos funerais de elite, com mímicos e atores reencenando eventos famosos dos ancestrais da família para lembrar e inspirar o espectador a seguir seus passos. Ver: Polyb. *Hist.* 6.53. Portanto, os símbolos visuais, também na forma de grandes edifícios, estátuas, pinturas e assim por diante, eram frequentemente usados para reforçar a identidade romana e eram comumente usados em combinação com lembranças faladas, como a das *laudatio funebris*, cf: MUSTAKALLIO, K. Roman Funerals: Identity, Gender and Participation. In: K. Mustakallio, J. Hanska, H. L. Sainio and V. Vuolanto (eds.). *Hoping for Continuity. Childhood, Education and Death in Antiquity and the Middle Ages*. Acta Instituti Romani Finlandiae, vol. 33. Rome, p. 179-190, 2005, p.189. Políbio também deixou claro que se esperava que as gerações mais jovens desempenhassem um papel crucial nos funerais públicos, além de sabermos por outros autores antigos que os jovens da elite faziam o elogio fúnebre ao falecido, por exemplo, como veremos no caso de Calígula no funeral de Lívia e, como visto em: Suet. *Aug.* 8.1 e *Tib.* 6; Quint. *Inst.* 12.6.1; Tac. *Ann.* 12.58, 13.3. A necessidade de honrar publicamente a linhagem familiar, colocando-se como representante de sua nova geração, era parte integrante do pensamento moral romano, sendo, portanto, uma obrigação sócio-ética da elite, cf: BAROIN, C. Remembering One's Ancestors, Following in their Footsteps, Being Like Them. In: V. Dasen and T. Späth (eds.). *Children, Memory, and Family Identity in Roman Culture*. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 19-20.

dos demais estudos então publicados que, implicitamente, e muitas vezes explicitamente, caracterizaram a exemplaridade romana como prescritiva, acrítica e doutrinária, distanciando-se do que apontavam os (antigos) autores, gêneros e períodos que foram objetos dos próprios estudiosos²³. Por isso, é importante pensar os *exempla* como um repertório que precisa ser interpretado em sua aplicação para casos concretos de acordo com a variabilidade situacional²⁴. A noção de repertório foi utilizada em diferentes abordagens modernas e faz parte do próprio discurso retórico antigo²⁵. Langlands utiliza do termo repertório em sua obra, mas sem fornecer uma conceituação formal. De acordo com a autora:

encontramos um repertório cultural amplamente compartilhado de histórias e estruturas com as quais diferentes membros de uma sociedade diversa e em mudança poderiam se envolver de diferentes ângulos, encontrando maneiras de torná-la relevante para si mesmos. Dada a natureza das evidências de que dispomos da Roma antiga, é muito difícil encontrar algo que ateste diretamente muito desse engajamento, que é inevitavelmente efêmero e deixa pouco ou nenhum traço em um registro escrito ou material²⁶.

As duas abordagens mais relevantes e atuais sobre a exemplaridade, já mencionadas, de Langlands (2018) e Roller (2018), surgem da consideração dessa natureza flexível dos *exempla* e de sua relevância variável para o público, seja como uma comunidade ou como um leitor individual. Essa flexibilidade inerente gera leituras múltiplas das ações que os *exempla* demonstram e das virtudes às quais poderiam ser associados. Consequentemente, eles poderiam ser usados e reutilizados em diferentes contextos, mídias e situações. Assim, essa variabilidade situacional faz parte de um sistema de compartilhamento de valores éticos e morais, que coloca um peso particular

²³ Cf. LANGLANDS, Rebecca. *Exemplarity ethics in ancient Rome*. Cambridge: United Kingdom; New York: Cambridge University Press, 2018, p. VII – VIII.

²⁴ A ideia de variabilidade situacional foi primeiramente estruturada e apresentada em: LANGLANDS, R. Roman *Exempla* and Situation Ethics: Valerius Maximus and Cicero *De Officiis*. *The Journal of Roman Studies*, 101, 2011, p. 100-122 e posteriormente esta noção foi ampliada como “sensibilidade situacional” na exemplaridade ética na obra mais recente da autora (2018).

²⁵ A ideia de repertório foi vista em uma ampla abordagem em: TAYLOR, D. *The Archive and the Repertoire: Performing Cultural Memory in the Americas*. Durham, London: Duke University Press, 2003.

²⁶ LANGLANDS, Rebecca. *Exemplarity ethics in ancient Rome*. Cambridge: United Kingdom; New York: Cambridge University Press, 2018, p. 83. Todas as citações diretas de obras com títulos em inglês ou espanhol são de tradução nossa. Matthew B. Roller, na sua última obra (2018), que é referência para os estudos da exemplaridade, não utiliza o termo repertório.

nos leitores de *exempla* como agentes morais: ao ler um *exemplum*, eles precisam entender as circunstâncias particulares que tornaram um ato certo para aquela figura exemplar naquele momento, e também para reconhecer até que ponto era apropriado para eles se identificarem com essa figura exemplar²⁷. No entanto, a formulação de tais sistemas e os entendimentos compartilhados associados a eles não são completamente naturais, de modo que deveriam ser aprendidos e experimentados através de processos de socialização, sobre os quais já falamos. Assim, um *exemplum* pode representar limites imprecisos ou “um local contestado de exemplaridade” das virtudes e comportamentos que representam²⁸.

Em contraste com a abordagem de Langlands, o entendimento da exemplaridade de Roller como “discurso”, descreve um sistema relativamente estável ou mais fixo, apesar de sua capacidade de integrar novas figuras exemplares dentro dele. Ele estrutura o processo da exemplaridade em quatro etapas que mencionaremos adiante. Em sua interpretação, um *exemplum* deveria ter uma característica conservadora a fim de se encaixar no discurso exemplar existente e em como foi utilizado, e ao mesmo tempo, deveria ser inédito, para justificar, em primeiro lugar, a inclusão do *exemplum* no sistema em virtude do ato praticado. Na visão de Roller, a tensão constante entre conservadorismo e novidade, uma característica romana, paradoxalmente provou ser a força vital do sistema exemplar, permitindo que ele fosse preservado ao longo dos séculos. Essa tensão não resolvida também garantiu o domínio dos *exempla* masculinos, concentrando-se quase exclusivamente nas esferas masculinas de atividade como as arenas definidas e amplamente absorvidas dos atos exemplares²⁹.

²⁷ Cf: LANGLANDS, R. Roman *Exempla* and Situation Ethics: Valerius Maximus and Cicero *De Officiis*. *The Journal of Roman Studies*, 101, 2011, p. 104-105.

²⁸ “Exemplos individuais convidam os leitores a exercitar e refinar seu julgamento sobre onde traçar os limites entre tais virtudes e vícios. Tal convite para considerar os limites entre virtude e vício pode ser emitido por um local contestado de exemplaridade, quando não está claro se o ato exemplar representa uma virtude ou um vício”. In: LANGLANDS, Rebecca. *Exemplarity ethics in ancient Rome*. Cambridge: United Kingdom; New York: Cambridge University Press, 2018, p. 109. Ainda para a autora, o uso de *exempla* e a aplicação de extremos de comportamentos “permitem que se chegue a uma melhor apreciação de onde os limites desses comportamentos mentem”. In: LANGLANDS, R. Roman Exemplarity: Mediating between General and Particular. In: LOWRIE, M; Lüdemann, S. (eds.). *Exemplarity and Singularity: Thinking Through Particulars in Philosophy, Literature and Law*. New York: Routledge, 2015, p. 76-77.

²⁹ Cf: ROLLER, M. B. Between Unique and Typical: Senecan *Exempla* in a List. In: M. Lowrie and S. Lüdemann (eds.) *Exemplarity and Singularity. Thinking Through Particulars in Philosophy, Literature and Law*, Oxon and New York, 2015, p. 81-95; CONRAU-LEWIS, Kyle J. (review) M. B. ROLLER. Models from the past in Roman culture: A world of *exempla*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018; R. LANGLANDS. Exemplary ethics in ancient Rome. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. London: *The Journal of Roman Studies*, v. 109, 2019, p. 1-3.

A tradição da exemplaridade integra divergentes versões narrativo-literárias baseadas nas também múltiplas versões presentes dentro da própria cultura romana sobre eventos ou episódios históricos que marcaram a história de Roma. Tais episódios incluíram mulheres como figuras importantes, muitas vezes sendo centrais na história narrada. Considerando um escopo mais amplo da tradição exemplar, Valério Máximo empregou a flexibilidade do *exemplum* para criar suas próprias versões de *exempla* já muito divulgados e, às vezes, novos ou inéditos, mas foi em Sêneca que se observou um desenvolvimento expressivo, ou expansão, da esfera exemplar. Isso ocorreu principalmente por meio de sua ênfase em modelos vivos, onde a escolha de material exemplar disponível para o leitor ético torna-se ilimitada. Ao usar o próprio círculo de conhecidos, bem como modelos do passado, o número de exemplos em potencial a que se recorria pôde alcançar um potencial ilimitado³⁰. Consequência deste potencial amplificado dos *exempla* foi que as mulheres puderam se tornar centrais nas ações exemplares em termos potencialmente iguais aos homens, considerada a atenção das narrativas ao ambiente familiar. Isso é presente mais claramente em Plínio, que mostrou um programa exemplar próprio onde buscou adotar uma “neutralidade de gênero” em relação à equivalência moral entre homens e mulheres³¹. Contudo, o que há de específico na exemplaridade é a intenção narrativa de conectar passado e presente por meio do assunto moral. A história de fundação de Roma foi ilustrada por mulheres que desempenharam lugares morais paradigmáticos, sendo elas mesmas *exempla* e constituindo histórias de caráter exemplar. A narrativa destes *exempla* femininos ocorreu em grande distância temporal, muito posterior aos eventos sobre os quais tratam, já que a principal obra que se ocupou da Roma inicial, *Ab urbe condita*, de Tito Lívio, foi escrita em princípios do império³².

A tese que desenvolveremos é a de que os *exempla* femininos da Roma inicial de Lívio refletiam e discutiam a moralidade do seu contexto e que, posteriormente, esta discussão moral bem como características e lições presentes nesses *exempla* livianos foram retomados e emulados por Públio Cornélio Tácito. A emulação é noção importante

³⁰ Sobre isso, ver MAYER, R. G. Roman Historical Exempla in Seneca. In: HIJMANS, B. L.; GRIMAL, P. (eds.). *Sénèque et la prose latine: neuf exposés suivis de discussions*. Geneva: Fondation Hardt, 1991, p. 147.

³¹ Sobre esse aspecto da obra de Plínio, ver: LANGLANDS, R. Pliny’s “Role Models of Both Sexes”: Gender and Exemplarity in the *Letters*. *EuGeStA*, 4, 2014, p. 214-237 e CHAMBERS, L. *Exemplarity in Early Imperial Rome: gendered usability and literary constructions of female exempla*. Manchester: University of Manchester. PhD diss. 2021, p. 159-160.

³² Cf: OGILVIE, R.M. *A Commentary on Livy 1-5*. Oxford: Clarendon Press, 1965.

para a compreensão da antiga instituição retórica e, mais particularmente, de suas técnicas. Hansen propôs um estudo dos elementos do discurso retórico (invenção, disposição, elocução e memória dos diversos gêneros), definindo categorias e procedimentos técnicos, aos quais a emulação integra, bem como engenho, proporção, decoro, verossimilhança e outros. De acordo com o autor, “o modo engenhoso de produzir diferenças distingue a emulação da imitação servil, que lembra a imitação escolar. Na emulação, as variações engenhosas dos predicados da obra imitada são ‘novidades’ que repetem diferencialmente os preceitos da instituição”³³. Neste sentido, o autor salienta que “a imitação não é reprodução servil, mas (...) *aemulatio*, emulação, imitação que compete com o modelo excelente, fazendo variações engenhosas e novas de seus predicados”³⁴.

Tácito, este outro autor foco deste estudo, portanto, como Lívio, também escreveu sobre um passado, neste caso o Júlio-claudiano, em relação ao tempo em que produziu suas obras, entre 98 a.C e 117 d.C. Contudo, poucos têm sido os estudos que destacam o tópico da exemplaridade na obra de Tácito. Clement Biddle Wood alega que seu trabalho é o primeiro estudo completo de como Tácito, em suas obras históricas, reflete, usa e critica o discurso da exemplaridade, definida pelo o autor como prática caracteristicamente romana de executar, avaliar, comemorar e imitar modelos (*exempla*). É notável a falta de estudos sobre a exemplaridade em Tácito, portanto, concordamos com Wood em sua observação que muitos estudiosos modernos descartaram a importância da exemplaridade em Tácito, quer porque ele se afasta do paradigma associado a seu predecessor, Lívio, quer pelo distanciamento da dinâmica sociopolítica da República Romana, que sustenta a maior parte dos estudos modernos sobre a exemplaridade na cultura romana. O autor ainda ressalta que, com o desenvolvimento da ideia do imperador como modelo ao longo do primeiro século da era comum, a exemplaridade era uma questão viva nos tempos que Tácito descreve e nos quais ele escreveu. Ao estender os insights da erudição sobre exemplaridade a Tácito, o autor argumenta que seus *exempla* ambíguos pode servir ao propósito construtivo de aprimorar as habilidades de raciocínio moral de seus leitores³⁵. O que o autor chamou de ambíguo é o que temos indicado,

³³ In: HANSEN, J. A. *Instituição retórica, técnica retórica, discurso*. Matruga, Rio de Janeiro, v.20, n.33, 2013 p. 16. Para ver mais sobre a emulação na retórica antiga: AGNOLON, A. O artífice e o poeta: os epigramas plásticos-eróticos de Rufino e a emulação nas artes. *Classica*, v. 34, n.2, 2021, p. 1-20.

³⁴ *Ibid.*, p. 34.

³⁵ Cf: WOOD, C. B. *Exemplarity in Tacitus: literary, cultural, and political contexts*. Princeton: Princeton University. PhD diss. 2018, p. 1-7.

seguindo a bibliografia recente, em especial Langlands, sobre a característica de flexibilidade, ou ainda, a variabilidade situacional comum aos *exempla*. Neste sentido, nosso estudo se destaca como uma contribuição ao entendimento sobre o funcionamento da exemplaridade em Tácito, em um âmbito de bibliografia deficiente sobre o tema e, especialmente, considerando sua conexão através dos *exempla* femininos de Lívio.

Além disso, como Wood nota, o tópico da exemplaridade não atraiu muita atenção nos estudos modernos sobre Tácito, provavelmente por causa da influência contínua de Ronald Syme. Quando acontece esse interesse, segundo o autor, produziu-se as seguintes interpretações divergentes da relação de Tácito com seus predecessores mais importantes, Salústio e Lívio, e sobre os objetivos de sua obra: 1) ou seu uso de *exempla* é visto como convencional e muito semelhante ao de Lívio; 2) ou ele enfatizaria a função comemorativa da historiografia acima do seu propósito exemplar; 3) ou ele não está tão interessado em fornecer exemplos didáticos; 4) ou ele assume um papel ainda maior do que Lívio na criação de um novo sistema exemplar³⁶. Como pondera Wood, a influência de Salústio e Lívio sob Tácito inspirou, portanto, inúmeros estudos, a maioria centrados em sobre como Tácito adapta sua linguagem e estilo ou um episódio particular a partir dessas outras narrativas. Nos parece bastante clara a conclusão de Wood sobre muitas dessas leituras intertextuais mostrarem como Tácito usa e combina elementos de Salústio e Lívio para ilustrar o declínio ou reversão dos valores republicanos no Principado³⁷. Por fim, concordamos com Wood quanto ao debate sobre como Tácito define os objetivos de sua obra em diálogo com esses outros autores latinos evidenciar a necessidade de uma nova abordagem (e um ampliamiento das produções) da exemplaridade em Tácito.

³⁶ Para a bibliografia indicada por Wood como correspondente a cada uma dessas quatro visões diferentes sobre a exemplaridade em Tácito, ou a relação deste com seus predecessores quanto ao tema dos *exempla* e o sistema exemplar, ver: 1) cf: FURNEAUX, H. *The Annals of Tacitus*, vol. 1, 2nd edn. Oxford: Oxford University Press, 1896, p. 28; GOODYEAR, F. R. D. *The Annals of Tacitus: Books 1–6, Vol. 1: Annals 1.1–54, Cambridge Classical Texts and Commentaries*. Cambridge: Cambridge University Press, 1972, p. 27 e MARTIN, R; WOODMAN, A. J. *Tacitus Annals Book IV*, Cambridge Greek and Latin Classics. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 174; 2) cf: HUTCHINSON, G.O. *Latin Literature from Seneca to Juvenal: A Critical Study*. Oxford: Oxford University Press, 1993, p. 61; CHAPLIN, J. D. *Livy's Exemplar History*. Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 29 e LUCE, T. J. Tacitus on 'History's Highest Function': *praecipuum munus annalium*. *Ann. 3.65. Aufstieg und Niedergang der römischen Welt II.33.4*, 1991, p. 2904–2927; 3) cf: FORNARA, C.W. *The Nature of History in Ancient Greece and Rome*. Berkeley: University of California Press, 1983, p. 118; 4) cf: BARCHIESI, A. Exemplarity: Between Practice and Text. In: Y. Maes, J. Papy and W. Verbaal (eds.) *Latinitas Perennis. Volume II: Appropriation and Latin Literature*. Brill's Studies in Intellectual History, Vol. 178, Leiden: Brill, 2009, p. 55. In: WOOD, 2018, op. cit., p. 1-7.

³⁷ Sobre essa tópica, ver: GINSBURG, J. *In maiores certamina: Past and Present in the Annals*. In: LUCE, T. J; WOODMAN, A. J. (eds.), *Tacitus and the Tacitean Tradition*. Princeton: Princeton University Press, 1993, p. 86-103. Cf: WOOD, C. B. *Exemplarity in Tacitus: literary, cultural, and political contexts*. Princeton: Princeton University. PhD diss. 2018, p. 6-7.

Em nossa perspectiva, a tensão entre vivos e mortos, ou entre o passado e a contemporaneidade das fontes, é fundamental para o estabelecimento da exemplaridade como um modelo narrativo e como uma tradição. Por outro lado, esta tensão também influenciava a realidade histórica do período imperial inicial, por exemplo, causando impactos nas configurações de tradições familiares das aristocracias romanas. A tensão se constituiu na indicação de modelos paradigmáticos para os comportamentos das mulheres que estavam ganhando visibilidade como agentes atuantes socialmente. Tais modelos foram apresentados nas obras antigas como *exempla*, e determinariam e regulariam a memória (ou a inexistência dela) vinculada a cada mulher. Este contexto de intensificação da visibilidade de mulheres ocorre em fins da república e início do principado e é composto por meio de algumas transformações mais amplas nas dinâmicas políticas e sociais. Por exemplo, o número de triunfos concedidos a generais individuais diminuiu significativamente a partir da época de Augusto, pois o foco da glória militar centrou-se no imperador. A arena cívica também se contraiu como uma das principais áreas em que um homem poderia ganhar notoriedade, dada a responsabilidade geral do imperador pela governança do império. Embora posições-chave, como cônsul e governador provincial, permanecessem disponíveis, sob a supervisão do imperador, as oportunidades de renome como estrategista político foram reduzidas³⁸. Por outro lado, esta centralização na figura do imperador e na casa imperial, que se torna o foco principal de comportamento exemplar, permitiu a inclusão de mais mulheres se tornassem modelos morais devido à proximidade destas mulheres ao centro do poder.

A discussão ético-moral opera simultaneamente tanto para mulheres vivas quanto para mulheres do passado, considerando que o tempo e o espaço entre elas são superados nas narrativas antigas com caráter exemplar. Isto porque nas narrativas sobre as mulheres reais, vivas ou não, e suas ancestrais femininas, míticas ou reais, bem como quaisquer das figuras que aparecem cronologicamente nas narrativas, neste caso, de Tito Lívio e Tácito, funcionam como precedente exemplar para cada personagem posterior ou dos respectivos presentes. O efeito cumulativo de *exempla*, assim nomeado por Chaplin³⁹, é o meio pelo qual novos significados podem ser acumulados em resposta a mudanças nas circunstâncias e mudanças nas audiências, que também intensificam o peso conferido a cada *exemplum* no seio da elite masculina. Desta forma, é estabelecida uma espécie de

³⁸ Cf: SUMI, G. *Ceremony and Power. Performing Politics in Rome Between Republic and Empire*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2005.

³⁹ CHAPLIN, J. D. *Livy's exemplary history*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2000, p. 4, 53.

amplo inventário, ou repertório, constituído a partir da aceitação e negação das características morais estabelecidas em situações éticas diversas desempenhadas por cada personagem feminina representada em diferentes contextos. Utilizaremos o termo personagem ao longo desta tese para referirmos as mulheres que aparecem nas narrativas abordadas por Tito Lívio e outros autores que abordaram o período comumente denominado como Roma inicial e, frequentemente, utilizaremos também este termo para referirmos as figuras femininas imperiais. Acreditamos o termo melhor remete ao problema metodológico existente para a pesquisa moderna: a análise é pautada em mulheres que são entendidas por meio de representações literárias, considerando, portanto, os limites e possibilidades da representação, uma vez que tais personagens são representadas literariamente por autores antigos, todos homens, ainda que pretendamos, através delas, muitas vezes discutir e alcançar a existência “real” de mulheres na sociedade romana⁴⁰.

Para entender especificamente essas características morais que compõem as representações femininas nas obras, usaremos também das categorias retrato, especialmente para os casos de mulheres aristocratas da dinastia Júlio-claudiana, bem como os já mencionados conceitos de *exemplum* e repertório. Como destacamos, as personagens e os episódios taciteanos não têm sido frequentemente analisados pela maior parte da bibliografia recente como associadas a exemplaridade. Em geral, os estudos utilizam mais da categoria de retrato, apoiando-se nesta noção da retórica⁴¹. Lanna de Freitas, sobre o retrato, diz:

esse termo, cujo particípio passado, *retractus*, dá origem a palavra moderna ‘retrato’, qualifica a representação como uma escolha compositiva, uma forma de salientar aspectos selecionados da coisa em seu estado natural, buscando colocar algo em evidência (*euidentia*). Ou seja, o *retractus*, apesar de não ser a representação exata do retratado, devia parte da autoridade (*auctoritas*) de sua descrição a sua capacidade de despertar uma sensação de verossimilhança no leitor sobre o aspecto evidenciado. Diante dessa relação, discurso e realidade se

⁴⁰ Sobre tal discussão, ver: MURNAGHAN, Sheila. *Tragic Realities: Fictional Women and the Writing of Ancient History*. *EuGeStA*, n. 5, 2015.

⁴¹ Sobre o entendimento do retrato na caracterização de personagens nas narrativas latinas, cf: L’HOIR, F. S. *The Rhetoric of Gender Terms. ‘Man’, ‘Woman’, and the Portrayal of Character in Latin Prose*. Leiden, New York: Brill, 1992.

comunicariam de forma direta, pois a artificialidade do discurso evidenciava diferentes aspectos da realidade⁴².

Sobre esse efeito persuasivo do retrato, Azevedo nota que “a palavra retrato deriva do verbo *retraho*, que significa ‘retirar’. Em uma narrativa, um autor retira argumentos da pessoa para compor a personagem. No ato de retirar os argumentos o autor visa uma unidade, um decoro”⁴³. A autora entendeu os retratos como que inseridos em uma mais ampla narrativa de caráter exemplar taciteana, compreendendo a exemplaridade como princípio fundamental da *historia magistra uitae* e utilizando a abordagem de Roller. Sobre a verossimilhança, a autora estabelece que esta é relacionada ao caráter verdadeiro de uma narrativa, e que é produto de um decoro:

o autor ajusta certos mecanismos retóricos ao gênero que narra. (...) a caracterização de personagens em uma narrativa histórica também obedece a um decoro, o autor ‘retira’ argumentos das pessoas e acontecimentos, constituindo assim, retratos de caráter exemplar⁴⁴.

O estudo das personagens mitológicas femininas e o estabelecimento de seus *exempla* a partir das narrativas sobre a fundação de Roma, quando nosso foco de análise se volta para a obra de Lívio, será fundamental para a compreensão da representação posterior das mulheres Júlio-claudianas, quando nos centramos nos *Annales*, de Tácito. É importante ressaltar que as narrativas sobre a chamada Roma inicial, referente ao período monárquico romano, como já esclarecido, foram escritas próximas ao tempo das mulheres Júlio-claudianas de forma que a conexão entre estes dois grupos de figuras femininas se torna tema fundamental deste estudo. O princípio do império romano e a transição da república a este novo modelo político é crucial para o contexto de escrita de um repertório de *exempla* femininos que se constituiu em uma longa duração chegando até a obra de Tácito. Pois, este período histórico trouxe consigo transformação não só para a cultura política, mas também para a sociedade e cultura de forma ampla⁴⁵.

⁴² In: LANNA DE FREITAS, J. V. *O crimen maiestatis e o Principado Romano (27 A.C – 68 D.C): conflito, competição e representação*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Ouro Preto. 2021, p. 21.

⁴³ In: AZEVEDO, Sarah F. L. de. *História, Retórica e Mulheres no Império Romano: um estudo sobre as personagens femininas e a construção da imagem de Nero na narrativa de Tácito*. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012, p. 48, 50.

⁴⁴ *Ibid.* p. 50-55.

⁴⁵ A bibliografia sobre o tema é extensa. Ver, por exemplo: RAAFLAUB K; TOHER, M. *Between Republic and Empire. Interpretations of Augustus and his Principate*. Berkeley, Los Angeles, London: University of

Um aspecto importante relacionado à organização e à conjuntura familiar aristocrática romana e que deve ser considerado, pois se mostra relevante para o período em que nosso problema se insere, é que, no principado romano, a *domus Caesaris* destaca-se como uma novidade importante⁴⁶. Embora seja uma casa privada, assume diversas funções públicas. Mulheres, escravos e libertos, ainda que sempre tenham sido excluídos da gestão do Estado, desempenharam um papel importante e constante na administração de residências privadas, e isso se intensifica com o principado. Na medida em que a *domus Caesaris* passa a ter papel primordial na esfera pública, há uma projeção daqueles que eram importantes em sua gestão, particularmente mulheres e libertos⁴⁷. A fronteira entre público e privado sofre mudanças e mulheres e libertos da casa imperial passam a ser percebidos como agentes que interferem na esfera pública. Essa percepção sobre a projeção, aumento da relevância e interferência assumida por mulheres teve impacto e se tornou visível em obras antigas, em especial, Lívio, narrando o passado lendário romano e Tácito, narrando o passado Júlio-claudiano.

A análise sobre as mulheres deste período, além do aspecto administrativo, também inclui outros fatores importantes, já que elas podiam ser uma via de gerar alianças pelo casamento ou redesenhar a sucessão através de seus filhos, associando assim novos indivíduos às disputas pela sucessão imperial⁴⁸. Por exemplo, Tibério e Nero foram adotados depois que suas mães se casaram com imperadores em exercício. Essas novas possibilidades de atuação de mulheres e influência sob o contexto político certamente é decisivo para a constituição do debate moral ao redor de figuras femininas. Percebe-se a intenção de debater-se as condutas morais de mulheres diante um crescimento da intensidade e possibilidades de atuações femininas no campo público.

Neste sentido, pensar a construção da memória feminina na Roma imperial exige, por um lado, um esforço de reflexão sobre as intenções de legitimação dessa nova forma

California Press, 1993 e LEVICK, B. *Augustus: Image and Substance*. Harlow, London, New York: Longman, 2010.

⁴⁶ Sobre o debate do lugar das mulheres nesse período de transformações do início do Principado, ver: TREGGIARI, S. Women in the Time of Augustus. In: GALINSKY, K. (ed.) *The Cambridge Companion to the Age of Augustus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 130-148; HALLETT, J. P. Women in Augustan Rome. In: JAMES, S. L.; DILLON, S. (eds.). *A Companion to Women in the Ancient World*. Malden, Oxford: Wiley-Blackwell, 2012, p. 372-384.

⁴⁷ Cf: MILNOR, K. *Gender, Domesticity, and the Age of Augustus: Inventing Private Life*, Oxford: University Press, 2005.

⁴⁸ Cf: GARNSEY, P; SALLER, R. *The Roman Empire: Economy, Society and Culture*. London, New Delphi, New York, Sydney: Bloomsbury Publishing, 2ed, 2014, p. 151-183; SALLER, R. 'Familia, Domus', and the Roman Conception of the Family. *Phoenix*, v. 38, n. 4, 1984, p. 336-355.

de poder por meio das narrativas sobre a história de fundação da cidade. Por outro, demanda a consideração das mudanças trazidas com o principado, o deslocamento de fronteiras entre público e privado e suas transformações na transição da República ao Império. Considerada essa análise de contexto histórico, pode-se mais do que ponderar sobre a representação das personagens femininas nas obras, alcançar uma melhor compreensão do lugar social e político delas neste período e as possíveis alterações que elas representaram.

Fontes utilizadas

As informações que remetem às mulheres romanas que viveram sob o principado de Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero são narradas em fontes sobreviventes escritas por aristocratas, todos homens. As fontes principais abordadas nas pesquisas modernas para o estudo do contexto político e social do período imperial mencionado são datadas entre a primeira metade do século primeiro e a primeira metade do século III, quando destacamos: Tácito (*Anais*), Suetônio (*Vida dos Doze Césares*)⁴⁹, Plutarco (*Vidas Paralelas*)⁵⁰, Dião Cássio (*História Romana*)⁵¹ e o anônimo da tragédia *Octavia*⁵².

⁴⁹ Pouco sabemos sobre Suetônio (70 d.C – 141 d.C, aproximadamente), romano que exerceu advocacia e foi secretário particular do imperador Adriano. Sua obra, *Vida dos Doze Césares*, tem datação entre os anos 119 a 112 d.C. e chegou até nós praticamente completa, exceto pela dedicatória e o princípio da vida de César. A fonte é muito reconhecida por seu caráter biográfico, tendo sido por este motivo já muito negligenciada pelos estudiosos. Nosso interesse na obra vai do primeiro ao sexto livro, quando o autor dedica um livro ao período da vida e governo de cada um dos imperadores da dinastia Júlio-claudiana, sendo: Livro I, César; II, Augusto; III, Tibério; IV, Calígula; V, Cláudio; e VI, Nero. Cf: SUET. *Vit.* Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Introdução de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Ed. Germape, 2003, p. 7-10.

⁵⁰ Plutarco é um autor grego, tendo nascido na Beócia e vivido entre 46 d.C. e 120 d.C. Sua obra, *Vidas Paralelas*, provavelmente foi escrita no início do segundo século de nossa era e, tal como conhecemos, é composta por vinte e três pares de biografias, contendo cada par a biografia de uma importante figura masculina grega e outra romana. Embora alguns destes homens temas das biografias sejam figuras políticas importantes do período republicano, ou do período de transição da República ao Império Romano, ou seja, são anteriores à dinastia Júlio-claudiana, com somente Galba e Otão sendo posteriores, há menções também às mulheres da aristocracia, com reflexões e descrições sobre suas vidas e comportamentos que podem ser associadas as narrativas sobre mulheres Júlio-cláudias. Cf: STADTER, P. A. *Plutarch and the Historical Tradition*. London: Routledge, 2002.

⁵¹ Dião Cássio (155-163/164 d.C – 235 d.C, aproximadamente) é um autor que foi senador romano, mas, assim como Plutarco, escreveu em grego, sendo originário da Bitínia - lembrando o domínio territorial alcançado pela expansão do Império Romano. Escreveu uma História de Roma em 80 livros. A obra tem início na lendária chegada de Enéias à Itália, narrando a fundação de Roma, e estendendo-se até 229 d.C, abarcando, portanto, um período de 983 anos. A obra sobreviveu por fragmentos e na forma de resumos elaborados em época bizantina. Cf.: MILLAR, F. *A study of Cassius Dio*. Oxford: Clarendon Press, 1964, p. 1-4; CASSIUS DIO. *Roman History*, V. IX. Cambridge: Harvard University Press, Loeb Classical Library, 1995.

⁵² Esta obra, do gênero trágico, tem como tema três dias do ano de 62 d.C, quando Nero divorciou e exilou sua esposa, Cláudia Octávia e se casou com outra, Popéia Sabina. A obra já foi atribuída a Sêneca, contudo, atualmente, os estudiosos concordam que foi escrita posteriormente, durante a dinastia flaviana (69 a 96 d.C), portanto, ainda no século I d.C. Como o próprio título da obra já traz o nome de uma importante figura

Contudo, a obra de Tácito é a que trabalharemos mais centralmente nesta tese, considerando este conjunto de obras, e que estudaremos conjuntamente com a narrativa sobre a fundação de Roma. Sobre a vida, obra e atuação do autor romano Tácito (54/56 d.C – 120 d.C, aproximadamente), muitas lacunas se apresentam, embora saibamos que foi questor, pretor e cônsul. Nos Anais, última obra de Tácito, o autor narra a história, ano a ano, do período de governo de imperadores Júlio-Cláudios, partindo de Tibério e chegando a Nero, portanto, abarcando o período entre 14 d.C e 68 d.C. Dos livros que compõem os Anais, nove sobreviveram completos. Três se perderam (VII-X) e os livros V, VI, XI e XVI nos chegaram fragmentados, faltando, assim, a narrativa sobre todo o governo de Calígula, dos primeiros seis anos de Cláudio, e dos últimos três anos de Nero⁵³.

Como a família (*gens*) dos Júlio-Cláudios remeteu ao ciclo heroico troiano para explicar suas próprias origens, ou seja, Júlio César e seus sucessores remontaram suas origens a Eneias e outras figuras míticas fundadoras da cidade, é central na pesquisa também as fontes latinas que narram o mito fundador de Roma. Isto é visível até mesmo por obras compostas pelos próprios imperadores, tendo Júlio César escrito sua obra *De Bello Gallico*, sobre sua vitória na guerra da Gália e Augusto escrito uma narrativa sobre seus próprios feitos e carreira política, chamada *Res Gestae Divi Augusti* (Atos do Divino Augusto)⁵⁴. Neste sentido, as mais importantes obras são a *Eneida*⁵⁵, de Virgílio e *História de Roma desde a sua fundação*, de Tito Lívio. Esta segunda obra é a que

feminina da dinastia Júlio-Claudiana, Cláudia Octávia, filha do imperador Cláudio com Valéria Messalina e que se tornou esposa do imperador Nero em 53 d.C, a obra, por mais específica que seja, uma vez que trata de um recorte temporal breve e de poucas figuras imperiais, apesar de ser de ter um gênero narrativo completamente distante do que centramos em nosso estudo – vistos em Lívio e Tácito - pode contribuir para reflexão acerca de figuras femininas Júlio-Cláudias em outras abordagens diferentes da nossa, já que a obra apresenta representações de pelo menos duas mulheres imperiais importantes: Octávia e Popéia.

⁵³ Cf: TAC. *Ann.* Trad. J. L. Freire de Carvalho. Prefácio de Breno Silveira. São Paulo: Ed. W. M. Jacksonville Inc, 1964, p. V-XXIV.

⁵⁴ Cf: CAESAR. *The Gallic War*. Translated by H. J. Edwards. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1986 e AUGUSTUS. *Res Gestae Divi Augusti*. Translated by Frederick W. Shipley. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1979.

⁵⁵ A *Eneida* é uma das obras latinas mais populares modernamente. Datada entre 29 e 19 a.C e composta em forma de poema épico, narra a saga de Enéias - troiano e um dos heróis da Ilíada de Homero - que é salvo pelos deuses dos gregos durante a guerra de Tróia. Viajando pelo Mediterrâneo, Enéias tinha o destino de ser o ancestral de todos os romanos: o fundador da cidade. O contexto em que viveu Virgílio (70 a 19 a.C, aproximadamente) é o de busca por legitimação histórica e divina do Principado, quando Augusto, assim como Júlio César, remonta suas origens aos deuses e à fundação de Roma, buscando a família *Iulia* sua ancestralidade divina e originária de Roma. Cf: VIRGÍLIO. *Eneida de Virgílio*. Trad. José Victorino Barreto Feio, José Maria da Costa e Silva; Org. Paulo Sérgio de Vasconcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2004; VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. de Carlos Alberto Nunes; Org. João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2014 e MOTA, Thiago E. A. *A Eneida de Virgílio*. In: SANTOS, Dominique (org.), *Grandes epopéias da Antiguidade e do Medievo*. Blumenau: Edifurb, 2014.

trabalharemos centralmente e em conjunto com a de Tácito, pelas proximidades da forma narrativa através do gênero histórico dos dois autores, a presença do caráter exemplar nas obras, e pela ênfase que dão as figuras femininas e ao tema moral em geral. Portanto, Tito Lívio (59 a.C a 17 d.C, aproximadamente), é autor da obra *Ab urbe condita* (Desde a fundação da cidade), cuja escrita data entre 27 e 25 a.C e relata a história de Roma desde a sua mítica fundação, em 753 a.C., até o período imperial augustano. Originalmente, a obra tinha 142 livros, tendo sobrevivido 35, sendo eles os de 1 a 10 e de 21 a 45, havendo lacunas nos livros finais. Além disso, sobreviveu um fragmento, provavelmente, do livro 91, um epítome dos livros 37 a 40 e 48 a 55, descoberto em Oxirrinco, e outro resumo, chamado de *Periochae*, que abrange a obra completa e é datado no Baixo Império Romano⁵⁶.

As figuras femininas aparecem nos relatos sobre a fundação de Roma de forma que podem ser reconhecidas como precedentes históricos, míticos e/ou exemplares, assim, conectando-se a nossa reflexão sobre a representação de mulheres Júlio-claudianas na obra posterior de Tácito. Optamos por trabalhar e contrastar essas duas obras em específico, sendo uma sobre o período mítico de fundação de Roma, mas escrita sob o início do principado e outra, escrita posteriormente, mas sobre o período Júlio-claudiano. Assim, esta tese contará com uma investigação majoritariamente feita a partir obras de Tito Lívio (*História de Roma desde a sua fundação*) e Tácito (*Anais*).

As obras sobre o período da dinastia Júlio-claudiana e, em especial, a obra taciteana, apresentam várias menções às variadas figuras femininas do Principado e, ainda, do período de transição da República ao Império Romano. As obras, sobretudo de Tácito, Suetônio e Dião Cássio, foram as fontes escritas que compuseram as informações responsáveis pela fundamentação do conhecimento e investigação moderna sobre mulheres da aristocracia romana que viveram à época Júlio-claudiana. Nossa investigação sobre a representação de mulheres nestas obras, que muitas vezes constituem retratos sem deixar de serem narrativas exemplares, considera que tais representações são recepções dos comportamentos e atitudes das mulheres Júlio-Cláudias à época dos autores. Essa recepção passou por um processo típico da memória e em que é importante a diferença temporal entre o período em que os fatos se deram ou em que as mulheres representadas viveram, e o contexto histórico em que esses autores viveram. Ainda que não representem

⁵⁶ Cf: LIVY. *History of Rome*. Translated by B. O. Foster. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1988 e WALSH, P. G. *Livy: His Historical Aims and Methods*. Cambridge: University Press, 1961 e CHAPLIN, J. D. *Livy's Exemplar History*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

a realidade histórica do período imperial, como nenhuma obra certamente o faz, as representações de mulheres constroem problemas e são substratos para as hipóteses apresentadas nesta tese. Neste mesmo sentido, as representações das mulheres nas narrativas sobre o mito fundador de Roma se mostram fundamentais para o estudo proposto, sobretudo, para a compreensão do estabelecimento da exemplaridade romana. Além disto, todas essas menções a mulheres nas duas obras, quando trabalhadas conjuntamente como um repertório, colaboram para a percepção de continuidades e rupturas entre república e principado romano, sendo suficientes para evidenciar os aspectos que são focos da nossa tese e o recorte de fontes adotado.

A História de Roma, de Tito Lívio, é anterior à obra de Tácito tanto em sua datação quanto ao período sobre o qual se debruça. Esta obra apresentou as mulheres que fizeram parte do mito fundador de Roma e do universo histórico e mitológico romano. Por isto, tal obra nos auxilia a pensar como representações carregadas de sentidos morais foram associados às figuras femininas nesta escrita sobre o passado e as origens romanas. Portanto, pensamos que esta história de Roma específica construiu histórias que se apresentam como exemplos morais históricos calcados em uma tradição e que formam um repertório. Propomos que esses exemplos se consolidam através da memória que os autores aristocratas debateram, chegando até Tácito ao falar sobre mulheres Júlio-claudianas, disputando versões, (re)produzindo e (re)construindo a memória vinculada a essas mulheres e aos episódios históricos de Roma aos quais elas foram associadas.

Roteiro dos capítulos

Apresentamos a estrutura da tese, que será dividida fundamentalmente em três capítulos. O primeiro capítulo usa como ponto de partida o caso de duas mulheres representadas nas obras antigas estudadas, Agripina Menor e Tarpéia. Por meio do estudo da representação dessas figuras, estudadas majoritariamente por meio de Tácito e Lívio, respectivamente, apresentamos nosso problema concernente à exemplaridade e à utilização do conceito de *allelopoiesis* como uma ferramenta útil a esta pesquisa. Com tal abordagem, propomos respostas ao problema da construção da memória romana, particularmente relativa às mulheres, e os *exempla* de Agripina Menor e Tarpéia demonstrarão pontos importantes desse problema e suas possíveis abordagens interpretativas.

Neste capítulo ainda justificaremos em mais detalhes a opção de nosso recorte de fontes, com a escolha das obras de Lívio e Tácito. Neste sentido, exploraremos a exemplaridade como processo que constrói repertório e que faz parte de outro processo mais amplo de construção de memória conectado a ideia de *allelopoiesis*. Assim, apontaremos que Lívio construiu um repertório constituído por um conjunto de figuras lendárias da Roma inicial em resposta ao contexto político, social e cultural que este autor viveu. Considerando que a abordagem proposta é de personagens em sua coletividade, veremos algumas precedentes de Tarpéia, especificamente, Lavínia, Reia Sílvia e Aca Larência. Estas personagens são *exempla* que antecipam alguns tópicos, por exemplo, a força inerente na progeneritura dessas mulheres, que geraram líderes de Roma e, em diferentes medidas e contextos, atuaram na promoção de seus filhos ao poder, bem como antecipam características e reflexões dos *exempla* femininos de Lívio, de modo que também se conectam ao *exemplum* de Agripina Menor.

Entretanto, o rol de *exempla* apresentados por Lívio, como demonstrará o caso de Tarpéia e suas três precedentes analisadas, é consequência de uma disputa pela memória contando com diferentes versões e com a abertura de interpretações na leitura da audiência, itens que constroem esses *exempla*. O episódio analisado sobre Agripina Menor indicará semelhanças no quesito de competição entre versões sobre uma mesma personagem, bem como aproximações entre os dois casos quanto ao processo de escrita, construção e transmissão de memória e dos *exempla*. O tópico do potencial da maternidade e progeneritura feminina e suas relações com a transgressão da esfera privada à pública são discussões que conectam Agripina Menor e suas as precedentes livianas.

Buscaremos contextualizar o repertório feminino de Lívio, de forma associada à reflexão contemporânea ao autor sobre o lugar de mulheres na *domus Caesaris*. Por meio do episódio analisado sobre Agripina Menor, buscaremos responder como esta narrativa posterior mobilizou, através da exemplaridade, este repertório liviano. Neste caso, veremos especificamente, portanto, Tácito, devido à proximidade de gênero e mecanismos comuns entre este e Lívio, também pela riqueza de detalhes e personagens femininas taciteanas. Neste sentido, o conjunto de representações de mulheres taciteanas se mostra como uma mobilização da *inuentio*, uma das partes integrantes do discurso retórico, mas este não será um foco da análise⁵⁷.

⁵⁷ Sobre a *inuentio*, explica Hansen: “na instituição, era costume dizer que a enunciação produz o enunciado segundo três divisões de procedimentos que envolvem várias técnicas: 1. *euresis, inuentio*, invenção; 2. *táxis, dispositio*, disposição; 3. *lexis, elocutio*, elocução. (...) Na invenção, *topoi* ou *loci*, lugares comuns

O segundo capítulo versa predominantemente sobre as personagens femininas na narrativa sobre as origens de Roma de Lívio. Trabalhamos com a noção de repertório e refletimos sobre como a moralidade romana se relaciona com a escrita da história por autores romanos, sobretudo, Tácito posteriormente. Por meio do *exemplum* de Virgínia, analisado centralmente neste capítulo, averiguaremos o lugar central da *puditicia* na estrutura moral romana e na tradição da exemplaridade. Além disto, discutiremos *exempla* de personagens antecessoras de Virgínia, sobretudo, Hersília, as mulheres sabinas e Cloélia.

Este capítulo discute personagens femininas de Lívio como um conjunto, considerando a existência de um repertório, que vai de Vênus até o episódio de Lucrecia com o fim da república e o de Virgínia, no livro terceiro. Compreenderemos quais lugares elas ocupam na discussão moral e quais são as implicações éticas de suas representações nessas narrativas. A documentação selecionada é centrada na História de Roma de Tito Lívio, mas também consideramos outras obras que trataram da chamada Roma inicial, incluindo precedentes das histórias abordadas por Lívio e versões alternativas para suas histórias exemplares.

O objetivo é apresentar uma nova perspectiva sobre o processo de construção da memória em conexão com a exemplaridade e como esse processo integra as duas obras estudadas. Entenderemos como as personagens femininas aparecem na escrita de Lívio e como os aspectos morais da narrativa constituem uma tradição exemplar que se conecta de forma específica com o presente do autor e como sua escrita sobre o passado romano com caráter histórico e mítico se tornou relevante posteriormente para a escrita do passado imperial, sobretudo, Júlio-claudiano. Assim, compreenderemos a importância da exemplaridade para o contexto de escrita das origens romanas que se deu durante o início do principado romano e o lugar da discussão moral, especialmente vinculada a mulheres, nesse contexto romano.

específicos do gênero do discurso, são lembrados ou achados pelo autor para produzir argumentos. Lembre-se que o termo ‘invenção’ deriva do latim *inventio*, do verbo *invenire*, achar, encontrar. Sua significação não se confunde com a que o termo tem hoje, ‘originalidade’. Para exemplo: os comentaristas antigos de Virgílio se esforçaram em minimizar passagens da *Eneida* em que o poeta aparentemente teria tido a iniciativa pessoal de inventar episódios e caracteres não elencados no costume de emular modelos do gênero épico. No século I, sentindo-se incapaz de explicar a história do fim do Livro IV, em que Iris corta o cabelo de Dido, rainha de Cartago, para que ela possa morrer, Cornutus declarou que Virgílio tinha fingido coisas ineptas como quem faz um remendo. Três séculos depois, Macróbio achou a referência na peça *Alceste*, de Eurípedes, e preencheu a lacuna do que teria sido inépcia, como iniciativa individual, e Virgílio voltou a ser o grande poeta que é. As *res*, coisas ou matérias achadas segundo o costume, devem ser dispostas numa ordem determinada segundo o gênero”. In: HANSEN, J. A. *Instituição retórica, técnica retórica, discurso*. Matraca, Rio de Janeiro, v.20, n.33, 2013 p. 25-26.

Com isto, pretendemos apresentar uma perspectiva inédita sobre como as mulheres Júlio-claudianas foram inseridas por Tácito, posteriormente nessa tradição calcada na exemplaridade. Neste sentido, argumentaremos que o autor, Lívio, não somente escreve sobre o mítico passado romano, mas também escreve para seus contemporâneos sobre o aspecto da moral feminina, escrevendo sobre um passado remoto, mas para seus contemporâneos, em fins da República e início do Império. Em outras palavras, a nosso ver, há uma construção mútua envolvendo essas duas temporalidades: o passado é construído a partir de um olhar posto em questões do presente que, ao edificar esse novo modo de ver o passado, altera e produz uma nova maneira de ver o presente, que seria tomado não só como produto desse passado, mas também organizado por ele. Assim, não se opera meramente um uso do passado, em que esse passado é alterado pelo presente que o domina, nem um legado, em que o passado chega ao presente e o altera, mas *allelopoiesis*, construção mútua de passado e presente.

O último capítulo aborda a (re)construção da memória romana sobre duas mulheres específicas por meio do delineamento moral de retratos, que formam *exempla*, das personagens da dinastia Júlio-claudiana apresentados na narrativa taciteana. Abordaremos as representações de Lívía Drusila, primeira imperatriz romana e Agripina Maior, importante mulher da dinastia Júlio-claudiana. Contrastando Lívía Drusila e Agripina Maior com as reflexões e análises concernentes à representação das figuras femininas da Roma inicial, especificamente as rainhas Tanaquil e Túlia, apontaremos como semelhantes aspectos e temas morais são mobilizados na construção dessas personagens. Refletiremos, a partir das fontes e bibliografia modernas, como ocorre em Tácito a elaboração de perfis éticos a partir da mobilização que faz de um repertório que caracteriza coletivamente mulheres representadas e conectadas às mulheres antes apresentadas por Lívio. Por isso, estudaremos neste capítulo os *exempla* livianos das últimas duas rainhas romanas, Tanaquil e Túlia. Veremos a temática da lealdade a Roma por meio de uma precedente das rainhas na narrativa, Horácia, e como essa temática elabora o tema mais amplo da intervenção feminina na esfera pública. O tema da atuação feminina excessiva e pública/política será visto como fundamental na construção do repertório que conecta essas mulheres em Lívio e Tácito, formando uma crítica ligada à tópica da decadência moral de Roma.

Capítulo I

***Allelopoiesis* como ferramenta analítica para a exemplaridade e para escrita da memória romana**

Parte 1. A *fama*, a memória prevalente e a regulação do comportamento feminino

Conta Clúvio, que Agripina, para conservar a sua autoridade, chegara a tal excesso de torpeza que até no meio do dia, quando Nero estava escandecido com as iguarias e com o vinho, por muitas vezes se apresentara diante do filho ébrio ricamente ataviada, e já disposta para o incesto. Que presenciando também já os circunstantes os ósculos lascivos, e todas as mais carícias precursoras da final abominação, correria Sêneca a impedi-la pelas artes de outra mulher, fazendo aparecer Acte, a qual fingindo-se aflita pelo próprio risco que corria, e pela desonra de Nero, fora dizer-lhe: “Que já era notório o seu incesto com a mãe porque ela mesma o divulgava; e que os soldados estavam dispostos a não sofrer o império de um príncipe tão infame”. Fábio Rústico atribui a Nero e não a Agripina estes desejos, que refere foram igualmente estorvados pela astúcia da mesma liberta; porém o dito de Clúvio tem a seu favor todos os mais escritores, e até se conforma com a tradição; ou porque na realidade concebesse Agripina um crime tão horrendo, ou porque fosse havido por muito verossímil, sabendo todo o mundo que nos seus primeiros anos logo se prostituíra com Lépidio só pela esperança de dominar, e que pelos mesmo motivos até se dera a Palas, não havendo já nada para ela que lhe parecesse vergonhoso depois das suas núpcias com o tio⁵⁸.

⁵⁸ *Tradit Cluvius ardore retinendae Agrippinam potentiae eo usque provectam, ut medio diei, cum id temporis Nero per vinum et epulas incalesceret, offerret se saepius temulento comptam in incesto paratam; iamque lasciva oscula et praenuntias flagitii blanditias adnotantibus proximis, Senecam contra muliebris inlecebras subsidium a femina petivisse, immissamque Acten libertam, quae simul suo periculo et infamia Neronis anxia deferret pervulgatum esse incestum gloria nte matre, nec toleraturos milites profani principis imperium. Fabius Rusticus non Agrippinae sed Neroni cupitum id memorat eiusdemque libertae astu disiectum. sed quae Cluvius, eadem ceteri quoque auctores prodidere, et fama huc inclinat, seu concepit animo tantum immanitatis Agrippina, seu credibilior novae libidinis meditatio in ea visa est, quae puellaribus annis stuprum cum [M.] Lepido spe dominationis admiserat, pari cupidine usque ad libita Pallantis provoluta et exercita ad omne flagitium patruí nuptiis (Tac. Ann. 14.2). In: TAC. Ann. Trad. J. L. Freire de Carvalho. Prefácio de Breno Silveira. São Paulo: Ed. W. M. Jacksonville Inc, 1964, p. 345-346. Todas as traduções da obra de Tácito aqui usadas são da referida edição.*

O episódio acima narrado por Tácito descreve as versões divergentes sobre Agripina Menor e Nero, mãe e filho, terem supostamente cometido, ou, quase cometido, incesto. Ele é emblemático para a explicação de conceitos que iremos utilizar ao longo desta tese, como o de *fama* e *infamia*, que discutiremos a seguir e, em especial, para entender a *allelopoiesis* como ferramenta analítica para o estudo da construção da memória e transmissão da exemplaridade no contexto romano. O conceito de *allelopoiesis* foi originalmente proposto por um grupo de pesquisa com sede na Humboldt-Universität su Berlin como uma abordagem para o procedimento analítico sobre as transformações da Antiguidade, sendo este o título da pesquisa do grupo, no âmbito de um projeto de pesquisa que ocorreu entre os anos de 2005 e 2016⁵⁹. A abordagem e uso do conceito de *allelopoiesis* foi recentemente introduzida no âmbito de estudos da antiguidade romana no Brasil⁶⁰. Este conceito é especialmente útil para abordarmos o período histórico de transição da República ao Principado romano e a literatura de Tito Lívio, conseqüente deste contexto, assim como a aproximação desta literatura com a de seu posterior, Tácito. Isto porque a instauração do Principado exigiu uma busca pela legitimação deste poder e identidade imperial que mobiliza toda uma memória cultural do passado das origens romanas. Assim, observa-se neste contexto uma produção literária que não simplesmente pretende resgatar um passado ou se espelhar nele, mas que constrói sobreposições temporais e abre espaço para uma construção mútua entre passado e presente, estabelecendo o processo da *allelopoiesis*. Neste sentido, assim como Faversoni e Joly, nos afastamos da perspectiva de recepção “usos do passado” em que não se considera uma construção mútua que conecta diferentes temporalidades, mas uma recepção do passado, que altera o presente, como legado⁶¹.

Já a aproximação literária de Lívio e Tácito, considerado este contexto de legitimação imperial, se relaciona com o espaço aberto para a discussão moral gerado por

⁵⁹ Cf: BERGEMANN, L.; DÖNIKE, M.; SCHIRRMEISTER, A.; TOEPFER, G.; WALTER, M.; WEITBRECHT, J. Transformation: A Concept for the Study of Cultural Change. In: BAKER, P.; HELMRATH, J.; KALLENDORF, C. (eds.). *Beyond Reception: Renaissance humanism and the transformation of Classical Antiquity*. Berlin/New York: De Gruyter, 2019, p. 9-26 e HAUSTEINER, E. M.; HUHNHOLZ, S.; WALTER, M. Imperial interpretations: The *imperium romanum* as a category of political reflexion. *Mediterraneo Antico*, Napoli, v. 12, fasc. 1-2, p. 11-15, 2010.

⁶⁰ O emprego da abordagem tem sido promovido no grupo pesquisa LEIR-UFOP e seguimos os pressupostos e adaptações quanto ao proposto anteriormente pelo o grupo de pesquisa alemão, em: FAVERSANI, F; JOLY, F. D. *Alexandre em Quinto Cúrcio e o Principado Romano: um estudo de allelopoiesis*, Rio de Janeiro: Phoénix, v. 27, n. 2, 2021, p. 97-110.

⁶¹ Como vista em: SILVA, G. J. da; FUNARI, P. P.; GARRAFFONI, R. S. Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. *Revista Brasileira de História*, Salvador, v. 40, n. 84, p. 43-66, 2020. Cf: FAVERSANI, F; JOLY, F. D., op. cit., p. 99.

essa corrida pela validação do poder imperial e da própria família imperial. Uma das contribuições fundamentais de Augusto para o Principado foi desenvolver a ideia do imperador e sua família como modelos para o resto da sociedade e promovê-la em textos oficiais, monumentos, espetáculos e imagens, o que por sua vez provocou respostas na literatura, arte, arquitetura e outras áreas da cultura⁶². Augusto usou essa ideia para apoiar sua autoridade e promover sua visão de sucessão dinástica imperial. Neste contexto de transformação e de destaque para a casa e família imperial, mulheres associadas a *Domus Caesaris* formavam parte fundamental nesse processo de produção e divulgação de modelos⁶³, que integraram a exemplaridade.

Contudo, a narrativa de Tácito se encontra em um contexto imperial diferente, mas que olhava para esse momento inicial do Principado. Sabemos que o conhecimento elaborado modernamente sobre o Principado romano do período deste episódio de Tácito, a chamada dinastia Júlio-claudiana (31 a.C. – 68 d.C), deu-se majoritariamente por meio da transmissão das obras de três autores principais: Tácito (*Anais*), Suetônio (*Vida dos doze Césares*) e Dião Cássio (*História de Roma*), que escreveram entre a primeira metade do século II e a primeira metade do século III de nossa era. Sobre estes autores e seus predecessores, Joly afirma:

a crítica moderna ainda questiona se Tácito, Suetônio e Dião Cássio seguiram ou não uma única fonte na redação de suas narrativas, mas de certo sabemos que três autores contemporâneos de Nero, cujas obras perderam-se, podem ter fornecido substrato para os autores posteriores. Plínio, o Velho, escreveu os eventos de 41 (ou 47) a 69 d. C. Fábio Rústico, citado por Tácito (*Ann*, 13, 20, 2) como simpático a Sêneca, publicou sua obra nas duas últimas décadas do século I. Por fim, Clúvio Rufo, apontado como amigo próximo de Nero, escreveu uma história cobrindo do início do Principado à morte de Nero⁶⁴.

⁶² Cf: WOOD, C. B. *Exemplarity in Tacitus: literary, cultural, and political contexts*. Princeton: Princeton University. PhD diss. 2018, p. 18.

⁶³ Cf: MILNOR, K. *Gender, Domesticity, and the Age of Augustus: Inventing Private Life*, Oxford University Press, Oxford, 2005 e TREGGIARI, S. Women in the Time of Augustus. In *The Cambridge Companion to the Age of Augustus*. In: GALINSKY, K. (ed.) *The Cambridge Companion to the Age of Augustus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 130-148

⁶⁴ In: JOLY, F. D. *Libertate opus est: Escravidão, manumissão e cidadania à época de Nero (54-68 d.C)*. Curitiba: Editora Progressiva, 2010, p. 79-80. Sobre a proximidade entre Clúvio Rufo e Nero, Cf: Suet. *Ner.* 21; Cass. Dio. 63.14.3.

Apesar do distanciamento temporal de Tácito quanto ao tempo em que o episódio que relata se insere, ele menciona outros autores antigos e se associa a diferentes tradições sobre o episódio. Neste sentido, segundo Tácito, para Clúvio e todos os demais escritores que escreveram até então sobre o episódio, a iniciativa de cometer incesto seria de Agripina, mas, ainda segundo Tácito, para Fábio Rústico, as investidas teriam sido perpetradas pelo filho. Ao longo da narrativa dos *Anais*, os autores Fábio Rústico e Clúvio são mencionados por Tácito duas vezes. Além de mencionados no episódio 14.2, supracitado, sobre a divergência entre opiniões quanto ao incesto de Agripina e Nero, aparecem apenas em outro momento, em 13.20, quando são mencionados da mesma forma, conjuntamente, mas agora sobre os desejos de Nero matar a mãe e Plauto e tirar de Burro o comando das coortes. Burro é citado neste momento como aliado de Agripina. Como em 14.2, no trecho de 13.20, Tácito se refere a uma divergência de opiniões entre os autores, dizendo que, segundo Fábio Rústico, o comando fora dado a outro e que Burro só sobreviveu graças a uma intervenção de Sêneca por ele, enquanto Clúvio e outro autor antigo, Plínio, afirmariam que a fidelidade de Burro não foi posta em questão por Nero. A opinião de Fábio Rústico é justificada por Tácito por meio de uma sugestão de que ele pretendia exaltar o merecimento de Sêneca, pois devia a Sêneca ter atingido sua própria fortuna⁶⁵.

É interessante notar nestes trechos sobre a divergência de relatos dos autores como Fábio Rústico, Plínio e Clúvio, usados como referências por Tácito, qual é a conclusão apresentada por este último em relação as discordâncias entre tais escritores no que se refere a (re)construção da memória sobre o passado sobre o qual se debruça. Diz ele: “o nosso intento, porém, é seguir a unanimidade dos autores, e quando são diversas as suas opiniões, escrevê-las com o nome de cada um”⁶⁶. Tácito ainda narra um desfecho para o episódio, afirmando que Burro teria sido obrigado por Nero a conspirar contra Agripina, prometendo matá-la se fosse culpada, em ocasião de uma acusação, segundo Tácito falsa, promovida por Júnia Silana contra Agripina, então acusada de “induzir para a revolta Rubélio Plauto, descendente de Augusto por linha feminina, e no mesmo grau de Nero; e

⁶⁵ Champlin menciona o episódio de Tácito sobre o incesto de Agripina e Nero e observa a relevância dos relatos desses autores referenciados por Tácito. Cf: CHAMPLIN, E. *Nero*. 1. ed. Cambridge: Harvard University Press, 2003, p. 42-44.

⁶⁶ *nos consensum auctorum secuturi, quae diversa prodiderint, sub nominibus ipsorum trademus* (Tac. Ann. 13.20).

de que, casando-se com ele, e dando-lhe o império, pretendia ainda de novo reconquistar a suprema autoridade”⁶⁷.

O ponto de desacordo entre os autores mencionados por Tácito pode nos oferecer uma reflexão sobre como a narrativa destes autores antigos, ou a memória que se escreve sobre um passado romano, altera a verossimilhança dos personagens envolvidos nestas escritas da memória sobre o Principado romano, como a de Tácito⁶⁸. Isto também resulta na flexibilidade dos *exempla* produzidos por Tácito⁶⁹. Este autor sugere que, dada a *fama*, ou em específico seu antônimo, a *infamia* de Agripina, seria fácil atribuir a ela a intenção do incesto em situação que se aproveitaria a embriaguez do filho. Sobre as noções antigas de *fama* e *infamia*, diz Langlands:

Os conceitos de *fama* e *infamia* foram importantes ferramentas culturais para a regulação do bom comportamento. *Infamia* era a perda formal da boa reputação (*fama*). Poderia ser uma consequência da condenação por certos tipos de crime, e tinha implicações legais - a perda de reputação através de comportamento vergonhoso significava um estigma legal que privou os cidadãos de muitos de seus privilégios legais. Esperava-se que o comportamento público fosse monitorado pelo olhar moralizador da comunidade, e que cada indivíduo agisse de tal forma que sua *fama* não fosse manchada. *Infamia* também poderia, mais informalmente, surgir da desgraça incorrida pelo próprio crime, representando novamente uma internalização das regras impostas externamente. O medo da desgraça ou diminuição diante os olhos da

⁶⁷ *sed destinavisse eam Rubellium Plautum, per maternam originem pari ac Nero gradu a divo Augusto, ad res novas extollere coniugioque eius et imperio rem publicam rursus invadere* (Tac. Ann. 13.19).

⁶⁸ A verossimilhança, como já destacamos na introdução desta tese, compõem parte de um processo retórico da construção de imagens ou representações, que é comum na composição de retratos das personagens da narrativa taciteana. Cf: LAINA DE FREITAS, J. V. *O crimen maiestatis e o Principado Romano (27 A.C – 68 D.C): conflito, competição e representação*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Ouro Preto. 2021, p. 21 e AZEVEDO, Sarah F. L. de. *História, Retórica e Mulheres no Império Romano: um estudo sobre as personagens femininas e a construção da imagem de Nero na narrativa de Tácito*. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012, p. 48, 50. Hansen explica: “as técnicas retóricas ordenadas pelas noções de medida, decoro e verossimilhança postulam a autoria como *autoridade* (*axioma; auctoritas*) que produz *fides* específicas, adequadas aos gêneros. Retoricamente, a adequação é aplicada por meio do cálculo de diferentes graus da clareza e da posição a partir da qual o destinatário avalia o estilo. Novamente, é básico lembrar a oralidade”. In: HANSEN, J. A. *Instituição retórica, técnica retórica, discurso*. Matraca, Rio de Janeiro, v.20, n.33, 2013, p. 40-41.

⁶⁹ Wood observa que o sistema educacional romano treinava oradores para defender os dois lados de um caso e, assim, oradores em lados opostos em um debate podiam citar os mesmos exemplos para fins contrários. Essa flexibilidade é um traço comum a todos os *exempla* que Tácito explora em sua historiografia. Cf: WOOD, C. B. *Exemplarity in Tacitus: literary, cultural, and political contexts*. Princeton: Princeton University. PhD diss. 2018, p. 9.

comunidade foi claramente uma força importante para a regulação do comportamento na Roma Antiga. Reforçando as restrições contidas nas leis romanas, havia o conceito de *pudor* - um sentimento de vergonha e desconforto sócio-ético decorrente de uma consciência de si como foco constante do olhar moralizador da comunidade, que colocou restrições sobre o comportamento de um indivíduo⁷⁰.

Agripina pode de fato ter tentado persuadir o filho a cometer o incesto, mas, quando Tácito escreve sobre tal episódio, já havia sido criada uma tradição sobre o que ela seria capaz de fazer, ou seja, a *fama* ou *infamia* influencia na maior ou menor verossimilhança sobre o que ela tenha feito ou não⁷¹.

O passado que envolve tanto Agripina quanto Nero é construído em uma outra temporalidade, que é a de Tácito, considerando o processo de construção da memória sobre o episódio e suas personagens no tempo que separa a época sobre a qual se narra e a época em que se escreve os eventos. A relação entre temporalidades distintas, que se sobrepõem e transmitem versões conflitantes sobre os acontecimentos e figuras do passado em episódios de caráter moral, bem como o espaço de transmissão da memória entre essas temporalidades, é fator importante para compreensão do processo da *allelopoiesis*. Essa construção mútua de diferentes temporalidades evidencia que, de fato, a exemplaridade se faz presente na obra de Tácito. Pois, ele reconhece a existência conflitante de versões sobre o mesmo episódio com caráter moral, ou seja, o episódio narrado sugere centralmente para a sua audiência uma reflexão moral utilizando da instabilidade das personagens e das situações morais em que elas se envolvem nos episódios.

Wood destaca que a falta de reconhecimento da exemplaridade em Tácito por parte de seus estudiosos se deve a uma interpretação há muito dominante de Syme, que descartou a importância das “lições” morais de Tácito, reconhecida por seus primeiros estudiosos na modernidade. De acordo com Wood, reagindo aos estudiosos da Europa Continental que viram Tácito como um historiador romano tradicionalmente moralizador,

⁷⁰ In: LANGLANDS, R. *Sexual morality in Ancient Roman*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 18. Todas as citações em português que foram extraídas de bibliografia com títulos na língua inglesa são de nossa tradução.

⁷¹ A bibliografia sobre Agripina Menor é bastante vasta, sendo possivelmente a mulher imperial mais estudada modernamente. Indicamos, por exemplo: BARRETT, A. A. *Agrippina, Sister of Caligula, Wife of Claudius, Mother of Nero*. London: Batsford, 1996 e GINSBURG, J. *Representing Agrippina. Constructions of Female Power in the Early Roman Empire*. Oxford: Oxford University Press, Oxford, 2006.

Syme enfatizou, em vez disso, a ambivalência das “opiniões” deste autor para promover sua interpretação hiperpolítica de Tácito como um historiador que usa a narrativa do passado para recontar eventos de seu próprio tempo, ou seja, sob Domiciano, Nerva, Trajano, e – Syme teria afirmado controversamente – Adriano. Neste sentido, Wood afirma que a percepção de Syme sobre a ambiguidade em Tácito, justamente atinge o cerne do debate sobre o papel da exemplaridade em sua historiografia, considerando que indica a natureza flexível própria aos *exempla*. Considerado o legado de Syme, estudos recentes sobre a exemplaridade se concentraram principalmente em Tito Lívio e outros autores que descrevem a cultura política republicana, mantendo uma leitura de Tácito em que seu interesse pela exemplaridade foi amplamente minimizado. Apesar disto, como bem aponta Wood, além do reconhecimento de seus primeiros leitores modernos sobre importância do tema em sua obra, houveram algumas exceções mais recentes que devem ser notadas, com breves discussões sobre a exemplaridade em Tácito promovidas por Andrew Feldherr, Christina Kraus, Alessandro Barchiesi e Ellen O’Gorman. Estes autores, apontaram, em alguma medida, bem como Wood indica, a existência de uma relação complexa entre Tácito, Lívio e a exemplaridade imperial⁷².

Retomando a *allelopoiesis*, que auxilia a compreensão da complexa relação entre diversas temporalidades que interagem com a obra taciteana, resta lembrar que o termo se origina do grego *allelon*, que significa mútuo ou recíproco e *poiesis*, de criação, geração⁷³. Concordamos com a proposição de que este procedimento analítico está no seio “das discussões sobre os processos de formação, transmissão e recepção que transformam as tradições literárias”⁷⁴. Contudo, pensamos que a *allelopoiesis* é relevante e traz resultados proveitosos para a compreensão de processos particulares de construção e transmissão da memória e, no cerne nessa transmissão, ocorre o estabelecimento da exemplaridade. Relacionado a este processo da memória, Roller, estudioso da exemplaridade, explica que sua abordagem, seguindo a linha da maioria das abordagens contemporâneas sobre a memória e comemoração, “se concentra em como qualquer presente faz uso de relatos recebidos do passado, interpretando-os e reconstruindo-os de

⁷² Cf: WOOD, C. B. *Exemplarity in Tacitus: literary, cultural, and political contexts*. Princeton: Princeton University. PhD diss. 2018, p. 29.

⁷³ BERGEMANN, L.; DÖNIKE, M.; SCHIRRMEISTER, A.; TOEPFER, G.; WALTER, M.; WEITBRECHT, J. Transformation: A Concept for the Study of Cultural Change. In: BAKER, P.; HELMRATH, J.; KALLENDORF, C. (eds.). *Beyond Reception: Renaissance humanism and the transformation of Classical Antiquity*. Berlin/New York: De Gruyter, 2019, p. 9-26; FAVERSANI, F; JOLY, F. D. Alexandre em Quinto Cúrcio e o Principado Romano: um estudo de allelopoiesis. Rio de Janeiro: *Phoînix*, v. 27, n. 2, 2021, p. 100.

⁷⁴ FAVERSANI, F; JOLY, F. D. op. cit., p. 100.

várias maneiras para atender às suas próprias necessidades”⁷⁵. Sobre a exemplaridade nesse processo de transmissão, o autor ainda estabelece que a distinção entre exemplaridade e historicismo não é completa, pois

reflete apenas uma orientação geral. Na verdade, qualquer discurso sobre o passado, em qualquer época, exhibe alguma mistura dessas perspectivas. Primeiro, não pode haver historicismo ‘puro’ no qual um passado é conhecido pelo presente exclusivamente em seus próprios termos, sem qualquer imposição de estruturas ou preocupações presentes. Pois nenhum historiador pode evitar colocar e responder perguntas de dentro de seus próprios horizontes de possibilidade e valor, *que ex hypothesi* diferem daqueles do passado sob investigação. Assim, qualquer discussão do passado é sempre pré-infundida com os propósitos presentes. Em segundo lugar, uma visão exemplar ‘pura’ que considera passado e presente como absolutamente idênticos é igualmente impossível. Mesmo antes do advento do historicismo como uma filosofia articulada da história, certas mudanças ao longo do tempo eram óbvias para todos os observadores⁷⁶.

Tácito escreveu seus *Anais* entre os governos de Trajano e Adriano, mas não pretendeu escrever objetivamente sobre os acontecimentos de seu tempo. Contudo, o contexto imperial em que se insere é decisivo para a recepção que teve referente ao passado imperial e para a transmissão que ele faz sobre os episódios de caráter moral associados a dinastia Júlio-claudiana. Desse modo, entendemos que há uma construção do presente pelo passado e vice-versa, quando os episódios de matéria moral ganham centralidade na narrativa taciteana e na composição de suas personagens como *exempla*. Por isto, pretendemos assinalar a importância do afastamento temporal do autor em relação aos principados Júlio-claudianos como o que justifica a conexão que faz Tácito entre passado e presente por meio da exemplaridade e esta conexão é item importante para o processo de construção da memória e da *allelopoiesis*. Tácito coloca seu tempo e seu contexto imperial como herdeiros imediatos da dinastia Júlio-claudiana, pois o caráter moral da narrativa conectou essas diferentes temporalidades por meio do convite que faz

⁷⁵ In: ROLLER, Matthew B. *Models from the past in Roman culture: a world of exempla*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018, p. 22.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 33.

à audiência a uma reflexão moral, já que os *exempla* não são fornecidas de forma objetivas ou prescritivas. Isto porque as personagens se apresentam por meio de ambiguidades e tensões comuns à narrativa *exemplar*.

Este tipo de construção mútua entre passado e presente será observado também para o caso da obra de Lívio, que colocou o período de fundação do Império como herdeiro direto do passado da monarquia romana, porque também através da exemplaridade conectou essas temporalidades sugerindo a sua audiência a reflexão moral a partir de episódios que compõem *exempla*.

Neste sentido, Tácito parece reconhecer que as descrições relacionadas a Agripina Menor e a memória tecida sobre ela anteriormente por outros autores criaram a possibilidade da versão de Agripina ter iniciado o incesto com o filho ser mais passível de aceitação do que o inverso. Assim, ele está discutindo a recepção e transmissão da memória, o caráter da verdade e verossimilhança presente nestes processos de transmissão e recepção das informações sobre o episódio que envolve Agripina e Nero. Com isto, Tácito assume que ações buscando o incesto foram atribuídas a Agripina sem necessariamente terem de fato ocorrido. Contudo, ainda assim, ele justifica sua escolha como autor que opta e reproduz a versão que considera mais difundida e, então, mais verossimilhante, ao mesmo tempo sem negar as divergentes. Ele afirma que seu intento é reforçar a versão que é unanimidade, mas que, havendo outras que divergem, as mencionará, atribuindo autoria.

Evocando Clúvio e Fábio Rústico, quando Tácito escreve seus *Anais*, no fim de sua vida, mais de meio século após o possível incesto entre Agripina e Nero, ele afirma que, na época deste escândalo, já corria um forte rumor ou boato de que tal incesto se concretizou. Sobre o lugar do rumor, Azevedo destaca: “nota-se que um elemento que poderia desvelar a traição, o incesto ou o adultério, é o rumor, a ‘fofoca’, o dito incerto sem procedência ou credibilidade. A tortura de escravos poderia ajudar na fabricação da prova, tornar crível o dito”⁷⁷. Neste sentido, a autora lembra um episódio relevante em Tácito, em que Nero deu ordens para que fossem torturadas as escravas de Octávia, quando ele forjava sua acusação de adultério. Assim, a autora destaca como foi comum esse processo de fabricação de provas de adultério. De acordo com Azevedo,

⁷⁷ In: AZEVEDO, Sarah F. L. *O adultério, a política imperial e as relações de gênero em Roma*. FFLCH-USP (Tese de doutorado), São Paulo, 2017, p. 103.

o historiador, ao expor os artifícios utilizados por Nero para forjar uma acusação, sugere que as narrativas de episódios de acusações de adultério – como aquelas relatadas por ele mesmo nos *Anais* – eram constituídas a partir de todo um arsenal retórico conhecido pela audiência, que, portanto, tinha consciência da possível falsidade dessas acusações de fundo político (Tac. *Ann.* 14.60-64)⁷⁸.

Por causa da ideia disseminada, a liberta Acte teria sido usada por Sêneca para evitar que o rumor⁷⁹ de incesto se tornasse verdadeiro, uma vez que existiria o risco de deixar de ser rumor e tornar-se um fato concreto. Acte fingiria, dissimulando para Nero quanto a se preocupar com a *fama* do imperador devido à disseminação do rumor. A verossimilhança do rumor sobre o incesto entre mãe e filho, neste caso, se deu pela *fama* precedente de ambos.

1.1 A fama de Nero e suas situações morais precedentes

Sobre a *fama* de Nero, esclarecemos que não nos deteremos longamente, uma vez que figuras masculinas não serão analisadas centralmente neste trabalho. Além disso, Nero se trata de uma das figuras já mais estudadas e complexas da antiguidade romana⁸⁰. Faremos apenas dois apontamentos úteis para a análise específica que propomos do episódio sobre incesto. Primeiro, ressaltamos a pluralidade e complexidade que permearam e ainda permeiam a(s) visão(es) sobre Nero⁸¹. Isto é evidente quando consideramos toda a polêmica em torno da atuação de Nero como imperador, discussão referenciada pelo termo *quinquennium Neronis*. Trata-se de uma ideia sobre o período de governo de Nero (54 – 68 d.C) ter sido atravessado por apenas cinco anos de êxito. Um

⁷⁸ Id., 2017, p. 103.

⁷⁹ Sobre o tema no rumor no Alto Império Romano, ver: BELCHIOR, Y. K. *Boatos, opinião pública e assassinatos políticos: o caso de Júlio César*. Codex: Revista Discente de Estudos Clássicos, v.7, p.78 - 91, 2019 e BELCHIOR, Y. K. *Vencidos pela fama do não visto César: os boatos e a invasão de César à Itália em 49 a.C.* Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos, v.13, p.46 - 63, 2019.

⁸⁰ Alguns trabalhos relevantes sobre Nero e seu governo, são: GRIFFIN, M. T. *Nero: The End of a Dynasty*. 1. ed. London: Routledge, 2001; CHAMPLIN, E. *Nero*. 1. ed. Cambridge: Harvard University Press, 2003; ELSNER, J.; MASTERS, J. (Ed.). *Reflections of Nero: Culture, History & Representation*. London: Duckworth, 1994; BUCKLEY, E.; DINTER, M. (Eds.). *A Companion to the Neronian Age*. 1. ed. Malden: Wiley-Blackwell, 2013 e BARTSCH, S.; FREUDENBURG, K.; LITTLEWOOD, C. (Eds.). *The Cambridge Companion to the Age of Nero*. 1. ed. New York: Cambridge University Press, 2017.

⁸¹ Sobre as transformações das visões sobre Nero em uma longa duração, considerando uma larga historiografia sobre Nero, ver: COELHO, Ana Lúcia S. *As Metamorfozes de Nero: um estudo da construção da tradição literária sobre o último Júlio-Cláudio e o seu Principado (I-III d.C.)*. (Tese de Doutorado) PPGHIS-UFOP: Mariana, 2021.

longo debate se construiu, porém, com poucas resoluções quanto a determinar em que momento específico do governo esse intervalo se deu e quais seriam os feitos ou ações positivas a serem elogiados. Segundo Favversani,

as noções de bom e mau governo não são tão objetivas ou inequívocas quanto possam parecer. No caso do governo de Nero, diversos grupos com visões muito diversas do período neroniano acabaram se interessando por fazer o elogio de **parte** de seu mau governo. Ou seja, constituiu-se ao longo dos séculos um consenso de que o governo de Nero foi ruim, mas teve um bom período. Em outras palavras, cada um que ajudou a construir e transmitir a expressão *quinquennium Neronis* estava de acordo com a admissão de que o imperador fez um mau governo, mas certas ações eram ainda assim dignas de elogio. Mesmo sem concordarem acerca do que seria digno de elogio, puderam todos aceitar que houve um *quinquennium Neronis*⁸².

A discussão sobre a figura de Nero e seus feitos elogiáveis como imperador contribui para a nossa perspectiva de que a análise e construção da memória sobre o passado, bem como a construção e transmissão dos *exempla*, se afasta de dualidades claramente demarcadas. Há na figura de Nero uma pluralidade interpretativa, viabilizada pelas múltiplas e multifacetadas retratações de Nero nas obras que comunicaram seus feitos e ações como imperador. O último imperador Júlio-Cláudio foi descrito por meio de inúmeras reviravoltas e transformações, transitando na dualidade de “bom” a “mau” imperador rapidamente e inúmeras vezes⁸³. Caso fossemos considerar apenas a mera dicotomia baseada em polos antagônicos, negativo e positivo, teríamos uma variabilidade já bastante grande. Contudo, a concepção simplificada e maniqueísta de se restringir a apenas uma dentre as possibilidades de interpretação não nos interessa. Neste sentido, a vasta aparição de Nero no registro literário não deve confirmar uma prevalência absoluta de uma fama negativa *ou* positiva deste imperador⁸⁴.

⁸² In: FAVERSANI, Fábio. *Quinquennium neronis* e a ideia de um bom governo. Rio de Janeiro: *Phoênix*, 2014, p. 171, grifo do autor.

⁸³ Ainda sobre a variabilidade interpretativa sobre Nero e seu governo, tanto na literatura antiga, com foco em Tácito, quanto moderna, ver: BELCHIOR, Y. K. *Nero: Bom ou Mau Imperador? Retórica, Política e Sociedade em Tácito (54 a 69 d.C.)*. 1. ed. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

⁸⁴ COELHO, Ana Lúcia Santos. *As metamorfoses de Nero: Um estudo da construção da tradição literária sobre o último Júlio-Cláudio e o seu Principado (I-III d.C.)*. (Tese de Doutorado) PPGHIS-UFOP: Mariana, 2021.

Assim, entendemos a complexidade, ou ainda, a imprecisão da figura de Nero apresentada nas fontes recorrendo ao debate sobre o *quinquennium Neronis*. Este é “um conceito que registra múltiplos consensos e dissensos sobre o que tenha sido o governo de Nero”⁸⁵. Esta parece-nos uma associação mais apropriada para considerarmos a fama de Nero. Entendemos que as fontes não apresentam, cada uma delas, alguma visão una e objetiva do imperador, mas sim múltiplas caracterizações desta figura de acordo com os diferentes episódios aos quais o associa.

Para o segundo apontamento a respeito da fama vinculada a Nero nas fontes literárias, esclarecemos que, apesar da fama de Nero não poder ser reduzida a uma esfera negativa, entendemos ser frequente o entrelaçamento entre Nero como imperador romano e a acusação da decadência de sua época⁸⁶. Isto é recorrente em Tácito, quando o autor associa inúmeros eventos naturais ou humanos trágicos a maus presságios trazidos pelo governante. Por exemplo, há diversos fenômenos terrestres ou astronômicos que são lembrados como indicadores de desastres. Neste sentido, surge uma conexão especial com um aspecto importante para a figura de Nero descrita nas fontes, que é a valorização e apreço que ele teria pela arte⁸⁷.

A valorização da arte em conexão com a figura no imperador se vincula a decadência da sociedade daquela época no relato literário, especialmente taciteano, que atribuiu a *lascivia* como ponto importante da personalidade de Nero⁸⁸. Por exemplo, Tácito relata a instituição, em Roma, das festas quinquenais (*Neronia*), durante o quarto consulado de Nero. A festa é descrita como imitação dos combates gregos e Nero é apresentado como líder da corrupção moral e da decadência dos costumes em Roma. Há uma crítica à baixeza da inclinação de aristocratas às artes (liberais): oradores, poetas, aqueles contribuidores da música e do teatro, que deixariam de lado seus deveres bélicos e colocariam em risco Roma. Assim, Tácito sugere, por meio de uma metáfora sobre o dia, a noite e a predominância dos vícios e da lascívia em Roma, que o poder e a tradição militar romana eram ameaçados pelas inclinações artísticas promovidas por Nero. Em seguida, em 14.21, Tácito novamente aponta a propagação da arte, especialmente teatro,

⁸⁵ FAVERSANI, Fábio. op. cit., p. 175.

⁸⁶ Cf: ELSNER, J. Constructing decadence: The representation of Nero as imperial builder. In: ELSNER, J.; MASTERS, J. (Ed.). *Reflections of Nero: Culture, History & Representation*. London: Duckworth, 1994, p. 112-130.

⁸⁷ Sobre o retrato de Nero artista ou vinculado a arte, ver: WINTERLING, A. *Loucura Imperial na Roma Antiga*. História (São Paulo), v. 31, n. 1, p. 4-26, 2012 e CHAMPLIN, E. *Nero*. 1. ed. Cambridge: Harvard University Press, 2003, 53-83.

⁸⁸ Cf: MARQUES, J. B. *Estruturas narrativas nos Anais de Tácito*. Ouro Preto: História da historiografia, n. 5, 2010, p. 52-53.

música e poesia, como sinais da decadência, já que entendidos como passatempos lascivos e também é relatado que Nero era o único vencedor daqueles jogos e festivais de artes promovidos⁸⁹. De acordo Coelho, “Tácito delineia quatro contornos negativos para o retrato do *Nero artista*”, sendo estes:

- i) Nero tinha ambições de tornar público o seu lado artístico; ii) desde os primeiros jogos, os membros das altas categorias sociais apareceram com ele no palco – por obrigação ou por vontade própria, devido a uma provável recompensa; iii) ele via suas atividades artísticas em um contexto grego; e iv) sua paixão, inicialmente controlada, aos poucos foi adquirindo rédeas mais livres⁹⁰.

Apesar de referirmos, mais especificamente, apenas a associação evidenciada por Tácito entre uma ideia de decadência e o apreço de Nero pela arte, nas obras de Tácito há inúmeras outras indicações de conexões entre Nero e uma ideia de decadência da sociedade romana⁹¹. A decadência nem sempre é vinculada ao tópico da promoção da arte em particular, mas igualmente o imperador é apresentado como um importante líder que guiaria a sociedade rumo a um tempo de ruína⁹².

⁸⁹ Cf: Tac. *Ann.* 14.20-21. Sobre Nero como atuante em espetáculos no Teatro de Pompeu e no *Circus Maximus*: Plin. *HN.* 37.19; Suet. *Ner.* 22.2. Nero como dedicado às artes, ver: Suet. *Ner.* 10.16.1, 20-1, 41.2, 52; Tac. *Ann.* 15.33, 15.42, 16.4. Sobre o festival criado por Nero, chamado *Neronia*: Tac. *Ann.* 14.20.

⁹⁰ In: COELHO, Ana Lúcia S. *As Metamorfozes de Nero: um estudo da construção da tradição literária sobre o último Júlio-Cláudio e o seu Principado (I-III d.C.)*. (Tese de Doutorado) PPGHIS-UFOP: Mariana, 2021, p. 245-246.

⁹¹ Por exemplo, seu comportamento sexual, especialmente suas relações homoeróticas e sua atuação como ativo ou passivo nessas relações sexuais, bem como seus traços femininos. Sobre isto, ver: ROWLAND, M. Effeminacy as Imperial Vice in Suetonius' Nero and Caligula. *Classicum*, v. 36, n. 2, 2010, p. 23-30; CHARLES, M. B. Nero and Sporus Again. *Latomus: Société d'Études Latines de Bruxelles*. T. 73, Fasc. 3, 2014, p. 667-685 e CHAMPLIN, E. *Nero*. 1. ed. Cambridge: Harvard University Press, 2003, p. 163-171. Para um estudo que analisou o lugar das condutas sexuais na caracterização literária, especialmente demonstrando as relações homoeróticas associadas as representações negativas na literatura antiga, mas para o caso do imperador Heliogábalo, ver: SILVA, Semíramis C. Identidade cultural e gênero no Principado romano: uma proposta de análise interseccional das representações do imperador Heliogábalo (século III E.C.). Rio de Janeiro: *Phoînix*, v. 24, n. 2, 2018, p. 142-166.

⁹² Listaremos alguns exemplos: Tac. *Ann.* 13.58: a figueira ruminal perdendo todos os seus ramos como presságio do mau governo de Nero e da decadência romana, que depois reverdeceu; Tac. *Ann.* 14.12: perpetuação do poder de Nero como desgraça para Roma; Tac. *Ann.* 14.14: Nero, como príncipe, legitimador da falta de pudor, disseminando infâmia e imoralidade, seduzindo todos ao mau comportamento; Tac. *Ann.* 14.15: decadência da época de governo de Nero da seguinte forma: “(...) daqui nasceram mil flagícios e infâmias; e pode-se que nunca, ainda nas épocas antigas da maior corrupção, se viram abominações iguais às deste tempo; porque se tanto custa a manter os bons costumes ainda no meio dos bons exemplos, como entre o espetáculo de todos os grandes vícios seria possível conservar a honestidade, a modéstia, ou alguma sombra de virtude? (...)”; Tac. *Ann.* 14.47: extravagância distribuindo azeite aos cavaleiros e senadores, imitando os gregos; Tac. *Ann.* 14.64: decadência moral e religiosa trazida com as atitudes de Nero; Tac. *Ann.* 15.22: evento natural como sinal de mau agouro sobre o governo de Nero, neste caso, morte de uma Vestal; Tac. *Ann.* 15.37: luxo e riqueza exibida por Nero indicando a

No caso do possível incesto entre filho e mãe, a *fama* de cada um corresponde ao que teria feito Agripina e Nero antes do episódio, mas principalmente reflete a memória que se criou e transmitiu sobre os eventos que os envolviam e como eles se comportaram em tais situações, ou seja, enfatiza-se suas atuações morais. Além disso, há uma interdependência entre a caracterização das duas personagens. Neste sentido, é importante ressaltar um processo típico da narrativa taciteana e da construção de qualquer retrato feminino: as personagens femininas são construídas em relação as masculinas. Sobre isso, Azevedo e Faversoni explicam:

uma personagem pode ser mostrada como virtuosa ou viciosa quando associada ou se afastada de uma personagem antes mostrada como virtuosa ou viciosa. Assim, as características das personagens e a construção dos *exempla* decorre muitas vezes de como as personagens são colocadas em interação, como se ligadas umas às outras⁹³.

Neste processo de construção e transmissão de memória sobre Nero, deve-se considerar a estrutura narrativa da obra de Tácito. Este coloca os indivíduos em dependência centralmente da figura do imperador e estabelece a caracterização dos personagens “como uma forma de evidenciar uma determinada sucessão decadente”⁹⁴, estabelecendo-se,

decadência moral que ele disseminaria; Tac. *Ann.* 15.44: manifestação religiosa de matronas, priorizando divindades femininas em meio a decadência e mau agouros do tempo de Nero; Tac. *Ann.* 15.45: Acrato, liberto, e Secundo Carinas, filósofo grego, que discorriam muito sobre a literatura e a moral, mas que nunca a tinham praticado; Tac. *Ann.* 15.47: presságio de ordem natural; Tac. *Ann.* 15.48: devassidão dos costumes criticada em meio a conjuração de Pisão; Tac. *Ann.* 15.50: conspiradores seriam contra a “total decadência do império”; Tac. *Ann.* 15.57: mútuas e múltiplas delações no caso da conspiração de Pisão servindo como evento para Tácito ilustrar a decadência moral dos homens aristocratas de Roma.

⁹³ In: AZEVEDO, Sarah F. L.; FAVERSANI, F. Interações pessoais e valores morais em Tácito: um estudo de algumas personagens femininas. In: (Org.) CANDIDO, M. R. *Mulheres na Antiguidade: novas perspectivas e abordagens*. Rio de Janeiro: UERJ/NEA, DG, 2012, p. 126. Esse processo foi observado de forma similar para a análise da personagem Fortunata, representada na obra latina *Satyricon*, em relação as personagens masculinas, especialmente seu marido. Neste sentido, a depender de como a personagem feminina é construída, a representação masculina se torna mais elevada ou mais rebaixada moralmente e vice-versa. Cf: FAVERSANI, F.; MARTINS, C. M. Fama, dissimulação e moralidade sexual: a representação de Fortunata na *Cena Trimalchionis* (Sat. 25 - 78). In.: AZEVEDO, S. F. L.; CAVICCHIOLI, M. R.; SILVA, S. C. *Gênero e Poder na Antiguidade. Perspectivas Brasileiras*. (No prelo).

⁹⁴ “O esquema Tibério-Cláudio-Nero, apesar de necessariamente falho pela ausência de Calígula, traz, no entanto, claros indícios da evolução do Principado para Tácito. Tibério é cruel, porém ainda eficiente; Cláudio não é essencialmente cruel (até perdoa Messalina, em 11. 37), mas é inepto; já Nero não só é cruel como também é incapaz de governar, abortido em sua devassidão. Sabemos que tal estado de coisas, mesmo sem dispormos do relato final dos *Anais*, tem sua consequência inevitável na revolta de Vídice, que por sinal se forma contra as atitudes ‘infames’ de Nero, e na guerra civil retratada nas *Histórias*. A continuidade é clara, criada por artifícios retóricos sutis e intencionais”. In: MARQUES, J. B. *Estruturas narrativas nos Anais de Tácito*. Ouro Preto: História da historiografia, nº 05, 2010, p.54-55.

assim, uma sequência mais ou menos linear de degeneração nas representações dos imperadores.

De fato, é muito difícil verificar a amplitude do alcance dessa imagem degenerada para além do filtro da elite. Mas talvez seja possível questionar a unicidade desse sentido negativo, uma vez que os partidários de Agripina passam a ocupar lugares marginais após a morte de Nero. Logo, eles são silenciados. Tanto mãe quanto filho ocuparam lugares importantes na memória sobre o Principado nas narrativas de Tácito, Suetônio e Dião Cássio e são comumente descritos nas obras destes autores como figuras que atuam muitas vezes de forma completamente inescrupulosas e apartadas de um decoro ético-moral em prol do objetivo de ascenderem e manterem seu poder e influência no período imperial. A discussão sobre incesto em Tácito é um indício disto. Mais especificamente, essas duas personagens atuam para garantir sua proeminência na disputa pela sucessão imperial dentro da dinastia júlio-claudiana. O resultado disso é uma caracterização de ambos, frequentemente, composta por um forte teor de juízo ético-moral, frequentemente, relacionado ao tópico sexual, e advertência quanto às consequências de seus comportamentos e escolhas morais.

Azevedo, seguindo Ginsburg, explica sobre essa temática sexual na literatura sobre o principado:

os *topoi* que relacionavam sexo e política eram aplicados de forma recorrente na literatura sem uma expectativa de crença da audiência, devido à, principalmente, uma consciência da possível falsidade das acusações de adultério, incesto, aborto etc. O próprio Tácito demonstra que acusações com fins de eliminar concorrentes políticos ou mesmo familiares, mas que representavam ameaça política, eram feitas através da imputação de conduta sexual desviante, como, por exemplo, quando Nero acusou sua esposa Octávia de adultério e aborto (*Ann.* 14, 60-64). Ou seja, a mesma fonte que retrata mulheres atribuindo-lhes condutas imorais, demonstra o uso e manipulação deste tipo de conduta em acusações formais com objetivo de denegrir e eliminar rivais políticos⁹⁵.

⁹⁵ In: AZEVEDO, Sarah F. L. *O adultério, a política imperial e as relações de gênero em Roma*. FFLCH-USP (Tese de doutorado), São Paulo, 2017, p. 129-130.

A autora conclui que “os retratos de mulheres da família imperial, como Messalina e Agripina, vão sendo construídos associados ao que podemos entender como a principal função da mulher na dinastia Júlio-Cláudia”⁹⁶. Neste sentido, ela esclarece que “esses retratos estão associados ao lugar da mulher como responsável por manter as alianças políticas por meio de casamentos e geração de filhos legítimos. Esta função é ameaçada pelo adultério e pelo incesto”⁹⁷. Por outro lado, também era uma função dessas mulheres da casa imperial era divulgar um modelo moral associado a família imperial e, sobretudo, ao imperador, e do qual as práticas de incesto e adultério se afastavam por representarem interesses privados que prejuízos à coletividade romana e ao Principado⁹⁸.

Essas críticas morais se dão por meio da repreensão de uma excessiva crueldade e ambição nas estratégias contidas nas ações e comportamentos das personagens. Estes excessos na obra de Tácito são colocados como interesses privados acima do comum, coletivo e benéfico ao bem-estar público romano. Assim, ambos são apresentados como figuras não só movidas pela ambição pessoal desmedida, mas que se tornaram paulatinamente *mais* cruéis e *mais* inescrupulosos de acordo com o acúmulo de eventos em que demonstram seus comportamentos e ações associados a busca de poder e benefícios próprios ou familiares acima daqueles da *res publica*.

Essa nossa análise, esta é a abordagem mais adequada para tratarmos de como os autores que escreveram posteriormente ao período Júlio-claudiano sobre Nero e Agripina e como elaboraram estas figuras ao longo de suas narrativas. Contudo, não sabemos ao certo se esse efeito que descrevemos como paulatinamente intensificador dos elementos negativos das personagens na narrativa foi interpretado ou fruto direto da recepção popular da sociedade à época em que viveram essas figuras. O efeito acumulativo das ações de Agripina e Nero criticadas nas fontes pode ter acontecido coetaneamente à existência dos dois ou pode ter sido um efeito da memória social, ou ainda, criação da literatura posterior. As respostas a isto não são completamente verificáveis, mas estimulam importantes reflexões. Provavelmente não havia unicidade, não havendo forma simples de se pensar a recepção popular de Agripina e Nero à época em que

⁹⁶ Ibid., p.130.

⁹⁷ Ibid., p.130.

⁹⁸ Sobre a moralidade sexual nas narrativas imperiais, ver: LANGLANDS, R. *Sexual morality in Ancient Roman*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 319-363. Ver também: GINSBURG, J. *Representing Agrippina: construction of female power in the early Roman Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

viveram. Acreditamos que essas reflexões convergem para o complexo processo de produção e disputa de memória, fortemente conectado à produção literária⁹⁹. Neste processo se insere a *allelopoiesis*, pois cria-se uma específica conexão entre presente e passado narrado, apesar de Tácito dizer não pretender discutir matérias elevadas como feito por seus antecessores. Ele construiu retratos de personagens imperiais que consideraram a tradição da exemplaridade e que se aproximam de *exempla* antes divulgados por autores romanos, sobretudo, Lívio.

Um episódio que talvez ilumine a reflexão sobre questões referentes à recepção, tanto literária quanto popular, das figuras de Agripina e Nero em suas épocas, bem como a memória produzida e disputada sobre essas figuras, é o relato sobre um gesto de Nero. Este gesto foi descrito como dotado de clemência, mas também como gesto que tinha o objetivo de prejudicar a memória de Agripina. Nero perdoou, após a morte da mãe, aqueles que Agripina puniu e desterrou, inclusive restaurando suas memórias. A ação de Nero torna ainda mais detestável a memória da mãe:

(...) Para fazer ainda mais detestável a memória da mãe, e mostrar ao mesmo tempo que depois da sua morte já não tinham quem o impedisse na sua clemência, restituiu às suas casas duas mulheres ilustres. Júnia e Calpúrnia, e dois antigos pretores, Valério Cápiton e Licínio Gábolo, os quais todos tinha banido Agripina. Deu também licença para que se pudesse trazer as cinzas de Lólia Paulina, e que se lhe erigisse um túmulo; e perdoou a Itúrio Calvício, a quem, havia pouco, tinha exterminado. Quanto a Silana, já ela tinha morrido em Tarento, para onde tinha vindo de outro desterro mais distante em tempo que Agripina, por cujo ódio padecera, ou já começava a descair do valimento, ou já estava mais aplacada¹⁰⁰.

⁹⁹ Ainda sobre a transmissão de visões sobre Nero, mas pensando o processo de assimilação desta figura na longa duração conectado ao processo de *allelopoiesis*, ver: FAVERSANI, Fábio. Tirano, louco e incendiário: BolsoNero. Análise da constituição da assimilação entre o Presidente da República do Brasil e o Imperador Romano como *allelopoiesis*. *História Historiografia*. v. 13, n. 33, 2020, p. 375-395.

¹⁰⁰ *prodigia quoque crebra et inrita intercessere: anguem enixa mulier, et alia in concubitu mariti fulmine exanimata; iam sol repente obscuratus et tactae de caelo quattuordecim urbis regiones. quae adeo sine cura deum eveniebant, ut multos post[ea] annos Nero imperium et scelera continuaverit. ceterum quo gravaret invidiam matris eaque demota auctam lenitatem suam testificaretur, feminas inlustres Iuniam et Calpurniam, praetura functos Valerium Capitonem et Licinium Gabolum sedibus patriis reddidit, ab Agrippina olim pulsos. etiam Lolliae Paulinae cineres reportari sepulcrumque exstrui permisit; quosque ipse nuper relegaverat Iturium et Calvisium poena exsolvit. nam Silana fato functa erat, longinquo ab exilio Tarentum regressa labante iam Agrippina, cuius inimicitiiis conciderat, vel [tamen] mitigata* (Tac. Ann. 14.12).

Ou seja, considera-se que, uma memória que já era marcada por críticas morais, então foi transformada em mais criticável ainda ao serem restauradas as memórias de seus inimigos, pois Nero trouxe inclusive aqueles ainda vivos de volta dos desterros que foram antes ordenados pela mãe. Este episódio sugere a flexibilidade da memória e a fluidez de sua construção no ambiente da sociedade romana e como isto pôde potencializar a variação de versões sobre as personagens, os eventos e, conseqüentemente, os *exempla* se apresentam flexíveis. Uma mesma figura que se tornou indigna por ação promovida por alguém, é reabilitada por outro, neste caso, graças a um jogo de disputa política e de autoridade entre mãe e filho. Neste sentido, Guarinello afirma sobre a memória:

toda é composta por lembranças, que são mais ou menos valorizadas, mas também por esquecimentos de coisas e fatos que não deixaram vestígios em si, seja porque não são mais lembrados, seja porque algo ou alguém impede sua rememoração. Todo processo de memória, além disso, é um trabalho, um esforço sobre o tempo¹⁰¹.

Em relação ao esquecimento forçado, há uma discussão moderna sobre a chamada *damnatio memoriae*. Sobre isso, Maureen Carroll nos diz:

damnatio memoriae, a erradicação depois da morte de um nome, imagem e memória de um indivíduo, foi um dispositivo ocasionalmente usado para os que odiaram imperadores e para oficiais depostos. A partir da metade do primeiro século e em muitas regiões diferentes dentro do Império, remover o nome ou a imagem para alcançar a erradicação da memória, que ocasionalmente fazia-se por monumentos funerários privados, causando uma desgraça, possivelmente, dentro da família ou da comunidade, foi apenas uma das possíveis razões para essas medidas¹⁰².

Neste contexto de disputa pela memória e construção de auto imagem, Nero exhibe certa vaidade e preocupação com seu poder político e imagem pública com esta ação de interferir na memória da mãe. Ele revela que a memória de sua mãe representa ameaça a

¹⁰¹ In: GUARINELLO, Norberto Luiz. *História Antiga*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 9.

¹⁰² In: CARROLL, Maureen. Death and society: social and economic aspects of the death in the Roman world. In: *Mors omnibus instat. Aspectos arqueológicos, epigráficos y rituales de la muerte en el Occidente Romano*. Javier Andreu, David Espinosa y Simone Pastor (Coord.). Madrid: Liceus, 2011, p. 28-29.

seu poder e imagem pública. Por isso, ele pretendeu demonstrar a superioridade de seu poder frente ao de Agripina, sobrepondo-se a ela mesmo já morta. Ainda mais relevante do que isto, é que o episódio deixa claro que era importante que Nero, neste momento, tentasse controlar e manipular a memória de Agripina para poder tornar o seu próprio poder mais estável e legítimo.

Nesta disputa entre as memórias de pessoas que compõem a aristocracia, sendo a memória então decidida e manipulada por seus membros mais proeminentes, os fatos perpetrados por cada figura, assim como suas repercussões, são altamente remodeláveis. Eventos conhecidos são constantemente alterados segundo o exercício de poder de cada poderoso e pela literatura, mesmo posterior sobre os eventos narrados. Isto pelo menos é o que indica esta ação de Nero contra a mãe em seu *post mortem*. Sobre esse processo da memória, considerando a exemplaridade dentro de um fenômeno mais amplo da memória cultural, Langlands explorou as implicações de conceituar as tradições que cercam *exempla* individuais como locais de exemplaridade dentro da memória cultural romana. A autora considera os processos de mudança pelos quais esses locais passam, conferindo destaque ao apagamento e esquecimento, e sua importância para nossa compreensão do contexto mais amplo dentro do qual os autores latinos produziam suas obras¹⁰³.

No contexto de disputa de memória de Nero com sua mãe já morta, seus aliados cortesãos o convencem que, tendo executado tal ação contra a memória da mãe ao favorecer os antigos inimigos que ela tinha, ele seria adorado ao voltar a Roma. Isto devido ao “quanto era estimado; porque o nome de Agripina estava cada vez mais odioso, e com a sua morte ele tinha verdadeiramente adquirido muito maior veneração popular”¹⁰⁴. Assim, a *fama* que Nero pretende construir sobre si depende da alteração da memória do inimigo. A intervenção que ele provoca é pela associação e fortalecimento de inimigos da mãe, causando a *infamia* dela dentro do jogo de poder entre os grupos aristocráticos associados aos dois. Nero, neste momento, é caracterizado como aflito pela sua aceitação. Contudo, a resposta dada a ele pelos aliados que o rodeiam é que, estando a sua mãe com a *fama* dela liquidada e tendo sido substituída por uma memória de *infamia*, a *fama* dele próprio se elevaria. Por isso, Nero, ao acolher tais conselhos, é

¹⁰³ Ver o capítulo ‘The Dynamics of Cultural Memory: Forgetting, Rupture’, em: LANGLANDS, Rebecca. *Exemplarity ethics in ancient Rome*. Cambridge: United Kingdom; New York: Cambridge University Press, 2018, p. 187-204.

¹⁰⁴ *contra deterrimus quisque, quorum non alia regia fecundior extitit, invisum Agrippinae nomen et morte eius accensum populi favorem disserunt: iret intrepidus et venerationem sui coram experiretur; simul praegredi exposcunt* (Tac. Ann. 14.13).

descrito entrando no Capitólio como vencedor de uma república de escravos. Os que o aprovaram pela clemência de seu gesto, agora não se oporiam a que ele se entregasse às obscenidades que antes eram reprimidas por sua mãe: “assim, arrogante, e como vencedor de uma república de escravos, entrou no Capitólio, deu graças aos deuses, e entregou-se depois a todas as torpezas, que uma espécie de respeito pela mãe ainda até ali havia algum tanto reprimido”¹⁰⁵.

Nossa interpretação não pretende sugerir que haveria, como representa Tácito, uma república de aduladores, prontos para aceitar resignadamente qualquer versão dos fatos que fosse circulada pelo imperador e seus conselheiros. Havia limites para essas manobras. Isto é o que podemos sugerir, porque as bases de apoio de Nero foram se fragilizando até que ele não tivesse mais como controlar a predominância de uma visão negativa sobre si, mesmo enquanto ainda vivo. Contudo, tal representação de Tácito sobre as atitudes e disputas entre Nero e sua mãe sugerem indícios importantes no tocante à constituição, manipulação e transmissão da memória, inclusive remodelações que se dão posteriormente aos fatos e tempo em que os eventos ocorrem. Este processo da memória torna possível a flexibilidade nas narrativas exemplares sobre um mesmo episódio ou personagem, viabilizando múltiplas interpretações dos *exempla* pela audiência.

1.2 A fama de Agripina Menor e suas situações morais precedentes

Entre a fama vinculada a Nero e aquela vinculada a sua mãe e as disputas que os envolviam, sobressaiu-se na narrativa taciteana a possibilidade de que Agripina se oferecera a Nero. Ela quem teria desejado o incesto para manter seu poder e controle sob o filho. Tal possibilidade parece se sobrepôr a de que Nero teria desejado originalmente a mãe. A razão desta prevalência é mencionada por Tácito no trecho inicialmente citado, quando sugeriu que a crença de que Agripina pudesse ter seduzido o próprio filho era tão verossímil devido aos casos amorosos que teve anteriormente. Ele teria em seu passado se relacionado com homens por puro interesse em promover sua influência política:

ou porque na realidade concebesse Agripina um crime tão horrendo, ou porque fosse havido por muito verossímil, sabendo todo o mundo que nos seus primeiros anos logo se prostituíra com Lépido só pela

¹⁰⁵ *hinc superbus ac publici servitii victor Capitolium adiit, grates exsolvit, seque in omnes libidines effudit, quas male coercitas qualiscumque matris reverentia tardaverat* (Tac. Ann. 14.13).

esperança de dominar, e que pelos mesmo motivos até se dera a Palas, não havendo já nada para ela que lhe parecesse vergonhoso depois das suas núpcias com o tio¹⁰⁶.

Agripina se envolveu com Lépido, um rico aristocrata que garantia uma posição destacada para si, e com o liberto Palas, que era um dos mais influentes na corte de Cláudio, antes de desejar o incesto com o filho¹⁰⁷. Em especial, a ambição política de Agripina se mostrou no casamento com seu tio Cláudio. Esta relação foi longamente detalhada por Tácito como um incesto, então precursor do incesto que ela pretendeu cometer com Nero. Tácito diz que Agripina Menor, sendo sobrinha de Cláudio, tornou-se a nova esposa do tio em meio a uma disputa com outras concorrentes. Ela venceu suas concorrentes pelas carícias concedidas a Cláudio, usando do fato de ser sobrinha como pretexto para visita-lo frequentemente. Assim, ela o teria seduzido e gozado do poder conjugal antes de tê-lo como marido, sem que suas rivais tivessem a mesma oportunidade¹⁰⁸. Além das carícias em visitas, Tácito justifica:

as causas, porém, que deu Palas para que Agripina fosse preferida, reduziram-se às seguintes: que já trazia consigo um neto de Germânico, bem digno de poder aspirar ao império não só pela sua alta nobreza, mas até por ser da mesma família dos Cláudios, cujos os descendentes viriam a ficar assim mesmo enlaçados. Além disto, por esse modo se acautelava, que uma mulher fecunda, e ainda na flor de seus anos, fosse ilustrar outra família estranha, comunicando-lhe o sangue dos Césares¹⁰⁹.

¹⁰⁶ *et fama huc inclinat, seu concepit animo tantum immanitatis Agrippina, seu credibilior novae libidinis meditatio in ea visa est, quae puellaribus annis stuprum cum [M.] Lepido spe dominationis admiserat, pari cupidine usque ad libita Pallantis provoluta et exercita ad omne flagitium patrum nuptiis* (Tac. Ann. 14.2).

¹⁰⁷ Sobre a relação de Agripina com libertos, incluindo Palas, ver: JOLY, F. D. A escravidão romana em perspectiva sincrônica: escravos e libertos sob o Principado de Nero. *Politeia*, v.3, n.1, p. 63-83, 2003, p. 69. O autor observa que, seguindo Bauman (1994), no discurso de Nero ao senado, descrito por Tácito, a expressão *discretam domum et rem publicam* (Ann. 13, 4, 3), seria uma referência à Agripina, não aos libertos, como entendeu a historiografia. Cf: BAUMAN, R. *Women and Politics in Ancient Rome*. London, New York: Routledge, 1994.

¹⁰⁸ *Praevaluere haec adiuta Agrippinae inlecebris: ad eum per speciem necessitudinis crebro ventitando pellicit patrum ut praelata ceteris et nondum uxor potentia uxoria iam uteretur.* (Tac. Ann. 12.3).

¹⁰⁹ *at Pallas id maxime in Agrippina laudare quod Germanici nepotem secum traheret, dignum prorsus imperatoria fortuna: stirpem nobilem et familiae [iuliae] claudiaeque posteros coniungeret, ne femina expertae fecunditatis, integra iuventa, claritudinem caesarum aliam in domum ferret* (Tac. Ann. 12.2).

Tácito se refere ao casamento como incesto, relatando que a união entre Cláudio e Agripina não teve comemoração devido ao seu forte caráter incestuoso, de grau nunca visto antes:

(...) já o casamento entre Cláudio e Agripina se dava como feito, não só pelas vozes do público porém pelos seus incestuosos amores; mas ainda assim não se atreviam a celebrá-los com toda a solenidade, porque não havia exemplo até ali de que uma sobrinha cassasse com um tio. Era palpável o incesto, e Cláudio se horrorizava do escândalo, e das funestas consequências que um tal exemplo deveria produzir na República¹¹⁰.

No relato é apresentada uma expectativa sobre as virtudes que a nova esposa de Cláudio deveria possuir, sendo que essas teriam causado a preferência por Agripina. Esta possuía virtudes vinculadas a sua família ilustre, sua fecundidade e virtudes relacionadas à condição de viúva, que fora duas vezes. Considerando o aspecto dos laços familiares de Agripina Menor, o estudo de Gillespie se baseia em a personagem ser a única mulher nos Anais de Tácito a ser identificada como *unicum exemplum* (Ann. 12.42.2). A autora considera a exemplaridade feminina e suas mudanças para o período imperial. Ela aponta questões que envolvem a imitabilidade de Agripina, ao mesmo tempo em que observa que sua singularidade repousa exatamente em sua posição dentro da dinastia imperial, ou seja, nos seus laços familiares, que a destacava como nenhuma outra figura imperial. A autora conclui que Tácito sugere ao leitor que decida sobre o status exemplar de Agripina, portanto, evidenciando que a caracterização de Tácito de Agripina como um *exemplum*¹¹¹. Em um caminho semelhante relativo ao caráter ambíguo do *exemplum*, o estudo de Mary McHugh sobre Agripina Maior, como *ferox femina*, considera como Tácito combina virtudes masculinas heróicas dentro das femininas tradicionais na caracterização desta outra personagem (Ann. 1.69), o que explicitara áreas cinzentas, imprecisas ou ambiguidade em como Agripina Maior é retratada por Tácito, ou seja, item que se correlaciona com as mudanças de posições no espectro exemplar de operação¹¹².

¹¹⁰ *inter Claudium et Agrippinam matrimonium iam fama, iam amore illicito firmabatur; necdum celebrare sollempnia nuptiarum audebant, nullo exemplo deductae in domum patris fratris filiae: quin et incestum ac, si sperneretur, ne in malum publicum erumperet metuebatur* (Tac. Ann. 12.5).

¹¹¹ Cf. GILLESPIE, C. Agrippina the Younger: Tacitus' *Unicum Exemplum*. In: KER, J; PIEPER, C. (eds.). *Valuing the Past in the Greco-Roman World. Proceedings from the Penn-Leiden Colloquia on Ancient Values VII*. Leiden, Boston: Mnemosyne Supplements, v. 369, 2014, p. 279.

¹¹² Cf. MCHUGH, M. R. *Ferox Femina: Agrippina Maior in Tacitus's Annales*. *Helios*, v. 39, n. 1, 2012, p. 74.

Há ainda no relato taciteano uma discussão sobre algo não comum tornar-se comum e sobre a possível normalidade de casamento entre tio-sobrinha em outros lugares¹¹³ que não Roma. Ainda assim, é mais forte no relato taciteano o peso do caráter incestuoso dessa relação, descrita como um primeiro *exemplum* para aquele período.

Sobre este conceito de *exemplum*, consideramos a abordagem de Matthew B. Roller, já mencionada, mas observando neste momento que a interpretação do autor especifica três dimensões da exemplaridade romana propostas: a retórica, a ética ou moral e a historiográfica. Em nossa perspectiva, a fim de organizar as discussões sobre o conceito, as funções sociais e culturais dos *exempla* podem ser pensadas a partir destas três vertentes que se interconectam, que se integram e que, muitas vezes, se confundem. Primeiro, os *exempla* são fundamentais para a argumentação e a persuasão romana, de modo que poderia realmente afetar a forma com que os romanos se comportam. Segundo, *exempla* são um componente essencial do discurso moral romano e que proporcionam o estabelecimento, a reprodução e a modificação dos valores sociais. Terceiro, eles pressupõem uma relação particular entre presente e passado e, portanto, constituem um tipo de consciência histórica¹¹⁴. Essas três funções podem estar profundamente interconectadas, de modo que identificar muito claramente cada uma das partes dessa separação triparte torna-se, muitas vezes, difícil ou mesmo impossível. Porém, essa organização é útil para entendermos o contexto romano e tem orientado os estudos atuais sobre ética e moralidade romana, uma vez que, frequentemente, cada estudo faz reflexões majoritariamente sob a perspectiva de uma dessas três dimensões. Essas distintas dimensões da exemplaridade – a retórica, a moral e a historiográfica – são, portanto, centrais para o trabalho que os *exempla* fazem na cultura romana e todas são pertinentes, em graus variados, para cada estudo de caso.

Em sua abordagem, Roller examina a criação, aceitação e replicação de *exempla* individuais dentro de um ambiente cultural amplo. Para tal, ele oferece um dispositivo heurístico bastante objetivo para compreender como a elite romana criou e reforçou o significado de exemplaridade. Este é dividido em quatro partes constituintes: 1) a realização de uma ação pública que incorpora, ou não, a demonstração de um valor ético particular que é compartilhado por uma comunidade (o *mos maiorum*); 2) avaliação por um público 'primário' que o julga como 'bom' ou 'ruim' de acordo com os valores da

¹¹³ Tac. *Ann.* 12.6.

¹¹⁴ Cf: ROLLER, Matthew B. *Models from the past in Roman culture: a world of exempla*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. p. 10-17.

comunidade e conforme determinado pelo grupo dominante dentro dela, significando que a ação ética observada tem relevância social e ética a ser considerada pelos indivíduos daquela coletividade; 3) comemoração da ação, de seu protagonista e dos valores que a ação e/ou a pessoa representa por meio de uma forma de 'monumento' que abre o *exemplum* para um público 'secundário'. Este público possui uma compreensão compartilhada do significado do *exemplum*, mesmo que não mais concorde com os valores representados; 4) imitação subsequente, ou a negação, da ação original, aceitando o valor normativo da ação original e um reconhecimento tácito de que existem valores normativos compartilhados ao longo do tempo que permitem que o público secundário entenda o significado da ação original ao seu público principal¹¹⁵. Chambers observa, sobre este último passo que, por meio da imitação, o extraordinário pode ser transformado em ordinário ou, pelo menos, tem potencial para ser valorizado, copiado e integrado ao tecido cultural da sociedade. Em seu estudo, a autora defende que é a incapacidade inerente dos *exempla* femininos de realizar esse potencial que cria uma diferença na forma como os *exempla* masculinos e femininos são construídos pelos autores romanos¹¹⁶.

Na construção do *exemplum* de Agripina, em Tácito, foi associado o alcance do seu casamento, estrategicamente por ela obtido por meio de artimanhas femininas ao oferecer antes de ser esposa suas carícias, usufruindo do privilégio de parentesco com Cláudio, em uma ação que compõe um *exemplum* negativo para a República. A ação de Agripina quanto ao tio imperador inaugura um precedente de um mal público, que é o incesto, e que seria reproduzido posteriormente com a tentativa dela com o filho¹¹⁷.

Corroborando para a perspectiva de que havia um prevailecimento da anormalidade quanto ao casamento entre tio e sobrinha, há o relato sobre um grupo agitado de apoiadores do casamento ter incentivado a Cláudio. Indício da desaprovação e visão de anormalidade sobre tal prática estaria, de acordo com Tácito, em Silano se matar no mesmo dia do casamento entre Cláudio e Agripina, causando riso, uma vez que tal momento fora escolhido para punir um crime de incesto, no caso, entre Silano e sua irmã¹¹⁸. Por outro lado, a aceitação da prática de incesto no seio na dinastia Júlio-claudiana em prol da manutenção da legitimidade da(s) família(s) dos envolvidos é

¹¹⁵ Cf: ROLLER, M. B. *Models from the past in Roman culture: a world of exempla*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018, p.8

¹¹⁶ Cf: CHAMBERS, L. *Exemplarity in Early Imperial Rome: gendered usability and literary constructions of female exempla*. Manchester: University of Manchester. PhD diss. 2021, p. 24.

¹¹⁷ Cf: AZEVEDO, Sarah F. L. *O adultério, a política imperial e as relações de gênero em Roma*. FFLCH-USP (Tese de doutorado), São Paulo, 2017, p. 131.

¹¹⁸ Cf: Tac. *Ann.* 12.8.

indicada, por exemplo, pela informação sobre Calígula, que negava que Agripa (pai de Agripina Maior) fosse seu avô, pois este teria origens baixas. Assim, Calígula proclamava que sua mãe, Agripina Maior, era fruto de um incesto entre Augusto com a filha Júlia, ou seja, ele se colocava como filho e neto de Augusto ao passo que preferia ser fruto de tal incesto a ter um avô de origem baixa¹¹⁹.

Tácito relata que o imperador, entrando juntamente do grupo tumultuoso no fórum, solicitou ao senado que sancionasse a favor de matrimônios futuros entre tios e sobrinhas a fim de tentar amenizar a anormalidade e tentar criar a normalidade da prática por meio de decreto¹²⁰. Contudo, sobre o resultado desta tentativa, é narrado que não encontraram ninguém que quisesse aprovar essa nova forma de união conjugal¹²¹. Além disso, depois do casamento com Cláudio, Agripina aparece na cunhagem de moeda romana junto com o imperador, e ela é identificada como a nova Augusta. Agripina é associada a Ceres mais do que qualquer outra divindade, e como uma nova *Mater Patriae*. Ginsburg sugere que essas associações serviram em parte para ajudar a legitimar seu casamento com o tio e enfatizar seus louváveis atributos de fertilidade e nobreza familiar¹²².

Estabelecido na narrativa taciteana este passado de Agripina como incestuosa, Sêneca e Burro teriam que intervir na nova ocasião de transgressão com Nero para evitar que ela executasse tal manobra. A proteção seria para impedi-la de cumprir o objetivo central do incesto de prejudicar o filho em nome da estabilidade de seu próprio poder. Neste sentido, o relato taciteano apresenta que os dois preceptores de Nero tinham como tarefa mais difícil que frear os prazeres da juventude do jovem imperador, frear a ambição perversa da mãe dele. Ela recebeu ajuda do liberto Palas que, por conselhos, antes já teria feito Cláudio casar-se com ela, ignorando o parentesco e resultando na primeira acusação de incesto. A manobra anterior de Agripina rumo ao poder imperial foi orquestrada em duas estratégias: casar-se com o tio imperador e alcançar a adoção de Nero por este

¹¹⁹ Cf: Suet. *Calig.* 4.23 e WARDLE, D. *Suetonius' Life of Caligula: A commentary*. Brussels: Lotomus, 1994, p. 217-218.

¹²⁰ A discussão sobre a “legalização” do incesto, a partir de casamento entre tio e sobrinha, considerando a união de Cláudio e Agripina, foi analisada em: WOOD, C. B. *Exemplarity in Tacitus: literary, cultural, and political contexts*. Princeton: Princeton University. PhD diss. 2018, p. 206-207.

¹²¹ Tac. *Ann.* 12.7; Sue. *Claud.* 5.26.

¹²² Cf: GINSBURG, J. *Representing Agrippina. Constructions of Female Power in the Early Roman Empire*. Oxford: Oxford University Press, Oxford, 2006, p. 55-105 e GILLESPIE, C. Agrippina the Younger: Tacitus' *Unicum Exemplum*. In: J. Ker and C. Pieper (eds.) *Valuing the Past in the Greco-Roman World. Proceedings from the Penn-Leiden Colloquia on Ancient Values VII*. Leiden, Boston: Mnemosyne Supplements, v. 369, p. 275.

imperador. A adoção se torna, no Principado, uma alternativa legítima e jurídica na dinâmica de sucessão do poder¹²³. Sobre essa dupla manobra de Agripina, Tácito diz:

Os assassinos seriam cada vez mais frequentes se Afrânio Burro e Ânio Sêneca os não tivesse coibido. Ambos diretores do jovem imperador, e ambos amigos, coisa mui rara entre os validos de palácio, tinham um igual merecimento, fundado em virtudes diferentes. (...) Ambos se ajudavam para mais facilmente trazerem entretidos em limitados prazeres os verdes anos do príncipe, caso que as lições da virtude só por si o pudessem desgostar. O maior trabalho porém que eles tinham era o reprimir a ferocidade de uma perversa ambição de Agripina, que devorada de todas as paixões, filhas de uma perversa ambição, era ajudada por Palas, pelos conselhos do qual se havia Cláudio deitado a perder, fazendo um casamento incestuoso, e uma funesta adoção (...)¹²⁴.

Sobre a atuação de Palas, de acordo com Tácito, Nero, por índole, diferentemente de Cláudio, não confiava em escravos (ou libertos), mas tratava com honras a mãe Agripina. Assim, no fim deste trecho, é apresentado que Nero tinha desgosto por Palas, liberto de Cláudio, de modo que Tácito elogia Nero ao passo em que critica Cláudio, mas ao mesmo tempo negativiza as honras que Nero concede a mãe Agripina. Ela teve dois lictores, enquanto Lívía um, tendo esta última sido nomeada sacerdotisa de Augusto, enquanto Agripina foi de Cláudio¹²⁵. Além disso, sobre honrarias concedidas, é importante notar uma mudança anterior a Nero, com Calígula, irmão de Agripina Menor. Como observa Wood, Agripina conjuntamente as suas irmãs são as “primeiras mulheres vivas a serem representadas e identificadas pelo nome em uma emissão de moedas imperiais romanas”¹²⁶. Elas também foram as primeiras a ter seus nomes incluídos com os do imperador em juramentos públicos e a deter direitos como Vestais honorárias. Os

¹²³ Sobre o tema, ver: CORBIER, M. Male power and legitimacy through women: the *domus Augusta* under the Julio-Claudians. In: HAWLEY, Richard; LEVICK, Barbara. (eds.) *Women in Antiquity: New assessments*. London: Routledge, 1995, p. 178-193.

¹²⁴ *Ibaturque in caedes, nisi Afranius Burrus et Annaeus Seneca obviamissent. hi rectores imperatoriae iuventae et, rarum in societate potentiae, concordēs, diversa arte ex aequo pollebant (...) iuvantes in vicem, quo facilius lubricam principis aetatem, si virtutem aspernaretur, voluptatibus concessis retinerent. certamen utriusque unum erat contra ferociam Agrippinae, quae cunctis malae dominationis cupidinibus flagrans habebat in partibus Pallantem, quo auctore Claudius nuptiis incestis et adoptione exitiosa semet perverterat (...).* (Tac. Ann. 13.2).

¹²⁵ Cf: Tac. Ann. 13.2.

¹²⁶ Cf: WOOD, S. Diva Drusilla Panthea and the Sisters of Caligula. *American Journal of Archaeology*, v. 99, n. 3, 1995, p. 479.

direitos de Agripina podem ter se estendido à sua maneira de se vestir em público, como o direito de usar a infula, um adorno das sacerdotisas, muito antes de seu eventual papel como líder do culto divino de Cláudio.

Outro indício da prevalência da verossimilhança de Agripina e não de Nero ser culpado pela iniciativa do incesto é o comportamento que Nero teria passado a adotar. Ele evitou estar só com a mãe após insinuações por parte dela. Nero, dissimuladamente seria elogioso a ela, já planejando matá-la, apenas indeciso se pelo veneno, ou ferro, ou qualquer outro meio violento¹²⁷. Neste ponto, segundo Tácito, descartando a opção de veneno, devido à experiência da ocasião da morte de Britânico e por temer as possíveis precauções de Agripina relativas a este ataque, decidiu pela tentativa de assassinato por meio de um navio forjado. O liberto Aniceto contribuiu para executar esta empreitada¹²⁸. Aniceto então planejou a armadilha do navio e Nero se encarregou de dissimular honras à mãe para garantir a eficácia do plano. Para executar o plano de assassinato de Agripina na volta de Baías, Nero a ilude com agrados e provoca rumores sobre a paz em relação a ela. Tratando-a com ternura, Tácito sugere até que Nero poderia ter se arrependido na despedida. Escrevendo sobre o imperador ter se arrependido depois do crime finalmente praticado com êxito contra a mãe, o autor diz que Nero se dá conta da atrocidade de seus atos contra a mãe logo após matá-la, ficando atordoado¹²⁹.

¹²⁷ *Igitur Nero vitare secretos eius congressus, abscedentem in hortos aut Tusculanum vel Antiatem in agrum laudare, quod otium capesseret. postremo, ubicumque haberetur, praegravem ratus interficere constituit, hactenus consultans, veneno an ferro vel qua alia vi (...).* (Tac. Ann. 14.3).

¹²⁸ (...) *placuitque primo venenum. sed inter epulas principis si daretur, referri ad casum non poterat talem Britannici exitio; et ministros temptare arduum videbatur mulieris usu scelerum adversus insidias intentae; atque ipsa praesumendo remedia munierat corpus. ferrum et caedes quonam modo occultaretur, nemo reperiebat; et ne quis illi tanto facinori delectus iussa sperneret metuebat. obtulit ingenium Anicetus libertus, classi apud Misenum praefectus et pueritiae Neronis educador ac mutuis odiis Agrippinae invisus. ergo navem posse componi docet, cuius pars ipso in mari per artem soluta effunderet ignaram: nihil tam capax fortuitorum quam mare; et si naufragio intercepta sit, quem adeo iniquum, ut sceleri adsignet, quod venti et fluctus deliquerint? additurum principem defunctae templum et aras et cetera ostentandae pietati.* (Tac. Ann. 14.3).

¹²⁹ *Placuit sollertia, tempore etiam iuta, quando Quinquatruum festos dies apud Baías frequentabat. illuc matrem elicit, ferendas parentium iracundias et placandum animum dictitans, quo rumorem reconciliationis efficeret acciperetque Agrippina, facili feminarum credulitate ad gaudia. venientem dehinc obvius in litora (nam Antio adventabat) excepit manu et complexu ducitque Baulos. id villae nomen est, quae promunturium Misenum inter et Baianum lacum flexo mari adluitur. stabat inter alias navis ornatio, tamquam id quoque honori matris daretur: quippe sueverat triremi et classiariorum remigio vehi. ac tum invitata ad epulas erat, ut occultando facinori nox adhiberetur. satis constitit exitisse proditorem, et Agrippinam auditis insidiis, an crederet ambiguum, gestamine sellae Baías pervectam. ibi blandimentum sublevavit metum: comiter excepta superque ipsam collocata. iam pluribus sermonibus, modo familiaritate iuvenili Nero et rursus adductus, quasi seria consociaret, tracto in longum convictu, prosequitur abeuntem, artius oculis et pectori haerens, sive explenda simulatione, seu pe[ri]turae matris supremus adspectus quamvis ferum animum retinebat.* (Tac. Ann. 14.4).

O elemento do arrependimento acrescenta nova variável positiva quanto à possibilidade de culpa de Nero na ocasião do incesto com mãe. Até mesmo endossa certa positividade na conduta de Nero, o que torna seu possível comportamento então mais provavelmente irrepreensível frente ao incesto. Porém, Tácito conclui que, publicamente, Nero dissimulou a lamentação, o choro do luto e que diante de um contexto de descrença sobre seu sofrimento, teria se retirado para Nápoles¹³⁰. Desta forma, Tácito transforma a questão do arrependimento em ambígua e isto demonstra a imprecisão da memória sobre o passado e das personagens sobre o qual Tácito escreve, além de que esse traço da flexibilidade confirma a estrutura da exemplaridade presente na narrativa desta obra em específico. Neste sentido, Wood argumenta que, Tácito, fazendo seus *exempla* ambíguos, pode servir ao propósito construtivo de aprimorar as habilidades de raciocínio moral de seus leitores¹³¹. Sobre este traço da ambiguidade inerente aos *exempla*, ou imprecisão comum aos *exempla*, apesar de não reconhecer a exemplaridade na narrativa de Tácito (mas considerando Valério Máximo), Langlands diz:

ao retratar dilemas morais que mesmo heróis exemplares lutam para resolver, justapondo *exempla* contraditórios, apresentando *exempla* como problemáticos, extremos ou ambíguos, Valério transmite como é difícil fazer julgamentos éticos, tanto em retrospectiva (como leitor de *exempla*) quanto no momento de crise moral (como figura *exemplar* ou agente moral). Ao solicitar a reflexão moral do leitor e ao frear o impulso de prejudicar a mensagem moral de qualquer *exemplum* dado, a obra visa contribuir para o aprimoramento das habilidades éticas deliberativas e pragmáticas do leitor¹³².

Como temos indicado, as análises recentes rejeitaram a ideia de que Tácito está interessado em *exempla* e, de acordo com Wood, muitas vezes o fizeram precisamente por causa da natureza “perturbadora, extrema ou ambígua” de muitas figuras e eventos da narrativa taciteana. Contudo, Langlands, apesar de não identificar a exemplaridade em

¹³⁰ *ipse diversa simulatione maestus et quasi incolumitati suae infensus ac morti parentis inlacrimans. quia tamen non, ut hominum vultus, ita locorum facies mutantur, obversabaturque maris illius et litorum gravis adspectus (et erant qui crederent sonitum tubae collibus circum editis planctusque tumulo matris audiri), Neapolim concessit* (Tac. Ann. 15.10).

¹³¹ Cf: WOOD, C. B. *Exemplarity in Tacitus: literary, cultural, and political contexts*. Princeton: Princeton University. PhD diss. 2018, p. III.

¹³² In: LANGLANDS, R. Reading for the Moral in Valerius Maximus: The Case of Severitas. *Cambridge Classical Journal*, v. 54, 2008, p. 163.

Tácito, apoiando-se em trabalhos anteriores que enfatizaram, em alguma medida, a flexibilidade dos *exempla*, como o de Chaplin, tem notadamente demonstrado que essas características convidam os leitores a se envolver com a moral e os julgamentos do texto para desenvolver os seus próprios. Assim, abre-se um caminho interpretativo para a exemplaridade em Tácito. Wood destaca que até mesmo alguns dos primeiros leitores modernos de Tácito, já haviam concretamente percebido que a historiografia do autor poderia ter esse tipo de efeito. Por exemplo, Traiano Boccalini, em sua obra satírica de 1612, chamada *Ragguagli di Parnasso*, relata que vários grandes príncipes prenderam Tácito sob a acusação deste tipo de estímulo ao leitor¹³³.

A ambiguidade sobre as figuras do período envolvida na narrativa exemplar deste episódio de Tácito, é também reforçada com o arrependimento de Nero sendo contrastado com sua possível conduta imediatamente após a morte de Agripina. Tácito apresenta a possibilidade de que o filho teria profanado o cadáver da mãe, dizendo que havia pessoas que afirmavam que isto seria verdade e outras que negariam¹³⁴. Portanto, todas essas alternativas e aberturas para possibilidades, formulação de questões e reflexões que são estimuladas ao leitor, configura a narrativa de caráter exemplar em Tácito. Contudo, é notável que, enquanto ainda permaneça a Nero mais dúvida ou alternativas em relação a sua performance moral, sobretudo, relativas aos traços de perversidade e inescrupulosidade em relação a mãe nestas situações, ainda que tenha concluído seu assassinato, para o comportamento de Agripina não restam dúvidas: tanto é assim, que ela precisou sofrer o matricídio.

Por conseguinte, contribui para a ideia de culpa de Agripina no incesto o que Tácito relata sobre sua morte e seu *post mortem*: “havia já muitos anos que Agripina conhecia qual seria o seu destino, e nunca tinha feito caso; porque tendo consultado os Caldeus a respeito de Nero, e respondendo-lhe eles – que reinaria para matar a sua mãe, a isto só replicou: - Pois que me mate, contanto que reine”¹³⁵. Neste contexto, a morte da mãe ou do filho era iminente, tendo Sêneca e Burro assumido que um dos dois teria que

¹³³ WOOD, C. B. *Exemplarity in Tacitus: literary, cultural, and political contexts*. Princeton: Princeton University. PhD diss. 2018, p. 28; 28-31 (para um sumário das correntes interpretativas sobre Tácito). Para a passagem em Boccalini, ver: MELLOR, R. *Tacitus: The Classical Heritage*. New York, London: Garland Publishing, 1995, p. 56.

¹³⁴ *Haec consensu produntur. aspexerint matrem exanimem Nero et formam corporis eius laudaverit, sunt qui tradiderint, sunt qui abnuant.* (Tac. Ann. 14.9).

¹³⁵ (...) *hunc sui finem multos ante annos crediderat Agrippina contempseratque. nam consulenti super Nerone responderunt Chaldaei fore ut imperaret matremque occideret; atque illa "occidat" inquit, "dum imperet".* Tac. Ann. 14.9.

morrer, concordando então com Nero pela morte da mãe e escolhendo seus lados¹³⁶. A resposta de Agripina indica que ela, como mãe, seria tão determinada a atuar para promover a ascensão do filho que, dominada por tal ambição, se resignaria ao saber sobre o seu destino, acatando-o obedientemente. Isto demonstra o aspecto da ambição pessoal, voltada a promoção individual ou da família, que temos destacado como característica que orienta a visão crítica, especialmente taciteana, de uma decadência moral no Principado. Essas ações morais se afastam da noção de uma performance moral de agentes que atuariam para a promoção do bem público de Roma.

1.3 Família e ambição maternal na disputa pelo poder imperial

Agripina Menor, por meio da maternidade e, mais particularmente, pelo lugar de mãe de imperador ou figura concorrente ao poder imperial, encontra uma variante que agrava sua atuação moral¹³⁷. O vínculo entre defeitos morais e maternidade que ocorre aqui é apresentado também por meio de outras figuras femininas destacadas da aristocracia imperial romana, como a mãe de Agripina, Agripina Maior, e Lúvia, primeira imperatriz romana¹³⁸. Notamos que a bibliografia que estudou as figuras imperiais, majoritariamente, não as estudou como *exempla*. Exceções são os trabalhos que temos discutido anteriormente, de Gillespie (2014) sobre Agripina Menor como *unicum exemplum*, como já vimos, e Wood (2018), que apesar de reconhecer os *exempla* em Tácito, não abordou os femininos especificamente. Por outro lado, a relação entre traços morais e maternidade igualmente se adequa à representação das rainhas da história inicial de Roma, nomeadamente, Tanaquil e Túlia. Neste caso, nota-se que nos estudos de *exempla* femininos em Lúvio, aborda-se mais amplamente figuras que tiveram alguma performance que pôde ser interpretada como heróica para um contexto romano de crise,

¹³⁶ Cf: Tac. *Ann.* 14.7.

¹³⁷ Sobre o tema da maternidade e mulheres romanas, ver: HALLETT, J. P. Cornelia and her Maternal Legacy. *Helios*, v. 33, n. 2, 2006, p. 119-147; HALLETT, J. P. Fulvia, mother of Iullus Antonius: new approaches to the sources on Julia's adultery at Rome. *Helios*, n° 33, 2006, p. 149-164; BARRETT, A. A. *Agrippina, Sister of Caligula, Wife of Claudius, Mother of Nero*, London: Batsford, 1996 e GINSBURG, J. *Representing Agrippina. Constructions of Female Power in the Early Roman Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

¹³⁸ Cf: HALLETT, J. P. Women in Augustan Rome. In: JAMES, S. L.; DILLON, S. (eds.). *A Companion to Women in the Ancient World*. Malden, Oxford: Wiley-Blackwell, 2012, p. 372-384 e TREGGIARI, S. Women in the Time of Augustus. In: GALINSKY, K. (eds.). *The Cambridge Companion to the Age of Augustus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 130-48. Para Lúvia, em específico, ver: BARRETT, A. A. *Livia, First Lady of Imperial Rome*. New Haven: Yale University Press, 2002 e PURCELL, N. Livia and the womanhood of Rome. *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, n. 32, 1986, p. 78-105.

com exemplo de Cloélia, as mulheres sabinas ou mesmo Lucrecia, enquanto as rainhas Tanaquil e Túlia são menos estudadas como *exempla* da narrativa liviana. Contudo, as rainhas foram analisadas de forma breve como *exempla* por alguns autores¹³⁹. Keegan, por exemplo, considera a exemplaridade em sua análise, especialmente no primeiro capítulo “Women and the art of exemplary storytelling” e discute a ação dessas duas rainhas, fazendo comparações entre elas, contudo, não evidencia diretamente o caráter exemplar na análise de casos concretos, especialmente para a análise que propõe dessas duas personagens específicas¹⁴⁰. A primeira dessas rainhas interveio para que seu marido e, posteriormente, seu genro, se tornassem reis. A segunda, corroborou para tornar seu marido rei e tirar o antecessor, seu pai, do poder. Essas deformações morais de mulheres influenciando e intervindo para que homens alcancem o mais alto poder, de rei ou imperador, se faz um elemento estruturador da narrativa sobre mulheres da história de Roma.

No caso de figuras imperiais, há ainda um lugar especial para mães que se inserem na disputa pelo poder imperial em nome de seus filhos. Esses são traços morais essenciais nas caracterizações das mulheres nas narrativas sobre o Principado. Por outro lado, houve mães que se destacaram na história anterior mesmo à fundação de Roma, como Lavínia que por décadas garantiu o lugar de liderança do filho até que este tivesse idade para assumir o posto, como iremos ver adiante.

As obras dos autores sobre o início do período imperial, frequentemente, apresentam uma tópica sobre figuras imperiais femininas como mães ambiciosas e que lideram manobras. Motivadas a fazerem com que seus filhos atinjam o poder imperial, elas não interrompem suas atuações e intervenções ambiciosas quando os objetivos para os filhos são atingidos. Assim, mães de imperadores ou concorrentes ao poder também são apresentadas passando a disputarem com os próprios filhos o poder e a autoridade imperial. Essa visão é clara no relato de Tácito¹⁴¹.

O desequilíbrio da ambição maternal na narrativa das fontes parece se acentuar quando as referidas mães se aproximam da condição de deixarem de ser esposas e

¹³⁹ Por exemplo, em: STEVENSON, Tom. *Women of early Rome as exempla in Livy, Ab Urbe Condita, Book 1*. *Classical World*, v. 104, n. 2, p. 175-189, 2011, p. 183-185 e BALMACEDA, Catalina. *Las mujeres de Livio: exempla, pasado y presente*. Vinã del Mar: Intus-legere historia, Vol. 14, N° 1, 2020, p. 168-189.

¹⁴⁰ Cf: KEEGAN, P. *Livy's women: crises, resolutions, and female in Rome's foundation History*. New York: Routledge, 2021, p. 160-178.

¹⁴¹ Cf: L'HOIR, F. S. Tacitus and Women's Usurpation of Power. *Classical World*, v. 88, 1994, p. 5-25 e RUTLAND, L.W. Women as Makers of Kings in Tacitus' *Annals*. *Classical World*, v. 72, 1978, p. 15-29.

tornarem-se viúvas. Em alguns casos, a mulher é acusada de ter contribuído para a morte do marido, como foi sugerido no relato taciteano sobre a morte de Augusto¹⁴². A explicação deste gradual crescimento da ambição feminina e do desequilíbrio materno se encontra no sentido de que, quanto mais próximo do momento de ápice em meio ao ambiente de corrida na sucessão imperial, mais elas mesmas se tornam possíveis alvos. Conjuntamente com seus filhos, mães de potenciais imperadores são percebidas como agentes que reagem ao ambiente político por meio de intervenções que se dão na forma de assassinatos, casamentos e outras estratégias. As fontes trazem, por exemplo, um caso mais extremo, o assassinato de Agripa Póstumo, que teria sido cometido por Lívía para garantir o império ao seu filho Tibério e um outro exemplo, menos violento, está na ideia de que Agripina Maior teria cativado soldados e atuado no exército, até mesmo em lugar de seu marido Germânico, introduzindo seu filho Calígula, ainda criança, vestido como soldado¹⁴³.

A explicação sobre como mulheres se tornam alvos nesse período é, claramente, devido a uma nova dinâmica nas relações familiares construídas no início do Principado. Essas mães ou mulheres que podem gerar imperadores ganham importante papel em meio a casamentos, geração de filhos e adoções¹⁴⁴. Neste sentido,

Como nos ensina Saller (1994 95ss), a família como entidade composta por parentescos consanguíneos vai perder importância no Império. Passam a ter cada vez mais peso as relações de parentescos ágnatas, geradas por casamentos e adoções, por exemplo. A família vai deixando de ser progressivamente o resultado de uma ascendência genética – a respeito da qual nada se pode fazer – para corresponder a um conjunto de relações que se pode construir¹⁴⁵.

¹⁴² Cf: BARRETT, A. A. *Livia, First Lady of Imperial Rome*. New Haven: Yale University Press, 2002 e PURCELL, N. Livia and the womanhood of Rome. *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, n. 32, 1986, p. 78-105.

¹⁴³ Cf: MARTINS, Caroline Morato. *Modelos éticos femininos na Roma Antiga: uma análise sobre a construção da fama de Lívía Drusila e Agripina Maior*. Belo Horizonte: Outros Tempos, v. 17, n. 29, 2020, p. 83-99.

¹⁴⁴ Cf: MILNOR, K. *Gender, Domesticity, and the Age of Augustus: Inventing Private Life*, Oxford University Press, Oxford, 2005 e TREGGIARI, S. Women in the Time of Augustus. In *The Cambridge Companion to the Age of Augustus*, edited by K. Galinsky. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, 130-48.

¹⁴⁵ JOLY, Fábio Duarte; FAVERSANI, Fábio. Os Júlio-Cláudios. In: BRANDÃO, José Luís (coord.); OLIVEIRA, Francisco de (coord.). *História de Roma Antiga: volume II: Império Romano do ocidente e romanidade hispânica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, p. 85.

No caso de Agripina Menor, predestinada a morrer para a perpetuação do poder do filho, ela atua como mãe ambiciosa antes mesmo de se tornar viúva. O casamento com Cláudio foi descrito como manobra para alcançar a adoção de Nero pelo tio. Mesmo antes do governo de Cláudio, há indícios da atuação ambiciosa de Agripina no reinado de seu irmão, Calígula. Há o famoso e isolado relato de que Calígula teria mantido relações incestuosas com todas as suas três irmãs. Ele teria um especial apreço por Drusila, mas não teria mostrado a mesma paixão e cuidado com as outras duas, pois frequentemente as prostituía para terceiros, além de ter garantido o exílio e perda do patrimônio delas. Calígula, no relato de Suetônio, parece utilizar propositalmente Agripina Menor e Júlia Lívila como amantes para Emílio Lépidio, marido de Drusila, a fim de condenar este, esposo de sua predileta, e as duas irmãs por adultério e conspiração. Assim, Calígula teria confiscado os bens dessas suas duas irmãs e armado a morte de seu rival¹⁴⁶. Suetônio responsabiliza Calígula, uma vez que ele teria então articulado as duas irmãs por ele desprezadas para acusar aos três envolvidos, ao passo em que se livraria de Emílio Lépidio, executando-o, e ainda tomaria as riquezas delas para si. Ainda que o alvo da crítica seja Calígula e não uma de suas irmãs, no relato Agripina Menor aparece envolvida em relações incestuosas. Apesar de sabermos que essa informação transmitida por Suetônio não possui respaldo, como deixaremos mais claro a seguir. Entretanto, além de envolvida em incesto, ela é apresentada no episódio associada ao crime de adultério.

Já há bastante tempo, contudo, as interpretações modernas apontam dúvida sobre a veracidade sobre a acusação de incesto entre Agripina e o irmão apresentada por Suetônio. Os supostos incestos cometidos por Calígula com suas irmãs carregam pouco crédito, em grande parte, por não haver outros autores antigos contemporâneos, além de Suetônio, que os mencione. Além disso, trata-se de uma acusação construída muito posteriormente e pouco confiável, como argumenta Winterling:

¹⁴⁶ *Cum omnibus sororibus suis consuetudinem stupri fecit plenoque convivio singulas infra se vicissim conlocabat uxore supra cubante. Ex iis Drusillam vitiasse virginem praetextatus adhuc creditur atque etiam in concubitu eius quondam deprehensus ab Antonia avia, apud quam simul educabantur; mox Lucio Cassio Longino consulari conlocatam abduxit et in modum iustae uxoris propalam habuit; heredem quoque bonorum atque imperii aeger instituit. Eadem defuncta iustitium indixit, in quo risisse lavisse cenasse cum parentibus aut coniuge liberisque capital fuit. Ac maeroris impatiens, cum repente noctu profugisset ab urbe transcucurrissetque Campaniam, Syracusas petit, rursusque inde propere rediit barba capilloque promisso; nec umquam postea quantiscumque de rebus, ne pro contione quidem populi aut apud milites, nisi per numen Drusillae deieravit. Reliquas sorores nec cupiditate tanta nec dignatione dilexit, ut quas saepe exoletis suis prostraverit; quo facilius eas in causa Aemili Lepidi condemnavit quasi adulteras et insidiarum adversus se conscias ei. Nec solum chirographa omnium requisita fraude ac stupro divulgavit, sed et tres gladios in necem suam praeparatos Marti Ultori addito elogio consecravit (Sue. Calig. 4,24).*

Em relação aos ‘Césares loucos’ de Roma, os estudiosos há tempos estão cientes de que a maneira pela qual esses imperadores são retratados nas fontes antigas não apenas é claramente pouco confiável, mas, em grande medida, caracterizada por declarações que são evidentemente incorretas. Isto pode ser ilustrado com o exemplo do pretense incesto do imperador Calígula com suas irmãs. Ambas as fontes contemporâneas disponíveis – neste caso, o senador romano Sêneca e Filo de Alexandria – ignoram esta acusação, embora ambos os autores estivessem familiarizados com a corte e a aristocracia de Roma e, sem dúvida, teriam conhecimento de tais assuntos se de fato tivessem ocorrido. Uma vez que seus relatos mostram-se abertamente hostis ao imperador, é muito improvável que não o tivessem acusado de incesto se soubessem do episódio. Em seus *Anais*, Tácito, que escreve mais de seis décadas depois, no início do século II d.C., considera Agripina (irmã de Calígula e depois esposa do imperador Cláudio) capaz até de tentativa de incesto com seu próprio filho, o jovem imperador Nero, e enumera os casos de adultério de que ela tinha sido acusada (*Tac. Ann.* 14.2); no entanto, não relata o incesto com seu irmão, o que viria bem a calhar na sua caracterização. É apenas na biografia de Calígula, escrita por Suetônio alguns anos depois de Tácito, que se afirma que o imperador tivera relações sexuais com suas três irmãs (*Suet. Cal.* 24)¹⁴⁷.

Outra interpretação coerente sobre a possibilidade deste incesto foi sugerida nos seguintes termos por Joly e Favarsani:

Embora tais atos tenham sido interpretados pelos autores antigos – e por parte da historiografia moderna que subscreve a imagem de Calígula como um “imperador louco” –, observa-se na ênfase de Calígula em suas irmãs uma certa racionalidade no sentido de que honrá-las publicamente era honrar o remanescente da família de Agripina e Germânico, alvo de perseguições por Sejano sob Tibério.

¹⁴⁷ In: WINTERLING, A. *Loucura imperial na Roma antiga*. São Paulo: História [online]. vol.31, 2012, p.5.

Significava, assim, preparar o público para a aceitação de qualquer filho de suas irmãs como potenciais herdeiros do trono¹⁴⁸.

Portanto, a relação de Calígula com as irmãs mais tinha haver com a lógica de manutenção e sucessão do poder na casa imperial do que comportamentos que apontavam para o incesto. Considerando tais ponderações e interpretações mais cautelosas na análise do relato desta outra situação de incesto envolvendo Agripina Menor, concluímos que, independentemente de quaisquer que tenham sido os comportamentos de Agripina envolvendo Calígula, são sugeridas relações ambiciosas e reprováveis associadas a ela por parte das fontes que a mencionam. Tanto é assim que o resultado de suas ações, praticadas ou não, encontraram um desfecho negativo nesta situação. Ela fora exilada para as ilhas Pontinas por Calígula, assim como sua irmã Lívila¹⁴⁹.

Retomando ao contexto de Agripina após o reinado de Calígula, observamos que a ação de Agripina de casar-se com Cláudio e promover a adoção do filho, coloca-o diretamente na linha da sucessão imperial¹⁵⁰. Esta ação é concluída com sua interferência mais drástica para atingir seu objetivo de fazer de seu filho imperador: o assassinato de Cláudio ainda como imperador. Agripina, aproveitando que Cláudio ficou doente, seguiu na execução de seu projeto, descrito como “horroroso”. Ela usou de um dos instrumentos famoso e eficaz na disputa por poder deste período. Trata-se da figura de Locusta, famosa por preparar venenos. Na ocasião, associada ao eunuco Haloto, aplicou o veneno em uma das refeições favoritas de Cláudio, de acordo com Tácito¹⁵¹. Suetônio sugere a morte de

¹⁴⁸ “Cabe ressaltar que, durante o principado de Calígula, as mulheres da família imperial receberam até então o mais público reconhecimento de seu poder e importância dinástica. As honras conferidas a suas irmãs (Agripina, Drusila e Julia Lívila) e a mãe destacam-se na primeira cunhagem de moedas inteiramente devotadas (isto é, tanto no anverso quanto no reverso) a uma mulher (um sestércio dedicado a Agripina, a Velha); pelo fato de terem sido as primeiras mulheres vivas representadas e nomeadas numa emissão de moedas romanas imperiais (as três irmãs de Calígula num sestércio de 37-8 d.C.); as primeiras mulheres cujos nomes foram incluídos em juramentos públicos junto com aqueles endereçados ao imperador; as primeiras mulheres a deterem os direitos de virgens vestais (suas irmãs e Antônia Menor, sua avó); a primeira mulher (Drusila) a ser nomeada no testamento de um imperador como herdeira de seu *imperium*, bem como a primeira a ser deificada (Wood 1995; Griffin 1984 26)”. In: JOLY, Fábio Duarte; FAVERSANI, Fábio. Os Júlio-Cláudios. In: BRANDÃO, José Luís (coord.); OLIVEIRA, Francisco de (coord.). *História de Roma Antiga: volume II: Império Romano do ocidente e romanidade hispânica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, p. 84-85.

¹⁴⁹ *Relegatis sororibus non solum insulas habere se, sed etiam gladios minabatur* (Sue. *Calig.* 4.29).

¹⁵⁰ GODOLPHIN, F. R. B. A Note on the Marriage of Claudius and Agrippina. *Classical Philology*, v. 29, 1934, p. 143-145.

¹⁵¹ *In tanta mole curarum valetudine adversa corripitur, refovendisque viribus mollitia caeli et salubritate aquarum Sinuessam pergit. tum Agrippina, sceleris olim certa et oblatae occasionis propera nec ministrorum egens, de genere veneni consultavit, ne repentino et praecipiti facinus proderetur; si lentum et tabidum delegisset, ne admotus supremis Claudius et dolo intellecto ad amorem filii rediret. exquisitum aliquid placebat, quod turbaret mentem et mortem differret. deligitur artifex talium vocabulo Locusta,*

Cláudio por Agripina, mas diz que não é consenso, havendo unanimidade quanto a forma (veneno), mas não sobre o lugar, quando ocorreu e por quem foi cometido o envenenamento¹⁵². Além disto, no fim de sua vida, Cláudio deu a entender que lamentava o casamento com Agripina e a adoção de Nero. Falou que todas suas mulheres foram impudicas e que permaneceram na impunidade e previu em Britânico, que seria envenenado por Nero, um verdadeiro César¹⁵³.

É relatado que Nero, logo após a morte de Cláudio, deixou para mãe “a alta direção de todos os negócios públicos e privados. No primeiro dia de seu principado, chegou a dar como senha ao tribuno de serviço a expressão: ‘A melhor das mães’. Frequentemente era visto a passear com ela em público, de liteira”¹⁵⁴. Suetônio, criticando os hábitos sexuais de Nero, sobre o incesto com a mãe sugere que a relação incestuosa foi impedida pelos inimigos de Agripina, que temiam a expansão de seu já enorme poder. Sugere, diferentemente de Tácito, que de fato o incesto se concretizou e esta imagem dos passeios na liteira têm peso importante, pois diz ele: “(...) todas as vezes que saía de liteira com a mãe, abandonava-se à sua paixão incestuosa, sendo denunciado por manchas nas roupas”¹⁵⁵.

Após o assassinato de Cláudio, a influência e poder de Agripina parece se acentuar, especialmente sob seu filho em exercício do poder. Houve frequentes críticas nos relatos sobre as honrarias e intervenções nas decisões imperiais a partir deste momento. Destacamos duas situações que evidenciam a intervenção de Agripina no governo do filho ou mesmo sua sobreposição ao imperador. A primeira situação a descreve usando uma porta oculta, ouvindo escondida atrás de cortina os encontros

nuper veneficii damnata et diu inter instrumenta regni habita. eius mulieris ingenio paratum virus, cuius minister e spardonibus fuit Halotus, inferre epulas et explorare gustu solitus (Tac. Ann. 12.66).

¹⁵² Cf: Suet. *Claud.* 4.44: *Non multoque post testamentum etiam conscripsit ac signis omnium magistratuum obsignavit. Prius igitur quam ultra progredetur, praeventus est ab Agrippina, quam praeter haec conscientia quoque nec minus delatores multorum criminum arguebant. Et veneno quidem occisum convenit; ubi autem et per quem dato, discrepat. Quidam tradunt epulanti in arce cum sacerdotibus per Halotum spadonem praegustatorem; alii domestico convivio per ipsam Agrippinam, quae boletum medicatum auidissimo ciborum talium optulerat. Etiam de subsequentibus diversa fama est. Multi statim hausto veneno obmutuisse aiunt excruciatumque doloribus nocte tota defecisse prope lucem. Nonnulli inter initia consopitum, deinde cibo afflvente euomuisse omnia, repetitumque toxico, incertum pultine addito, cum velut exhaustum refici cibo oporteret, an immisso per clystera[m], ut quasi abundantia laboranti etiam hoc genere egestionis subveniretur.*

¹⁵³ Cf: Suet. *Claud.* 5.43.

¹⁵⁴ *Matri summam omnium rerum privatarum publicarumque permisit. Primo etiam imperii die signum excubanti tribuno dedit "optimam matrem" ac deinceps eiusdem saepe lectica per publicum simul vectus est (Suet. Ner. 6.9).*

¹⁵⁵ *Olim etiam quotiens lectica cum matre veheretur, libidinatam incese ac maculis vestis proditum affirmant (Suet. Ner. 6.28).* In: Suet. *Vit.* Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Introdução de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Ed. Germape, 2003, p. 233-234.

políticos de Nero no palácio. A segunda situação ocorre durante encontro político com a representação da Armênia no palácio com Nero, quando Agripina quis sentar-se em trono imperial para presidir o encontro e cerimônia juntamente a ele, mas Sêneca impede¹⁵⁶.

O exercício de atuação de Agripina, que utilizou, entre suas estratégias de ascensão, o casamento e a geração de filhos, se conecta à atuação de figuras femininas que a antecederam. No cerne do debate presente na literatura vinculado à representação de mulheres do início do período imperial, estiveram as motivações que guiaram essas mulheres bem como as consequências das suas atuações. De acordo com Chambers,

reconhecer publicamente a bravura e os feitos honorários das mulheres começou a se normalizar nesse período. No entanto, estes feitos foram muitas vezes circunscritos a esferas estreitas de atividade, nomeadamente no contexto do ambiente privado/doméstico que exigia a mediação da voz autoral masculina para as tornar mais conhecidas, e na medida em que as mulheres (não imperiais) pode ter sido inspirado por outros exemplos femininos para imitar seus atos é recebido com silêncio nas fontes¹⁵⁷.

Nota-se que a autora tem uma percepção de uma recepção menos crítica nas fontes antigas sobre a atuação de mulheres imperiais e a transformação de suas agências da República ao Principado. Além disso, ela analisa como *exempla* representações femininas imperiais, sobretudo nas obras de Valério Máximo, Sêneca e Plínio, não considerando Tácito em sua abordagem. Neste sentido, em nossa perspectiva, o tema concernente à atuação feminina apresenta uma ideia sobre um equilíbrio ou a inexistência deste entre o bem próprio e o bem comum à Roma fomentado pelas ações de mulheres. Por isso, iremos averiguar a seguir um panorama deste repertório, constituído de mulheres paradigmáticas precedentes e ao qual se relaciona Agripina Menor, considerado, como analisa Balmaceda, um contexto em que:

o poder da matrona romana não se limitava à *auctoritas*, aquela ascendência ou prestígio moral que exibe poder sem coerção. Pelo contrário, algumas dessas matronas tinham um poder tão real e certo

¹⁵⁶ Cf: Tac. *Ann.* 13.5.

¹⁵⁷ In: CHAMBERS, L. *Exemplarity in Early Imperial Rome: gendered usability and literary constructions of female exempla*. Manchester: University of Manchester. PhD diss. 2021, p. 16.

que de alguma forma representava um paradoxo político para Roma: as mulheres exerciam grande poder e influência em uma sociedade que carecia de um arranjo constitucional para o poder e a influência femininos¹⁵⁸.

Contudo, talvez esse poder não fosse tão paradoxal, considerando-se que a sociedade romana e sua produção literária responde a essa atuação feminina, havendo uma tensão na sociedade em relação a este poder de atuação de mulheres. Isto é o que mostra os *exempla* de Lívio e os retratos das mulheres imperiais representadas por Tácito. Sobre esta tensão entre uma expectativa de se (re)fundar junto a casa e família imperial modelos morais, especialmente femininos, e a realidade (e consequências) que se observa sobre a atuação dessas primeiras mulheres imperiais, Gillespie observa:

Durante seu reinado, Augusto apresentou as mulheres de sua família como modelos de virtude, que se modelaram após as mulheres da república. Augusto divulgou as virtudes tradicionais e as habilidades domésticas de sua esposa Lívia, irmã Otávia, filha Júlia e neta Júlia, incluindo a alegação de que ele usava roupas moldadas por essas mulheres. Suetônio registra que Augusto teve sua filha e netas treinadas em fiação e tecelagem, e que o imperador as aconselhou a não fazer ou dizer qualquer coisa secretamente, que não pudesse ser registrada no registro diário. Augusto incentivou assim a conformidade com a conexão estabelecida entre artes domésticas, uma aparência modesta e um caráter ereto. A imagem de Augusto em roupas tecidas pelas mulheres de sua família insinuava que essas mulheres haviam incutido as virtudes associadas às tecelãs desde a época de Penélope. A modéstia e a falta de luxo caracterizavam a aparência geral dos membros da *domus* Augusta; no entanto, nem todas as mulheres desta casa seguiram a convenção. A filha de Augusto, Júlia, falhou em atender às expectativas de seu pai, e sua moral enfraquecida estava ligada à sua maneira de se vestir¹⁵⁹.

¹⁵⁸ BALMACEDA, Catalina. *Las mujeres de Livio: exempla, pasado y presente*. Vinã del Mar: Intus-legere historia, Vol. 14, N° 1, 2020, p. 184. Tradução nossa.

¹⁵⁹ In: GILLESPIE, C. Agrippina the Younger: Tacitus' *Unicum Exemplum*. In: KER, J; PIEPER, C. (eds.). *Valuing the Past in the Greco-Roman World. Proceedings from the Penn-Leiden Colloquia on Ancient Values VII*. Leiden, Boston: Mnemosyne Supplements, v. 369, p. 272-273. Cf. Suet. *Aug.* 64.2; 73.1.

A tensão, neste contexto, também é evidenciada por algumas medidas jurídicas em movimento de tentativa de contenção dessas atuações de mulheres. Tais medidas foram chamadas frequentemente pela historiografia como de reformas morais de Augusto, como a *lex Iulia de maritandis ordinibus* (18 a.C.) e a *lex Iulia de adulteriis* (17 a.C.), que voltaremos a discutir adiante. O estudo de Azevedo considerou centralmente a ‘Lei Júlia’ sobre adultério, promulgada por Augusto por volta de 18 a.C e que integra de um conjunto de três leis: *Lex Iulia de adulteriis*, *Lex Iulia de maritandis ordinibus* e *Lex Pappia Popaea*. Chamadas de Leis matrimoniais de Augusto, segundo a autora, a legislação teve como objetivo uma reorganização social da aristocracia romana:

tal reorganização foi pautada por uma delimitação e incorporação de certos costumes nas leis. Deste modo, pode-se dizer que não foi uma reorganização completa, por ter reafirmado e reconhecido certos costumes já existentes. Entretanto, a validação de certos costumes pela lei incorreu na invalidação de outros costumes, de modo que certas práticas perderam sua legitimidade, provocando estranhamento e reação por parte da aristocracia. Esta reação é caracterizada por uma ideia de interferência ilegítima do governante principalmente porque ele transferiu para a esfera pública muitos dos mecanismos que pertenciam à ordem privada e doméstica, acarretando em uma reconfiguração das funções, direitos e deveres do *pater famílias*¹⁶⁰.

1.4 Dos primórdios do exercício da liderança e intervenção feminina: Vênus, Lavínia e Reia Sílvia como precedentes de atuação e poder na progenitura feminina

A atuação de mulheres representadas por Tácito se associa a um amplo repertório de personagens femininas precedentes, na história de Roma. Essas figuras fundamentais no mito fundacional de Roma, portanto, precedem as mulheres associadas à dinastia Júlio-Claudiana¹⁶¹. O repertório é formado pela representação de mulheres tomadas como paradigmáticas e centrais no debate sobre a moral e sua decadência em Roma. Este repertório também se construiu dentro da tradição da exemplaridade. Por meio desta

¹⁶⁰ In: AZEVEDO, Sarah F. L. *O adultério, a política imperial e as relações de gênero em Roma*. FFLCH-USP (Tese de doutorado), São Paulo, 2017, p. 19.

¹⁶¹ Sobre as diferenças da exemplaridade em Tácito, em relação aos seus antecessores, Lívio e Salústico, e sobre as especificidades da exemplaridade imperial, ver: WOOD, C. B. *Exemplarity in Tacitus: literary, cultural, and political contexts*. Princeton: Princeton University. PhD diss. 2018, p. 15-17; 18-23.

tradição, temporalidades diferentes foram conectadas pela tópica da moralidade e a construção de uma ideia de decadência. O passado é tomado não como um parâmetro imóvel de orientação para o presente, ou uma mera bússola, mas é construído simultaneamente à visão que se cria sobre o presente, como já apresentamos pela conceituação de *allelopoiesis*.

Um tema importante nas histórias sobre mulheres que foram representadas como agentes sociais centrais da História de Roma que precede o tempo de Agripina Menor é a do exercício de posições de liderança e o poder de interferência de certas mulheres através da geração de filhos. A progenitura é ponto crucial para a representação das mulheres da Roma inicial, uma vez que elas poderiam redesenhar a sucessão do poder pela geração de filhos com elo sanguíneo, que legitimava o poder monárquico¹⁶². Tito Lívio apresentou uma sucessão de mulheres que foram agentes que alteraram os eventos ocorridos, ao gerarem seus filhos ou serem alvos de ataques ou favorecimentos por essa possibilidade. Nesta sucessão de *exempla* femininos de Lívio, perdura o tópico da progenitura e, em alguns casos, o da atuação de mães como líder.

Vênus

Logo após o prólogo de sua obra, Tito Lívio apresentou no princípio de seu primeiro livro as figuras de Vênus, como mãe de Enéias, fruto da sua relação com Anquises, e Lavínia, esposa de Enéias e filha do rei Latino, que discutiremos no tópico seguinte. A divindade Vênus é fundamental no processo de legitimação do poder imperial, uma vez que ela foi diretamente associada à linhagem dinástica da família imperial¹⁶³. Gillespie observa que imagens de mulheres imperiais em estatuária e cunhagem serviam como ilustrações de virtudes femininas específicas, tais como *pudicitia*, que trabalharemos em detalhes adiante, bem como a *fecunditas*, e associavam essas mulheres a deusas como

¹⁶² Para ver mais sobre a dinâmica dos laços familiares romanos e suas transformações, cf: SALLER, R. *The Family in Italy: from Antiquity to the Present*. New Haven, London: Yale University Press, 1991; HOLBROOK, A. L. *Constructions of the family in Livi's Ab urbe condita*. Hamilton: McMaster University. PhD diss. 2009; HAWLEY, Richard; LEVICK, Barbara. *Women in Antiquity: New assessments*. London: Routledge, 1995.

¹⁶³ Sobre as imagens augustanas femininas e domésticas vinculadas ao Império, ver: BELL, S; HANSEN, I. L. (eds.). *Role Models in the Roman World: Identity and Assimilation*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2008, p. 17 e RAMSBY, T. R; SEVERY, B. Gender, Sex, and the Domestication of the Empire in Art of the Augustan Age. *Arethusa*, v. 40, 2007, p. 43-71.

Ceres, Venus Genetrix ou Cibele¹⁶⁴. Essas identificações, segundo a autora, mostram que as mulheres imperiais simbolizavam ideais ligados à família e ao estado, incluindo fecundidade, modéstia e maternidade¹⁶⁵. O nível de agência que as mulheres imperiais tinham sobre suas aparências esculturais e representações em monumentos dinásticos e moedas imperiais, de acordo com a autora, continua sendo uma questão difícil de debate, embora as benfeitorias públicas fornecessem um espaço em que uma mulher imperial poderia privilegiar e promover certas virtudes imperiais¹⁶⁶. Por exemplo, como ressaltou a autora, Lívia, esposa de Augusto, nessa esfera de monumentos e representações públicas, foi elogiada como o novo ideal imperial, assim como sua maneira de se exibir publicamente e seus descendentes associados¹⁶⁷.

Lívio iniciou seu primeiro livro enfatizando que a história de fundação de Roma que contará, em primeiro lugar, é consenso amplamente aceito (*iam primum omnium satis constat*), estabelecendo então a origem de Roma vinculada a Tróia. O autor contou que Enéias e Antenor, após a devolução de Helena, sobreviveram à guerra¹⁶⁸. Antenor teria alcançado o lado mais recuado do mar Adriático acompanhado de inúmeros ênetos que, expulsos da Paflagônia buscavam um novo líder em substituição ao seu rei Pelêmenes, morto em Tróia. Então, este grupo expulsou um povo chamado eugânios, que ocupavam a região entre o mar e os Alpes, com ênetos e troianos ocupando essa região. De acordo com Lívio, o lugar onde desembarcaram foi chamado de Tróia, dando origem então ao nome do povoado de Tróia e aos povos em sua totalidade chamou-se vênetsos¹⁶⁹.

¹⁶⁴ Cf: GILLESPIE, C. Agrippina the Younger: Tacitus' *Unicum Exemplum*. In: KER, J; PIEPER, C. (eds.). *Valuing the Past in the Greco-Roman World. Proceedings from the Penn-Leiden Colloquia on Ancient Values VII*. Leiden, Boston: Mnemosyne Supplements, v. 369, p. 274.

¹⁶⁵ Sobre a associação das imagens femininas às virtudes mencionadas, ver: MIKOCKI, T. *Sub specie deae: Les impératrices et princesses romaines assimilées à des déesses*. Rome: Bretschneider, 1995. Sobre a cunhagem de moedas com mulheres associadas às divindades, ver: GIACOSA, G. *Women of the Caesars: Their Lives and Portraits on Coins*. Trans. R.R. Holloway. Milan: Edizioni Arte e Moneta, 1977.

¹⁶⁶ Sobre o debate do poder de decisão das mulheres sob a produção de suas imagens, ver: ALEXANDRIDIS, A. *Exklusiv oder bürgernah? Die Frauen des römischen Kaiserhauses im Bild*. In: C. Kunst and U. Riemer (eds.). *Grenzen der Macht: Zur Rolle der römischen Kaiserfrauen*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2000, p. 9-28. Relativo a este tópico, discutindo as atividades romanas de Patronato envolvendo mulheres, Bélo nota: “em relação às mulheres doadoras, parece que havia uma disputa entre elas, sendo que algumas se tornaram modelos a serem seguidos pelas demais. Sendo assim, a munificência era essencial para a honra, reconhecimento público e para se alcançar a fama póstuma. Em Roma, essa atitude era tomada pelas mulheres ligadas a família imperial, enquanto que nas províncias, esse grupo poderia incluir mulheres livres e aquelas que faziam parte da elite local. Entretanto, o *status* de tais mulheres não era indicado”. In: BÉLO, T. P. As moedas das mulheres imperiais. *Mare Nostrum*, v. 11, n. 1, 2020, p. 263.

¹⁶⁷ Cf: GILLESPIE, op. cit, p. 274.

¹⁶⁸ Liv. 1.1.1

¹⁶⁹ Liv. 1.1.3. Cf: CORNELL, T. J. *The Beginnings of Rome. Italy and Rome from the Bronze Age to the Punic Wars*. New York, London: Routledge, 1995.

Já sobre Enéias, o autor informou que, após sofrer a catástrofe conjuntamente ao seu povo, ele foi chamado pelo destino para fundar algo ainda mais grandioso que Tróia e, buscando terras, dirigiu-se à Macedônia, depois à Sicília e desta, com sua frota, para o território laurentino, lugar também chamado Tróia. Possuindo apenas suas armas e navios, após desembarcarem da longa viagem, os troianos lançaram-se à pilhagem dos campos. Reagindo, o rei Latino e habitantes originários e proprietários de terras na região, nativos do campo e cidade, tentaram se proteger dos invasores gerando um conflito armado¹⁷⁰.

Tito Lívio então informa haver duas vertentes da história a partir deste ponto¹⁷¹. Em uma delas, o rei Latino teria sido derrotado e, após a derrota, feito acordo de paz com Enéias, depois realizando união por laço familiar. Na outra versão, no momento em que os combatentes já estavam postos cada um de seu lado no combate, prontos para a batalha, Latino teria iniciado um acordo com o líder estrangeiro, Enéias, indagando quem eram eles, de onde vinham, o que havia lhes forçado deixar suas próprias terras e o que buscavam naquele território. O rei Latino, ofereceu paz e amizade, pois ficou admirado pela nobreza do que via e de Enéias. Ele ouviu que este era filho de Anquises e Vênus, também que fugiram de sua terra arruinada e procuravam um novo lugar para se estabelecerem e fundar uma cidade, fosse por guerra ou por paz. Concluindo o acordo, Latino recebeu Enéias em sua casa e, diante de seus penates, acrescentou aliança familiar à política, então já estabelecida, oferecendo sua filha em casamento para Enéias¹⁷².

Nesta história, em qualquer uma das duas versões comunicadas por Lívio, a possibilidade de selar a paz passa pelo casamento e pela potência de se gerar uma descendência que seja a síntese do local e do estrangeiro que chega para se fixar na região, aportando um ganho em termos da sua elevação, representada não só por sua capacidade militar, mas também por sua ascendência¹⁷³. Nesse sentido, destaca-se não só a ligação com Tróia e a guerra imortalizada nos versos de Homero, mas também pela existência de Vênus, que se torna a figura feminina inaugural da história romana por esse vínculo. Não por acaso, trata-se de elevada divindade, então escolhida como progenitora da cidade e

¹⁷⁰ Liv. 1.1.5

¹⁷¹ FELDHERR, A. *Livy's Revolution: civic identity and the creation of the res publica*. T Habinek; A Schiesaro (eds.). *The Roman Cultural Revolution*, Cambridge: Cambridge University Press, 1977, p. 136-157.

¹⁷² Liv. 1.1.9 Cf. MILES, G. *Livy: Reconstructing Early Rome*, Ithaca, London: Cornell University Press, 1995, p. 39; 64-65.

¹⁷³ KEEGAN, P. *Livy's women: crises, resolutions, and female in Rome's foundation History*. New York: Routledge, 2021, p.158.

do império. Vênus liderou a linhagem da cidade ao enobrecer a ascendência de Enéias e assim, é a figura que associou tal ancestralidade à família imperial pelo ramo dos *Iulii*. No momento da escrita da obra, no século I a.C. sobre as origens e da fundação da cidade de Roma, a família e poder imperial buscavam legitimar seu próprio passado e identidade utilizando-se da linhagem familiar iniciada com essa divindade¹⁷⁴. Tal esforço não é isolado, sendo possível lembrar do poema épico Eneida, de Virgílio como exemplo desse movimento de *allelopoiesis*, pensando as origens de Roma a partir do início do Principado e, assim, dando a ele um sentido próprio. A origem de Roma não aparece como um legado que é algo dado, mas sim algo que é reconstruído e ressignificado frente à realidade de um poder ascendente, representado pela afirmação da hegemonia de Júlio César e posteriormente Otaviano. Reciprocamente, esse passado ressignificado permite uma reelaboração da compreensão do presente em novos termos, pois em contraste com o passado que lhe organiza e dá novo sentido.

Lavínia

Lavínia representa a primeira mulher, sem natureza divina ou não-humana, que desempenha importante papel na história de fundação¹⁷⁵. Isto tanto pelo conflito e símbolo de paz que representa, quanto pela sua atuação como liderança política.

Como narra Lívio, através de Lavínia, seu pai, o rei Latino, pôde fortalecer o laço de paz com os invasores, liderados por Enéias. Assim, a filha do rei foi um recurso para a paz, gerando equilíbrio e bem comum pelo benefício político para ambas as partes envolvidas no conflito. Keegan observa que inicialmente na narrativa, Lavínia não é nomeada, em vez disso, ela é representada como *filia* e *uxor*. Sua identidade é retratada em termos relacionais ao status superior do homem (*pater* ou *vir/maritus*). Uma consequência da aliança cívica e doméstica é a fundação de uma cidade, que recebe nome em sua homenagem, e a concepção de um filho¹⁷⁶.

¹⁷⁴ Cf: FELDHERR, A. *Livy's Revolution: civic identity and the creation of the res publica*. T Habinek; A Schiavone (eds.). *The Roman Cultural Revolution*, Cambridge: Cambridge University Press, 1977, p. 136-157.

¹⁷⁵ Sobre Lavínia, cf: STEVENSON, Tom. *Women of early Rome as exempla in Livy, Ab Urbe Condita, Book 1*. *Classical World*, v. 104, n. 2, 2011, p. 175-176; BALMACEDA, Catalina. Las mujeres de Livio: exempla, pasado y presente. *Vinã del Mar: Intus-legere historia*, v. 14, n. 1, 2020, p. 174 e KEEGAN, P. *Livy's women: crises, resolutions, and female in Rome's foundation History*. New York: Routledge, 2021, p. 157-160.

¹⁷⁶ Cf: KEEGAN, P. *Livy's women: crises, resolutions, and female in Rome's foundation History*. New York: Routledge, 2021, p.157.

Por outro lado, Lavínia, após tal acordo, também foi motivo de conflito. Lívio informa que Turno, rei dos rútuos, era noivo de Lavínia antes da chegada de Enéias. Apesar do conflito, Lavínia se mantém silenciosa e passiva, já que nenhuma ação em meio a esta crise é atribuída a ela. A contestação do novo arranjo matrimonial causa um confronto militar que ocasiona a morte do rei Latino¹⁷⁷. De toda forma, tendo Latino firmado laço com Enéias por meio de matrimônio, Lívio expõe que isto constitui-se como uma premissa para Enéias conseguir fundar a cidade, que chama de Lavínio, em homenagem à esposa. O casal originou um filho, chamado Ascânio¹⁷⁸.

De acordo com Lívio, nenhuma das partes saiu com vantagens da guerra por Lavínia, mas os rútuos foram vencidos, apesar da perda do rei Latino¹⁷⁹. O conflito impulsionado pela figura de Lavínia, disputada para o matrimônio, é importante, pois exigiu que Enéias liderasse uma união coesa entre seu próprio povo e aqueles nativos do território que adentrou. Esse povo foi designado por Lívio como aborígenes (*Aborigines*) e haviam acabado de perder o seu rei, Latino. Com a primeira derrota fomentada pela perda de laço através de Lavínia, os rútuos buscaram novo conflito, mas obtendo apoio da Etrúria. Então, com a aliança entre o rei Mezêncio, rei de Cere, de acordo com Lívio, cidade de grande destaque à época, e o rei dos rútuos, Turno. A iminente guerra exigiu que Enéias exibisse enorme capacidade de liderança e promoção de união com o povo local, que precisaria aceitá-lo como novo líder com dedicação e fidelidade, assim como seus companheiros troianos. Gerando frutífera e forte união entre os dois grupos, Enéias liderou a vitória do combate que, de acordo com Lívio, foi seu último feito em vida terrena, tendo sido após tal ato reconhecido não só por suas qualidades humanas, mas também divinas¹⁸⁰. Neste sentido, segundo Keegan, a personagem Lavínia é nada mais nada menos que uma causa ou razão para explicar, em termos narrativos e intelectuais, a morte de Latino, a aliança de conveniência mútua estabelecida e a assimilação de troianos sob o nome dos latinos, além da vitória dos latinos e a morte de Enéias¹⁸¹. Entretanto, como veremos, há mais na personagem de Lavínia do que este autor propõe, sobretudo, pela sua atuação de liderança decorrente de seu lugar como mãe, como destacaremos adiante.

¹⁷⁷ Liv. 1.2.2

¹⁷⁸ Liv. 1.1.11

¹⁷⁹ Liv. 1.2.2

¹⁸⁰ Liv. 1.2.6

¹⁸¹ Cf: KEEGAN, P. *Livy's women: crises, resolutions, and female in Rome's foundation History*. New York: Routledge, 2021, p. 158.

Após ter propiciado, primeiramente, paz, e depois guerra, Lavínia então passa a representar outra importante atuação, como mãe. Enquanto mãe, ela aparece tutelando o reino para o filho até ele poder ascender ao poder. De acordo com Lívio, Ascânio, filho de Enéias e Lavínia, ainda não estava preparado para exercer o poder. Porém, graças a Lavínia, esse poder lhe foi reservado intacto até a maioridade, devido a atuação eficiente da mãe, pois “a tutela de uma mulher – tão firme era o caráter de Lavínia – bastou para conservar para o filho o Estado latino e o reino de seu avô e de seu pai”¹⁸². Pela sua forte índole (*tanta indoles in Lavinia erat*), Lavínia, em sua tutela feminina, maternal e política, foi capaz de garantir o trono ao filho. Stevenson, Balmaceda e Keegan também ressaltam esse aspecto de “caráter forte” (*tanta indoles*) de Lavínia pela sua capacidade de manter o reino firme e seguro pelo seu filho. A personagem demonstra, portanto, rigidez e traços virtuosos muito bem delineados na construção de sua caracterização moral¹⁸³.

São relevantes os pontos de aproximação ente a postura de Lavínia, com sua forte atuação que segurou o poder para entregá-lo ao seu filho, e a atuação de Lívia no contexto de morte de Augusto e ascensão de Tibério, bem como as investidas de Agripina Maior para garantir o poder aos filhos sob o governo de Tibério, ou ainda, as manobras de Agripina Menor para entregar o trono a Nero. A semelhança entre todas essas figuras de mães encontra-se pela preservação que elas garantem da herança pública e privada de seus filhos. Apesar de não propor essas associações de Lavínia com mulheres imperiais tão diretamente, como no caso desta figura e Lívia, Balmaceda aponta que

a monarquia aparece como um cenário propício para a atuação individual das mulheres, que é justamente o exemplo que Lívio observou na política de seu tempo, época em que os personalismos vão se consolidando. As rainhas dos primeiros tempos da Roma monárquica em Lívio também serão, como as contemporâneas de Lívio, mulheres fortes e determinadas¹⁸⁴.

A análise de Balmaceda, de forma geral, considera as personagens livianas muito mais individualmente do que em coletivo, não considerando um repertório, como propomos.

¹⁸² *Nondum maturus imperio Ascanius Aeneae filius erat; tamen id imperium ei ad puberem aetatem incolume mansit; tantisper tutela muliebri—tanta indoles in Lavinia erat—res Latina et regnum avitum paternumque puero stetit* (Liv. 1.3.1).

¹⁸³ STEVENSON, op cit., p. 175; BALMACEDA, op cit., p. 174 e KEEGAN, op. cit., p. 158.

¹⁸⁴ Cf: BALMACEDA, Catalina. *Las mujeres de Livio: exempla, pasado y presente*. Vinã del Mar: Intus-legere historia, v. 14, n. 1, 2020, p. 174.

Apesar de sugerir aproximações dessas mulheres lendárias à algumas imperiais em alguns aspectos, a análise ainda é sucinta e observa mais particularidades e características individuais nas personagens. Já a muito breve análise de Stevenson sobre a personagem, não considera qualquer alusão às figuras imperiais ou formulação como um *exemplum*, apenas sugerindo sobre Lavínia: “pode ser que ela estabeleça o ideal público de Lívio para uma mulher de uma família importante, embora, é claro, seu caráter mal tenha sido desenvolvido. Nota-se a associação entre força moral e estabilidade política. É um tema importante do livro 1”¹⁸⁵.

No caso de Lavínia, a preservação do poder ocorre até Ascânio ter a idade apropriada para assumir o poder, notando-se que, provavelmente, a existência da personagem nem seria necessária ou mencionada se Ascânio fosse mais velho quando Enéias faleceu. No caso de Lívio, o poder foi preservado até haver uma situação segura no contexto de morte de Augusto e sucessão imperial, quando o segundo imperador romano, seu filho adotado por Augusto, ascendeu. Voltaremos ao caso de Lívio, bem como Agripina Maior adiante, quando veremos, por exemplo, como atuação de Lívio foi fundamental para que Tibério se tornasse imperador e perdurou durante o governo do filho, inclusive gerando conflitos entre mãe e imperador em semelhança àqueles entre Agripina Menor e Nero, e que Agripina Maior exerceu liderança militar, na ausência de Germânico.

Lívio abre questionamento sobre a verificação de fatos sobre Ascânio e a cidade de Lavínio. Segundo ele, havia acontecimentos muito antigos que levantavam dúvidas sobre a identidade de Ascânio. Assim, ele comunica outra vertente da história de fundação e sobre a figura de Ascânio. Ele poderia ser “o mais velho, filho de Creusa, nascido antes da ruína de Ílio, que acompanhou seu pai na fuga, aquele também chamado Julo e do qual a família Júlia se diz descendente”¹⁸⁶. Desta forma, é apresentada uma nova personagem feminina por Lívio. Porém, Creusa não é uma personagem que reaparece. Sendo assim, não contamos com uma apresentação mais substancial dessa personagem na narrativa. Lívio apenas parece desejar não omitir essa outra versão ou vertente de conexão entre a fundação de Roma, Tróia e a ascendência Júlio-claudiana.

Segundo Lívio, independente da pátria e da mãe desse Ascânio, o que se teria certeza era que era filho de Enéias¹⁸⁷. De acordo Lívio, Ascânio deixou a cidade de Lavínio em

¹⁸⁵ Cf. STEVENSON, Tom. *Women of early Rome as exempla in Livy, Ab Urbe Condita, Book 1*. Classical World, v. 104, n. 2, 2011, p. 176.

¹⁸⁶ *hicine fuerit Ascanius an maior quam hic, Creusa matre Ilio incolumi natus comesque inde paternae fugae, quem Iulum eundem Iulia gens auctorem nominis sui nuncupat* (Liv. 1.3.2).

¹⁸⁷ Liv. 1.3.2.

mãos da mãe ou da madrasta, nesta segunda opção, caso fosse filho de Creusa, ele teria nascido em Tróia e não em Lavínio, e foi então que fundou uma nova cidade ao pé do monte Albano. Chamada Alba Longa, a colônia teria sido fundada quase trinta anos depois da fundação de Lavínio¹⁸⁸.

Lívio informa que o poder de Alba Longa cresceu exponencialmente, mesmo depois da morte de Enéias, de tal forma que, “durante a regência de uma mulher e o aprendizado de um rei-criança, ninguém ousou pegar em armas, nem o rei inimigo, Mezêncio, e os etruscos, nem qualquer outro povo vizinho”¹⁸⁹. Ademais, Lívio não fornece detalhes sobre Lavínia ou sua atuação como líder na cidade à qual conferiu nome, nem mesmo assegurando veracidade ao fato dela ser mãe de Ascânio, devido à apresentação da troiana Creusa como possível mãe. Contudo, Lavínia, seja como madrasta ou mãe de Ascânio, ainda assim, pode ser alcançada na narrativa como uma frutífera liderança, que não somente conseguiu conter o reino até que o filho pudesse governá-lo, mas também manteve Lavínio afastada de guerras e conflitos com povos vizinhos e preparou o jovem Ascânio adequadamente para assumir o poder. Além disto, ela ainda voltou, pelo que podemos inferir na narrativa, à condução da cidade após o filho retirar-se das obrigações com a cidade para fundar uma nova, Alba Longa. Não temos detalhes sobre o período em que Lívio diz Ascânio ter deixado Lavínio sob o poder da “mãe ou madrasta”, infortunadamente. Contudo, ele informa que a cidade se manteve em paz, de forma a prosperar. Depreendemos das afirmações que a recém fundada Alba Longa cresceu rapidamente e Lavínio já se mantinha sólida e segura por, no mínimo, trinta anos. Ou seja, Lavínia promoveu a segurança, estabilidade e prosperidade por pelo menos trinta anos em seu exercício de líder da cidade. Contudo, interessa-nos entender as possíveis justificativas do sucesso da liderança representado por Lavínia.

O êxito obtido por Lavínia centra-se em seu objetivo de proteção do trono para o filho, e não para ela própria, havendo um desinteresse ou ambição própria nesta motivação. Por isso, Lavínia demonstra o interesse pela cidade, público e comum, deixando seus interesses próprios ao assegurar os de seu filho. Ela, portanto, representa uma força moral positiva para o âmbito do bem-estar da cidade. Apesar de ser uma personagem pouco desenvolvida na narrativa, e também por isso também sua análise pela bibliografia moderna é sucinta, esta sua força moral é associada à estabilidade política. Tal relação é

¹⁸⁸ Liv. 1.3.2.

¹⁸⁹ *nec deinde inter muliebrem tutelam rudimentumque primum puerilis regni movere arma aut Mezentius Etruscique aut ulli alii accolae ausi sint* (Liv. 1.3.4).

apresentada pela primeira vez nesse episódio na narrativa liviana. Depois, o autor assumirá esse padrão na apresentação de outras figuras femininas por meio do debate através das personagens sobre o equilíbrio ou desequilíbrio entre interesses pessoais, neste caso femininos, e interesses da cidade ou públicos.

Portanto, mulheres, ainda que atuem de forma proeminente, quando executam ações em lealdade a Roma e que não são motivadas por ambições próprias, individuais, ou ainda, classificadas como femininas muitas vezes por Lívio e outros autores romanos, podem atuar alcançando resultados positivos louváveis para a História de Roma. No viés interpretativo deste autor antigo e que é a grande referência sobre a história da Roma inicial, esta relação de dualidade entre atuações em prol de Roma ou voltadas à interesses pessoais é o tema maior associado a personagens femininas, em nossa opinião, do livro primeiro¹⁹⁰.

Entretanto, apesar do prognóstico positivo da regência de Lavínia, mesmo sem conhecermos a natureza de seu posto e os detalhes de sua atuação, Lívio é claro sobre seu posicionamento sobre o fato de uma mulher desempenhar tal função. Os resultados positivos são apresentados por ele em contradição à condição de uma mulher assumir este papel que confere grande autoridade e especial importância no momento narrado sobre a História de Roma. Keegan destaca que, ainda que Lavínia tenha assumido o papel de guardiã como protetora do estado e defensora da soberania, ela é investida de uma autoridade (*imperium*) que é prerrogativa e agência explicitamente masculina¹⁹¹. Isto porque ela é uma precedente de mulheres que Lívio representara exibindo importante agência no campo político e público, mas que, considerado o coletivo de *exempla* femininos livianos para a monarquia, contará com atuação de liderança ou exagerada performance política/pública de mulheres que puderam ser recebidas como prejudiciais ao estado. Portanto, compreendemos sobre a aparição de Lavínia, apesar do pouco desenvolvimento na narrativa sobre sua atuação, que Lívio a apresenta como primeira mulher atuante em sua história sobre Roma, precedida apenas pela figura feminina primordial ligada à cidade, Vênus. Lívio vincula a regência de Lavínia a um período de paz e prosperidade para o Lácio, sendo mãe e uma importante liderança que preservou e

¹⁹⁰ MILES, Gary B. *Livy: reconstructing early Rome*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1995, p. 137-178. Sobre o padrão que apontamos entre a ambição feminina e a descrição de Lívio das atuações de mulheres, incluindo o exemplo de Lavínia, ver: STEVENSON, Tom. *Women of early Rome as exempla in Livy, Ab Urbe Condita, Book 1*. *Classical World*, v. 104, n. 2, 2011, p.175-189.

¹⁹¹ Cf: KEEGAN, P. *Livy's women: crises, resolutions, and female in Rome's foundation History*. New York: Routledge, 2021, p. 158.

propiciou tais condições positivas para o desenvolvimento da cidade com seu exercício de poder após a saída do filho da sua cidade de origem, ainda que não tenhamos detalhes deste exercício. Contudo, a ocupação desta posição por uma mulher é apresentado tensionando na narrativa e dado como desfavorável. O caráter desfavorável da atuação de Lavínia como liderança política é entendido somente quando observado o grupo de *exempla* femininos livianos em sua totalidade e como dependentes. Lavínia é a origem, historicamente, cronologicamente e dentro da própria lógica narrativa que constrói os *exempla* femininos de Lívio, do tópico de mulheres que extrapolam seu campo de atuação doméstica e exibem agência na esfera pública, alterando e integrando importantes aspectos e episódios da História de Roma narrada por Lívio. Ainda que em um primeiro momento e isoladamente sua atuação possa ser lida como de uma boa governante que atua pelo bem público, quando lida coletivamente, sua agência se mostra associado a uma sugestão de possíveis perigos associados a atuações femininas que trouxeram consequências danosas a Roma. Este aspecto diz muito sobre os significados desta personagem para o tempo de escrita das origens de Roma. Não houve desempenhos semelhantes ao de Lavínia associados a mulheres no período tardo-republicano de instauração do Principado. Esta não era uma realidade possível para o período. Na República e no Império não houve mulheres atuando em cargos de liderança, política ou militar, como fez Lavínia, e isto auxilia-nos a compreender a tensão na narrativa entre um elogio de sua atuação e a ocupação do cargo por uma mulher.

Reia Sílvia e Aca Larência

Ascânio teria sido sucedido por seu filho, Sívio (do latim *silva*), nome derivado da condição de nascimento deste que teria, por acaso, nascido em uma floresta. Sívio, por sua vez, teria tido um filho chamado Enéias Sívio, que seria pai de Latino Sívio¹⁹². A partir deste ponto, segundo Lívio, conservou-se o sobrenome Sívio para todos os reis de Alba Longa. Latino é identificado como pai de Alba, este de Atis, então pai de Capis que, por sua vez, foi pai de Capeto e este último, pai de Tiberino¹⁹³. Este foi sucedido por seu filho, Agripa, tendo o poder real então sido assumido por seu filho, chamado Rômulo Sívio. Após uma morte trágica fruto de acidente natural, em semelhança a Tiberino,

¹⁹² Liv. 1.3.7

¹⁹³ Este Tiberino teria se afogado atravessando o rio Álbula, conferindo nome ao rio que depois se tornaria famoso, pelo nome Tibre, devido a história dos líderes gêmeos de Roma. Cf: Liv. 1.3.8-9

quando Rômulo Sívio foi atingido por raio, o rei passou a ser Aventino. O nome deste foi conferido à colina em que foi sepultado e que depois faria parte de Roma. Aventino foi sucedido por Proca. Portanto, é após essas várias gerações até Proca que, segundo Lívio, Proca teve por filho mais velho Numitor, que então legou o antigo reino da dinastia dos Sívios. Porém, Numitor teve seu trono usurpado por seu irmão, Amúlio. Neste ponto da linhagem dinástica, surge a figura de Reia Sívvia, mãe dos gêmeos Rômulo e Remo. Amúlio destronou o irmão e assassinou seus filhos homens e, sob pretexto de honraria, escolheu a filha do irmão, sua sobrinha Reia Sívvia, como vestal¹⁹⁴. Assim, ela foi impedida de ser mãe pelo voto de virgindade e, portanto, negou-se a ela a possibilidade de gerar sucessores legítimos, que representariam ameaça a Amúlio¹⁹⁵.

Como comunica Lívio, de acordo com difundida vertente da história sobre a fundação de Roma à época de Lívio, em período de fins da República e início do Principado, Reia Sívvia, restrita pelo tio à condição de vestal, é vítima de violação. Segundo Lívio, para enobrecer tal fato, a mulher atribui a Marte a paternidade suspeita dos gêmeos Rômulo e Remo. Então, ocorre o famoso episódio em que o rei Amúlio, tio da vestal grávida, pune a sacerdotisa com prisão e manda os filhos serem lançados no rio Tibre. Na lenda, a figueira ruminal abrigou a loba e os bebês. A loba os amamentou e cuidou deles até que o pastor Fáustulo os encontrou. Ele os leva para o estábulo para sua mulher Larência criá-los. Em outra tradição, Larência seria uma prostituta, “loba” (*lupa*), pois como transmite Lívio e é amplamente sabido, há uma coincidência do uso deste termo em latim, segundo o autor, sendo essa a origem da lenda da loba. Assim assume Lívio sobre o uso do termo associado a Laurência como prostituta: *sunt qui Larentiam volgato corpore lupam inter pastores vocatam putent; inde locum fabulae ac miraculo datum*¹⁹⁶. Há duas tradições, uma que associa o termo a mulher do pastor, de moral duvidosa, e outra que associa ao animal, uma loba, assim, há ao menos dois autores antigos, Valério Antias e Licinius Macer, que divergem narrativamente sobre o passado romano escrito no século I a.C, tendo sido Catão o primeiro autor antigo a associar as duas versões¹⁹⁷.

¹⁹⁴ Sobre vestais, ver: STAPLES, A. *From Good Goddess to Vestal Virgins. Sex and Category in Roman Religion*, London, New York: Routledge, 1998; Para o papel das vestais no Império, ver: FOUBERT, L. Vesta and Julio-Claudian women in imperial propaganda. *Ancient Society*, n° 45, 2015, p. 187-204.

¹⁹⁵ Liv. 1.3.11

¹⁹⁶ Liv. 1.4.7

¹⁹⁷ Cf. STEVENSON, Tom. *Women of early Rome as exempla in Livy, Ab Urbe Condita, Book 1*. *Classical World*, v. 104, n. 2, 2011, p. 177; LEVICK, Barbara. Historical context of the *Ab Urbe Condita*. In: MINEO, B. (ed.). *A Companion to Livy*. (Blackwell Companions to the Ancient World). New York: John Wiley & Sons Inc, 2014, p. 24-36 e KEEGAN, P. *Livy's women: crises, resolutions, and female in Rome's foundation History*. New York: Routledge, 2021, p. 159.

A personagem de Reia Sílvia não é desenvolvida profundamente na obra de Lívio, pois seu papel fundamental é ser progenitora dos gêmeos e, cumprida esta contribuição primária, o autor não fornece detalhes ou ponderações sobre essa figura¹⁹⁸. Por exemplo, não são conferidas a ela características específicas nem são feitas considerações relativas ao seu papel como mãe.

Portanto, o que podemos inferir sobre Reia Sílvia é que ela se apresenta como uma mãe apenas no sentido de ter parido os filhos, mas não de os ter criado e protegido. De fato, tendo-os sido retirados dela logo que nasceram, Reia Sílvia não teria como exibir nenhuma atuação proeminente em função dos filhos. Ela não atuou, por exemplo, de forma que garantiria o exercício de poder dos gêmeos, portanto, contrastando com Lavínia. Contudo, é notável a preocupação do rei com a perspectiva de geração de filhos legítimos ao trono. Isto indica a relevância da maternidade e, especialmente neste caso, da progenitura, onde a legitimidade de poder dependia da descendência sanguínea e foi elemento essencial da disputa política na narrativa contada sobre o período monárquico romano¹⁹⁹. Por isso, o rei assassinou os sobrinhos homens, irmãos de Reia Sílvia, e realizou medida preventiva contra a única mulher descendente, assim, intervindo e controlando na disputa dentro da linha de sucessão.

A preocupação e tentativa de controle masculino sobre a geração de filhos por parte de mulheres que compõem dinastias não funciona de forma drasticamente diferente no período posterior à monarquia²⁰⁰. Mesmo no período imperial romano, a possibilidade de uma mulher da casa governante gerar descendentes seguirá sendo algo decisivo no ambiente de disputa política e estabelecimento das dinastias. Houve fatores que causaram alterações consideráveis, como a perda da centralidade de laços de sangue por meio da possibilidade de adoções, e pelas novas dinâmicas implicadas por casamentos e divórcios, mas o controle de casamentos e da descendência se mantém central²⁰¹. Desta forma, o papel fundamental de progenitora de Reia Sílvia apresentar-se como análogo ao lugar desempenhado por mulheres à época de Lívio, que redesenharam famílias e redefiniram quem ocuparia determinados cargos políticos por meio do poder contido na progenitura.

¹⁹⁸ Cf: STEVENSON, Tom. *Women of early Rome as exempla in Livy, Ab Urbe Condita, Book 1*. Classical World, v. 104, n. 2, 2011, p. 176.

¹⁹⁹ HOLBROOK, A. L. *Constructions of the family in Livy's Ab urbe condita*. Hamilton: McMaster University. PhD diss. 2009.

²⁰⁰ JOLY, Fábio Duarte; FAVERSANI, Fábio. Os Júlio-Claúdios. In: BRANDÃO, José Luís (coord.); OLIVEIRA, Francisco de (coord.). *História de Roma Antiga: volume II: Império Romano do ocidente e romanidade hispânica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, p. 85, 89-90

²⁰¹ SALLER, R. *Patriarchy, property and death in the Roman family*. Cambridge, Cambridge University Press, 1994.

Nos diferentes recortes temporais, mulheres alteraram e interviram na sucessão de líderes políticos, do senado ao império romano.

Além dessa reflexão sobre o período mais contemporâneo a Lívio em relação à progenitura e ao papel feminino, nesse sentido, na política, a personagem de Reia Sílvia mostra-se importante para levantarmos algumas observações sobre os *exempla* femininos na obra. Ainda que ela seja tão sucinta na narrativa, justamente por essa brevidade, Reia Sílvia se torna importante para a compreensão dos *exempla*. Note-se que o leitor é conduzido a formular questionamentos de ordem moral ao ler a história da gravidez misteriosa de Reia Sílvia. Uma virgem vestal gera filhos com paternidade desconhecida, podendo ser suscitados questionamentos sobre a natureza da ação de Amúlio, rei, contra a sobrinha e a sua família como todo. Portanto, ficam irresolutas perguntas essenciais, como: quem era o pai dos gêmeos? A mãe deles, uma vestal que engravida, poderia ter mentido? Ela estava ou não comprometida a seus votos como vestal? Quão cruel foi a ação de Amúlio?²⁰² A audiência, assim, parece não obter respostas, ficando as indagações em aberto para o leitor decidir. Desta forma, mesmo sendo uma personagem aparentemente pouco desenvolvida e muito breve, ela agrega complexidade ao *exemplum* que representa. Assim, o *exemplum* está aberto ou não resolvido, e certamente mostra-se mais complicado do que simples. Isto é característica comum aos *exempla* e algo notável na leitura da obra, ficando ao longo da sucessão de *exempla* mais óbvio e gradativamente mais perceptível ao avançarmos no repertório de *exempla* femininos de Lívio. Percebemos que os episódios narrados pelo autor em seu livro primeiro tendem a propiciar uma combinação entre reflexões sobre os casos exemplares particulares abordados e reflexões sobre o processo geral de interpretá-los. Neste sentido, os *exempla* de Lívio não são, de maneira alguma, sempre completamente virtuosos ou seu oposto. Do *exemplum* de Reia Sílvia até o último que veremos de forma mais detalhada, Túlia, a última rainha romana, nenhum *exemplum* se mostra perfeitamente resolvido, estável ou imóvel, na apresentação que faz Lívio.

Portanto, como vimos antes, os *exempla* não são exatamente o que prometeu Lívio em seu prefácio, ou seja, para serem imitados e para serem evitados, pois não são uma categoria direta, que fornece apropriações evidentes e objetivas e, ainda menos,

²⁰² Estas perguntas foram propostas em: STEVENSON, Tom. *Women of early Rome as exempla in Livy, Ab Urbe Condita, Book 1*. *Classical World*, v. 104, n. 2, 2011, p. 176.

estáticas²⁰³. Isto é visível especialmente quando consideramos que a transmissão do texto de Lívio confrontou outros contextos, novos, que seu autor não imaginava e que permitiram novas atribuições de sentido para os *exempla* apresentados. Resta pensarmos por qual razão Lívio tornaria complexos dessa maneira seus *exempla*.

A resposta mais provável nos parece estar próxima ao argumento de que o autor pretendia encorajar seus leitores, a quem o prefácio é redigido, a pensar sobre o processo da exemplaridade e a construir conclusões próprias a partir do que liam em confronto com a realidade que observavam. Portanto, o historiador antigo força seu leitor competente a reconhecer o caráter e função útil que ele atribui à história²⁰⁴. Deve-se considerar que em seu prefácio ele conduz a reflexão das implicações dos exemplos históricos que fornece e comunica sua própria compreensão da importância e utilidade da história. Além disso, ele expõe, em alguma medida, de que maneira ele cria uma conexão específica entre passado e presente pelo processo da exemplaridade. Tal processo expõe, assim, uma forma de se pensar e de se fazer história do ponto de vista de um historiador antigo²⁰⁵.

Direcionando a conclusões, é importante ainda observarmos a menção que faz Lívio a Acca Larentia, ou Aca Larência, vinculada ao pastor Fáustulo no mito. De forma semelhante a Lavínia e Reia Sílvia, o autor não desenvolveu a personagem expressivamente. Ela não nos é apresentada, portanto, com maior profundidade e detalhe. Mas, como temos visto, isso não significa que a personagem não carrega em si alguma complexidade. Entretanto, deve ser assinalado que o papel da personagem na narrativa, além de não central, é de algum modo variável. Apesar de ela ter sido fundamental na existência e sobrevivência dos gêmeos, de modo que eles se tornassem jovens fortes e formidáveis, como ressalta Lívio, há uma indefinição sobre as características morais da mulher, desconhecendo-se se ela foi ou não uma prostituta mal vista pela comunidade de pastores²⁰⁶. Contudo, foram seus filhos, criados por essa mãe de moral duvidosa e não Reia Sílvia, que retornaram a sua cidade natal, após o pastor Fáustulo revelar-lhes suas origens. Neste retorno, eles mataram o rei de Alba Longa, homem que teria sido responsável pelo destino que fez os gêmeos encontrarem Aca Larência e Fáustulo²⁰⁷.

²⁰³ KRAUS, C. S. *Take your medicine! Livy 1 and History's exemplary purpose*. *Omnibus*, v. 40, 2000, p. 18–20.

²⁰⁴ KRAUS, C. S. *Take your medicine! Livy 1 and History's exemplary purpose*. *Omnibus*, v. 40, 2000.

²⁰⁵ Cf: FAVERSANI, Fábio. Escrita da história e as histórias dos antigos. In: CERQUEIRA, F; GONÇALVES, A. T. M; MEDEIROS, E; BRANDÃO, J. L. (orgs.). *Saberes e poderes no mundo antigo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 19-34.

²⁰⁶ OGILVIE, R. M. *A Commentary on Livy: Books 1-5*. London: Oxford University Press, 1963.

²⁰⁷ BREMMER, J. N.; HORSFALL, N. M. *Roman Myth and Mythography*. London: Bulletin Supplement (University of London. Institute of Classical Studies), n. 52, p. iii, v, vii, 1-111, 113-120, 1987, p. 25–30.

Como é sabido, a partir deste ponto do mito, quando os gêmeos buscam suas origens na cidade e assumem o poder a eles antes negado, ainda que na cidade que fundaram juntos e não naquela da qual foram expulsos, ocorre o assassinato de Remo pelo irmão. Assim, Rômulo se torna rei e lidera o episódio do rapto das sabinas, que será abordado adiante e onde também se inserem as histórias de Hersília e Tarpéia. É significativo notar que, na vertente de Aca Larência como mulher criticada pela comunidade pelo seu caráter moral e exercício de prostituição, ela cria os gêmeos que assassinaram o rei em exercício do poder, tio deles, e ainda, um irmão assassina o outro. Esta associação revela uma conexão entre os traços morais da madrasta e dos gêmeos, especialmente Rômulo. Neste sentido, Miles interpretou a descrição de Rômulo feita por Lívio como uma tentativa de enfatizar uma espécie de auto-suficiência humana deste líder, influenciado por sua educação rústica austera, em contrapartida a descendência de um deus ou de uma linhagem de reis heróis. As representações de Reia Sílvia e Aca Larência, neste viés, estariam em conformidade com esse objetivo²⁰⁸.

De modo geral, sobre Aca Larência e Fáustulo, permanece indefinido por Lívio se eles foram um casal que vivia modesta e virtuosamente no campo, ou se se tratava de um pastor envolvido com uma prostituta. No entanto, Lívio faz seu registro com certa diligência, transmitindo singularmente essa possível vertente com ponderação moral sobre a mulher. Ou seja, ele dedica atenção em mostrar como alguns escritores dizem que esta personagem era uma mulher de moral criticada entre os pastores e, portanto, era conhecida como *lupa*. Por isso, parece pertinente a associação entre o caráter moral dela e dos filhos que criou. Pela segunda vez, se mantém irresoluto o problema da paternidade dos gêmeos e, mais uma vez, desta feita com essa segunda mãe, não biológica, fica em aberto a natureza do comportamento moral de uma mãe que não gerou, mas que criou os gêmeos²⁰⁹.

Da mesma forma que não sabemos se Reia Sílvia descumpriu seus deveres como virgem vestal ou se foi vítima, também não sabemos se Aca Larência foi uma mulher modesta e virtuosa que vivia fora da cidade, ou se foi uma mulher que exercia atividades como prostituta, vista de forma crítica moralmente pelos pastores, e que criou os gêmeos até estes cometerem assassinato e fundarem uma nova cidade. Neste sentido, o leitor é

²⁰⁸ Cf: MILES, Gary B. *Livy: reconstructing early Rome*. Ithaca, London: Cornell University Press, 1995, p. 137-178.

²⁰⁹ HOLBROOK, A. L. *Constructions of the family in Livy's Ab urbe condita*. Hamilton: McMaster University. PhD diss. 2009; HAWLEY, Richard; LEVICK, Barbara. *Women in Antiquity: New assessments*. London: Routledge, 1995, p. 206-207

forçado a contemplar as possibilidades de origens muito menos elevadas vinculadas aos gêmeos e, portanto, que seriam possíveis origens de Roma, em contraste a outras possibilidades mais elevadas, como a associada a Marte, divindade legitimadora do poder bélico e, em grande medida, do poder imperial romano. O fato de os irmãos terem um destino glorioso, sem dúvida, gerava entre os leitores de Lívio a verossimilhança para a versão dada por Reia Sílvia a respeito da paternidade: que os meninos fossem filhos do deus Marte. O próprio Lívio indica para esse critério de credibilidade logo no início de sua obra, citando exatamente esse caso da paternidade de Marte. O que poderia parecer inverossímil à primeira vista, não só pode parecer certo, mas ainda deve ser tomado como tal se os eventos posteriores exigem, ou até mesmo obrigam a essa avaliação: “*si cui populo licere oportet consecrare origines suas et ad deos referre auctores, ea belli gloria est populo Romano ut cum suum conditorisque sui parentem Martem potissimum ferat tam et hoc gentes humanae patiantur aequo animo quam imperium patiuntur.*” (I, pr., 7-8).

A narrativa sobre a fundação de Roma, feitas tais ponderações sobre o processo da exemplaridade exposto por Lívio, faz com que essa história das origens de Roma e os *exempla*, em si, tornem-se menos estáveis e fixos. Conseqüentemente, as figuras femininas de Lívio são apresentadas, enquanto *exempla* que pressupõem, portanto, interpretações variáveis e reflexão do leitor, como também perceberemos ainda neste capítulo por meio do *exemplum* de Tarpéia. Além disso, notamos que os *exempla*, então, se mostram mais complexos e amplos do que podem aparentar ser em uma análise superficial²¹⁰. Eles podem introduzir deficiências morais ainda que as figuras pareçam ou sejam, presumivelmente, modelares e paradigmáticas. Nossa ideia sobre essa abertura à deficiência moral que se apresenta nos *exempla* de Lívio é que haveria o intuito de apontar criticamente origens da própria deficiência moral romana, percebida pelo autor como tendência do ambiente social e político aos fins do século I a.C. e que se consolidava rumo ao principado.

²¹⁰ Cf: KRAUS, C. S. *Take your medicine! Livy 1 and History's exemplary purpose. Omnibus*, v. 40, 2000.

Parte 2. A História de Roma, a História das mulheres de Roma e a Exemplaridade

Sarah B. Pomeroy em uma segunda versão de sua introdução, vinte anos após a publicação de seu livro de 1975, mencionou os desafios impostos à pesquisa sobre mulheres na Antiguidade a partir de testemunhos literários. Discutindo sobre a centralização do estudo de historiadores na *vida* de mulheres, neste caso, gregas, ela diz que os historiadores modernos e biógrafos tiveram grande fascínio pelas atividades e personalidades de mulheres gregas famosas.

Segundo Pomeroy, seu livro publicado em 1975 estava inserido no início do desenvolvimento da história das mulheres na Antiguidade como um campo de pesquisa sério, tendo fornecido parâmetros para os estudos subsequentes da história das mulheres na Antiguidade. Ainda segundo ela, a organização cronológica, que chama a atenção para as mudanças na vida das mulheres ao longo do tempo, ou uma abordagem sincrônica, era preferida pela maioria dos historiadores da temática. Passou a ser comum a categorização por classe e status social, apontando diferenças entre esposas e prostitutas, de um lado, e escravas de outro lado. Dentro das classes sociais com comparações por gênero adicionadas, por exemplo, fez-se comparações entre rainhas ptolomaicas e seus irmãos que foram reis ou matronas romanas e homens da aristocracia romana. Também se acrescentou uma importante categoria, a variação geográfica, observada, por exemplo, nas distinções entre mulheres gregas e romanas. Posteriormente, com Pomeroy escrevendo tais observações sobre seu livro e o desenvolvimento do campo na década de 90, havia sido alcançado um momento então em que a história das mulheres foi gradualmente reconhecida na história da família. Além disso, a atenção constante nas diferenças com as mulheres nos dias atuais é, segundo a autora, um princípio fundamental para os estudos das mulheres. Para ela, a organização cronológica, particularmente, gerou uma fácil assimilação da história das mulheres pela história tradicional²¹¹.

Apontando a prevalência da autoria masculina dos registros literários que serviram de fontes para os trabalhos, Pomeroy alerta que os historiadores antigos tiveram influência de seus próprios ideais de feminilidade, que nortearam a demarcar rigidamente suas desaprovações quanto às mulheres que descreviam²¹². Neste sentido, para o mundo romano em específico, a autora sugere que, considerando um passado de precedentes e

²¹¹ Cf: POMEROY, Sarah B. *Goddesses, whores, wives and slaves. Women in Classical Antiquity*. New York: Schocken Books Inc, 1995, p. IX-X.

²¹² *Ibid.*, p. XV-XVI.

influência dos gregos que consolidou uma herança, ocorreu uma idealização pelos romanos de que os eventos históricos eram pouco distintos de lendas e as lendas da fundação de Roma e início da República foram usadas na república tardia e no início do império romano para a instrução moral e propaganda²¹³.

Com mulheres aristocráticas interferindo na política e ganhando certa proeminência quando se esperava que fiassem e tecessem como aquelas que viveram na Roma em seu princípio, com maior exemplo em Lucrecia, esses *mitos sociais* configuram uma tensão entre um ideal e a matrona romana real. A partir desta explicação, Pomeroy analisou o exemplo de Cornélia, que viveu no século II a.C e recebeu muitos louvores e elogios, constituindo um modelo moral paradigmático. A visão dessa autora, de certo modo, reduz a discussão ético-moral através das personagens femininas a noção de “estereótipos”, sobre a categoria de matrona romana e sobre mulheres do fim da república e início do Principado como transgressoras desse lugar²¹⁴.

Tito Lívio é um autor que viveu neste contexto de escrita da história das origens de Roma e que modelaram a narrativa da fundação da cidade através de mitos que já estavam incorporados no universo cultural romano e que estavam sendo transmitidos pela literatura. Lívio viveu entre 59 a.C e 17 d.C, e escreveu sua *Ab urbe condita* sob o período de transição da república romana tardia e a instauração do Principado de Augusto, primeiro imperador da dinastia Júlio-claudiana. Morreu sob os primeiros anos de governo de Tibério, segundo imperador de tal dinastia²¹⁵. Relatou uma história de Roma desde o momento tradicionalmente reconhecido como sua fundação, 753 a.C, até os seus dias atuais. O autor inaugurou uma forma narrativa calcada na tradição exemplar, que, por sua vez, se insere na tradição historiográfica latina. Ele arrolou uma série de personagens femininas míticas ao escrever sobre o passado mais antigo de Roma, como temos apontado. Marques abordou as noções antigas de tradição historiográfica e da legitimidade dos autores dentro dela, partindo das premissas da interação entre gênero historiográfico e os contextos contemporâneos de dois autores latinos, historiadores, Tito

²¹³ Ibid., p. 149. Para uma interpretação e usos divergentes da que adotamos sobre a noção de propaganda na Antiguidade, ver: GONÇALVES, Ana Teresa Marques. *A noção de propaganda e sua aplicação nos estudos clássicos: o caso dos imperadores romanos Septímio Severo e Caracala*. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

²¹⁴ POMEROY, op cit., p. 149. Uma análise similar nesse aspecto, está em: FISCHLER, Susan. *Social Stereotypes and Historical Analysis: The case of Imperial Women at Rome*. In: *Women in Ancient Societies: an illusion of the night*. In: ARCHER, L. J; FISCHLER, S; WYKE, Maria. (eds.). London: The Macmillan Press, 1994.

²¹⁵ Sobre o período de escrita, sua inserção em seu tempo e o recuo do passado relatado por Tito Lívio, ver: LEVICK, Barbara. Historical context of the *Ab Urbe Condita*. In: MINEO, B. (ed.). *A Companion to Livy*. (Blackwell Companions to the Ancient World). New York: John Wiley & Sons Inc, 2014, p. 24-36.

Lívio e Tácito, para o compreender o que eles entenderiam como uma identidade romana. Segundo a autora, os estudos sobre estes dois autores antigos, ao refletirem sobre seus respectivos contextos, consideraram primordialmente a relação deles com os imperadores em questão. Contudo, a autora propõe uma reflexão que ultrapassa tal lógica ao relacionar os seus contextos com as singularidades de suas reconstruções do passado e que, de acordo com a autora, se pautaram em um conjunto mais ou menos regular de regras da narrativa. Desta forma, para a autora, há quatro conceitos centrais para pensar a questão da identidade romana em Tito Lívio e Tácito: *concordia*, *pietas*, *fides* e *mos maiorum*. Esses conceitos refletem os processos de reconstrução do passado por meio de uma memória compartilhada e regulada e a busca por padrões morais, de forma que indicam as transformações que a cidade de Roma atravessou no desenvolvimento do Principado, sendo a própria cidade transformada em símbolo da identidade romana, de acordo com a autora²¹⁶.

No contexto de escrita da história de Roma de Lívio, é pertinente pensarmos que a memória compartilhada sobre o passado mítico da fundação de Roma se mistura às concepções morais do autor, estas que, possivelmente, são próprias de seu tempo. Por isto, também nos interessa a concepção da *allelopoiesis* para entender esta dependência entre o passado de fundação e o presente tardo-republicano ou imperial de Lívio. Assim, propomos a hipótese de que, narrando a fundação mítica de Roma, Tito Lívio associa a memória das mulheres míticas romanas também às memoradas condutas ético-morais de cada uma delas. Neste sentido, o autor não só remete as origens da cidade, mas também estabelece o percurso moral dos personagens que compõem tal história, de forma a moldar uma história moral de Roma. Ele pretendeu dialogar também com o comportamento moral perpetrado pelos indivíduos de seu próprio tempo.

Portanto, Lívio, ao relatar a história de fundação de Roma, elabora um repertório de exemplos morais femininos que é remodelado tanto pela concepção do autor sobre a memória deste passado que reconstrói, quanto pela concepção do autor sobre as mulheres contemporâneas a ele. Sendo assim, ao estabelecer uma narrativa sobre a fundação e o passado mítico de Roma com suas mulheres lendárias, Lívio tinha em vista também as

²¹⁶ Cf. MARQUES, J. B. *Tradição e renovações da identidade romana em Tito Lívio e Tácito*. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

mulheres de seu tempo, que viveram sob a República, sobretudo, no período tardio mais próximo a ele, e no início do Principado²¹⁷.

Lívio não poderia ter aludido individualmente e diretamente à algumas figuras em específico já mencionada, como Agripina Menor (15 d.C – 59 d.C), que nem havia nascido quando ele morreu. Todavia, frequentemente, para uma análise mais coerente, devemos pensar essas mulheres, tanto da primeira dinastia imperial como da história da Roma inicial, de forma coletiva. A análise será mais frutífera se feita sobre grupos do que sobre casos individuais. Além disto, é coerente sugerirmos que, com a representação de mulheres míticas na sua narrativa e a reflexão de suas opções morais por meio dos *exempla* que elas compõem, comprova-se que o autor estava atento a um histórico e certa tendência de um ganho de proeminência feminina à sua época. Sobre essa tendência neste contexto histórico, Chambers observa:

O primeiro século de nossa era testemunhou vários desenvolvimentos importantes no reconhecimento público do potencial das mulheres para agir bravamente sob certas condições que coincidiam com os desenvolvimentos dentro da casa imperial. Histórias de proscricção circulavam desde os últimos dias da República, que enfatizavam a bravura de mulheres individuais em ajudar seus maridos a escapar da morte em tempos de turbulência política e medo. Isto colocouse ao lado do surgimento de "narrativas de mártires" no contexto da oposição estóica ao domínio imperial (homens e mulheres como Thrasea Paetus, Helvidius Priscus e Arria), que apareceu fortemente nas obras de Tácito e Plínio, o Jovem, mais tarde no primeiro século. Além disso, tornou-se muito mais comum durante o final da República as mulheres serem elogiadas publicamente por seus homens em seus funerais, uma tradição que continuou na era imperial²¹⁸.

A observação de Lívio certamente se deu por meio de diversas mulheres sob a República. Exemplos de um período mais antigo que o autor são Cornélia Africana (190 a.C – 100 a.C) e sua filha Semprônia (170 a.C – 101 a.C, aproximadamente), ou Cornélia

²¹⁷ Cf: FELDHERR, A. *Livy's Revolution: civic identity and the creation of the res publica*. In: HABINEK, T; SCHIESARO, A. (eds.). *The Roman Cultural Revolution*, Cambridge: Cambridge University Press, 1977, p. 136-157.

²¹⁸ In: CHAMBERS, L. *Exemplarity in Early Imperial Rome: gendered usability and literary constructions of female exempla*. Manchester: University of Manchester. PhD diss. 2021, p. 15.

Cinila (94 a.C – 69 a.C), esposa de Júlio César e a filha que tiveram juntos, Júlia (83 a.C – 54 a.C). São inúmeras as figuras de destaque que Tito Lívio poderia conhecer e ter a existência em mente observando o destaque e atuação destas figuras inseridas cada uma em seu contexto. Porém, citamos como mais próximas ao momento que viveu o autor, Ácia Balba (85 a.C – 43 a.C), sobrinha de Júlio César e mãe do imperador Augusto, adotado então pelo tio, Octávia Menor (69 a.C – 10 a.C), sobrinha-neta de Júlio César, irmã de Augusto e esposa de Marco Antônio. Mais ainda contemporaneamente ao autor, Lívía (58 a.C – 29 d.C), a primeira imperatriz romana, esposa de Augusto.

Um esforço recente de associação entre as figuras lendárias de Lívio e mulheres Júlio-Claudiada foi feito por Balmaceda, que comparou, por exemplo, Tanaquil com Lívía, em sentidos que se assemelham com aqueles que iremos trabalhar adiante, e também Túlia, que também analisaremos mais adiante nesta tese. Contudo, como temos apontado, não são números os trabalhos que propõem tais associações considerando a exemplaridade. Nesse sentido, pensamos que esta tese traz uma contribuição original. Discordamos de alguns argumentos da interpretação da autora mencionada, por exemplo, sobre Tanaquil, para quem a autora concluiu que Lívio conferiu atos positivos e dignos de imitação, contrastando com atos sombrios e duvidosos de Lívía, segundo a interpretação da autora sobre Tácito²¹⁹. Ainda para a autora:

Outras mulheres da dinastia Júlio-Claudiana também são prefiguradas nas heroínas da primeira hora de Lívio. Agripina, a Velha, por exemplo, esposa de Germânico, que forma uma verdadeira facção contra o imperador reinante Tibério, tem traços semelhantes a Túlia em termos de audácia e ambição com que se opõe ao rei para obter mais poder para si. Mas mais parecida com Túlia é a outra Agripina, a Menor, esposa de Cláudio, que, como a ex-rainha, descaradamente se livra de possíveis rivais – Cláudio e Britânico – para que seu filho Nero suba ao trono. Agripina também, assim como sua mãe, demonstra sua determinação e habilidade política mesmo com o exército e é acusada de aspirar ao poder supremo ao lado de Nero: *consortium imperii*²²⁰.

²¹⁹ BALMACEDA, Catalina. *Las mujeres de Livio: exempla, pasado y presente*. Vinã del Mar: Intus-legere historia, Vol. 14, N° 1, 2020, p. 183.

²²⁰ *Ibid.*, p. 183.

Ainda nos afastamos da interpretação da autora sobre uma “retroalimentação” entre passado e presente, uma vez que nosso empenho se volta a pensar a assimilação entre essas figuras femininas de diferentes épocas simultaneamente através da exemplaridade e da *allelopoieisis*. A ideia de retroalimentação foi proposta por Balmaceda nos seguintes termos: “o segundo propósito deste trabalho é ilustrar a retroalimentação frutífera que ocorre entre o presente em que vive Lívio e o passado que ele narra e como esse passado de alguma forma servirá de modelo e fornecerá exemplos que serão imitados no futuro (*exempla*)”²²¹. Porém, em seguida, a autora diz que, como todo historiador, Lívio é influenciado pelo seu presente e, assim, ele toma de seu tempo os modelos para suas heroínas romanas. A autora afirma, utilizando-se de Hobsbawm, que Lívio “inventa uma tradição” que mais tarde será usado de exemplo, guiando moralmente mulheres posteriores e, sobretudo, as do próprio tempo de Lívio. Como já apontado, pensamos que o processo de construção e transmissão da memória, considerando-se a *allelopoiesis*, complexifica essa possibilidade interpretativa. O passado, em diálogo com o presente e construído mutuamente a partir dele, não se torna um modelo estático e um estoque de exemplos produzidos para uma imitação futura, segundo o procedimento analítico que propomos.

Quando Tito Lívio transmite, por exemplo, a história de Lucrecia, uma das figuras mais paradigmáticas no aspecto moral entre as figuras míticas femininas da história romana, ele está refletindo sobre um modelo moral de matrona romana simultaneamente à reflexão sobre mulheres importantes de outras épocas e que estiveram em evidência. Ele faz uma reflexão própria, bem como transmite sua versão do *exemplum* de Lucrecia, mas a discussão sobre a moralidade feminina era comum ao seu tempo e se voltava para as figuras reais de sua realidade.

Para Balmaceda, essa relevância que as mulheres ganham se justifica da seguinte maneira:

A chegada do Principado a Roma com Augusto significou não apenas uma tremenda transformação na estrutura formal da política romana, mas também na própria maneira de fazer política, as regras do jogo mudaram profundamente. As formas foram personalizadas e todo o ambiente do imperador passou a adquirir grande relevância, concedendo aos mais próximos uma parcela de poder informal, mas

²²¹ Ibid., p. 170.

muito eficaz na tomada de decisões. A importância que a família adquire e, dentro dela, a eleição e preparação dos possíveis herdeiros faz com que a mulher desempenhe um papel essencial na hora de persuadir o imperador nesta eleição²²².

Apesar de concordamos, tomamos a explicação como parcial. Pensamos que as redes de inserção que propiciam a atuação dessas mulheres como agentes que interferem socialmente extrapolam, algumas vezes, sua dependência ou poder unicamente adquirido pela proximidade com o imperador, considerando as alianças que vimos criadas por Agripina Menor, por exemplo, com os libertos Palas e Aniceto. Além disso, a participação das mulheres na vida política e social se deu em diferentes medidas e com pesos variáveis, sendo que a bipartição rígida antes de Augusto e depois de Augusto não permite avaliar bem essa diversidade, pois inviabiliza a reflexão sobre a funcionalidade dos *exempla*, que ultrapassam uma única temporalidade.

Na sucessão de *exempla* que compõem o repertório de Lívio, Lucrécia está em uma esteira onde a figura inaugural é Vênus, como apontamos, divindade mãe de Enéias com Anquises, sobre a qual já ponderamos. Vênus é seguida nessa sequência por Lavínia, esposa de Enéias, e também figura já discutida. Ela é sucedida de Creusa, mãe de Ascânio, igualmente mencionada. São então apresentadas a famosa Reia Sílvia, já analisada, e então surgem as mulheres sabinas do célebre episódio sobre o rapto delas pelos romanos. Neste episódio sobre o rapto das sabinas, Hersília é apresentada por Lívio como esposa de Rômulo. Em sequência na narrativa liviana, é contada a história de Tarpéia, vestal filha de Tarpéio²²³, que será discutida no próximo tópico. Por fim, são apresentadas as rainhas romanas, primeiramente, Tanaquil, esposa de Lucumã ou Lúcio Tarquínio Prisco e, depois, Túlia Maior, esposa do último rei romano, Tarquínio, o soberbo, que assassinou Sêrvio Túlio, pai de Túlia e rei antecessor. Nesta conclusão da primeira parte da obra, que culmina no fim da república, o episódio de violência contra Lucrécia foi narrado. São apresentados o fim trágico e a postura moral exemplar desta figura²²⁴. No segundo livro, são apresentadas as figuras de Cloélia, Clélia ou *Cloelia*²²⁵, refém romana homenageada

²²² Ibid., p. 182.

²²³ Sobre esta figura, ver: NEEL, Jaclyn. *Tarpeia the Vestal*. Cambridge: Cambridge University Press, *The Journal of Roman Studies*, v. 109, 2019, p. 1-28.

²²⁴ Liv. 1.57-59.

²²⁵ Sobre esta figura, ver: ROLLER, Matthew B. *Cloelia: Timelessness and Gender*. In: ROLLER, Matthew B. *Models from the past in Roman culture: a world of exempla*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. p. 66-93 e ROLLER, Matthew B. *Exemplarity in Roman Culture: The Cases of Horatius Cocles and Cloelia*. *Classical Philology*, Vol. 99, No. 1, 2004, p. 1-56.

por sua coragem. Em sequência, seguem-se as menções a matronas romanas, incluindo Vetúria e Volúmnia, a história da vestal Ópia, condenada a dura punição por sua conduta moral e, então, Lívio apresenta o caso de Virgínia.

Portanto, nesta esteira de *exempla* femininos, averiguaremos a história ou suas possíveis versões acerca dos episódios que envolvem Tarpéia. Esta figura é particularmente útil para aprofundarmos alguns pontos já levantado desde a análise sobre Agripina Menor, por exemplo, a disputa da memória concretizada pelas versões concernentes a episódios importantes da História de Roma e, principalmente, relevantes para a discussão moral proposta na narrativa de Lívio e Tácito. Nestas, destaca-se a tensão entre a ambição pessoal e o interesse pelo bem de Roma ou lealdade a cidade. Por meio destes tópicos, o episódio de Tarpéia e seu caráter exemplar aproximam-se da representação taciteana do episódio inicialmente discutido sobre Agripina Menor.

2.1 *O exemplum de Tarpéia*

(...) Espúrio Tarpéio comandava a cidadela de Roma. Sua filha, uma vestal, ultrapassou as muralhas a fim de apanhar água para os sacrifícios e deixou-se seduzir pelo ouro de Tácio, concordando em introduzir soldados inimigos na cidadela. Penetrando no local, os sabinos trucidaram-na ao peso de suas armas no local, fosse para dar a impressão de terem tomado a cidadela à força, fosse para dar aos traidores o aviso de que não deveriam contar com promessas. A lenda (*fabula*) acrescenta que os sabinos geralmente usavam pesados braceletes de ouro no braço esquerdo e anéis de pedrarias de rara beleza, e que a jovem teria reclamado como recompensa o que eles traziam na mão esquerda. Ao invés de dar-lhe o ouro, eles a teriam esmagado sob o peso de seus escudos. Outros dizem que, ao indicar o objeto que usavam na mão esquerda, ela pedira exatamente os escudos, e os sabinos suspeitando de alguma cilada haviam transformado sua recompensa no instrumento de sua morte²²⁶.

²²⁶ *Sp. Tarpeius Romanae praeerat arci. Huius filiam virginem auro corrumpit Tatius ut armatos in arcem accipiat; aquam forte ea tum sacris extra moenia petitum ierat. Accepti obrutam armis necavere, seu ut vi capta potius arx videretur seu prodendi exempli causa ne quid usquam fidum proditori esset. Additur fabula, quod volgo Sabini aureas armillas magni ponderis brachio laevo gemmatosque magna specie anulos habuerint, pepigisse eam quod in sinistris manibus haberent; eo scuta illi pro aureis donis congesta. Sunt qui eam ex pacto tradendi quod in sinistris manibus esset dextro arma petisse dicant et fraude visam agere sua ipsam peremptam mercede* (Liv. 1.11.6-9). Nota-se que, apesar da tradução para o português ter

Nesta história, a virgem filha de um homem importante, chamado Tarpéio, e que não é designada como vestal originalmente no texto latino, vai buscar água fora dos limites da cidade, quando teria sido seduzida pela riqueza de Tácio, rei dos sabinos²²⁷. A personagem, nesta versão da história, é conduzida por sua ambição individual, na forma da possibilidade de recompensa material de um povo inimigo. Ela teria concordado em introduzir soldados adversários na cidade de Roma, assim, ela coloca seu interesse pessoal acima da lealdade ao estado²²⁸. O desfecho seria o assassinato da mulher, segundo uma vertente da *fabula*, morta com o mesmo objeto que teria interesse como sua recompensa. Neste sentido, há um claro paralelo com figuras femininas da república tardia e imperiais que, frequentemente, como veremos mais adiante, são apresentadas vinculadas a desfechos em que sofrem punições, muitas vezes, o assassinato, devido a ambição e intervenções políticas que exercem em nome de suas ambições. Os exemplos se dividem, como veremos adiante, entre aquelas que teriam tido um comportamento moral elogiável, muitas vezes, performando grande esforço e/ou se sacrificando, e aquelas que apresentam comportamento moral, algumas vezes sexual, inadequado e as que interferiram politicamente de modo excessivo, mas, frequentemente, a *impudicitia*, o comportamento inadequado, está associado à um comportamento social amplamente imoderado, sobretudo, a transgressão da esfera doméstica/privada à pública/política.

Nesta vertente narrativa, a principal característica da personagem Tarpéia, neste caso vício, é sua ambição excessiva, cujos interesses são pessoais e vão contra aos de seu povo²²⁹. Ela é símbolo da traição, sendo atribuída a sua história a existência da “rocha Tarpéia”, que estava situada no capitolino e servia como local de execução de traidores²³⁰.

acrescentado o título de vestal, a única informação que o texto latino, de fato, apresenta, é a característica da virgindade. Portanto, Lívio não apresenta Tarpéia como uma vestal, mas apenas como uma virgem.

²²⁷ Cf: OGILVIE, R. M. *A Commentary on Livy: Books 1-5*. London: Oxford University Press, 1963, p. 74-75.

²²⁸ Cf: FANTHAM, E; FOLEY, H. P; KAMPEN, N. B; POMEROY, S. B; SHAPIRO, H. A. *Women in the Classical World: image and text*. Oxford: Oxford University Press, 1994, p. 219.

²²⁹ Cf: STEVENSON, Tom. *Women of early Rome as exempla in Livy, Ab Urbe Condita, Book 1*. *Classical World*, v. 104, n. 2, p.175-189, 2011, p. 178.

²³⁰ Sobre a Rocha Tarpeia e sua omissão por Lívio, ver: WELCH, T. Perspectives on Livy and of Livy's Tarpeia. *EuGesta*, n. 12, 2012, p. 177-178. Segundo Stevenson, “a Rocha Tarpéia era aparentemente um afloramento que se estendia do Capitólio sobre uma queda íngreme, de onde eram lançados traidores e assassinos. Varrão (Ling. 5.41) o coloca perto do Templo de Júpiter Capitolino, mas Dionísio de Halicarnasso (Ant. Rom. 7.35.4, 8.78.5) o coloca no canto sudeste da colina, acima do Fórum Romano. Este último local foi favorecido por estar perto do *Carcer* e do *Scalae Gemoniae*, também locais tradicionais de execução (OCD, 3ª ed. s.v. Tarpeian Rock)”. In: STEVENSON, Tom. *Women of early Rome as exempla in Livy, Ab Urbe Condita, Book 1*. *Classical World*, v. 104, n. 2, p.175-189, 2011, p. 179.

Com o desfecho negativo para Tarpéia, quando ela sofre punição severa e exemplar, a história apresenta um caráter instrutivo moralmente: traidores não conseguem as vantagens que almejam. Muito pelo contrário, podem ser punidos severamente por seus truques, ambição e deslealdade a Roma. Ainda que traidora, ela é um *exemplum* a ser evitado, como o próprio autor adverte (*prodendi exempli*) e a história associada a ela visa a precaução, constituindo um conto de prevenção. Precedentes dessa versão da história de Tarpéia estaria em Quinto Fábio Pictor, além da própria rocha Tarpeia corroborar para a versão²³¹.

Entretanto, há tradições diferentes desta específica a qual Lívio se associa. Por isso, a história de Tarpéia, mesmo se analisarmos apenas nesta versão apresentada por Lívio, apresenta-se como um excelente exemplo de um *exemplum* romano, apresentando a estrutura narrativa e os problemas não visíveis na superfície. Neste sentido, Miles apresenta uma perspectiva, da qual nos afastamos justamente por não considerar a exemplaridade de Tarpéia, que discutiu essas diferentes versões sobre a história de Tarpéia, sem reconhecer, portanto, essas características e variações associadas a um *exemplum*²³².

Em vertente divergente da preferida por Lívio, Tarpéia seria uma heroína, pois a personagem teria performado um sacrifício público feito no local de seu suposto túmulo, mostrando-se uma verdadeira heroína ao tentar desarmar os sabinos, ludibriando-os²³³. Nesta versão, a personagem apresenta-se como um *exemplum* digno de imitação e pode ser entendido que Lívio alude a essa outra versão de forma mais ou menos direta pela menção a uma desconfiança dos inimigos.

²³¹ *Quintus Fabius Pictor*, teria vivido entre 270 e 200 a.C. e parece ter sido o mais antigo historiador romano, primeiro a escrever uma obra no formato de anais. Ele liderou as forças romanas contra os gauleses em 225 a.C. O cognome de “pintor” parece ter sido associado a seu avô, o mais antigo pintor que temos notícia e seu pai foi cônsul em 269 a.C. Cf: Fr. 8 Peter; CORNELL, T. J. (ed.) *The Fragments of the Roman Historians*, 3 volumes. Oxford: Oxford University Press, 2013; BRUCE, W. *Libri Annales Pontificum Maximorum*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1999; STEVENSON, Tom. *Women of early Rome as exempla in Livy, Ab Urbe Condita, Book I*. *Classical World*, v. 104, n. 2, p.175-189, 2011, p. 179.

²³² “Nesse contexto, é particularmente significativo que a narrativa de Lívio também reconheça versões contraditórias da tradição sobre Tarpéia, mesmo que privilegie uma versão sobre as outras no final. O ponto da história, então, não é tanto que as mulheres são inerentemente desleais, mas que, sendo percebidas pelos homens como constitucionalmente suscetíveis a emoções de desejo e amor, seus motivos são considerados inerentemente suspeitos, difíceis de prever (os atacantes sabinos são enganados ou não, de acordo com diferentes versões), e difíceis mesmo após o fato de determinar com confiança. Assim, em contraste com as mulheres sabinas, cuja suscetibilidade à *cupiditas* e ao amor contribui para sua identificação com Roma, está Tarpéia, em quem essas mesmas emoções poderiam muito bem ter levado à traição.” In: MILES, G. *Livy: Reconstructing Early Rome*, Cornell University Press, Ithaca y London, 1995, p. 209.

²³³ Cf: BAUDOU, A. *Tarpéia. Traîtresse indo-européenne, héroïne pisonienne*. *Cahiers des Études, Anciennes*, v. 29, 1995, p. 81–89.

Enquanto a versão da Tarpéia traidora possui o precedente pela rocha que confere nome e em Fábio Pictor, esta outra história de Tarpéia, como patriota, encontra precedentes em Lúcio Calpúrnio Pisão Frúgio²³⁴. Lívio não comunica a segunda versão objetivamente, mas deixa em aberto em meio a história que conta, aludindo, em alguma medida, à possibilidade de diferentes versões, inclusive, assumindo na versão que apresenta, a divergência sobre a condição específica da morte de Tarpéia e o lugar do escudo na história. O autor apresenta o *exemplum* de Tarpéia sem resoluções diretas, narrando a história propositalmente de forma aberta à leitura individual²³⁵.

Apesar de Lívio estar se associando muito mais a tradição em que Tarpéia foi uma traidora e que teve um mau destino devido a sua ambição pessoal desmedida e sua deslealdade a Roma, já que é esta a única versão que, de fato, ele apresenta diretamente, há outras sugestões. Isto acontece pela forma com que o autor narra o episódio, mostrando que ele não estaria certo dos detalhes e nem mesmo qual seria a versão mais crível da história. A indefinição do autor se evidencia por alguns termos específicos usados ao narrar a história que conta sobre Tarpéia: *additur fabula (...)*; *sunt qui eam (...)*; e, após continuar a narrativa encerrando a história de Tarpéia e voltando-se para o combate com os sabinos, ele dá seguimento com *tenuere tamen (...)*. Sobre essa indefinição, Neel diz:

O relato de Lívio é compactado, mas oferece quatro opções distintas para entender a traição de Tarpéia; tudo centrado na ganância (introduzido por 'corrompimento pelo ouro') e na traição sabina ('um truque'). O enredo básico da narrativa de Propércio coloca uma Tarpéia apaixonada em oposição à castidade. Ela se apaixona à primeira vista por Tácio enquanto pega água e racionaliza sua traição à cidade em um longo monólogo. Seu longo discurso atraiu significativa atenção, particularmente como uma dramatização do *incestum*. Muitas linhas interpretativas sobre Tarpéia parte desse contraste entre a virgindade de vestais e o amor para criar uma etiologia para a traição baseada na história mais antiga de Roma²³⁶.

²³⁴ *Lucius Calpurnius Piso Frugi*, eleito cônsul 133 a.C., conjuntamente a Públio Múcio Cévola. Também parece ter sido censor em 120 a.C. Cf.: *fr.* 5 Peter; Dion. Hal. *Ant. Rom.* 2, 38; BADIEN, Ernst. *Calpurnius Piso Frugi, Lucius*. *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

²³⁵ STEVENSON, Tom. *Women of early Rome as exempla in Livy, Ab Urbe Condita, Book 1*. *Classical World*, v. 104, n. 2, p.175-189, 2011, p. 179.

²³⁶ In: NEEL, Jaclyn. Tarpeia the vestal. *The Journal of Roman Studies*, v. 109, 2019, p. 3-4.

As imprecisões da história que cercam Tarpéia começam por seu status, sendo a personagem modernamente, de forma mais frequente, designada como vestal. Isto constatamos inclusive pela tradução da obra para o português. Entretanto, tem sido contestado que o “status de Tarpéia como uma virgem vestal foi uma opção, ao invés de obrigatório, e foi enfatizado indevidamente nos estudos modernos como um meio de entender o que Tarpéia ‘significava’ para Roma ou para os autores romanos”²³⁷. Neel explica que “a interseção da traição de Tarpéia com seu papel de Vestal foi entendida principalmente como um meio de intensificação: sua traição é pior porque ela é uma Vestal, já que se esperava que as Vestais protegessem Roma”²³⁸.

Nesta revisão sobre o status da personagem, argumenta-se que a vinculação do sacerdócio a Tarpéia é encontrado na minoria dos textos antigos e por razões específicas, sendo as narrativas com tal versão encontrada apenas nos autores Propércio e Varrão, enquanto a maioria das narrativas, como as feitas pelos autores Lívio, Dionísio de Halicarnasso e Plutarco, não apresentam a personagem como uma vestal, como aponta Neel:

A divergência mais comum encontrada nas narrativas antigas centra-se nos motivos de Tarpéia para abrir a cidadela aos sabinos: uma vertente da tradição que remonta a Fabius Pictor afirmou que ela traiu a cidadela por ouro, enquanto Propércio a descreveu como apaixonada; Calpurnius Piso afirmou que ela tentou enganar os sabinos e havia até uma versão em que ela claramente protegia Roma. Outras diferenças incluíam sua etnia (sabina ou romana), seu status (sacerdotisa pública ou cidadã privada) e periodização (guerra sabina ou guerra gaulesa). A maioria dessas variantes é representada por um pequeno número de textos antigos; apenas Plutarco, por exemplo, inclui a opção da etnia sabina²³⁹.

Neste sentido, a versão de Propércio, em particular, por representar Tarpéia como uma vestal acometida por paixão, foco mais apropriado para a elegia do que para a

²³⁷ Ibid., p. 2.

²³⁸ Ibid., p. 4.

²³⁹ Ibid., p. 2-3.

história, parece ter sido privilegiada em demasia nas análises desse mito como “uma dramatização da identidade individual em oposição à lealdade ao estado”²⁴⁰.

Percebe-se, assim, que no caso de Tarpéia, como de resto nos outros, cada personagem corresponde a uma miríade de possibilidades de leitura que são mobilizadas na tradição oral, representações iconográficas, além de versões literárias que obedeciam aos diversos decoro de gênero. A multiplicidade de versões é bem mais ampla do que aquelas que chegaram até nós. Isso reforça nossa proposição de que os *exempla* eram bem menos definidos e definitivos do que às vezes se pretende, sendo inclusive relidos e remodelados conforme contrastados com diferentes contextos que levavam a sua rememoração.

A discussão do status de Tarpéia interessa-nos para evidenciar como autores antigos mobilizaram o status de vestal, ou o recusaram, para dar sentidos e significados específicos ao *exemplum* de Tarpéia. Com isto, conduz-se a audiência no sentido do debate moral, ao sugerir perguntas e lições morais específicas, de acordo com a modelagem que dão ao episódio.

Na tradição que divulgou o status de vestal de Tarpéia, ou seja, em Propércio e Varrão, perdeu-se quase completamente a passagem da obra do primeiro que a traz e o trecho da obra do segundo que nos interessa sobreviveu em caráter fragmentado. Contudo, o remanescente da obra de Varrão sugere que ele definiu Tarpéia como vestal tanto para enfatizar seu status não romano, visível nesta versão, quanto por causa da associação das vestais com a *pignora imperii*²⁴¹.

Sobre o grau de variação das representações sobre uma mesma figura feminina, frequentemente apresentadas por meio de narrativas e, portanto, personagens, com caráter exemplar, as variantes, assim como a recorrência com que os autores remeteram à cada figura já foram detalhadamente observadas pelos estudos recentes. O episódio de Tarpéia, como apontou J. Neel, é amplamente mencionado por praticamente todos os autores que tratam da Roma inicial, mas também apresenta muitas variantes. Assim, apresenta-se com maior abundância de divergências e grau de variação mais elevado, se comparada a outras narrativas míticas ou lendárias sobre mulheres romanas.

Lucrécia, por exemplo, famosa personagem romana, é apresentada por meio de histórias vastamente difundidas, mas mostrando uma menor variação de detalhes. Lucrécia, na verdade, é mais frequentemente referenciada do que Tarpéia, com trinta e

²⁴⁰ Ibid., p. 2.

²⁴¹ Ibid., p. 1-28.

três ocorrências, em contraste a dezoito vezes. Porém, sua história tem apenas quatro variantes: a ordem de nascimento dos Tarquínios, por exemplo, as divergências em Tito Lívio 1,53, Dion. Hal., Ant. Rom. 4.64.2; a existência de um concurso sobre esposas, por exemplo, divergências em Lívio 1,57, Dídoto. Sic. 10,20 e Dion. Hal., Ant. Rom. 4,64. Já outra história, da personagem *Cloelia*, é referenciada dezesseis vezes, possuindo três variantes principais: com ela retornando para Porsena, rei etrusco, voluntariamente, com divergências em Tito Lívio 2,13, Dion. Hal., Ant. ROM. 5,33 e o papel de Valéria (Plut. Público. 19). A história de outra personagem, Túlia, a filha de Sérvio Túlio, é referenciada doze vezes, sem variantes no que se refere aos traços mais gerais²⁴².

Como concluiu J. Neel, a história de Tarpéia possui, no mínimo, dez variantes. Por este alto grau de incerteza e imprecisões sobre um mesmo *exemplum*, característica que, em nossa perspectiva, Lívio deixa transparecer ao transmitir sua própria versão desta história em aberto, Tarpéia é o *exemplum* que escolhemos abordar para concluir este capítulo. Em associação ao *exemplum* de Agripina e considerado dentro de um coletivo de *exempla* femininos que temos tratado neste capítulo, o *exemplum* de Tarpéia evidencia aspectos gerais da variabilidade dos *exempla* e das possibilidades de suas lições morais e porque assim eles se estruturam nas narrativas.

As narrativas sobre Tarpéia, possivelmente, refletem com fidelidade a memória desta personagem, apresentando-se, assim: diversas, conflitantes, tensionadas e manipuláveis de acordo com o interesse daqueles que as narram. Isto não é fundamentalmente diferente do que acontece, como vimos, na disputa entre versões para o caso referente ao risco iminente da ocorrência de incesto que envolve Agripina Menor e seu filho. Porém, independente da variação da história de Tarpéia, seja qual fosse a intenção da personagem, ela é referida como quem abriu o portão para o Capitolino, permitindo que o inimigo entrasse e isto representa mais do que uma ambição pessoal, um enorme ato de deslealdade a Roma. O resultado de tal ação, novamente, indiferentemente às pretensões iniciais da personagem, é que ela é sepultada sob escudos, tendo sido morta de forma peculiar e em função de sua atuação, fosse qual fosse a natureza de sua intenção. De forma semelhante, independente se houve uma iniciativa ou não quanto ao incesto, Agripina Menor encontra um final trágico e profetizado decorrente de sua ampla performance baseada em seus interesses pessoais e ambição e que

²⁴² Ibid., p. 1-28.

representavam ameaça para Roma, sendo o incesto um exemplo do mal público de sua atuação.

Para o caso de Tarpéia, uma série de eventos aparece em todos os autores, seja qual for a versão com variações específicas, e o sepultamento sob escudos serviu também como tema de imagens em moedas e em relevos, destacamos o relevo da Basílica *Aemilia* e duas moedas: os denários republicanos cunhados por L. Titurius Sabinus em 89 a.C. e os denários augustanos emitidos, 70 anos depois, por P. Petronius Turpilianus²⁴³. As condições da morte da personagem, portanto, viabilizou o seu reconhecimento e identidade, habilitando que histórias diferentes pudessem ser identificadas como vinculadas a Tarpéia. Os detalhes ao redor dos elementos fundamentais da história são sujeitos à escolha ou mesmo criação do autor e, independente da vertente de cada narrativa deste *exemplum*, o tema central da história vincula-se uma crítica moral da agência feminina, associado ao tema da deslealdade a Roma em prol da ascensão pessoal. Tarpéia atuou, seja contra ou a favor de Roma, sem supervisão e orientação ou, por fim, sem tutela masculina. Neste sentido, tivesse boas ou más intenções quanto à cidade, sua ação propiciou o ingresso do inimigo na fortificação. Ou seja, sua atuação extrapolou a esfera doméstica, onde esperava-se uma estabilidade e conservação sob tutela masculina. Esta atuação sem tutela masculina, como vimos, encontra um precedente em Lavínia que, por sua vez, contrasta com a atuação das figuras que tiveram papel materno, Reia Sílvia e Aca Larência, estas que mantiveram suas atuações restritas ao âmbito doméstico e, assim, Lívio pouco detalha sobre suas performances limitadas ao campo privado. Ao infringir seu campo de atuação, motivada por interesses pessoais ou em defesa da cidade, Tarpéia encontra um final trágico. Esta consequência pela sua atuação, entre as possíveis interpretações, sugeriria uma lição quanto a agência feminina na esfera pública, no caso da extrapolação de um equilíbrio e estabilidade garantido pela limitação de mulheres na esfera doméstica. Este cenário é agravado com a possibilidade de tal extrapolação na atuação da figura ser acrescido do item de deslealdade a cidade motivado por uma ambição pessoal, neste caso, o enriquecimento pelos possíveis ganhos de sua atuação.

2.2 Conclusões: Agripina Menor, Tarpéia e o coletivo de exempla femininos em Lívio (Lavínia, Reia Sílvia e Aca Larência)

²⁴³ Cf: RRC 344/2 e RIC I Augustus 299 e VACINOVÁ, Lenka. The punishment of Tarpeia and its possible iconographic inspiration. *AUC Philologica*, 2017, p. 43-55.

O primeiro capítulo desta tese teve como ponto de partida inicial para a reflexão o delineamento da figura de Agripina Menor por Tácito, e de Tarpéia, por Lívio. Percebemos que a apresentação dessas mulheres é definida de acordo com o comportamento associado a elas em determinadas situações de cunho ético representadas nas narrativas dos autores. No caso de ambas, a situação moral abordada é amplamente conhecida pelos romanos, integrando parte da memória desta sociedade. O caso do possível incesto já era um rumor à época em que Agripina Menor e seu filho viveram, ganhando ainda maior difusão após a morte deles e foi transmitido ao longo do período imperial, sendo de conhecimento de Tácito e seguramente de seu público leitor, inclusive em diferentes versões. O episódio de Tarpéia, era tão famoso e difundido, que contava com diferentes vertentes literárias acerca dele que contavam com um altíssimo grau de divergências. Em ambos os casos, trata-se de episódios famosos que animaram uma discussão moral no seio da sociedade. Além disso, eles se conectam pela forma narrativa e pela centralidade de uma figura feminina que desempenha ações em uma situação ética.

Tanto Lívio, utilizando-se da tradição exemplar, e Tácito, apropriando-se dessa tradição, capta o caráter exemplar destes episódios populares que foram importantes para as narrativas sobre a História da Roma inicial e do período imperial. Neste sentido, a memória que as fontes transmitem dos episódios que incluem a figura de Agripina e Tarpéia não apresenta geralmente um teor didático, ou exemplar, objetivo e claro. Por outro lado, os episódios expõem tensões a partir das versões divergentes sobre estes episódios e suas possibilidades interpretativas. O que se constrói nas obras, portanto, não são visões negativas, desforizações diretas consequentes da forma com que Agripina ou Tarpéia se comportaram e das suas opções morais nos episódios. Mas estimula-se um debate moral sobre os eventos que evidenciam diferentes sugestões no campo da moralidade, considerada as tensões na transmissão da memória sobre os episódios e, especialmente, a sua utilização para novos contextos. Estes outros contextos nem vividos muito menos imaginados pelas próprias personagens, por serem muito posteriores ao tempo em que elas viveram, pertencendo à época em que as narrativas foram escritas e, posteriormente, lidas e interpretadas. A narrativa, assim, ganha múltiplos significados não só por circular em diferentes versões, mas por receber diferentes leituras em contextos diversos, produzindo um caráter situacional, portanto dinâmico e fluído, e não dado, estático e prescritivo.

Entretanto, é notável que o comportamento de Agripina Menor na situação de incesto é delineado por Tácito mais negativamente do que aqueles associados a outras

mulheres imperiais, como as mencionadas Lúvia Drusila e Agripina Maior. Em Agripina Menor, o extremo da sua ambição por poder foi vinculado à maternidade e eleva-se na geração de seu filho, Nero, que se torna imperador. Ainda há um agravamento com o assassinato de seu marido, Cláudio, em exercício como imperador. Esta morte por envenenamento planejado por Agripina, após promover a adoção de seu filho é acrescentada à resignação de Agripina ao seu próprio assassinato por parte do filho. A aceitação de sua morte, prevista pelo oráculo, condicionou-se à ascensão de Nero ao poder imperial, e que ela exercera através dele, ainda que brevemente. Ou seja, ela aceita a própria morte desde que atinja, ela mesmo e o filho, o poder cobiçado. Estes comportamentos de Agripina como mãe ambiciosa tornam-se, na narrativa taciteana, agravantes de seu perfil em relação aos demais citados nas fontes sobre o período, ou seja, quando consideramos um coletivo de personagens imperiais, sobretudo, Júlio-Cláudias, na narrativa taciteana. É sugerida uma ideia singular de que ela aceitaria a própria morte garantindo o poder do filho, ou seja, sacrificando-se não por ele, mas para que ela mesma pudesse alcançar o poder através dele. Nesse sentido, é importante lembrar que Sêneca teria concordado em matar Agripina, dizendo que um dos dois tinha de morrer devido a suas disputas pelo poder imperial²⁴⁴. Além disso, destaca-se os laços familiares únicos de Agripina, tornando-a uma figura chave dentro da família imperial pelo seu potencial através dos laços que representa ou que poderia passar a compor, observando-se a *fecunditas* associada a ela.

Esta ambição individual de Agripina que orienta suas ações é tema alvo também da discussão proposta no *exemplum* de Tarpéia. Em uma opção, motivada pela possibilidade de ascensão, com lucro material neste caso, ela interfere em situação política e bélica. Em outra opção, ela interfere neste mesmo contexto, mas com intenção onde prevalece a lealdade a Roma sob a ambição pessoal. Ambas as personagens enfrentam o dilema entre a lealdade a Roma e a ambição pessoal ou familiar. Contudo, as duas escolhem concretizar ações que ultrapassam o campo esperado de atuação feminina, independente se tivessem Roma ou o auto benefício como propósito.

Há indícios de uma acusação da proeminência feminina resultante da ambição pessoal, seja no casamento, seja na maternidade, ou outros contextos das diversas formas de interferência no jogo político. Buscamos indicar precedentes de Tarpéia, ou Agripina, considerando esta tópica sobre a interferência e atuação pública feminina nas

²⁴⁴ Cf: Tac. *Ann.* 14.7, quando Nero, Sêneca e Burro decidem pela morte de Agripina.

representações livianas. Assim, vimos Lavínia como a origem de uma primeira atuação pública feminina e como única governante mulher relatada na História romana. Ela, Reia Sílvia e Aca Larência integram um tópico liviano concernente a função materna e a progenitura feminina, com essas últimas duas personagens demonstrando um desempenho mais privado e menos noticiado por Lívio em comparação à Lavínia. Essas acusações sobre a atuação pública/política de mulheres são encobertas pela forma narrativa da exemplaridade em Lívio e surgem nos relatos sobre mulheres imperiais na narrativa taciteana sobre o período Júlio-claudiano, que dialogam com suas precedentes. Assim, essas sugestões de críticas interagem com um repertório de mulheres da História da Roma inicial, que tiveram suas atuações também usadas como matéria para a discussão moral, centralizando o embate entre ambição própria e bem estar do estado, atuação materna entre o espaço privado e público e as preocupações concernentes a descendência familiar, sucessão e transmissão do poder.

A representação literária de Agripina Menor, que tenta cometer incesto com o filho, é importante indício desta tendência crítica em Tácito. Como vimos, o incesto representa um mal público e o envolvimento dela com seu tio Cláudio foi um precedente desta ameaça ao equilíbrio público pela transgressão feminina. Corroborando com ideia de um excesso feminino na atuação pública/política, Dião Cássio, por exemplo, quando apresenta um discurso da rainha dos icenos, Boudica, aos Bretões, em situação de uma revolta deste povo contra os romanos, atribui a fala de Boudica: “não governo (...) os romanos como fez Messalina antes, Agripina depois e Nero agora”²⁴⁵. Ainda que concordemos que a frase funcione como um ataque a Nero, é evidente a crítica a uma ascensão ou domínio feminino por meio de uma sugestão de que Messalina, terceira esposa de Cláudio e depois Agripina, a quarta e última, foram governantes ao comandarem a casa imperial no lugar do marido(s) e filho. Esta crítica direcionada as mulheres imperiais e seus homens, portanto, é elevada por Boudica por meio de um exagero, que serve para ampliar o poder das mulheres e, em contraste, produzir um retrato que reduz Cláudio e mesmo Nero, que é substituído por Agripina no início do governo e colocado como mais uma mulher da lista no final. A ilegitimidade de Nero como mulher no exercício do poder chama a atenção. O ponto é que Boudica ocupou de fato um posto

²⁴⁵ Cass. Dio. 72, 6, 3. Cf: FAVERSANI, Fábio. *Gênero, documentos e interpretações: um estudo sobre Agrippina minor*, p. 5. O autor, neste caso, utiliza tal trecho para argumentar como Nero é apresentado distanciado de ideais de masculinidade: “mesmo com o nome de homem, é na verdade mulher, como fica provado por cantar, tocar lira e ficar se embelezando”.

de liderança formal, governando como rainha seu povo por direito próprio e visando a preservação dos interesses dessa população frente aos desmandos de representantes do poder romano. Ela assumiu o poder de forma regular e sem que procurasse essa posição. Foi reconhecida como rainha dos Icênios após a perda de seu marido e, depois, como líder de uma coalizão de povos bretões, inclusive liderando seu exército em grande e sangrenta revolta contra o Império Romano²⁴⁶.

Azevedo destaca a dependência, na narrativa de Tácito, entre a representação de Messalina e Agripina Menor e a construção do retrato dos imperadores (Cláudio e Nero, respectivamente):

Messalina e Agripina, são caracterizadas como adúlteras, somente Messalina é caracterizada com elementos próprios da caracterização de prostitutas, e, em contrapartida somente Agripina é caracterizada como incestuosa. Esta diferença ressalta que o historiador buscou alcançar efeitos díspares nas críticas aos imperadores, através da composição destas duas personagens²⁴⁷.

A autora ainda ressalta que, tanto o adultério como o incesto, representavam ameaça a uma função principal das mulheres, que era de garantir alianças políticas por meio dos arranjos familiares, ou seja, pelo potencial que elas tinham de casamentos e filhos legítimos²⁴⁸. Mas, além disso, como vimos, a ameaça representa um mal público, com potencial danoso para a estabilidade da organização imperial e o debate sobre essa ameaça é figurado pela discussão moral através dos *exempla*.

O relato taciteano que apresentamos para servir como motivo de nossa discussão apresenta uma memória de Agripina Menor como culpada do incesto de modo mais fortalecido do que sua possível outra versão, em que o filho seria o culpado. Por outro lado, vimos em Lívio a possibilidade de Tarpéia ser culpada, representando uma traidora de Roma, prevalecer sob a versão em que ela seria uma heroína de Roma. Para o caso de Agripina, essa prevalência ocorre, em larga medida, por causa de seu longo passado de infâmias, de seu casamento estratégico com Cláudio até a aceitação de ser vítima de

²⁴⁶ Cf: BÉLO, Tais Pagoto. *Britannia: violência, poder e contato*. Porto Alegre: Anos 90, v. 25, n. 47, 2018, p. 77-109.

²⁴⁷ Cf: AZEVEDO, Sarah F. L. *O adultério, a política imperial e as relações de gênero em Roma*. FFLCH-USP (Tese de doutorado), São Paulo, 2017, p. 124.

²⁴⁸ *Ibid.*, p. 130.

matricídio. Ela foi representada usando ininterruptamente de estratégias a partir de poderes atribuídos a ela pela sua inserção na família e *domus* imperial²⁴⁹. Assim, ela utilizou de estratégias sexuais pelo seu lugar como amante de Cláudio, depois esposa, e explorou seu potencial e poder como geradora de filhos importantes na sucessão imperial, explorando seu lugar como mãe de imperador. Porém, essa caracterização competiu com um relato dos autores sobre o passado de seu filho, também repleto de *infamia*. Ainda assim, há um lugar diferente para esses dois personagens e para a *fama* e *infamia* construída para cada um, por fim, sendo Agripina apresentada como figura mais ajustável à ação de ter buscado o incesto. Chama a atenção que a hipótese, não mencionada, de que a atração fosse mútua e ambos desejassem o incesto. Para a lógica da narrativa, é fundamental que exista um protagonismo. No caso de Tarpéia, ela não é associada a ações morais precedentes ao episódio protagonizada por ela mesmo, sendo desconhecido seu passado que não é apresentado ao leitor. Porém, há precedentes de outras personagens femininas anteriores a ela e que integram uma unidade narrativa na obra. De todo modo, o episódio de Tarpéia, igualmente ao Agripina, sugere a existência de uma longa transmissão sobre a memória dos episódios com diferentes vertentes sendo populares.

Por um lado, propomos uma análise dos *exempla* femininos livianos que não considera as personagens individualmente, mas como um repertório composto por um grupo de figuras apresentadas em episódios exemplares que devem ser lidos em conjunto. Por outro lado, optamos por uma reflexão considerando mulheres que compõem a casa imperial como agentes que estabelecem relações, compondo grupos, neste caso, integrando uma unidade, que é a *domus*, e especialmente a *domus Caesaris*. Estas interações se dão em um tempo imperial em que laços legitimamente sanguíneos perdem relevância ou unanimidade diante a outras formas de conexões familiares, como a adoção e mesmo o casamento, que passam a ter novas implicações. Pomeroy propôs que o impulso da mudança social no mundo helenístico, que resultou em uma emancipação da mulher de classe alta, é um fenômeno que se deu por uma combinação de fatores. A matrona romana da república romana tardia, para a autora, deve ser vista diante o contexto de princesas helenísticas que foram astutas e poderosas politicamente. Haveria ainda outros fatores compondo o contexto romano que seria a grande riqueza, a ostentação e a indulgência aristocrática e, ainda, um pragmatismo que permitiu que mulheres

²⁴⁹ Cf: BARRETT, A. A. *Agrippina: Sex, Power and Politics in the Early Roman Empire*. New Haven: Yale University Press, 1996.

exercessem liderança durante a ausência dos homens em suas longas missões como militares e como governantes²⁵⁰.

Além disso, a atuação de outros agentes domésticos se transforma com o Principado e ao longo dele. Não só as mulheres, mas os libertos e mesmo escravos, como os exemplos de Aniceto e Palas ou das servas de Octávia, apresentam nova inserção nas casas aristocráticas²⁵¹. Neste sentido, as mulheres parecem atingir novas e mais expressivas possibilidades de intervenção na dinâmica de constituição das famílias que integram e se relacionam com a *Domus Caesaris*.

As possibilidades de arranjos familiares vinculados a mulheres causavam disputas políticas em que elas eram figuras centrais. Por isso, elas se tornam também indivíduos alvo de maior tensão e preocupação para os homens que compõem a rede de aristocratas ligada à casa imperial. Elas se tornam inimigas relevantes. Pensamos que as discussões que tendem a críticas de cunho moral direcionada às mulheres nos registros literários são fruto desta tensão e se misturam às preocupações masculinas de cunho político, no sentido de repreensão de uma nova agência feminina nesta nova dinâmica das constituições familiares. Ou seja, o que transparece pelas críticas ao comportamento moral das mulheres imperiais e acusações de uma decadência moral é a preocupação masculina com mulheres estarem habilitadas a *agir* como um verdadeiro adversário, tornando-se alvos, que atuam como inimigo político destes homens durante o período de constituição da primeira dinastia do Principado e ao longo desta dinastia.

Um ponto a destacar é que, infelizmente, soa bastante natural essa acusação que é lançada contra as mulheres que estão em posição de destaque. O protagonismo feminino é justificado pela ambição pessoal de mulheres, nesta visão, perpassando pela atividade sexual e não é reconhecido como uma possibilidade fora deste parâmetro. Como acontece ainda hoje, muito frequentemente homens atribuem o sucesso de mulheres à suposição que elas somente puderam obter tal sucesso explorando da sua sexualidade. Essa tópica de atribuir verossimilhança a boatos sobre mulheres porque um homem a prestigia, escutando-a e colocando-a em destaque, como Calígula fez com suas irmãs ou Nero com sua mãe segue presente em nosso tempo. E os boatos são instrumentos justamente para combater a agência feminina. Como esperamos que reste claro, cada caso particular

²⁵⁰ Cf: POMEROY, Sarah B. *Goddesses, whores, wives and slaves. Women in Classical Antiquity*. New York: Schocken Books Inc, p. 149.

²⁵¹ Cf: MILNOR, K. *Gender, Domesticity, and the Age of Augustus: Inventing Private Life*, Oxford: University Press, 2005.

alimenta, se conectando aos demais e isso gera um repertório que possui um poder persuasivo e disciplinador que ultrapassa em muito o papel desempenhado por cada um dos casos isolados.

Conclui-se através dos *exempla* de Agripina Menor e Tarpéia que a discussão concernente a moralidade feminina não é somente um exercício literário, apartado da realidade política em que o período histórico do Principado se deu. Portanto, Lívio escreveu sobre seu contexto político imediato, assim como as interpretações posteriores são resultados de tais reflexões sobre o presente, como vimos em Tácito. E tais narrativas vão ser apropriadas pelo público e redesenhadas e reinterpretadas a partir de novos contextos que vão surgindo e permitem novos olhares e percepções sobre o repertório, dando a ele uma dinâmica contínua e mantendo-o atual e próximo, mesmo que sendo o relato de fatos acontecidos em um passado distante.

Além dos aspectos da misoginia²⁵², as mulheres do período imperial são mobilizadas nas obras que tratam desta época, especialmente em Tácito, como personagens *exempla* ou retratos para uma discussão moral que também refletia as disputas em um contexto político onde mulheres pareciam estar cada vez mais expandindo seus poderes de atuação. Neste contexto em que a discussão moral encobre a discussão política, figuras femininas ilustram a história de Roma neste aspecto da moralidade, indicando uma história da decadência moral dessa sociedade. Esta história da decadência é apresentada como sendo constituída por meio de um repertório dinâmico e fluído de *exempla*. O item da interferência política feminina, visto que o Principado apresenta mulheres atuando, estruturando e redesenhando a família imperial, é o que sugerimos como razão para as críticas elaboradas por Lívio e Tácito ao apresentarem versões sobre episódios e figuras exemplares e discutirem o comportamento moral exibidos por suas personagens.

O que encontramos nas fontes a partir dessa discussão sobre o aspecto ético da sociedade romana, é uma preocupação com a regulação do comportamento moral de mulheres, sobretudo, com a extrapolação por parte delas da esfera doméstica e interferência na esfera pública e política romana. As figuras descritas pertencentes à

²⁵² Para um estudo do tema da misoginia a partir dos registros antigos, especificamente, epigramas de Marcial, autor latino do século I d.C, em perspectiva que remonta sua tradição anterior, discutindo o tema da misoginia desde Hesíodo com o episódio de Pandora em sua obra *Teogonia* e perpassando pelos poetas arcaicos Arquíloco, Hipônax e Semônides até os poetas latinos, como Juvenal, Horácio e Catulo, então, com a misoginia entendida como *tópos*, ver: AGNOLON, Alexandre. *O Catálogo das Mulheres: os Epigramas Misóginos de Marcial*. São Paulo: Humanitas, 2010.

dinastia Júlio-claudiana servem, assim, inúmeras vezes, como exemplos de comportamento repudiado, a ser evitado. Porém, a lição não é transmitida tão diretamente e o passado não é apresentado simplesmente como um estoque de exemplos. Apesar de ter motivações semelhantes quanto ao tom moralizante e alguns pontos de contato, a exemplaridade em Lívio se difere da tradição ciceroniana da *historia magistra uitae*²⁵³ e se afasta da ideia de *mos maiorum*, esta que se constitui como uma interpretação moderna que contribui de forma muito limitada para nossa abordagem para a exemplaridade. Isto porque, em ambas opções, é desconsiderado o fator de construção mútua de diferentes temporalidades e em ambas se considera um passado muito mais estático e imutável, a ser revisitado e emulado, prescritivo e com sentido dado, o que difere do considerado no procedimento analítico da *allelopoiesis* e em nossa abordagem sobre a exemplaridade.

Não só especificamente a história do Principado romano, mas também as narrativas sobre o período monárquico de Roma e origens e fundação da cidade, a exemplo de Tarpéia, estão repletas de personagens femininas que são motivos para se tecer discussões amplas sobre seus comportamentos morais que, mormente, relacionam-se a intervenções públicas e políticas. O que se propõe na narrativa exemplar de Tarpéia são possibilidades interpretativas sobre o episódio, que podem apontar para lições específicas diferentes, por exemplo, relativas à lealdade a Roma, mas discute-se centralmente as possíveis consequências da ampliação da atuação feminina para a esfera pública.

Além disto, a diacronia permite que as fontes antigas tanto busquem ressaltar aspectos de continuidade, tópicos relativos a uma essencialidade feminina, quanto apontem para a mudança nesses comportamentos, geralmente ligadas a tópicos mais gerais da decadência e afirmação da tirania. Nesse sentido, muitas combinações são possíveis e nossa hipótese se encaminha no sentido de pensar essas mulheres no plural, mais do que pessoas isoladas. Pensamos essas mulheres como agentes que interagem e se integram em complexas redes de interação social, mas também em complexos quadros de representação de suas existências, tanto no caso das figuras imperiais como no das figuras míticas. Contudo, consideramos as alternativas de análise que já foram produzidas por estudos anteriores, havendo amplos estudos sobre essas personagens, mas sendo recente e escassas as abordagens que consideram os *exempla* femininos de Lívio associados às personagens femininas de Tácito, bem como não são numerosos os estudos da

²⁵³ CIC. *De orat.* 2.

exemplaridade em geral em Tácito. Nosso foco, por conta das hipóteses que orientam o nosso estudo, não é a construção de um balanço historiográfico genérico e exaustivo sobre história das mulheres ou sobre relações de gênero, mas se volta para as possibilidades de estudo da exemplaridade como mecanismo de compreensão da atuação das personagens femininas e suas representações nas fontes selecionadas consideradas as múltiplas temporalidades que as instauram como narrativa.

Capítulo II

Exemplaridade e repertório: a construção da memória sobre mulheres da Roma inicial

Parte 1. Memória/história e mito/lenda em Tito Lívio: a conexão entre a moralidade e a narrativa sobre o passado romano

(...) É importante ter em mente o modo como os historiadores produzem e escrevem História. Normalmente, História é pensada como *res gestae*, ou como *narratio rerum gestarum*: ou seja, o passado como tal, como aconteceu realmente, ou sua reconstrução ou narrativa por um especialista, um cientista moderno. (...) O único acesso que temos ao passado é pelo presente, por objetos, textos ou recordações de indivíduos vivos que existem *hinc et nunc* e que os historiadores, com seu olhar treinado, identificam como restos de um passado que já não existe, como sobrevivências que podem ser tratadas como documentos. O universo desses vestígios constitui um terceiro sentido para o termo História: o de passado realmente existente hoje. (...) Sobre o que é a História dos historiadores? É uma produção específica das sociedades modernas, mas também uma parte da memória coletiva, ou antes, uma parte da produção social da memória, e muito particular. Seu principal pressuposto é ser uma Ciência e, portanto, diferente da ficção histórica e de outros produtos da memória coletiva²⁵⁴.

Seja como for, eu me sentiria feliz em dar minha contribuição pessoal para a celebração dos altos feitos do maior povo do mundo. E se, em meio a essa multidão de historiadores, meu nome permanecer na obscuridade, a excelência e a grandeza dos que me ultrapassarem me servirá de consolo. (...) No que se refere aos acontecimentos que precederam ou acompanharam a fundação de Roma, a essas tradições mais ilustradas por lendas poéticas do que apoiadas no testemunho irrecusável da história, não pretendo afirmá-las nem contestá-las.

²⁵⁴ In: GUARINELLO, Norberto. *Uma morfologia da história: as formas da história antiga*. Politeia: hist. e soc. Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2003, p. 43-44.

Concede-se aos antigos a permissão de introduzir a interferência divina nas ações humanas, para tornar mais veneráveis as origens da cidade...²⁵⁵

Apesar de se tratar de um autor antigo, então, com as discussões sobre o exercício do historiador moderno estando remotamente afastadas, o tópico da escrita histórica de Tito Lívio compreende um importante e longo debate, no tocante à História e seus campos metodológicos e conceituais. Entre as opções de descrições já feitas deste autor de uma obra que apresenta caráter, em alguma medida, histórico e datada no início do período augustano, ao fim do primeiro século a.C., já figuraram aquelas que o entendeu como quem costurou uma colcha de retalhos a partir de trechos retirados de seus predecessores, por um lado. Por outro, houve interpretações que o viram como um historiador “não científico”, porque não cumpriu análises suficientemente críticas de evidências. E, ainda, houve aqueles que tentaram limitá-lo como “apenas um artista literário”, pois teria buscado por estilo e drama, prioridades acima de interesses mais louváveis, como as matérias política e militar²⁵⁶. Independente dos inúmeros julgamentos anacrônicos e pouco apropriados já feitos sobre o modelo narrativo de Tito Lívio, uma observação irrefutável e que faz convergir as diferentes interpretações, é o da ênfase do autor na moralidade e do tratamento literário dado pelo autor ao seu relato, quer se tome isso como algo negativo ou positivo.

Já no seu prefácio, Lívio anuncia sua preocupação com modelos de vícios e virtudes, lançando sua célebre afirmação sobre seu objetivo ser fornecer *exempla* para seus leitores imitarem ou evitarem, já que, explica-nos, o mais louvável e produtor no conhecimento histórico são os exemplos instrutivos que podem ser descobertos e que a sua obra provê tais exemplos para benefício individual e para a coletividade de seu povo, havendo exemplos, portanto, dignos de imitação assim como ações reprováveis, com

²⁵⁵ *Ut cumque erit, iuvabit tamen rerum gestarum memoriae principis terrarum populi pro virili parte et ipsum consuluisse; et si in tanta scriptorum turba mea fama in obscuro sit, nobilitate ac magnitudine eorum me qui nomini officient meo consoler (...). (...) Quae ante conditam condendamve urbem poeticis magis decora fabulis quam incorruptis rerum gestarum monumentis traduntur, ea nec adfirmare nec refellere in animo est. Datur haec venia antiquitati ut miscendo humana divinis primordia urbium augustiora faciat (...).* Liv. *Praef.* 3.6-7. São Paulo: Editora Paumape, 1989. Todos os trechos em português reproduzidos desta obra são da referida edição. Em caso de alterações, haverá indicação.

²⁵⁶ Cf: STEVENSON, Tom. *Women of early Rome as exempla in Livy, Ab Urbe Condita, Book I.* Classical World, v. 104, n. 2, p.175-189, 2011, p. 187.

causas e consequências que necessitariam ser evitadas²⁵⁷. Contudo, como indicamos com a análise do *exemplum* de Tarpéia, nenhum dos *exempla*, especialmente os de Lívio, se mostram assim tão óbvios ao longo de sua narrativa. Chaplin, por exemplo, observou como a apresentação de alternativas por Lívio encerra sua narrativa da história e forma sua recusa em fazer um julgamento, abrindo assim a história de Tarpéia para interpretação e permitindo que os leitores valorizem ou condenem Tácio²⁵⁸. O caráter instrutivo de um *exemplum* não apresenta inclinações tão claras como se pode esperar e eles se mostram, propositalmente, irresolutos e em aberto. Além disso, eles pressupõem de uma interpretação por parte do público e do seu ajuste para a situação nova que se examina à luz da exemplaridade que é mobilizada. Por isso mesmo se destaca a importância de um repertório e o exercício constante de sua aplicação em associação tanto com outros *exempla* quanto com situações novas, presentes²⁵⁹.

Os estudos dos *exempla* têm se tornado cada vez mais refinados, com o tema da exemplaridade crescentemente recebendo a atenção e os esforços recentes dos estudiosos. Em um olhar geral, podemos indicar que *exempla* se apresentam por meio da construção, literária, mas também em registros visuais, de repertórios que são socialmente lidos e interpretados, de acordo com a identificação da audiência, pressupondo, portanto, a transmissão de uma espécie peculiar de “sabedoria”, assim como uma memória cultural e significados socialmente compartilhados²⁶⁰. De acordo com Jane Chaplin, importante estudiosa da narrativa exemplar de Lívio, os *exempla* são maleáveis e podem ser invocados de diferentes formas, dependendo do comunicador, do público e da situação imediata²⁶¹. As histórias apresentadas neste formato não alcançam um encerramento, ou um desfecho completo, como temos indicado, com isto, as pessoas iriam além dela, aprendendo suas lições. Nesta interpretação, a narrativa de Tito Lívio não fornece um conjunto de lições rígidas e inflexíveis sobre o passado, mas apresenta uma mescla de lições sobre como se conectar com esse passado²⁶². Tal abordagem insere o processo de

²⁵⁷ *Hoc illud est praecipue in cognitione rerum salubre ac frugiferum, omnis te exempli documenta in inlustri posita monumento intueri; inde tibi tuaeque rei publicae quod imitere capias, inde foedum inceptu foedum exitu quod vites.* Liv. Praef. 10.

²⁵⁸ Cf: CHAPLIN, J. D. *Livy's exemplary history*. New York: Oxford University Press, 2000, p. 17.

²⁵⁹ Cf: LANGLANDS, Rebecca. *Exemplarity ethics in ancient Rome*. Cambridge: United Kingdom; New York: Cambridge University Press, 2018.

²⁶⁰ Para o debate atual sobre a exemplaridade, ver: LANGLANDS, Rebecca. *Exemplarity ethics in ancient Rome*. Cambridge: United Kingdom; New York: Cambridge University Press, 2018 e ROLLER, M. B. *Models from the past in Roman culture: a world of exempla*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

²⁶¹ Cf: CHAPLIN, J. D. *Livy's exemplary history*. New York: Oxford University Press, 2000.

²⁶² Cf: STEVENSON, Tom. *Women of early Rome as exempla in Livy, Ab Urbe Condita, Book I*. *Classical World*, v. 104, n. 2, p.175-189, 2011, p. 188.

contemplar os *exempla*, mantendo o passado vivo e os próprios *exempla* atualizados e relevantes através de sua perpetuação com reinterpretações e (re)transmissão. Individualmente, poderia ser deles recolhido o que particularmente fosse adequado e desejado, de acordo com circunstâncias particulares, aceitando ou rejeitando as perspectivas de figuras históricas como bem quizerem, além da possibilidade de recombina-los, ligando diversas situações ocorridas em diferentes temporalidades e locais e as ancorando com novos significados em uma situação presente que lhes dará novos significados ou possibilidades de entendimento. Neste sentido, temos associado a exemplaridade ao processo da *allelopoiesis*, o que é uma contribuição original desta tese²⁶³.

Em semelhante perspectiva, para Langlands, os *exempla* podem ser entendidos como ferramentas morais mediadoras entre o universal e o particular, considerando que, ao ler *exempla* e aplicá-los a decisões éticas, havia um princípio da variabilidade situacional que regularia os romanos²⁶⁴. Isto nos leva a crer que, mesmo lendo a mesma história, e recebendo um mesmo *exemplum*, ele poderia ser recebido, e muito provavelmente era, de formas diferentes. Ou seja, para uma ação ser considerada correta e digna de imitação ou merecedora de ser evitada, dependeria das circunstâncias em que é executada e, portanto, o que é certo para uma pessoa em uma situação pode não ser adequada para outra.

Interessa-nos, porém, indicar a razão da importância da matéria moral e como ela é justificada especificamente por Tito Lívio:

Mas a essas lendas e a outras similares, seja qual for a maneira de encará-las ou julgá-las, não lhes darei grande importância. A meu ver, o que é preciso estudar com toda a atenção é a vida e os costumes de outrora, é a obra dos homens que na paz e na guerra ajudaram a construir e engradecer o império. Em seguida, observar como o paulatino enfraquecimento da disciplina acarretou, por assim dizer, o relaxamento dos costumes e como a decadência cada vez mais

²⁶³ Para ver mais sobre *allelopoiesis*: FAVERSANI, F; JOLY, F. D. Alexandre em Quinto Cúrcio e o Principado Romano: um estudo de *allelopoiesis*. Rio de Janeiro: *Phoënix*, v. 27, n. 2, 2021, 97-110.

²⁶⁴ LANGLANDS, Rebecca. *Roman exempla and situation ethics: Valerius Maximus and Cicero De Officiis*. *The Journal of Roman Studies*, v. 101, 2011, p. 100-122. Para um amplo estudo teórico sobre a questão da dinâmica entre o universal e o particular na exemplaridade, em diferentes âmbitos do conhecimento, ver: LOWRIE, M; LÜDMANN, S. *Exemplarity and singularity: thinking through particulars in philosophy, literature and law*. New York: Routledge, 2015.

acentuada levou-os à queda brusca de nossos dias, quando a corrupção tanto quanto seus remédios nos parecem insuportáveis. (...) Em nossos dias, com a riqueza veio a cobiça e com a afluência dos prazeres, o desejo de perder tudo e perder-se a si mesmo nos excessos do luxo e do deboche²⁶⁵.

Lívio assume que a o alto valor dos *exempla* que apresenta ao narrar a história de Roma se devem à carência de matéria semelhante em seu âmbito. A acusação de um declínio moral romano por meio do contraste entre um passado constituído de grande performance moral e militar e um presente corrompido e tomado por uma falta de disciplina é argumento extensivamente construído na narrativa de Lívio ao longo do próêmio e do primeiro livro de sua obra. No entanto, mais do que isto, a visão do autor sobre a necessidade contemporânea de se ter *exempla* e de se refletir sobre eles, a fim de elevar o comportamento moral romano coetâneo, constitui uma forma singular de história e de escrita e transmissão da memória e ainda, de forma geral, é uma forma específica de se conectar e reelaborar a visão sobre passado e presente. Neste caso, a conexão específica aqui se dá entre o passado de fundação de Roma e a passagem do século I a.C para o século I d.C, que também representa o período de transição da república tardia à instauração do principado romano. Sobre isto, diz Miles:

Da mesma forma, Lívio pode afirmar que o passado foi melhor que o presente sem representá-lo como utópico ou seus líderes como modelos unidimensionais da virtude romana: o que determina a excelência de uma época não é sua aproximação a padrões idealizados de perfeição, mas a segurança das fundações da comunidade. Finalmente, Lívio não precisa perceber toda mudança como declínio: após a refundação de Camilo, Lívio descreve a cidade renascida ‘como se de suas raízes, mais frutífera e florescente [do que antes], *uelut ab stirpibus laetiusferadusque* [6.1.3]. Enquanto as bases lançadas durante a fase formativa do desenvolvimento de Roma permanecerem sólidas, há

²⁶⁵ *Sed haec et his similia utcumque animaduersa aut existimata erunt haud in magno equidem ponam discrimine: ad illa mihi pro se quisque acriter intendat animum, quae vita, qui mores fuerint, per quos viros quibusque artibus domi militiaeque et partum et auctum imperium sit; labente deinde paulatim disciplina velut desidentes primo mores sequatur animo, deinde ut magis magisque lapsi sint, tum ire coeperint praecipites, donec ad haec tempora quibus nec vitia nostra nec remedia pati possumus perventum est. (...) Adeo quanto rerum minus, tanto minus cupiditatis erat: nuper divitiae avaritiam et abundantes voluptates desiderium per luxum atque libidinem pereundi perdendique omnia invexere. Liv. Praef. 8-12.*

amplo espaço para mudanças, tanto para crescimento quanto para declínio, sem que a comunidade perca sua identidade e seu potencial de renovação. Esta perspectiva sobre a história romana teve uma relevância particular para uma geração que viveu uma sucessão de guerras civis e foi confrontada por um programa ainda ambíguo e problemático de ‘renovação’ sob um líder cuja influência não foi igualada desde os dias dos primeiros reis de Roma²⁶⁶.

Não desinteressadamente, a atenção que o Lívio concede ao assunto moral na obra ao narrar o período de fundação de Roma e suas origens e histórias mais remotas coincide com um presente de construção da legitimação do poder imperial, então com a consolidação do principado, que era apresentado por Otaviano como uma refundação²⁶⁷. Considerado isto, os problemas sobre os quais pretendemos refletir adiante cercam uma reflexão sobre o trabalho que podemos definir como historiográfico, de Lívio e como este se liga ao caráter exemplar de sua narrativa. Ainda, estudaremos a exemplaridade como uma forma narrativa, que possui uma tradição, e, mais do que isto, como um modelo historiográfica para Lívio. A exemplaridade, em Lívio, será analisada como uma estrutura narrativa, que concede ordem, organização e atribui sentido, ao tempo e à sociedade do passado narrado por ele, mas que também conecta este passado ao seu presente em uma esfera cultural ampla. Assim, compreenderemos como o caráter mítico das lendas que permeiam a história romana contada por Lívio se conectam ao caráter exemplar das mesmas. Pontuaremos quando e como a instrução moral se vincula aos mitos na narrativa liviana. Por fim, entenderemos como e porque a exemplaridade é aplicada especificamente à narrativa sobre mulheres em Lívio. Para isto, veremos alguns episódios importantes para a representação feminina através dos *exempla* de Lívio, como o rapto das sabinas e o caso de Virgínia, que foi vinculada a virtude moral romana central, a *pudicitia*.

1.1 Mitos, lendas e contos

²⁶⁶ In: MILES, Gary B. *Livy: reconstructing early Rome*. Ithaca, London: Cornell University Press, 1995, p. 132.

²⁶⁷ Para entender melhor a ideia de Augusto como refundador de Roma, inclusive promovida por ele mesmo em suas *Res Gestae*, ver: BRANDÃO, J. L. O Principado de Augusto. In: BRANDÃO, José Luís (coord.); OLIVEIRA, Francisco de (coord.). *História de Roma Antiga: volume II: Império Romano do ocidente e romanidade hispânica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, p. 13 - 46.

Mitos geralmente explicam as origens de características naturais, como a formação de montanhas ou cidades, não exigindo, obviamente, preceitos científicos, mas normalmente fornecendo explicações divinas para fenômenos observáveis no mundo. Por outro lado, as lendas, comumente, são fundamentadas em eventos factuais, mas são carregados com certos exageros, por exemplo, elementos fantásticos, como o uso da magia e poderes extraordinários. Ainda assim, as lendas apresentam um “princípio ou uma essência de verdade”²⁶⁸. Já o conto popular (chamado *folktale*, em inglês), pode ou não ser baseado em um fato ou um acontecimento “real”, porém, frequentemente, um conto popular possui um pressuposto de posição social. Enquanto mitos e lendas pretendem recontar histórias de pessoas extraordinárias, com grande fama, muitas vezes, de elevada posição na sociedade, os contos populares centram-se nos feitos e na vida de pessoas ordinárias²⁶⁹.

Tal possibilidade de definições e distinções entre mito, lenda e conto popular apresentam-se como possibilidades interpretativas válidas, mas estão acompanhados de inúmeros problemas, principalmente o de ser um esforço nosso, estudiosos modernos do mundo antigo, sendo eles, os antigos, inconscientes de tais definições e classificações. Muito possivelmente, a distinção exata entre mito e lenda pode não ser útil para entender a sociedade romana. Esse tipo de narrativa, que genericamente chamaremos de mitos ao longo do texto, e que foram contados para narrar a história da Roma antiga, são extremamente úteis para que possamos compreender melhor como os romanos pensavam sua própria história. Os mitos, além disso, nos dizem quais histórias teriam valido a pena serem recontadas, qual o grau de variação entre versões diferentes era aceitável, e ainda, como autores decidiram que um evento era crível ou não, ou, como os autores esperavam ou queriam que seu público interpretasse o desfecho da história²⁷⁰.

Um problema específico da distinção muito rígida das categorias mito, lenda ou conto, está, por exemplo, em encontrarmos muitas narrativas da tradição romana que não envolvem deuses ou semi divindades, mas sim pessoas comuns que fazem coisas extraordinárias, dado que parece gerar confusão e deficiência na classificação. Talvez um item que evidencie a insuficiência destas tentativas de classificações é que a noção de mito foi aplicada comumente a histórias de deuses e heróis da tradição grega, enquanto

²⁶⁸ Cf: NEEL, Jaclyn. Early Rome. Myth and society: a sourcebook. *What is a “myth”?* Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2017.

²⁶⁹ Id.

²⁷⁰ Id.

histórias similares de outras partes do mundo antigo foram chamadas de “lendas”. É extremamente problemático, contudo, tentar definir o que de romano e o que de grego haveria nessas histórias, e é ainda mais problemático uma interpretação que se perpetuou longamente de que Roma seria uma sociedade, basicamente, sem mitos²⁷¹, que teria aprendido, reinterpretado e, portanto, em larga medida, copiado os mitos gregos²⁷². Apesar de ressaltamos que tanto gregos como romanos não reconheceriam, provavelmente, essas categorias distintas, constantemente repensadas e reajustadas pelos modernos²⁷³, entendemos que elas são importantes para alcançarmos uma ideia relevante, pois é introdutória ao desenvolvimento de nossa análise sobre a narrativa de Lívio: Roma teria um tipo singular de mitologia, chamada, por alguns estudiosos, de mito histórico²⁷⁴.

Mito histórico e não lenda histórica, devido à segunda opção implicar que a narrativa contém alguma verdade, segundo a definição tradicional, ao passo em que o mito histórico compartilha da natureza dúbia do mito: carrega sentido, ou verdade, para a cultura em questão, mas não necessita ser verdadeiro fora desta cultura. Neste sentido, o mito histórico também pressupõe um ambiente e período histórico definido, diferentemente da categoria tradicional de mito, que narra histórias de um passado de um tempo não específico, além disso, o mito histórico ocorre em locais específicos, na cidade ou ao redor dela²⁷⁵. Optamos por chamar de classificação ou mito/lenda “tradicional” ao remetermos a essas distinções ou categorias apresentadas anteriormente, pois temos convicção de que nem todas as narrativas que encontramos desta espécie, atribuídas a autores antigos, podem ser facilmente alocadas nestes compartimentos rigidamente pensados.

1.2 Mito, história e memória

Onde visualizaríamos a fronteira entre mito e história? Essa é uma enorme e antiga discussão, mas, enquanto reconhecemos o caráter mítico de narrativas sobre divindades,

²⁷¹ Para uma crítica desta ideia, hoje amplamente superada: BEARD, Mary. Looking (harder) for Roman Myth: Dumézil, Declamation, and the problems of definition. In: *Mythos in mythloser Gesellschaft: Das Paradigma Roms*, edited by Fritz Graf. Stuttgart, Leipzig: Teubner, 1993, p. 48.

²⁷² NEEL, Jaclyn. Early Rome. Myth and society: a sourcebook. *What is a “myth”?* Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2017.

²⁷³ CALAME, Claude. *Myth and History in Ancient Greece: The Symbolic Creation of a Colony*. tr. Daniel W. Berman. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2003.

²⁷⁴ FOX, M. *Roman Historical Myths: The Regal Period in Augustan Literature*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

²⁷⁵ Cf: NEEL, op. cit.

por exemplo, hoje conseguimos, nem sempre facilmente, mapear narrativas que possuem suporte documental e, portanto, que podem ser identificadas como históricas²⁷⁶. Mesmo Cícero, ao discutir sobre o que seria matéria própria da história e o que seria próprio para a poesia, apresenta critérios vagos para o que torna ficcional ou verídico uma ou outra narrativa²⁷⁷. Cícero distinguiu dois tipos de narrativa, a *fabula*, que pressupõe ficcionalidade, aliás, termo frequentemente utilizado por Lívio para se referir às histórias sobre a fundação de Roma, e a *historia*, que pretende ser verdadeira.

Além disso, é difícil traçar quais vestígios do passado estariam disponíveis para os antigos, por exemplo, para Lívio. Sobre isto, há muitas dúvidas e desacordo, sobretudo, para vestígios anteriores a 300 a.C., aproximadamente²⁷⁸. Tem sido refletido o quanto os romanos preocupariam em preservar o passado, com mais precisão histórica, em contraste com o passado mais imaginativo, mítico ou lendário, além de como essas duas formas se conectariam e se afastariam e o quanto podemos distingui-las ou mesmo o quanto os antigos as distinguiam. O debate de como se construiu uma memória através da tradição oral, e também visual, então, reformulada e transmitida pela tradição escrita, está em construção e é objeto frequente de estudos e debate no campo da História Antiga²⁷⁹.

Ainda que o modelo de Lívio conecte e integre diferentes formas ou tipos de narrativas, sendo uma dessas formas aquela que podemos definir como mais *historiográfica* e outra, definida como mais *mitográfica*, não parece haver, em momento algum, contradição ou conflito, pois o próprio autor faz sua vontade de transmitir diferentes versões, justificando a necessidade de cada uma delas. Chaplin nota:

A distinção mais essencial, embora às vezes implícita, nos estudos modernos é entre exemplos históricos e mitológicos, uma distinção que remonta a Aristóteles (*Rhet.* B 20 1394a) e que pode ser problemática na medida em que as compreensões antigas e modernas das categorias de mito e história nem sempre são coincidentes. Esta distinção, no entanto, não apresenta nenhuma dificuldade particular em compreender os *exempla* de Tito Lívio, quase todos os quais se enquadram no reino da história como concebida tanto atualmente quanto na antiguidade²⁸⁰.

²⁷⁶ Id.

²⁷⁷ CIC. *Leg.* 1, 5.

²⁷⁸ NEEL, op. cit.

²⁷⁹ Id.

²⁸⁰ In: CHAPLIN, Jane D. *Livy's exemplary history*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2000, p. 6.

Um exemplo está no proêmio, como vimos, onde Lívio defendeu o direito que tinham “seus antigos” de recorrerem a intervenções divinas para elevar suas origens:

E se alguma nação possui o direito de santificar sua origem relacionando-a com a intervenção dos deuses, a glória militar do povo romano é de tal ordem que, quando ele atribui sua origem e a de seu fundador ao deus Marte, de preferência a qualquer outro, aceitem as demais nações essa pretensão com a mesma tolerância com que aceitaram seu poderio²⁸¹.

Lívio, então, parece reconhecer que é inverossímil a origem e fundação de Roma estar em Marte muito mais do que em qualquer outro, mas, sem embaraço, afirma que a pretensão deste vínculo é legítima, de forma que deve ser aceito como verdade. O autor tece sua opinião sobre o caráter da verdade e factibilidade sobre o episódio envolvendo o ato de estupro da vestal Reia Sílvia, este que resultou no nascimento de Rômulo e Remo, então estabelecendo e criando uma tradição sobre este vínculo entre a cidade de Roma e a divindade Marte e o resultado desta gravidez fruto da violação²⁸². Lívio assume a impossibilidade da mulher ter gerado filhos de uma divindade, reconhecendo ser mais verossímil que ela tenha sido vítima de qualquer figura menos louvável e, portanto, menos digna de ser lembrada:

Mas o destino exigia, creio eu, a fundação desta grande cidade e a criação do maior império do mundo abaixo do poder dos deuses. Vítima de violação, a vestal deu à luz dois gêmeos e, fosse por boa fé, fosse para enobrecer sua falta atribuindo-a a um deus, responsabilizou Marte como autor daquela paternidade suspeita²⁸³.

²⁸¹ *et si cui populo licere oportet consecrare origines suas et ad deos referre auctores, ea belli gloria est populo Romano ut cum suum conditorisque sui parentem Martem potissimum ferat, tam et hoc gentes humanae patiantur aequo animo quam imperium patiuntur.* (Liv. Praef. 7).

²⁸² Cf. STEVENSON, Tom. *Women of early Rome as exempla in Livy, Ab Urbe Condita, Book 1.* Classical World, v. 104, n. 2, p. 176.

²⁸³ *Sed debebatur, ut opinor, fatis tantae origo urbis maximique secundum deorum opes imperii principium. Vi compressa Vestalis cum geminum partum edidisset, seu ita rata seu quia deus auctor culpae honestior erat, Martem incertae stirpis patrem nuncupat.* Liv. 1. 4.1-2.

O historiador, ao mesmo tempo em que reconhece a inveracidade da paternidade dos primeiros líderes de Roma atribuída a Marte, reconhece a importância de *lembrar e recontar* o mito. Ele valida a elevação que tal história traz ao seu povo e a suas origens. Assim, Lívio, como narrador e divulgador do passado romano que está reconstruindo, compreende a importância de narrar e transmitir uma memória que é amplamente reconhecida através dos mitos em sua tradição, seja oral ou escrita, e que eleva e legitima os romanos em princípio da construção de um novo e enorme império²⁸⁴. Portanto, em tal contexto, esta memória das origens de Roma deve ser narrada enquanto registro textual, não por possuir uma verdade intrínseca, mas pelo caráter explicativo que se pode extrair dela e, em especial, pela sua relação com os eventos sucessivos²⁸⁵. A grandeza de Roma de seu tempo, por exemplo, é apontada como razão suficiente para que se aceite a ideia de uma origem divina (*praef.* 8). Portanto, não se trata de não se importar com a verdade ou factibilidade dos episódios narrados, mas de respeitar o decoro de cada narrativa específica e as possibilidades que se abram de lhe atribuir utilidade e verossimilhança²⁸⁶.

1.3 História, memória e exemplaridade no contexto augustano

Unindo o passado romano de forma mítica e histórica e considerando diferentes tradições, Lívio reconta as origens romanas por meio da revalidação que ele faz do viés mítico da história romana. Contudo, notando o caráter exemplar que a obra carrega, vemos que ela se apresenta, simultaneamente, histórica, mítica e exemplar²⁸⁷. Contando a história desde o momento tradicional conhecido como o de fundação, 753 a.C., o autor renova e preserva uma memória social e coletiva, mas a seu modo, segundo seu entendimento de como *se fazer* história, de acordo com o que considera útil e importante²⁸⁸. Remodelando a tradição cultural desta memória que transmite em sua escrita, Lívio insere diversas histórias curtas, de caráter instrutivo moralmente, a fim de

²⁸⁴ Cf: FELDHERR, A. *Livy's Revolution: civic identity and the creation of the res publica*. In: HABINEK, T; SCHIESARO, A. (eds.). *The Roman Cultural Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, p. 136-157 e MILES, Gary B. *Livy: reconstructing early Rome*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1995.

²⁸⁵ Cf: FORSYTHE, G. *Livy and Early Rome: A Study in Historical Method and Judgment*. Steiner, Stuttgart, 1999.

²⁸⁶ Para a diversidade de "histórias" e a escrita dos antigos, cf: FAVERSANI, Fábio. Escrita da história e as histórias dos antigos. In: CERQUEIRA, F; GONÇALVES, A. T. M; MEDEIROS, E; BRANDÃO, J. L. (orgs.). *Saberes e poderes no mundo antigo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 19-34.

²⁸⁷ Cf: CHAPLIN, Jane D. *Livy's exemplary history*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2000.

²⁸⁸ Cf: MILES, Gary B. *Livy: reconstructing early Rome*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1995.

fornecer, como já vimos, modelos que ele define como dignos de serem imitados ou que devem ser evitados, mas que não necessariamente cumprem esta função de modo objetivo²⁸⁹. Neste sentido, Lívio está escrevendo completamente para seu presente, trata-se de uma reconstrução da memória romana, mas é também uma história feita na era augustana e para a era augustana. Stevenson sobre isto, afirma que “de fato, se o primeiro livro de Lívio estivesse completo em 27 a.C., a obra teria sido escrita em anos mais ‘actianos’ do que ‘augustanos’, ele certamente tinha essas mulheres em mente [Fúlvia e Cleópatra], junto com outras em vários níveis de uma sociedade abalada”²⁹⁰. Mas, independente da crítica de Lívio voltada ao comportamento feminino ser uma reflexão a partir do contexto “actiano” ou “augustano”, o que notamos é que, a partir do fim da república, fora observado uma progressão da atuação feminina, com um fortalecimento da agência de mulheres que trouxe possibilidades de consequência na esfera pública, seja no aspecto social ou, em específico, político. Assim, as características associadas ao passado são frutos da construção que é feita também sobre o presente, como indicado pelo processo da *allelopoiesis*. Sobre uma forma de história feita particularmente durante e para a era augustana, concordamos com Miles:

A História nesta versão permanece útil, não porque representa reconstruções precisas de eventos passados que podem servir como analogias no presente, mas sim porque perpetua e interpreta a memória coletiva na qual a identidade e características do povo romano depende. Isso não é o único tipo de história, com certeza, mas uma particularmente bem adaptada a uma sociedade que se regula menos por um corpo escrito de leis do que por histórias, exemplos, e sabedoria transmitida através de uma rica variedade de tradições que apenas recentemente começaram a ser reduzidas para serem escritas²⁹¹.

Na sua obra, Lívio está reconstruindo a memória romana considerando devidamente a tradição romana vinculada aos mitos e a tradição exemplar. Assim, há pretensões de instruir moralmente, o que talvez tenha sido a causa de sua história não ter gerado conflito

²⁸⁹ Cf: BARCHIESI, A. Exemplarity: Between Practice and Text. In: MAES, Y; PAPY, J; VERBAAL, W. (eds.). *Latinitas Perennis. Volume II: Appropriation and Latin Literature*. (Brill’s Studies in Intellectual History), v. 178, Leiden: Brill, 2009, p. 41-62.

²⁹⁰ In: STEVENSON, Tom. *Women of early Rome as exempla in Livy, Ab Urbe Condita, Book 1*. *Classical World*, v. 104, n. 2, p.175-189, 2011, p. 189.

²⁹¹ In: MILES, Gary B. *Livy: reconstructing early Rome*. Ithaca, London: Cornell University Press, 1995, p. 74. Tradução nossa.

com seus contemporâneos, não tendo o autor sofrido repreensão, de acordo com o que sabemos. A discussão moral conecta passado e presente sem concluir com relatos objetivos e diretos sobre o presente. Isto pode ter isentado o autor de quaisquer acusações, pois esta associação a um passado remoto de fundação de Roma pretendeu também elevar origens da cidade e da própria família imperial, como já indicamos²⁹². Pela recolocação que Lívio faz da tradição e a reconstrução da memória vinculada à exemplaridade, a escrita de Lívio também contribuiu para uma redefinição da história e de seu caráter de utilidade. O autor deslocou a atenção do leitor: da veracidade contida na tradição, ou seja, de aspectos contidos nas narrativas de mitos ou lendas tradicionais, para o assunto moral que enfatizou. Desta maneira ele viabilizou sua pretensão de influência formativa com relação à identidade e ao caráter dos romanos²⁹³.

Entretanto, o caráter exemplar das personagens de Lívio nem sempre apresenta tendências claramente positivas, dignas de imitação, ou negativas, que deveriam ser evitadas²⁹⁴. Neste sentido, o passado não é representado como um estoque de exemplos gloriosos, muito menos mostra-se estático, ou seja, não é um tempo glorioso ao qual o presente deve objetivamente se espelhar e que institui as bases morais do Império²⁹⁵. Frequentemente, as figuras femininas são alocadas, por Lívio, em situações moralmente abertas à interpretação, como é comum aos *exempla*, de acordo com o que temos discutido²⁹⁶. Isto se conecta a como a memória recontada na história escrita por Lívio possui episódios com caráter pedagógico no aspecto moral, então histórias exemplares, que não possuem um consenso completo, mas diversas versões e conflitos abaixo da superfície. Por outro lado, também se conecta a como a memória é fluída e passível de remodelações, como já indicado pelas análises das personagens Agripina Menor e Tarpéia. Tais remodelação são mais resultado de tensões e interesses divergentes daqueles

²⁹² Cf: FELDHERR, A. *Livy's Revolution: civic identity and the creation of the res publica*. In: HABINEK, T; SCHIESARO, A. (eds.). *The Roman Cultural Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, p. 136-157

²⁹³ Cf: MILES, Gary B. *Livy: reconstructing early Rome*. Ithaca, London: Cornell University Press, 1995, p. 74.

²⁹⁴ Cf: CHAPLIN, Jane D. *Livy's exemplary history*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2000.

²⁹⁵ Interpretações, das quais nos afastamos, que discutem o tópico da decadência em Lívio e que atribuem ao autor uma visão mais prescritiva sobre modelos morais de um passado glorificado, estão em: EVANS, R. Learning to be Decadent: Roman Identity and the Luxuries of Others. *The Australian Society for Classical Studies*, v. 32, *Proceedings*, 2011, p. 1-7 e MULLENS, H. G. The decadence theme in Augustan literature. *Vergilius* (1938-1940), n. 6, 1940, p. 26-31.

²⁹⁶ Cf: LANGLANDS, Rebecca. *Exemplarity ethics in ancient Rome*. Cambridge: United Kingdom; New York: Cambridge University Press, 2018.

vivos que escrevem sobre o passado do que feitas por consensos e arbitrariedades relacionados a este passado.

A exemplaridade se liga a um passado dado, mas também a outras temporalidades, não só ao presente em que se relata o passado. No caso, é o Principado que inspira a novas leituras e a atribuir um conteúdo que não está no passado, pelo simples motivo de não haver como antecipar o presente. Assim, o que é importante está nessas leituras que se faz do passado a partir desse presente e das temporalidades que ligam esse passado ao presente. Isto gera uma tradição interpretativa, ou um repertório, que permite diferentes leituras. Para tratar desse processo, há algumas possibilidades de abordagem e especificamos a nossa escolha na introdução e ao longo do primeiro capítulo desta tese. As leituras presentes mudam o passado e são reciprocamente alteradas pelo passado que é tomado como referência para o entendimento do presente, como temos indicado pelo conceito de *allelopoiesis*. Isso não se dá por ligação direta, mas é um processo mediado por uma tradição, que oferece um repertório de leituras possíveis. Esse repertório pode ser sempre ampliado com novas leituras, mas, para parecer verossimilhante, essa nova leitura tem que se reportar e se construir a partir do repertório. Considerado este repertório, e a discussão sobre o contexto de escrita de Lívio, vamos a seguir analisar alguns episódios, focando em grupos de personagens femininas representadas por Lívio para averiguarmos, por um lado, a importância da *pudicitia* neste contexto romano e, por outro, a colocação da relevância desta virtude dentro do repertório de *exempla* femininos livianos.

Parte 2. O repertório de mulheres em Lívio: moralidade e regulação da atuação feminina nos *exempla* das sabinas, Hersília, Cloélia e Virgínia

Entender a história exemplar de Tarpéia, já discutida, exige a compreensão mais ampla deste tipo de narrativa vinculada a figuras femininas contidas em sua obra, pois, como temos indicado, propomos uma análise centrada na coletividade dessas figuras e não em mulheres específicas. Por isso, entenderemos onde, na narrativa, o episódio de Tarpéia se inseriu, não pensando essa história específica de forma singular, mas dentro de um conjunto maior de histórias com características e temas semelhantes observados na obra e que se associam e/ou se repetem.

Perceber a ordenação, quais os *exempla* precedem e sucedem Tarpéia, é o que nos habilita a pensar como há uma conexão entre a sucessão de histórias exemplares sobre mulheres da Roma inicial narradas pelo autor, que produz certa acumulação de sentidos e, portanto, gera um efeito de progressão na narrativa, evidenciando e fortalecendo determinados aspectos presente nas histórias contadas sobre essas mulheres. Sobre esse efeito acumulativo, Chaplin explica:

os públicos interno e externo podem aprender diferentes lições do mesmo *exemplum*. O público externo tem uma posição privilegiada para avaliar a apresentação do passado, pois pode testemunhar cada citação de um *exemplum* e aprender com o efeito cumulativo, enquanto a audiência interna varia. Ocasionalmente, este último pode ouvir o mesmo *exemplum* mais de uma vez, podendo o *exemplum* até mesmo ter um significado diferente na segunda vez. Na maioria das vezes, no entanto, o público interno difere de citação em citação do *exemplum*; conseqüentemente isso pode absorver apenas o significado imediato. Leitores de Lívio, por outro lado, podem comparar vários tratamentos e alcançar uma perspectiva ampla sobre questões como as habilidades relativas de romanos e estrangeiros para aprender com o passado²⁹⁷.

Sobre as audiências, Chaplin esclarece:

²⁹⁷ In: CHAPLIN, Jane D. *Livy's exemplary history*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2000, p. 53.

Por 'audiência interna' devemos entender não apenas as pessoas que ouvem um discurso, como os romanos em Cáudio que são persuadidos por *Lentulus* a se render, mas também o tipo de audiência interna que Solodow e Feldherr discutem: ou seja, pessoas que testemunham um evento e, em um contexto exemplar, regulam seu comportamento de acordo. Por exemplo, os samnitas acreditam que os romanos podem ficar presos na Silva Ciminia [Floresta Ciminiana] porque foram atraídos para a armadilha dos samnitas em Cáudio. E o aspecto importante do público externo não é quem realmente ouviu ou leu a História de Lívio, mas sim que efeito que sua posição fora do texto tem em seu entendimento e posição de *exempla*. Como o uso iterativo de Tito Lívio da segunda pessoa singular (*te, tibi, tuaeque*) no Prefácio 10 indica, ele espera que o leitor tire algo dos *exempla* na História²⁹⁸.

Por um lado, reconhecer essa progressão dos sentidos, muito mais do que repetições, nos faz perceber a existência da construção de um *repertório*, produzido pelo autor, que possui uma específica coerência interna na obra. Com o acúmulo e, logo, projeção dos sentidos e argumentos específicos, as ideias repetidas são endossadas e, a cada nova repetição com nova forma a partir de uma nova história ou *exemplum*, tais ideias são fortalecidas e amplificadas. Mas, por outro lado, o *repertório*, que podemos especificar como feminino, em Lívio, também se conecta, evidentemente, à memória que esse autor reconstrói das figuras de acordo com a centralidade que faculta ao tema moral. Portanto, por *repertório*, entendemos uma noção na obra que se apresenta como um artifício que confere forma, sentido e coesão ao conteúdo da narrativa concernente às mulheres, tornando-a exemplar, estruturando e fortalecendo a discussão moral²⁹⁹. Assim, esse repertório é, em nossa perspectiva, a configuração com que a exemplaridade se faz presente na narrativa da obra.

2.1 *Hersília, as mulheres sabinas e Cloélia*

²⁹⁸ In: CHAPLIN, op. cit., p. 51-52. Cf: SOLODOW, J. B. Livy and the Story of Horatius, 1. 24-26. *TAPhA*, v. 109, 1979, p. 251-268 e FELDHERR, A. M. Spectacle and Society in Livy's History. Berkeley: University of California Press, 1998.

²⁹⁹ Um uso da ideia de repertório para a análise de Lívio que encontramos, apesar de forma pouco desenvolvida, está em FOX, M. *The Representation of the Regal Period in Livy*. In: MINEO, B. (Ed.). *A Companion to Livy*. (Blackwell Companions to the Ancient World). New York: John Wiley & Sons Inc, 2015, p. 290: “além de usar tais motivos para estabelecer a historicidade de seu relato, há um pequeno repertório de ideias-chave que Lívio quer que o período real para transmitir”.

Considerando esta noção de repertório, percebemos que o episódio de Tarpéia, na narrativa de Lívio, está inserido em outro mais amplo envolvendo o conflito entre romanos e sabinos. Desta forma, a aparição desta figura é antecedido e sucedido por episódios envolvendo as mulheres sabinas. Isto porque a atuação de Tarpéia é uma história adjacente, ou que pode até mesmo ser entendida como uma digressão, pausa ou fuga narrativa, dentro do contexto do conflito motivado pelo rapto, por parte dos romanos, das mulheres desse povo³⁰⁰.

De acordo com Tito Lívio, o rapto das sabinas foi resultado da limitação imposta aos romanos pela falta de mulheres quando eles se encontravam “sem esperanças de sucessão dentro da cidade e casamento com povos vizinhos”. Houve tentativa anterior, sob o comando de Rômulo após conselhos de senadores, de união com os povos por sangue e raça, mas que foi acolhida com medo ou desprezo³⁰¹. Com a juventude romana recebendo negativamente a recusa e Rômulo ocultando o ressentimento, convidaram os sabinos para a recém criada festa *Consualia*, jogos em honra da divindade Netuno equestre. O nome da celebração faria referência e honraria ao deus Conso, antiga divindade agrária e/ou talvez vinculada à morte. Tal comemoração seguiria o calendário de cultivo, celebrando-se o plantio, em 15 de dezembro, e a colheita, em 21 de agosto. De acordo com Plutarco: “A aventura do rapto ocorreu, portanto, no décimo oitavo dia do mês que se chamava então Sextil e corresponde agora a Agosto, durante o qual se celebra a festa dos *Consualia*”³⁰². Assim, contou-se com a presença de mulheres e crianças. Nesta ocasião, usaram a distração para raptar as mulheres, com plebeus encaminhando as mais belas para as casas dos principais senadores. Rômulo teria acalmado uma a uma as raptadas e culpado os seus pais por não terem aceitado as uniões por matrimônio anteriormente, explicando o que compartilhariam com seus maridos: bens, pátria e afeição dos filhos³⁰³.

³⁰⁰ Cf: WELCH, T. Perspectives on Livy and of Livy’s Tarpeia. *EuGesta*, n. 12, 2012, p. 175.

³⁰¹ *sed penuria mulierum hominis aetatem duratura magnitudo erat, quippe quibus nec domi spes prolis nec cum finitimis conubia essent. Tum ex consilio patrum Romulus legatos circa vicinas gentes misit qui societatem conubiumque novo populo peterent: urbes quoque, ut cetera, ex infimo nasci; dein, quas sua virtus ac di iuvent, magnas opes sibi magnumque nomen facere; satis scire, origini Romanae et deos adfuisse et non defuturam virtutem; proinde ne gravarentur homines cum hominibus sanguinem ac genus miscere* (Liv. 1.9.1-4).

³⁰² In: PLUTARCO. *Vida de Rômulo*, 15, 7. Tradução, introdução e notas de Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008, p. 140.

³⁰³ Liv. 1.9.14. Cf: BROWN, R. D. Livy’s Sabine women and the ideal of *concordia*. *TAPhA*, v. 125, 1995, p. 291-319.

Nesta atuação pacificadora de Rômulo, Lívio diz que o líder teria dito às mulheres sabinas que, “deveriam acalmar a cólera e, uma vez que o destino as forcara a entregar o corpo a um esposo, que procurassem também dar-lhes o coração e que, muitas vezes, o ressentimento da injúria cede lugar à afeição”³⁰⁴. Ainda nesse apelo de Rômulo, ele teria argumentado que a ternura dos homens, bons maridos, invocaria como desculpa o ardor de suas paixões, recurso que ele teria dito, de acordo com Lívio, ser sempre eficaz junto às mulheres³⁰⁵.

Segundo Lívio, apesar de as vítimas já terem aceitado o ocorrido, permanecendo resignadas, parte dos pais se rebelaram. Ceninenses, crustuminos e antenates, três povos, se uniram para invadir o território romano, concordando que Tácio e sabinos agiam com lentidão. Por fim, apenas os ceninenses invadiram, sendo derrotados pelos romanos³⁰⁶.

Contudo, o desdobramento deste conflito entre os romanos e os pais das mulheres sabinas raptadas ainda se conecta argumentativamente na narrativa ao caso de Tarpéia através de outra personagem feminina³⁰⁷. Hersília, segundo Lívio, esposa de Rômulo, uma das mulheres raptadas, participa do episódio. Ela teve destaque próprio no trecho em que é mencionada, quando imediatamente sua aparição precede à de Tarpéia. Em outra tradição, Hersília é apresentada não como esposa de Rômulo, mas como esposa de um homem chamado Hostílio, tendo Plutarco transmitido essa possibilidade em contrapartida à versão de Hersília como esposa de Rômulo. Diz Plutarco:

um aspecto muito importante abona em defesa de Rômulo: de fato, não tomaram nenhuma mulher casada a não ser Hersília, e esta, por engano, o que mostra que eles avançaram para o rapto não por violência ou injustiça, mas antes para fundirem e juntarem os dois povos – e ainda assim movidos por imperiosas necessidades. Uns dizem que a tal Hersília se casou com Hostílio, um dos cidadãos romanos mais ilustres, outros que ficara como esposa do próprio Rômulo, de quem viria a ter descendência (...) ³⁰⁸.

³⁰⁴ *mollirent modo iras et, quibus fors corpora dedisset, darent animos; saepe ex iniuria postmodum gratiam ortam*. Liv. 1.9.15 Tradução da edição utilizada com alterações.

³⁰⁵ Liv. 1.9.16. Cf: VANDIVER, E. The founding mothers of Livy’s Rome: the Sabine women and Lucretia. In: TITCHENER, F. B; MOORTON, R. F. (eds.). *The Eye Expanded: Life and the Arts in Greco-Roman Antiquity*, Berkeley: University of California Press, 1999, p. 206-232.

³⁰⁶ Cf: WARDMAN, A. E. *The Classical Quarterly*, v. 15, 1965, p. 101-103.

³⁰⁷ Cf: STEVENSON, Tom. Women of early Rome as exempla in Livy, *Ab Urbe Condita*, Book 1. *Classical World*, v. 104, n. 2, p.175-189, 2011, p. 180.

³⁰⁸ In: PLUTARCO. *Vida de Rômulo*, 14, 7-8. Tradução, introdução e notas de Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008.

Hersília é peça fundamental do episódio sobre as sabinas e para nossa intenção de apresentar o tema moral vinculado à representação de Lívio sobre mulheres da Roma inicial a uma percepção do autor sobre a agência feminina, pois Hersília surge intervindo política e belicamente, diretamente atuando no ambiente de batalha na divergência entre romanos e sabinos envolvendo as mulheres sabinas³⁰⁹.

Hersília teria pedido e conseguido *facilmente* com o marido, em nome de esposas que como ela foram raptadas, o direito de reconciliação, em forma de cidadania e perdão para seus pais. Ela utilizou do argumento e motivo de que o marido aumentaria seu poder em Roma. Portanto, ela usou deste argumento como estratégia para persuadi-lo. É interessante notar que, considerando que ela é uma entre as várias jovens mulheres raptadas para o estabelecimento de matrimônio com os romanos, ela é recém esposa de Rômulo³¹⁰. Este item, apesar de Lívio não enfatizar, nos permite inferir que o casal acaba de se conhecer e concretizar a união matrimonial quando ela exhibe sua atuação de destaque descrita na narrativa do episódio. Este é um fator importante, uma vez que uma mulher, estrangeira, recém casada com o primeiro rei da História romana, até então era desconhecida por ele e pela comunidade. Agrava-se ainda a situação com o fato de ela possuir uma origem não romana, e promover uma ação proeminente, inclusive na forma de intervenção pública, neste episódio.

Entretanto, Hersília promove *concordia (ita rem coalescere concordia posse)*³¹¹. Este é um conceito importante para noção romana de equilíbrio e bem estar da esfera pública romana. Porém, é uma ideia frequentemente associada, como dito, ao âmbito público, no qual não se esperava grandes atuações de mulheres³¹². A intervenção de Hersília, ainda que tenha uma aparente consequência positiva, que é a *concordia*, possui carga negativa, pois sua ação aponta para o perigo de mulheres atuarem de forma relevante, exibindo proeminência na esfera pública. Neste caso, ainda mais sensível, pois se trata de uma situação de conflito político e bélico.

³⁰⁹ Cf: STEVENSON, op cit., p. 177-178.

³¹⁰ Cf: WISEMAN, T. P. The wife and children of Romulus. *Classical Quarterly*, v. 33, 1983, p. 445-452.

³¹¹ *duplicique victoria ouantem Romulum Hersilia coniunx precibus raptarum fatigata orat ut parentibus earum det veniam et in civitatem accipiat: ita rem coalescere concordia posse* (Liv. 1.11.2). Cf: STEVENSON, Tom. *Women of early Rome as exempla in Livy, Ab Urbe Condita, Book 1*. *Classical World*, v. 104, n. 2, p.175-189, 2011, p. 178.

³¹² Cf: MILES, Gary B. *Livy: reconstructing early Rome*. Ithaca, London: Cornell University Press, 1995, p.199-201.

Neste sentido, ainda vemos uma mulher estrangeira associando certa fraqueza à liderança de Rômulo. Ele facilmente acolheu o conselho de uma mulher externa e nova em Roma. A figura de Rômulo, portanto, é fragilizada pois cede à manipulação da esposa estrangeira em momento de tensão política e de guerra instituída³¹³.

O tema do líder influenciado, neste caso, o rei pela esposa, tem ainda o acréscimo de uma discussão comum à Lívio sobre líderes de origem estrangeira, com a origem da esposa sendo fator agravante de suas ações no episódio³¹⁴. A origem estrangeira de reis de Roma é tema desenvolvido por Lívio, sobretudo, para a figura de Tarquínio Prisco. Contudo, a influência de esposas é fator longamente criticado por muitos autores latinos em relação a outros homens proeminentes, recorrente inclusive nas representações do período Júlio-claudiano, quando imperadores ou concorrentes ao poder imperial aparecem como manipulados por mulheres.

Neste sentido, posteriormente, analisaremos a exposição por Tácito de decisões tomadas pelos imperadores, em tom crítico, ao se deixarem influenciar por mulheres, sobretudo, mães e esposas. Estes homens, em semelhança a Rômulo, são representados associados à certa fraqueza quando acolhem conselhos de mulheres a eles vinculados. Lívio remete e cria, portanto, em nossa opinião, a origem, histórica e mítica, ou mesmo cronológica, desse *topos*: governantes governados por suas mulheres. Portanto, esse potencial negativo na figura de Hersília, devido a sua atuação pública e política, apresenta-se nos mitos de fundação de Roma através da figura definida como primeira rainha de Roma. Esta característica será associada às demais rainhas da história de Roma, inclusive com Tanaquil, que também possuía origem estrangeira, assim como Hersília. Neste sentido, outras personagens greco-latinas, por exemplo, Medéia, que dentro contexto imperial romano foi assunto de uma das tragédias de Sêneca, pode ser uma base importante para essa tópica da rainha estrangeira. O poder de mulheres associados a monarquias estrangeiras, portanto, tem um papel aqui, especialmente se pensarmos em Cleópatra VII³¹⁵.

A crítica de Lívio não é tão direta na obra, pois está posta abaixo das camadas de sentidos cobertas pela forma de mito deste episódio. Porém, essa crítica aproxima a atitude de Rômulo diante do acolhimento do conselho e intervenção de Hersília àquela de

³¹³ Cf: WISEMAN, op. cit., p. 445-452.

³¹⁴ Cf: BITARELLO, M. B. Etruscan Otherness in Latin Literature. *Greece & Roma, Second Series*, v. 56, n. 2, 2009, p. 211-233.

³¹⁵ Cf: WISEMAN, op. cit., p. 445-452.

Tibério diante de sua mãe, Lúvia. Aproxima-se também da atitude de Cláudio frente a Messalina e Agripina Menor. Ou ainda, a atitude de Calígula frente as irmãs ou de Nero frente à mãe Agripina Menor e mesmo sua(s) esposa(s), sobretudo, Popéia, na ocasião em que o imperador lidou com a primeira esposa, Octávia, sob influência da segunda.

Portanto, o episódio parece aproximar o poder de persuasão e influência dessas mulheres sob os imperadores em exercício e a atitude de Hersília de intervir no caso das sabinas. Essa espécie de poder feminino sob o masculino é fator claramente associado a mulheres de homens proeminentes na ordem política romana. Desta forma, tal atributo feminino, apresenta-se, em Lúvio, assim como se apresentará posteriormente em Tácito ou Suetônio, como ameaça à ordem pública, política e social romana como um todo, não se resumindo a um problema de caráter apenas doméstico. Neste sentido, a percepção transmitida pelos romanos associa a atuação feminina a uma decadência observada em sua própria história. O desempenho de mulheres intervindo na vida pública e política é negativo, quando tomado em uma análise coletiva sobre essas mulheres. Além disso, os precedentes da história mais remota e mítica de Roma, como Hersília, funcionam como origens desse problema da Roma em princípios do império³¹⁶.

Após a menção da atuação de Hersília, e o episódio de Tarpéia, na sequência da narrativa sobre o conflito entre romanos e sabinos, as mulheres sabinas surgem intervindo no campo de batalha entre os dois povos. De acordo com Lúvio, os sabinos foram os últimos a contestarem o rapto das jovens mulheres, uma vez que ceninenses, crustuminos e antenates já haviam se revoltado. Ainda de acordo com Lúvio, elas teriam suplicado, em meio ao campo de batalha, que fossem mortas por serem a causa do conflito e por não quererem sobreviver como órfãs e viúvas. Ao considerarem as possíveis consequências e mortes pelo conflito, as sabinas teriam dito aos combatentes: “se este parentesco, este casamento vos desagradam, é contra nós que se deve voltar vossa cólera. Nós é que somos a causa da guerra, dos ferimentos e da morte de nossos maridos e de nossos pais. Antes morrer do que sobrevivermos a uns e outros, ficando viúvas e órfãs!”³¹⁷. Comovidos, os combatentes e líderes teriam interrompido a guerra e feito um acordo: os dois povos se uniriam, com Tácio e Rômulo compartilhando poder. A sede de poder teria sido transferida para Roma que, então, duplicaria seu poder, tendo os sabinos sem ficar em tão

³¹⁶ Cf: ARIETI, J. A. Rape and Livy's view of Roman History. In: DEACY, S; PIERCE, K. F (eds.). *Rape in Antiquity*. London: Duckworth, 1997, p. 209-222.

³¹⁷ *Si adfinitatis inter vos, si conubii piget, in nos vertite iras; nos causa belli, nos volnerum ac caedium viris ac parentibus sumus; melius peribimus quam sine alteris vestrum viduae aut orbae vivemus.* (Liv. 1.13.3).

evidente desvantagem para os romanos, segundo Lívio, recebendo inclusive a homenagem por adoção do nome de quirites (da cidade de Curo) ³¹⁸. Em semelhança à intervenção inicial de Hersília, o resultado da ação das sabinas em contexto bélico, é a *concordia*. Porém, trata-se ainda de intervenção pública e de estrangeiras que tem origem e laços familiares com o inimigo combatido ³¹⁹. O processo de sugestões e provocações às reflexões na exemplaridade, no caso de Lívio, é um acúmulo de indícios sugeridos ao longo dos episódios e pelo grupo de figuras femininas que neles são representadas como atuantes e em uma linha de ação que se afasta daquela adotada pelos homens ³²⁰.

Por causarem a paz, segundo Lívio, as sabinas se tornaram ainda mais queridas pelos maridos e pais, principalmente por Rômulo que, devido a estes fatos, teria usado seus nomes para as trinta cúrias nas quais dividiu a população. Em Plutarco encontramos a seguinte discussão sobre a informação do número das raptadas e uso por parte de Rômulo de seus nomes: “alguns dizem que foram raptadas apenas trinta donzelas, sendo a partir delas que se deu o nome as tribos; porém, Valério Antias fala em quinhentas e vinte e sete, e Juba em seiscentas e oitenta e três” ³²¹. De acordo com Lívio, a lenda não especifica (*id non traditur*) como o rei escolheu as trinta entre todos os nomes de mulheres sabinas. Desconhece-se, portanto, o critério utilizado, se foi idade, condição social, identidade do marido ou sorteio. Ainda de acordo com Lívio, data e deriva dessa história de conflito entre romanos e sabinos a organização das três centúrias de cavaleiros, com os ranenses derivado de Rômulo, os ticinenses, pelo nome de Tito Tácio, rei sabino, e os lucérios, com nome e origem que Lívio diz ser incerta ³²². Assim, associaram-se as três designações a povos ou tribos distintos, a partir dos nomes que possuíam origem etrusca ³²³.

Interessa-nos notar a descrição física das mulheres sabinas em meio à intervenção que fazem no conflito armado: “com cabelos soltos e vestes rasgadas, vencendo na

³¹⁸ Liv. 1.13.5 Para mais detalhes sobre o episódio das sabinas, ver o capítulo 5, “The first Roman Marriage and the Theft of the Sabine Women”, em: MILES, Gary B. *Livy: reconstructing early Rome*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1995, p. 179-219.

³¹⁹ Para ver mais, em específico, sobre o conceito de *matrimonium*, cf: GARDNER, J. F. *Women in Roman Law and Society*. Indiana: Indiana University Press, 1991, p. 31-65 e TREGGIARI, S. *Roman Marriage*. Oxford: Clarendon Press, 1991, p. 3-80.

³²⁰ Cf: KEEGAN, P. *Livy's women: crises, resolutions, and female in Rome's foundation History*. New York: Routledge, 2021.

³²¹ In: PLUTARCO. *Vida de Rômulo*, 14, 7. Tradução, introdução e notas de Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008.

³²² *Ramnenses ab Romulo, ab T. Tatío Titienses appellati: Lucerum nominis et originis causa incerta est.*

³²³ Cf: MILES, Gary B. *Livy: reconstructing early Rome*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1995, p. 179-219.

desgraça a timidez natural do sexo, ousaram lançar-se em meio a uma saraivada de dardos e interpor-se entre os combatentes, para fazer cessar as hostilidades e o ódio”³²⁴. Nesta descrição da ação das mulheres sabinas, há expressão de coragem e admiração vinculada à atitude perpetrada por elas, uma vez que insinuam sacrificar-se para dar fim ao conflito. Neste sentido, sobre a descrição físicas das mulheres sabinas, Keegan observa:

A intensidade da aceitação da responsabilidade pela guerra inscreve-se nos seus corpos como espécie de culpabilidade, que compreende tanto a aparência como a representação artística. Isso é retratado de tal forma que outro aspecto de seu *muliebris ingenium* – neste caso, a ansiedade ou pavor feminino (*muliebris pavor*) – é superado por seus delitos. É a culpa, não o valor, que permite às mulheres ousar o local da hostilidade e da raiva³²⁵.

De fato, colocaram-se expostas ao perigo iminente do conflito como meio para serem observadas. Nesta interpretação, elas se assemelham a outra figura, com elas precedendo, assim, um *exemplum* posterior, do livro segundo, na narrativa: *Cloelia*³²⁶, ou mesmo a vertente de Tarpéia como heroína.

Cloélia foi uma mulher romana feita refém por povo inimigo e homenageada por sua coragem. Ela, como refém do rei etrusco, teria sido mais corajosa do que homens, como Horácio Cocles e Caio Múcio. Estes estiveram envolvidos também em uma situação de guerra motivada por mulheres disputadas, em semelhança à situação entre sabinos e romanos. A coragem da mulher se devia a ela ter se exposto, à frente de suas companheiras, e atravessado a nado sob dardos o rio Tibre, restituindo as jovens a suas famílias em Roma. Porsena, o rei etrusco, impressionado com sua coragem, quis a ter de volta, garantindo que seria restituída inviolada. Ele a deixou escolher reféns para libertar e ela ganhou uma estátua equestre com sua imagem montada a cavalo no alto da via Sacra, sendo louvada e homenageada, portanto, mesmo por inimigos de Roma³²⁷.

³²⁴ *Tum Sabinae mulieres, quarum ex iniuria bellum ortum erat, crinibus passis scissaque veste, victo malis muliebri pavore, ausae se inter tela volantia inferre, ex transverso impetu facto dirimere infestas acies, dirimere iras, hinc patres, hinc viros orantes, ne sanguine se nefando soceri generique respergerent, ne parricidio macularent partus suos, nepotum illi, hi liberum progeniem.* (Liv. 1.13.1-2).

³²⁵ In: KEEGAN, op. cit., p.78.

³²⁶ Liv. 2. 13. Outras versões sobre Cloélia estão em Val. Max. 3.2.2; Dion. Hal. 5.35 e Plin. *NH* 24.28-9.

³²⁷ Liv. 2 13. Sobre o *exemplum* de Cloélia, ver: ROLLER, M. B. Exemplarity in Roman Culture: the cases of Horatius Cocles and Cloelia. *Classical Philology*, v. 99, n. 1, 2004, p. 1-56.

Nesse caso, devemos destacar ainda que Cloélia opera em um mecanismo que temos tratado como retrato. Nessa composição, a ação dela não é isolada, mas se articula com a impostura dos homens que são destacados negativamente no episódio. A atuação feminina, assim, é produto de uma deficiência da atuação masculina³²⁸. Tal ação não deveria ocorrer e a mulher ocupa um espaço que não é dela e nem deveria ser, caso os homens agissem adequadamente. Assim, o fundamento da narrativa, calcado em um princípio misógino coerente àquela temporalidade, diga-se, não é o elogio à atuação da mulher, mas uma crítica à incapacidade masculina³²⁹.

Um tema central aqui envolvido, por outro lado, como no *exemplum* de Tarpéia, são as consequências aos leais à cidade em contraste as punições dos desleais³³⁰. As sabinas, como Cloélia e Tarpéia enfrentam uma situação moral em que a lealdade é tema central, considerando que elas responderam ao dilema da fidelidade entre seus pais e maridos recentes, indicando que o matrimônio podia produzir resultados mistos na realidade³³¹. Ou seja, o tema da lealdade a Roma se mostra, a cada *exemplum* feminino, central na narrativa liviana.

As sabinas, em semelhança à Cloélia e, em alguma medida, Hersília, assim, apresentam-se como heroínas, prontificadas a cessarem o conflito, promovendo a *concordia* para evitar prejuízos coletivos, que seriam especialmente danosos a Roma. A ação delas, sobretudo de Hersília, também decorre de uma crítica à ação dos homens, que não conseguem perceber o que pode ser melhor para as cidades, colocando sua honra e vaidades pessoais acima do interesse mais geral. Atuando com desmedida e movidos pelo ódio, os homens atuam mal. E a demonstração da baixa dessa linha de ação masculina vem na composição do retrato, mais uma vez, que mobiliza as mulheres em uma linha de

³²⁸ Sobre esse mecanismo de constituição do retrato, em que as caracterizações masculina e feminina são dependentes, ver: AZEVEDO, S. F. L.; FAVERSANI, F. Interações pessoais e valores morais em Tácito: um estudo de algumas personagens femininas. In: CANDIDO, Maria Regina. (Org.). *Mulheres na Antiguidade: novas perspectivas e abordagens*. 1ed. Rio de Janeiro: UERJ, NEA; Gráfica e Editora DG Ltda, 2012, v. 1, p. 123-137.

³²⁹ Sobre este argumento em análise das personagens de mulheres imperiais, ver: AZEVEDO, S. F. L.; FAVERSANI, F. Interações pessoais e valores morais em Tácito: um estudo de algumas personagens femininas. In: CANDIDO, Maria Regina. (Org.). *Mulheres na Antiguidade: novas perspectivas e abordagens*. 1ed. Rio de Janeiro: UERJ, NEA; Gráfica e Editora DG Ltda, 2012, v. 1, p. 123-137 e AZEVEDO, S. F. L. *História, Retórica e Mulheres no Império Romano*. 1. ed. Ouro Preto: EDUFOP / PPGHIS, 2012.

³³⁰ Cf: ROLLER, M. B. *Models from the past in Roman culture: a world of exempla*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018, p. 66-94 e WALKER, C. L. *Hostages in Republican Rome*. Washington: Center for Hellenic Studies, 2005, p. 263-270.

³³¹ Sobre esse tema do casamento formando unidade comunitária e provocando resultados diversos, ver: FELDHERR, A. M. *Spectacle and Society in Livy's History*. Berkeley: University of California Press, 1998, p. 134, 211, 217 e STEVENSON, Tom. Women of early Rome as exempla in Livy, *Ab Urbe Condita*, Book 1. *Classical World*, v. 104, n. 2, p. 180-181.

elogio marcado sempre pela misoginia de indicar que até mesmo mulheres se moveram por atos de coragem e altivez, buscando o benefício geral, quando os homens se equivocam profundamente e colocam em risco a preservação da cidade. O pressuposto das mulheres agirem é o erro dos homens e não as suas qualidades ou a legitimidade de atuarem normalmente na cidade. O resultado ao fim é a paz, o fim de uma situação de crise, como enfatiza Lívio³³².

Neste sentido, a intervenção das sabinas tem resultado diferente daquele exibido por Tarpéia, uma vez que elas não sofrem punição, apesar de atuarem, intervindo sem permissão. O resultado positivo é consequência direta do fato de suas intenções: intervir pela paz geral e não em nome de suas próprias ambições, benefícios ou desejos. Há este padrão dos *exempla* construídos por Lívio quanto a mulheres que agem intervindo pública e politicamente pela ambição individual ou familiar receberem, por um lado, um fim violento e negativo. Por outro lado, não se observa consequências negativas para aquelas que se comportam de acordo com o pudor esperado (*pudicitia*), honra, moderação e, sobretudo, com lealdade dedicada apenas a Roma acima de qualquer outro interesse pessoal ou de outra comunidade, ainda que tal lealdade inclua sacrifício individual. Essas estariam frequentemente restringidas à esfera doméstica e, como no caso das sabinas, possuem um desfecho positivo nesta tradição exemplar, mesmo que póstuma.

Portanto, as sabinas são um precedente positivo quando comparadas a Tarpéia e umas e outra operam em conjunto para gerar um efeito que é construído por Tito Lívio. Ainda que elas tenham exibido atuação pública em situação de guerra, a lealdade a seu novo povo, que prevalece à de seu antigo povo, os sabinos e, portanto, traz paz e bem coletivo a Roma e igualmente aos sabinos. Enquanto Hersília, que também precede Tarpéia, é um primeiro *exemplum*, na narrativa liviana que se apresenta vinculado a uma tradição que desforiza uma personagem feminina, pois ela associa fraqueza à liderança de Rômulo e parece motivada mais pelos seus antigos laços com o inimigo. Neste viés, Lívio então narrou que Hersília manipulou estrategicamente o marido, Rômulo, no caso do rapto das sabinas. Hersília pede e consegue de modo excessivamente fácil, em nome de esposas que como ela foram raptadas, que o marido lhes dê o direito de reconciliação, cidadania e perdão para seus respectivos pais, pela razão de que o marido aumentaria popularidade e paz em Roma, ampliando seu poder como rei. Portanto, a intervenção de Hersília, ainda que tenha a *concordia* como consequência, possui carga negativa, como

³³² *nec pacem modo, sed civitatem unam ex duabus faciunt. Regnum consociant: imperium omne conferunt Romam* (Liv. 1.13.5). Cf: STEVENSON, op. cit., p. 180.

vimos, pois sua ação aponta para o perigo trazido por mulheres proeminentes e associa crítica à deficiente liderança de Rômulo, que facilmente acolhe conselho de uma mulher, em semelhança às descrições de imperadores posteriormente. Talvez um caso bastante relevante que Tito Lívio poderia ter muito em conta, em seu contexto, seria o de Marco Antônio com Cleópatra. Como rainha do Egito e considerado seu envolvimento estratégico com Marco Antônio, Cleópatra se destacou nos registros como um exemplo de como mulheres no poder poderiam ser funestas, não sendo exagero ter em mente essa mulher específica para destacar as desvantagens da atuação feminina³³³.

Dessa maneira, os *exempla* de Tarpéia, Hersília, sabinas e Cloélia inserem-se em uma rede de histórias exemplares que possuem certa ordenação, compondo um conjunto de retratos em uma linearidade construída por Tito Lívio. Há uma razão dessas histórias exemplares assim estarem postas na narrativa, construindo um *repertório*. Este repertório, portanto, possui um tópico inserido dentro desses *exempla* que se conectam coerentemente na narrativa de Lívio: a intervenção pública feminina e suas consequências, algumas vezes, positivas, mas muitas vezes, negativas. Mesmo quando elas são positivas, contudo, destaque-se, têm um lado negativo que é dado pela incapacidade ou inépcia da ação masculina. Desse modo, em Tito Lívio, mesmo quando é gerado um efeito positivo, a agência feminina é indesejada e sinal de que existe um quadro de crise. Assim, há um alerta, um chamado à percepção, ou ainda, provocação à reflexão, por parte do autor para os danos dessas intervenções, ainda que possam trazer resultados positivos, como a *concordia*. A mulher que atua sem autorização ou comanda a ação do homem é alvo de uma lição sugerida na narrativa no formato da exemplaridade: devem ser controladas e a anormalidade que representa sua atuação deve ser resolvida pela ação dos homens. As mulheres na narrativa de Tito Lívio, quando atuam, não tomam o poder e nem dão solução final aos conflitos nos quais agem, cabendo aos homens essa resolutividade e o retorno à normalidade representada pelo silenciamento e invisibilidade das mulheres.

2.2 Repertório e *exempla*: de Vênus à Lucrecia

³³³ Há uma vasta bibliografia sobre Cleópatra e sua atuação, bem como suas consequências, ver, por exemplo: KLEINER, D. E. E. *Cleopatra and Rome*. Cambridge: Harvard University Press, 2005 e BÉLO, T. P. Octavia and Cleopatra among rivals. *Rev. Arqueologia Pública*, v. 16, n. 1, 2021, p. 26-48.

Os episódios de histórias vinculadas a personagens femininas na obra de Lívio podem, em alguma medida, ser divididos entre aquelas personagens que teriam tido um comportamento moral adequado, corajoso ou, em alguma medida, elogioso e paradigmático, e as que interferiram politicamente de modo excessivo, inadequado, frequentemente, associando-se a *impudicitia*³³⁴. Este comportamento inadequado, vinculando-se a um comportamento social amplamente imoderado, sobretudo exposto por meio da transgressão da esfera doméstica/privada à pública/política. Como temos apontado, há paralelos, que nunca são explicitados, mas que são fundamentais perceber para uma melhor compreensão da narrativa de Tito Lívio e a forma como seu público a estimava, entre a representação que Lívio faz de mulheres da Roma inicial e representações de figuras femininas da república tardia e imperiais, como Agripina Menor, como vimos, e outras que veremos mais adiante no próximo capítulo.

Frequentemente, no caso das mulheres imperiais, elas são apresentadas nas obras antigas vinculadas a desfechos em que sofrem punições, muitas vezes, o desterro ou assassinato, como consequência das intervenções políticas que exercem em nome de suas ambições individuais ou vinculadas à família, sobretudo, aos filhos³³⁵.

Os exemplos, no caso da Roma inicial, podem então ser circunscritos, por um lado, com aquelas que teriam tido um comportamento moral em alguma medida positivo, atuando de forma decorosa, equilibrada e exibindo lealdade a Roma, permanecendo, muitas vezes, completamente restritas à esfera privada e performando um esforço significativo dedicado à cidade ou em nome de sua própria virtuosidade, algumas vezes, culminando tal esforço em desfecho fatal, com exemplos nas histórias das sabinas, Cloélia, Lucécia ou Virgínia. Por outro lado, há aquelas figuras que exercem um comportamento com sugestões de advertências negativas, em alguma medida, e que representam alerta ou prevenção, basicamente por interferirem politicamente de modo excessivo, transgredindo a esfera pública, considerando a *impudicitia* associada a um comportamento social que ultrapassa a moderação, sobretudo no quesito do que seria um comportamento contido e restrito ao adequado ao âmbito privado³³⁶.

³³⁴ Cf: MANCISIDOR, S. C. *Impudicitia: la transgresión de la virtude sexual femenina en la Roma antigua*. In: (eds.) MACENLLE, R. C; MARTÍNEZ, A. V. *Estudo de Arqueoloxía, Prehistoria e Historia Antiga: achegas dos novos investigadores*. Santiago de Compostela: Andavira Editora, 2016, p. 273-288.

³³⁵ Cf: AZEVEDO, Sarah F. L. *O adultério, a política imperial e as relações de gênero em Roma*. FFLCH-USP (Tese de doutorado), São Paulo, 2017 e BALMACEDA, Catalina. *Las mujeres de Livio: exempla, pasado y presente*. Vinã del Mar: Intus-legere historia, Vol. 14, N° 1, 2020, p. 168-189.

³³⁶ Cf: JOSEPH, K. *Pudicitia: The Construction and Application of Female Morality in the Roman Republic and Early Empire*. Waltham/Boston: Brandeis University. Master's Thesis, 2018.

Assim, apresentamos alguns novos *exempla* buscando ainda compreender melhor a contextualização na obra de Lívio do tema da intervenção feminina, majoritariamente, política. A aparição do tópico da agência feminina apresenta-se, neste autor, em um sentido de construir uma possível observação e crítica sobre precedentes históricos, mas, ainda mais, míticos e exemplares, acerca do comportamento de mulheres. Portanto, tais precedentes, apresentam-se contrastando e relacionando-se a uma possível reflexão na obra também sobre o comportamento de mulheres na sua contemporaneidade ou períodos mais próximos³³⁷. Elas representam um problema relacionado ao lugar social feminino e apontam para uma tendência à decadência romana vinculada à moral que tais mulheres exibiram. O que Lívio ilustra com seus *exempla* femininos são as consequências, ao longo da história romana, das intervenções de mulheres na esfera pública, que levaram à decadência da cidade culminando nas figuras das mulheres imperiais. O *exemplum* analisado a seguir irá demonstrar a centralidade da *pudicitia* neste contexto moral romano que é associado ao tópico da decadência e do controle masculino sob o comportamento e ações femininas.

2.3 O *exemplum* de Virgínia

Virgínia está na esteira de uma série de episódios que possuem ponto de partida em reflexões sobre situações ético-morais. Estas situações incluem mulheres como figuras centrais, como as de Lucrecia, Cloélia e demais analisadas, ou ainda, as de rainhas da monarquia romana³³⁸. Há, assim, uma discussão moral construída por meio da exemplaridade na narrativa de Lívio, baseada em noções da esfera moral da sociedade romana, como os conceitos pares *pudicitia* e *impudicitia* ou *fama* e *infamia*³³⁹. Neste viés, Virgínia é apresentada através do caso jurídico decorrente da paixão de um decênviro por ela, descrita como uma jovem *bela, virgem e pura*. Com suas qualidades atraindo o magistrado, ela acaba morta pelo pai para evitar que filha seja tomada pelo homem que

³³⁷ Cf: KEEGAN, P. *Livy's women: crises, resolutions, and female in Rome's foundation History*. New York: Routledge, 2021.

³³⁸ Para uma análise dos *exempla* de Virgínia e Lucrecia no contexto mais amplo da moralidade sexual romana, ver: LANGLANDS, R. *Sexual morality in Ancient Roman*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 84 -109.

³³⁹ Sobre o assunto, ver: CHAPLIN, Jane D. *Livy's exemplary history*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2000; CHAPLIN, J. D. *Livy's use of exempla*. In: MINEO, B. (Ed.). *A Companion to Livy*. (Blackwell Companions to the Ancient World). New York: John Wiley & Sons Inc, 2014, p. 102-113 e MINEO, B. *Livy's political and moral values and the Principate*. In: MINEO, B. (ed.). *A Companion to Livy*. (Blackwell Companions to the Ancient World). New York: John Wiley & Sons Inc, 2014, p. 125-138.

reivindica sua posse. O decênviro pretendeu tira-la do status de livre ao deseja-la como escrava. Lívio relata Virgínia como pura e sendo a única que sofreu em época de paz e Ápio como único que foi cruel neste tempo de paz³⁴⁰. Ápio também é apresentado acometido de loucura: “mas Ápio permanecia obstinado diante de todas as manifestações, tanto era verdade que sua mente estava perturbada por uma crise de loucura e não de paixão”; “Alucinando por sua luxúria, o decênviro disse (...)”³⁴¹.

A injustiça e o crime sofridos por Virgínia são comparados logo inicialmente no episódio aos quais sofreu Lucrecia. Virgínia é colocada em uma posição moral semelhante ao desta precedente mítica, acrescentando-se uma discussão sobre o poder tribunicio, o poder dos decênviros e, de modo geral, os perigos da tirania. Azevedo observa:

Virgínia é uma personagem relevante do terceiro livro de história romana de Tito Lívio. Assim como no episódio de Lucrecia, a *pudicitia* de Virgínia é tratada como a causa da queda de um grupo político levando a mudanças na estrutura de poder. O caso de Lucrecia leva à expulsão dos reis de Roma que pôs fim à monarquia e resultou na instalação do regime republicano, em 509 a.C. (Liv. 1. 59-60). O atentado à *pudicitia* de Virgínia leva à queda do decenvirato e retorno dos tribunos e cônsules ao poder, em 449 a.C. (Liv. 3, 54-55)³⁴².

O apelo é sobre a injustiça, neste caso, praticada pelo decênviro autor do crime, Ápio Cláudio:

Em Roma ocorreu outro crime de origem passional e de consequências tão terríveis quanto, outrora, a desonra e suicídio de Lucrecia que ocasionaram a perda do trono e a expulsão dos Tarquínios da cidade. Assim, não só os decênviros tiveram o mesmo fim dos reis, mas também perderam o poder pelo mesmo motivo. Sentindo-se fortemente atraído por uma jovem plebeia, Ápio Cláudio desejou possuí-la. Lúcio

³⁴⁰ Cf: Liv. 3.61.4.

³⁴¹ *Adversus quae omnia obstinato animo Appius—tanta vis amentiae verius quam amoris mentem turbaverat* (Liv. 3.47.4); *Decemvir alienatus ad libidinem (...)*. (Liv. 3.48.1).

³⁴² In: AZEVEDO, Sarah F. L. *O adultério, a política imperial e as relações de gênero em Roma*. FFLCH-USP (Tese de doutorado), São Paulo, 2017, p. 92.

Virgínio, pai da jovem, ocupava posição importante no exército sediado no Algido. Era um varão impecável como cidadão e como soldado³⁴³.

Indicando o caráter do pai de vítima, Virgínio, a virtude é estendida para toda a família, pois “sua mulher vivia como ele e do mesmo modo viviam seus filhos”. O caráter e virtudes de Virgínia são atestados no episódio, assegurando sua inocência no caso, já que Ápio antes havia tentado seduzir a “jovem de notável beleza, com presentes e promessas, mas, ao verificar que ela estava disposta a defender sua castidade, recorreu a uma violência cruel e tirânica”³⁴⁴.

Neste ponto é mencionado que Virgínia era prometida a outro homem, Lúcio Icílio que, como o pai de Virgínia, lutou pela sua desvinculação a Ápio no caso. Ainda que ele defendia ela sem sucesso, ele é descrito como um homem de coragem comprovada (*expertae virtutis*). Além disso, há outros alcances da ação do noivo, como observa Balmaceda, além de o resultado final da luta, depois do julgamento, revolta pública, deliberação e, finalmente, a morte de Virgínia, ter sido o fim do decenvirato e o restabelecimento do tribuno da plebe, também foi restabelecido o direito de apelação (*provocatio*), considerado pelo povo como um dos pilares da liberdade³⁴⁵.

Em mesmo teor de revolta, na indignação do pai, que tenta defender a filha no tribunal para que Ápio não a tome como escrava, o casamento é referido como semelhante à condição de escravidão da mulher. Assim, não se apresenta a condição que o decênviro queria dar a jovem como um problema, mas apenas se faz a referência que ele não era o homem a quem o pai havia prometido transferir a tutela da filha³⁴⁶. O pai gritou: “Foi a Icílio que prometi minha filha em casamento e não a ti, Ápio. Eduquei-a para o casamento e não para a desonra. Por acaso deve-se agir como o gado e os animais selvagens que se acasalam promiscuamente? (...)”³⁴⁷.

³⁴³ *Sequitur aliud in urbe nefas, ab libidine ortum, haud minus foedo eventu quam quod per stuprum caedemque Lucretiae urbe regnoque Tarquinius expulerat, ut non finis solum idem decemviris qui regibus sed causa etiam eadem imperii amittendi esset. Ap. Claudium virginis plebeiae stuprandae libido cepit. Pater virginis, L. Verginius, honestum ordinem in Algido ducebat, vir exempli recti domi militiaeque.* Liv. 3.44.1-2.

³⁴⁴ *Perinde uxor instituta fuerat liberique instituebantur (...) Hanc virginem adultam forma excellentem Appius amore amens pretio ac spe perlicere adortus, postquam omnia pudore saepta animadverterat, ad crudelem superbamque vim animum convertit* (Liv. 3.44.2-4).

³⁴⁵ Cf. Liv. 3.44.3 e BALMACEDA, Catalina. *Las mujeres de Livio: exempla, pasado y presente*. Vinã del Mar: Intus-legere historia, v. 14, n. 1, 2020, p. 179.

³⁴⁶ Sobre a tutela de mulheres romanas e o poder do *pater familias*, ver: POMEROY, Sarah B. *Goddesses, whores, wives and slaves. Women in Classical Antiquity*. New York: Schocken Books Inc, p. 15-163.

³⁴⁷ *Icilio' inquit, 'Appi, non tibi filiam despondi et ad nuptias, non ad stuprum educavi. Placet pecudum ferarumque ritu promisce in concubitus ruere?* (Liv. 3.47.7).

Apresentando uma caracterização de Virgínia como virtuosa, pela sua pureza e inocência, o crime que ela sofre é então dimensionado como um ataque ao *pudor* e inculpabilidade moral da vítima. Sobre a defesa da castidade feminina relaciona aos *exempla* de Virgínia e Lucrecia, Azevedo diz:

Importante ressaltar que esses dois *exempla* representam ideais de comportamentos femininos e masculinos, e sugerem que estes ideais deveriam ser defendidos. Lucrecia e Virgínia são louvadas pela sua castidade e pelos esforços para se manterem castas. Elas falham involuntariamente. Entende-se que elas agem de forma correta ao recorrer aos pais, maridos e noivos com fins de remediar o atentado à *pudicitia* delas. Tal atentado é mostrado como uma ofensa à *patria potestas* de dois *patres familias*. E entende-se que estes, por sua vez, também agem de forma correta e legítima ao mobilizar amigos, parentes, clientes e políticos e ativar dispositivos militares. Apresentam-se como louváveis as atitudes desses homens em expurgar o mau pela raiz, expulsando os culpados e efetuando reformas políticas com fins de evitar novos episódios de abuso de poder³⁴⁸.

Já Langlands, que também analisou essas duas personagens conjuntamente, entendeu essas duas histórias, os *exempla* de Virgínia e Lucrecia, partindo da noção de *stuprum* como ameaça pública a *pudicitia*:

todas essas histórias se concentram no *stuprum*, o ato sexual transgressor que prejudica sua vítima, como a ameaça e o ponto de teste da *pudicitia*, e nas implicações da experiência sexual de um indivíduo para a comunidade mais ampla, para a liberdade, para as estruturas políticas e até para segurança nacional³⁴⁹.

Os defensores de Virgínia foram contra Ápio por meio de grande indignação e tumulto público, sobretudo porque Ápio aproveitou para iniciar a execução do crime quando o pai de sua vítima estava fora da cidade. Assim, ocorreu um enorme apelo

³⁴⁸ In: AZEVEDO, Sarah F. L. *O adultério, a política imperial e as relações de gênero em Roma*. FFLCH-USP (Tese de doutorado), São Paulo, 2017, p. 93-94.

³⁴⁹ In: LANGLANDS, R. *Sexual morality in Ancient Roman*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 84.

público a favor de Virgínia, segundo a obra, a fim de que “não permitisse que a reputação de uma jovem corresse perigo antes de sua liberdade”³⁵⁰.

Deste modo, a exemplo de Lucrecia, a revolta popular se dá com a ação daqueles que se indignam diante a tentativa de Ápio contra Virgínia. O movimento era movido, sobretudo, pela desaprovação e medo de que a jovem fosse violada antes que seu pai tivesse consciência da situação e conseguisse retornar a cidade, estando apto a posicionar-se frente ao crime praticado contra a filha. Por isso, o clamor era pela *pudicitia* associada à jovem, ocorrendo a revolta sobre a possibilidade de sua virgindade ser violada na ausência de seu pai, aquele que tinha sua tutela antes de Ápio reivindicá-la. Na revolta popular a favor da castidade da jovem e contra a impudor representado na ação de Ápio, o noivo prometido a ela faz um apelo quanto a deseja-la na condição pela qual era conhecida, sem sofrer o crime de Ápio, dizendo contra o decênviro:

pretendo casar-me com esta jovem e quero recebê-la virgem e pura. (...) A noiva de Icílio não ficará fora da casa de seu pai. Tu conseguiste arrebatá-nos o poder tribunicio e o direito de apelação ao povo, estas duas cidadelas da liberdade. Mas nossos filhos e nossas mulheres não ficarão sujeitos ao reinado de tua luxúria. Maltrata nosso corpo e nossas cabeças, mas respeita ao menos a castidade. Se alguma violência foi praticada contra esta jovem, eu implorarei o auxílio dos cidadãos aqui presentes para defender minha noiva (...) ³⁵¹.

A ênfase e apelo ao pudor é evidente no caso de Virgínia, sendo sua castidade sua grande virtude e o que a habilita ser passível de defesa em um clamor público a seu favor. Isto indica a importância de seu comportamento até então validado moralmente através de seu pudor e castidade intactos, ou seja, sua *fama*. Indício disto está na descrição física sobre a personagem no julgamento. Nesta situação, ela se encontrava ao lado de seu pai, que conseguira retornar a tempo, estando “Virgínia, com vestes de luto, conduzindo sua filha miseravelmente trajada. Acompanhavam-nos algumas matronas e uma multidão de

³⁵⁰ *neu patiat virginem adultam famae prius quam libertatis periculum adire* (Liv. 3.44.12).

³⁵¹ *Virginem ego hanc sum ducturus nuptamque pudicam habiturus. (...) non manebit extra domum patris sponsa Icili. Non si tribunicium auxilium et provocationem plebi Romanae, duas arces libertatis tuendae, ademistis, ideo in liberos quoque nostros coniugesque regnum vestrae libidini datum est. **Saevite in tergum et in cervices nostras: pudicitia saltem in tuto sit.** Huic si vis adferetur, ego praesentium Quiritium pro sponsa (...).* (Liv. 3.45.7-9). Grifo nosso.

defensores”³⁵². A virtuosidade da jovem, assim, é realçada pela sua modéstia, indicada pelos seus trajes na situação.

Assim como Lucrecia, o desfecho trágico de Virgínia é decorrente não de algum erro ou comportamento moral desaprovado cometido por ela, mas apenas por exhibir excessiva virtude e, neste caso, uma beleza desmedida, então, fatal. Lucrecia fez uma opção moral ao se matar em vez de viver com a violação cometida contra ela. Em semelhança a Virgínia, Lucrecia sofreu violação. No caso de Virgínia, temos um atentado contra sua castidade, devido a sua virtude desproporcional aos das outras esposas, ou matronas, do mesmo modo como foram apresentadas no episódio de Lucrecia. Azevedo conclui sobre as mortes de ambas as personagens:

Em ambos os episódios a morte é também mostrada como única forma de redenção. Ela é efetuada por agentes autorizados a fazê-lo: Lucrecia, ao tirar a própria vida, escolhe uma morte honrosa, um tipo de morte socialmente aceita, aprovada. No caso de Virgínia, o pai age de forma legítima, somente ele, ou a própria Virgínia, poderiam tomar a decisão de tomar a morte como opção para se libertar da desonra. Ele, porque tinha a filha sob sua guarda, exercendo sobre ela o *ius occidendi* em uma causa considerada justa, e ela, porque poderia, como Lucrecia, escolher o suicídio como forma de se livrar da *impudicitia*³⁵³.

A caracterização de virtude excessiva e incomum é a razão do crime, pois foi o fator que despertou interesse daqueles que buscaram violá-las. No caso de Lucrecia, ela tecia enquanto as demais matronas apresentavam-se em situações pouco virtuosas. Já no caso de Virgínia, o fator de sua beleza é acrescentado a sua virtude, e quando a jovem recusou as insinuações e presentes de Ápio, ela reforça suas virtudes e valor da sua castidade. Assim, o pudor é sua virtude mais elevada e que, conjuntamente à beleza, levou-a a morte injusta. Além disso, a morte de ambas pôde reforçar na narrativa certo caráter positivo identificáveis nos *exempla* de Lucrecia e Virgínia e que “demonstram o poder simbólico da morte da adúltera. A morte aparece como a única opção, ou a mais

³⁵² *Verginius sordidatus filiam secum obsoleta veste comitantibus aliquot matronis cum ingenti advocacione in forum deducit* (Liv. 3.47.1).

³⁵³ In: AZEVEDO, op. cit., p. 95.

honrada, para que mulheres castas fossem ‘protegidas’ do estigma do adultério e da *impudicitia*”³⁵⁴.

Após o pai transpassar uma faca para livrar a filha da servidão imposta por Ápio, a reação daqueles sensibilizados com o caso no tribunal é descrita da seguinte forma: “todos deploravam o crime de Ápio, a beleza fatal da jovem e o desespero a que fora levado o pai. As mulheres acompanhavam-nos aos gritos. Era para isso que criavam seus filhos? Era esse o prêmio da pureza?”³⁵⁵. Portanto, o tópico observado pelo clamor público é contra a tirania praticada pelo decênviro, mas também se reflete nos resultados da virtude feminina neste caso, assim como no episódio de Lucrecia. Em ambos, são apresentados desfechos negativos com a morte, mas esta não parece ser a lição central sugerida por Tito Lívio.

O caráter exemplar de Virgínia está em sua própria morte, pois, assim como Lucrecia, ela foi levada a uma situação extrema, tendo que nela reafirmar seu comportamento moral elogiável. Ao confirmar sua *pudicitia* em sua morte, a personagem estabelece uma memorável virtude em sua conduta moral. Virgínia, assim como Lucrecia, morreu para garantir sua postura compatível ao pudor que lhe era esperado. Contudo, neste caso, tal pudor é garantido pelo pai, enquanto no caso de Lucrecia ela mesma decide sua opção moral extrema que confirmaria sua conduta moral, suicidando. Esse gesto de Lucrecia está associado à possibilidade de que o núcleo masculino de sua família não acredite em sua versão do episódio de sua violação e dê mais credibilidade a seu agressor do que a ela. Sobre isto, Azevedo esclarece:

Em Roma, a promiscuidade masculina não era questionada em termos de uma fidelidade recíproca, visto que a monogamia patriarcal somente exigia a exclusividade sexual para a mulher. Este caráter unilateral da monogamia patriarcal colocava a mulher como um agente que poderia causar uma ruptura na ordem e hierarquia social. Excetuando as prostitutas, toda e qualquer mulher poderia cometer adultério. Toda mulher, portanto, representava uma ameaça nesse sentido. Para minimizar esta constante e inevitável ameaça, a figura da adúltera deveria ser mostrada como algo que necessitava ser expurgado da sociedade. Para os romanos, existiam duas formas de expurgar esta

³⁵⁴ Ibid., p. 95.

³⁵⁵ *scelus Appi, puellae infelicem formam, necessitatem patris deplorant. Sequentes clamitant matronae, eamne liberorum procreandorum condicionem, ea pudicitiae praemia esse?* (Liv. 3.48.7-8). Grifo nosso.

figura: por meio da morte, e por meio da anulação do status da adúltera, que passará a ser uma prostituta³⁵⁶.

No caso de Virgínia, em nenhum momento o agressor usa de dissimulação para lançar dúvidas sobre o caráter de sua ação. Há, assim, uma lição específica transmitida pelo *exemplum* de Virgínia de que os homens devem controlar suas mulheres e garantir a *pudicitia* que deve se manter a todo custo associadas a elas. O pai está defrontado para perder a filha para a desonra, caso permita que seu agressor a escravize e a tome para si, ou para a morte, no caso em que a sacrifique. Ele prefere eliminar a filha a mantê-la viva e desonrada, mesmo que ela não tenha qualquer suspeita de culpa que recaia sobre ela. Essa advertência apresenta forte conexão com a crítica sobre a falta de controle masculino de mulheres sob o período Júlio-claudiano e integra a discussão das personagens precedentes na narrativa de Lívio, como as sabinas e, sobretudo, Hersília, que atuaram sem o devido controle masculino³⁵⁷.

O caso jurídico apresentado por Lívio é baseado, portanto, no crime que tenta praticar um decênviro ao mentir sobre a origem escrava da jovem Virgínia, que é reclamada como originalmente de sua posse. Ele usa de sua magistratura e poder com o objetivo de toma-la para si, sendo ela, por sua vez, admirada por sua beleza e castidade. Pelo crime ser impedido pelo pai da virtuosa jovem, então, com Virgínia morrendo, assim como Lucrecia, ela funciona como um paradigma moral da Roma inicial, mas também, para demonstra a necessidade de se sacrificar as mulheres da família que sejam atingidas pela desonra, mesmo que inocentes. Virgínia contrasta com outras figuras exemplares contemporâneas a Lívio e mesmo suas precedentes e sucessoras desta na narrativa liviana mas, sobretudo, contrasta com mulheres imperiais. Portanto, constrói-se uma relação entre a narrativa exemplar de Lívio e uma ideia de decadência do comportamento moral de mulheres romanas. Os *exempla* de Lívio compõem uma discussão onde observa-se os resultados dos comportamentos e atuações de mulheres a fim de apresentar-se como precedentes que dão sentido as origens da realidade do presente do autor.

A opção sobre o que fazer com a filha ou esposa tem um paralelo importante com Júlia e o exílio a que lhe obrigou Augusto, episódio já mencionado anteriormente, e o isolamento que lhe impôs Tibério. É certo que tais acontecimentos se deram

³⁵⁶ In: AZEVEDO, op. cit., p. 90-91.

³⁵⁷ Cf: MILNOR, K. Augustus, History, and the landscape of the law. *Arethusa*, v. 40, n. 1, 2007, p. 7-23 e MILNOR, K. *Gender, Domesticity, and the Age of Augustus: Inventing Private Life*, Oxford University Press, Oxford, 2005.

posteriormente à escrita dessa parte da obra de Lívio, mas, como argumentado antes, isto certamente pode ter impactado a recepção do caso pelo público posterior³⁵⁸.

Há na narrativa também exemplos mais próximos das mulheres imperais, como os das rainhas Tanaquil e, sobretudo, Túlia, que atuam em função da ambição pelo poder próprio e de suas famílias, como iremos ver adiante. Deste modo, percebemos exemplos com diferentes aspectos morais. Neste sentido, podemos sugerir uma ênfase na narrativa em seu caráter exemplar amplo, não apenas em exemplos paradigmaticamente positivos, a serem imitados, mas também em seu contraste, ou seja, há uma preocupação fundamental com a regulação do comportamento feminino por meio da reflexão de alguns episódios exemplares. Há mulheres lendárias que morreram pelo pudor e lealdade a Roma, servindo como exemplos louváveis, assim como a conduta louvável de seus homens, que as controlaram, enquanto há aquelas como as rainhas Tanaquil e Túlia, que funcionaram como exemplos que puderam ser lidos como a serem evitados, mas que se aproximariam mais à contemporaneidade de Lívio. Lucrécia e Virgínia morreram, mas foram imortalizadas como símbolos de virtude, colocando suas famílias em condição elevada por seu valor. Tanaquil e Júlia, ao contrário, são exemplos a serem repudiados não porque têm um fim triste e violento, mas porque geram uma memória que as desonra e também aos seus familiares. O que está em jogo para avaliação não são individualidades e interesses particulares, mas o impacto para a memória e para a condução das pessoas e da cidade. A exemplaridade, assim, é menos sobre o que aconteceu com cada personagem individualmente e mais sobre a memória construída em conjunto com muitos outros acontecimentos e tudo que se pode pensar a respeito disso para a condução da vida dos pósteros e de suas famílias e, sobretudo, da cidade.

Assim, a ideia de decadência vinculada ao caráter exemplar da narrativa não é tão óbvia quanto o autor pretendeu sugerir. Nem todos os exemplos de mulheres desta história das origens de Roma são suficientemente claros e elogiáveis e, sobretudo, ainda que sejam lembradas como elevadas, o fim imediato delas não parece ser algo desejável, por óbvio. O comportamento moral de rainhas de Roma, por outro lado, é apresentado tão negativamente quanto aqueles das mulheres imperiais posteriormente relatados e com os quais os leitores de Tito Lívio vão estar em contato mais próximo. Como não lembrar de

³⁵⁸ Sobre o Lívio e o contexto augustano de promulgação de leis que atingiam diretamente mulheres, ver: BALMACEDA, Catalina. *Las mujeres de Livio: exempla, pasado y presente*. Vinã del Mar: Intus-legere historia, Vol. 14, n. 1, 2020, p. 184; SYME, R. Livy and Augustus. *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 64, 1959, p. 27-87 e LEVICK, B. Historical Context of the *Ab Urbe Condita*. In: MINEO, Bernard (ed.). *A companion to Livy*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2015, p. 24-36.

Lívia Drusila, segundo o relato de Tácito, quando Lívio narra como Tanaquil controlou o leito de morte e as notícias na ocasião da morte do marido, então rei, para garantir o trono ao seu genro, assim como teria feito Lívia na morte de Augusto em proteção a seu filho Tibério ou Agripina menor que fez o mesmo quando da morte de Cláudio?³⁵⁹ Como não remeter a Agripina Menor, ou sua mãe, Agripina Maior que competiu com o imperador Tibério, ao ler sobre a disputa travada por Túlia com sua irmã e com seu próprio pai, que era rei, e que resultou no parricídio, assim como devido ao conflito entre Nero e Agripina, um deles teve que morrer, ocorrendo então um matricídio?³⁶⁰

2.4 Conclusões

Concluimos, para o caso de Virgínia que, por Ápio tomá-la como escrava e seu pai, Virgínio, matá-la para evitar a desonra, o episódio assemelha-se ao de Lucrecia, pois as duas mulheres pertencem a história inicial de Roma, ligada à fundação da cidade, e são personagens mobilizadas para exibirem um modelo de conduta moral: mulheres que morrem em nome de sua honra ameaçada por homens tiranos que comprometem o pudor e o equilíbrio doméstico associados a elas.

Considerando os relatos posteriores sobre o Principado, de Tácito em especial, reconhecemos os *exempla* como o de Virgínia como precedentes morais construídos através dos personagens de Lívio. Notamos que a *Ab urbe condita* poderia divulgar, para o âmbito moral, uma história da decadência neste aspecto, uma vez que, entre o período dessas mulheres lendárias e o das mulheres do Principado romano, a sociedade, ilustradas pelas mulheres, é tomada pela atuação de mulheres proeminentes pouco reguladas por homens, fazendo o leitor construir um contraste que iria de Lucrecia e Virgínia a Lívia Drusila e Agripina Menor. Portanto, a discussão moral sugerida pela reflexão das histórias exemplares se dá não só pela atuação de mulheres que poderiam ser lidas como pouco ou muito virtuosas, mas pela impudência e descontrole observáveis nas situações morais que as personagens se envolvem, com a ausência da atuação adequada e da tutela de seus homens. Essa discussão sobre o controle masculino foi evidenciada por meio das precedentes de Virgínia, como vimos, Cloélia, no livro segundo, e o episódio das mulheres sabinas, que também apresentou Hersília, no livro primeiro. Nestes *exempla* livianos que precedem o caso jurídico de Virgínia, no livro terceiro, como indicado, o

³⁵⁹ Cf: Tac. *Ann.* 1.5 e Liv. 1.41.1.

³⁶⁰ Cf: Tac. *Ann.* 14.7-8 e Liv. 1.46-48.

tema da intervenção feminina é colocado centralmente e se associa à uma crítica ao descontrole masculino sob o feminino. Desta forma, essas personagens antecipam e criam a tópica da intervenção feminina na narrativa, que é desenvolvida e complexificada em Virgínia por meio de uma centralização na ideia de *pudicitia*.

Interessa pontuar que o abuso de poder de Ápio, associado à crítica da tirania, sublevou a plebe, causando a ocupação do monte Aventino, a queda dos decênviros, entre eles Ápio. Assim, sucederam-se os castigos e a prisão dele, que se suicidou antes de seu julgamento, além da nomeação de tribunos da plebe. Foram nomeados para estes cargos o pai de Virgínia, seu tio e seu ex-noivo³⁶¹. Neste sentido, o caso jurídico que envolveu a performance moral de Virgínia e sua morte como símbolo de sacrifício pelo pudor, funciona como razão precedente a importantes transformações na estrutura política no tocante à autoridade tribunícia e fim do decenvirato. Em sentido semelhante, o episódio de Lucrecia foi apresentado como motor do fim da monarquia romana ou como o rapto de Helena foi apresentado como motivo inicial para a guerra de Tróia.

Entendemos que a transformação sobre as magistraturas e a nomeação daqueles homens que tutelaram Virgínia traz uma lição sobre a manutenção do equilíbrio moral e público. Esta discussão sobre o equilíbrio público foi antecipada por meio da apresentação do tema da intervenção feminina na esfera pública em tensão ao lugar da tutela masculina, nos episódios das sabinas, Hersília e Cloélia. O pai de Virgínia, ao garantir a tutela sob a filha e impedir a prática que traria *impudicitia* à família e a ordem doméstica por causa do abuso de poder e tirania de um magistrado, ocasionou uma reforma que pretendia afastar as atuações semelhantes como a de Ápio Cláudio e que representariam prejuízos a Roma. Assim, o ato do pai matar a filha é louvável pelos aspectos de manutenção da ordem pública e política, por meio do combate à tirania de Ápio Cláudio, e de garantia da tutela e da ordem doméstica e, como consequência, nesse caso, pública, por meio da proteção que submete a filha. A atuação e resultados da atuação do pai e noivo de Virgínia, bem como àqueles que eles mobilizaram pela proteção da *pudicitia* e contra a tirania, contrasta com a falta de controle de Rômulo sob sua esposa Hersília, que o influencia na condução pública, e com a atuação das sabinas para garantir a paz em meio a crise não solucionada pelo líder.

Além disso, há outro aspecto importante na relação entre o episódio de Virgínia, a queda dos decênviros: a nomeação de tribunos da plebe e uma discussão sobre a lei das

³⁶¹ Liv. 3.54.11

doze tábuas³⁶². O episódio serviu como motivo político de uma insatisfação construída na opinião pública, que, por sua vez, serviu de motor para uma importante reforma política que reconhece o poder da plebe como grupo social e promove a uma condição de poder três homens do núcleo familiar afetado pelo arbítrio do poder dos decênviros. O evento causou uma comoção pública comparável à reação popular diante da condenação de Otávia por Nero, conjuntamente a Popéia, por exemplo, e até mesmo o clamor público a favor de Agripina Maior, viúva de Germânico condenada por Tibério, ainda que nestes dois casos imperiais, a comoção e intervenção popular apresentam-se, segundo as narrativas, mais brandas do que a ocupação do Aventino.

De todo modo, o episódio parece funcionar criando e transmitindo também uma tópica acerca de reações populares, uma vez que se constitui como um importante precedente no que se refere a atuação da opinião pública. Houve casos posteriores semelhantes ao de Virgínia e Lucrecia, motivados também por mulheres que sofreram crimes, punições e que tiveram desfechos publicamente e popularmente recebidos como injustos e que, como resultado, impulsionaram a intervenção popular e viabilizaram mudanças na estrutura política. A partir do relato sobre tal opinião pública no episódio, ressaltamos que, fundamentalmente, o caso de Virgínia pretende exibir ou divulgar um consenso que aquela sociedade romana mais antiga que a do tempo de Lívio tinha sobre qual o comportamento esperado de mulheres e daqueles que as mantinham efetivamente sob suas tutelas, havendo uma centralidade e valor na noção de *pudicitia*.

Neste sentido, o que se pode indicar a partir de vários episódios na narrativa exemplar de Lívio, e aqui nos detemos mais especificamente no exemplo de Virgínia, consideradas suas precedentes sabinas, Hersília e Cloélia, é uma preocupação quanto à questão da regulação moral: os acontecimentos que envolvem essas mulheres têm como matéria episódios que propiciam o debate moral, que associa diferentes temporalidades. A questão que estes episódios suscitam é se os comportamentos demarcados moralmente seriam, de fato, apresentados de acordo com as concepções do tempo da fundação de Roma ou de acordo com as concepções próprias da época de Tito Lívio. Verificamos que as situações morais atravessadas pelos personagens de Lívio dizem muito mais sobre as demandas referentes a regulação e controle do comportamento feminino à época do fim da República e início do Principado romano do que sobre um conjunto de concepções morais de um passado afastado e desconectado do tempo de escrita do autor. Ampliando

³⁶² Liv. 3. 56-58.

essa perspectiva de leitura, a seguir iremos analisar algumas representações de mulheres imperiais em conexão com os *exempla* das últimas duas rainhas romanas apresentadas por Lívio.

Capítulo III

Entre monarquia e império: *exempla* e retratos femininos

Parte 1. Tanaquil e Túlia como rainhas malélicas da história romana

*malum malo aptissimum; sed initium turbandi omnia a femina ortum est*³⁶³

Nas representações de figuras femininas do período monárquico romano na narrativa de Tito Lívio, duas rainhas, Tanaquil e Túlia, surgem como as mais proeminentes mulheres na transição da monarquia para a república. Como temos destacado, a escrita desta obra ocorreu sob o período de transição da república para o principado romano. Por meio da discussão sobre ética e moralidade vinculada à tradição exemplar que delineia a representação destas figuras pelo autor, averiguamos que as personagens surgem na narrativa de Lívio na contramão de figuras femininas modelares do período da fundação mítica de Roma, também apresentadas por este autor e já vistas em nossa análise. Neste sentido, percebemos que Tanaquil e Túlia se afastam daquelas figuras paradigmáticas, como Virgínia, Cloélia e Lucrecia. Esta última, foi apresentada em seguida às rainhas, sendo a última personagem do primeiro livro da obra e que tem vinculado a si o fim completo da monarquia.

Lucrecia, último *exemplum* do primeiro livro da obra de Lívio, pela virtude e beleza que possui é violentada. No episódio, em banquete, homens discutem qual esposa seria a melhor entre elas, exaltando cada um suas respectivas virtudes. Tarquínio Colatino, filho de Égerio, sugere que seria a sua esposa, Lucrecia, propondo que fossem observa-las. Todas se divertiam em banquete, cercadas por mulheres, enquanto Lucrecia fiava lã tarde da noite. Sendo convidados a permanecer na casa, Sexto Tarquínio, seduzido pela beleza aliada à virtude, violentou Lucrecia. Ela, como *exemplum* positivo, apresenta semelhança a uma figura imperial paradigmática, Octávia, que também encontra fim trágico em resposta a sua virtuosidade, sugerindo que a virtude em excesso criou um problema que

³⁶³ Liv. 1.46.7.

encontra resultados negativos, neste caso, a morte trágica, assim como o vício em excesso geralmente relaciona-se a final negativo da personagem³⁶⁴.

Por outro lado, as duas últimas rainhas romanas se aproximam da caracterização feita de outras figuras que surgem na narrativa de Tácito, posterior à de Lívio, como as mulheres imperiais da dinastia Júlio-claudiana. Mas também Tanaquil e Túlia estão precedidas e próximas, em seus traços morais e pelos temas que guiam seus episódios, de Hersília, Tarpéia e Horácia.

As apresentações dessas duas rainhas incorporam, portanto, uma discussão moral elaborada pelos autores romanos que reconstruíram a história e a memória romana relatando diferentes épocas de seus passados. Assim, percebemos que essas narrativas romanas produzidas em diferentes temporalidades estão em diálogo e conectam-se por meio da tradição que dá lugar à exemplaridade, mas também essas diferentes temporalidades estão conectadas pelo processo da *allelopoiesis*, como temos indicado³⁶⁵. De Lívio a Tácito, são elaborados *exempla* paradigmáticos, elogiáveis e repudiados de forma mutável e flexíveis às diferentes interpretações em diferentes contextos, que reconstituíram os episódios que envolvem figuras femininas de diferentes épocas e que, neste sentido, criaram repertórios que transmitem um teor exemplar. Deste modo, Tanaquil e Túlia, de forma semelhante as suas precedentes na narrativa liviana, dizem mais sobre a regulação do comportamento feminino de forma não restrita a uma temporalidade específica, pois sugerem lições que são aplicáveis, interpretáveis e flexíveis a diversas temporalidades³⁶⁶. Portanto, provavelmente, mesmo pertencentes ao tempo de fim da monarquia ou transição desta para a República, a narrativa que envolve as rainhas na narrativa de Lívio aludiu mais ao período da república tardia e início do

³⁶⁴ Cf. Liv. 1.57.6-10. Como vimos no capítulo anterior, há uma vasta bibliografia sobre Lucrecia e o episódio vinculado ao fim da monarquia, sendo provavelmente a personagem mais estudada entre as mulheres da Roma inicial. Ver, por exemplo: DONALDSON, I. *The Rapes of Lucretia: A Myth and Its Transformations*. Oxford, New York: The Clarendon Press, Oxford University Press, 1982; JOSHEL, S. The body female and the body politic: Livy's Lucretia and Verginia. In: MCCLURE, Laura K. (ed.). *Sexuality and Gender in the Classical World*. Oxford: Blackwell Publishers, 2002 e DIXON, S. Rape in Roman law and myth. In: DIXON, S. (ed.). *Reading Roman Women: Sources, genres and real life*. London: Bristol Classical Press, 2001, 45-55.

³⁶⁵ Para o conceito de *allelopoiesis*, como esclarecemos nos capítulos anteriores, seguimos a interpretação proposta em: FAVERSANI, F; JOLY, F. D. Alexandre em Quinto Cúrcio e o Principado Romano: um estudo de *allelopoiesis*. Rio de Janeiro: *Phoenix*, v. 27, n. 2, 2021, p. 97-110.

³⁶⁶ LANGLANDS, Rebecca. *Exemplarity ethics in ancient Rome*. Cambridge: United Kingdom; New York: Cambridge University Press, 2018 e ROLLER, Matthew B. *Models from the past in Roman culture: a world of exempla*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

Principado romano, tempo de escrita de Lívio, do que ao passado de fundação da cidade³⁶⁷.

1.1 Horácia

Primeiramente, devemos apontar que a intervenção de Tanaquil em questões públicas cruciais é uma reminiscência do comportamento de Hersília e Tarpéia, já que o tema da lealdade é central nos episódios dessas figuras, como apontamos nos capítulos anteriores. Além dessas, a mulher que antecede Tanaquil na narrativa de Lívio é uma nova personagem para nossa análise: Horácia. Neste episódio, Horácio, à frente do exército, mata sua irmã, Horácia, ao ir informá-la da morte de seu noivo em combate, um homem curiácio. A morte de Horácia, definida por Lívio como um crime praticado por Horácio, foi devido ao choro e lamentações de Horácia diante da notícia da morte de seu prometido estrangeiro. O combatente romano, então à frente de Horácia, afirma que ela se esquecerá dele, seu irmão, dos que permaneciam vivos e da sua pátria, uma vez que o marido da mulher não era romano e, então, “sacando a espada traspassou a moça dirigindo-lhe estas ásperas palavras: ‘vai-te com teu amor insano, vai unir-te ao teu noivo, tu que esqueces tua pátria! Assim morra toda a romana que chorar um inimigo’”³⁶⁸.

A ira de Horácio é provocada pelo fato de sua irmã, ao invés de celebrar a vitória romana e, igualmente, a conquista e a glória de seu familiar, lamentou a perda de seu noivo, circunstancialmente um inimigo de Roma. Assim, o episódio é descrito sob uma ótica de lealdade ou deslealdade à família e ao estado³⁶⁹. O crime gera comoção e ele é julgado, tendo sido construído um sepulcro em homenagem a Horácia no local em que foi assassinada³⁷⁰. Ele foi julgado diante o rei, segundo Lívio, de acordo com as leis e pelos duúnviros por crime contra o estado, neste caso, *duumviri perduellionis*, sendo *perduellio* crime de lesa-majestade, traição dos interesses do estado, havendo peculiaridade no fato do relato liviano enquadrar tal crime nesta categoria, uma vez que

³⁶⁷ Cf: MILES, Gary B. *Livy: reconstructing early Rome*. Ithaca, London: Cornell University Press, 1995 e FELDHERR, A. *Livy's Revolution: civic identity and the creation of the res publica*. In: HABINEK, T; SCHIESARO, A. (eds.). *The Roman Cultural Revolution*, Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

³⁶⁸ *Stricto itaque gladio simul verbis increpans transfigit puellam. "Abi hinc cum immaturo amore ad sponsum," inquit, "oblita fratrum mortuorum vivique, oblita patriae. Sic eat quaecumque Romana lugebit hostem"* (Liv. 1.26.3-5).

³⁶⁹ Cf: CLAASSEN, J. M. The Familiar Other: the pivotal role of women in Livy's narrative of political development in early Rome. *Acta Classica*, n. 41, 1998, p. 85 e FELDHERR, A. M. *Spectacle and Society in Livy's History*. Berkeley: University of California Press, 1998, p. 132-136.

³⁷⁰ Liv. 1.26.14.

o esperado seria Horácio ser julgado pelo tribunal familiar presidido pelo *pater familias*³⁷¹.

Lívio deixa claro que a história de Horácia é muito reconhecida e rememorada, afirmando que existia ainda em seu tempo, com o Estado garantindo a conservação, a trava em que o pai de Horácio obrigou o filho a passar com a cabeça coberta com uma espécie de jugo, chamado então jugo da irmã. Ainda neste sentido, há uma ênfase de Lívio na ideia de que o local da morte de Horácia tornou-se monumental, havendo novamente uma proximidade ao relato que fez o autor na história de Tarpéia, que parece ter tido condições de sepultamento específicas e uma rocha com seu nome, onde traidores eram punidos. Em ambos os casos, o tema da lealdade a Roma é discutido e as personagens morreram, como vítimas ou traidoras à luz de diferentes interpretações ou lições possíveis na leitura e tiveram a monumentalização dos locais que envolviam o episódio simbolizando a traição à cidade³⁷².

Pela motivação do assassinato de Horácia pelo irmão, a atitude e o comportamento dela podem ser, e muitas vezes são interpretados em termos de deslealdade familiar e a Roma³⁷³, o que coincide enormemente com a percepção de Tarpéia como traidora. Neste viés, a personagem poderia ser aproximada de outras figuras já apresentadas e anteriores na narrativa, sendo não só semelhante a Tarpéia e Hersília, mas estabelecendo contraste com as sabinas e Cloélia, portanto, com o tema da lealdade ou intervenção, positiva ou negativa, sendo central nos episódios de todas essas personagens³⁷⁴. De forma geral, podemos concluir que a história vinculada a Horácia parece ter como tema central a fidelidade feminina, especialmente a lealdade a Roma, assim como acontece com as outras histórias já vistas. Apenas os episódios de Virgínia e Lucrecia parecem evidenciar e associar outros aspectos ao tema da lealdade a Roma, prevalecendo aquele que enfatizamos, referente à *pudicitia*. Contudo, este é também tema e uma virtude que possui lugar importante na história de Roma e vinculado à tópica da lealdade, sendo a *pudicitia*

³⁷¹ Sobre o crime de lesa-majestade, ver: LANNA DE FREITAS, J. V. *O crimen maiestatis e o Principado Romano (27 A.C – 68 D.C): conflito, competição e representação*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Ouro Preto. 2021.

³⁷² A luta entre os irmãos da *gens* Horácia e os curiácios, incluindo o assassinato de Horácia (Camilla), é tema recorrente na pintura ocidental, por exemplo, nos trabalhos de Francesco de Mura, *Horatius Slays Camilla* (1760); Jacques-Louis David, *O Juramento dos Horácios* (1784). Cf: STEVENSON, Tom. Women of early Rome as *exempla* in Livy, *Ab Urbe Condita*, Book 1. *Classical World*, v. 104, n. 2, 2011, p. 182.

³⁷³ Cf: FELDHERR, A. *Spectacle and Society in Livy's History*. Berkeley: University of California Press, 1998, p. 132-136 e CLAASSEN, J. M. The Familiar Other: the pivotal role of women in Livy's narrative of political development in Early Rome. *Acta Classica*, n. 41, 1998, p. 71-103, p. 85.

³⁷⁴ Stevenson observou o paralelo com as sabinas, cf: STEVENSON, Tom. Women of early Rome as *exempla* in Livy, *Ab Urbe Condita*, Book 1. *Classical World*, v. 104, n. 2, 2011, p. 183.

desenvolvida como item central na narrativa para o bem-estar público de Roma, que se apresenta como parâmetro para a regulação do comportamento de mulheres em Roma. Entretanto, diferentemente das outras personagens citadas, Horácia não demonstra uma atuação que promoveu algum tipo de interferência nos rumos da cidade, sobretudo, nos aspectos político ou bélico. Apesar da primeira impressão sobre a personagem tender a uma definição desta mulher como traidora de Roma, avançando na leitura de seu episódio, notamos que sua história não termina com tal conclusão³⁷⁵. Somente uma leitura superficial pode tender a uma simpatia pelo ponto de vista de Horácio, pois, à medida que a história continua e os eventos se seguem, a sugestão da personagem como uma traidora perde força. Especialmente as consequências e recepção de seu assassinato tornam claro que a definição de Horácia como uma traidora de sua família e de Roma é inadequada.

Nota-se, portanto, que o status de Horácio como herói torna-se incerto e consequentemente, o status de sua irmã como culpada, ou traidora, também se apresenta desestabilizado³⁷⁶. Chaplin, particularmente, enfatizou a história de Horácio como um momento de afastamento da prática de Lívio de apresentar exemplos claros para serem imitados ou evitados, quando passa a enfatizar a falta de resolução das histórias e a decisão do autor de deixar seus leitores com um problema moral que eles devem resolver por si mesmos³⁷⁷. Discordamos de tal interpretação, uma vez que observamos tal falta de resolução e abertura interpretativa na audiência desde a apresentação dos *exempla* de Lavínia, Réia Sílvia e Aca Larência e, de forma ainda mais destacada, com Hersília e as mulheres sabinas, sobretudo, Tarpéia, como vimos. Diferentemente do proposto na análise de Chaplin, entendemos que justamente o que compõem um *exemplum* é esta abertura e flexibilidade provocada na reflexão moral na audiência, ou seja, todas as histórias que envolvem essas personagens femininas anteriores à Horácia na narrativa, enfatizam, em alguma medida, a falta de resoluções.

Neste sentido, o *exemplum* de Horácia corrobora para a análise que temos apontado de Lívio não apresentar resoluções ou sugestões diretas sobre os *exempla* que apresenta, deixando seus leitores estimulados à reflexão de problemas morais, que deveriam ser

³⁷⁵ Ibid, p. 182.

³⁷⁶ Sobre a incerteza da natureza moral dessas personagens e, portanto, as complicações que Lívio associa aos seus *exempla*, ver: KRAUS, C. S. Take your medicine! Livy 1 and History's exemplary purpose. *Omnibus*, v. 40, 2000, p. 19-20; SOLODOW, J. B. *Livy and the Story of Horatius*, 1.24-26. *TAPhA*, v. 109, 1979, p. 251-268; STEVENSON, Tom. Women of early Rome as *exempla* in Livy, *Ab Urbe Condita*, Book 1. *Classical World*, v. 104, n. 2, 2011, p. 182 e CHAPLIN, J. D; KRAUS, C. S. (eds.). *Oxford Readings in Classical Studies: Livy*. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 297-320.

³⁷⁷ CHAPLIN, J. D; KRAUS, C. S. op. cit., p. 297-320.

resolvidos pela própria audiência, considerando-se o repertório mobilizado nesses *exempla*³⁷⁸.

A identificação de Horácia com a família de seu prometido em lugar da sua própria, na figura de seu irmão, poderia ter sido considerada pacificadora e digna de elogio, então paradigmática. Este potencial na lealdade se assemelharia à que mulheres sabinas exibiram em relação aos seus recém maridos romanos, que as raptaram. O ponto central que pode fazer divergir a atitude de Horácia das sabinas é que, apesar de ela ter se identificado com a família de seu futuro marido, da mesma forma que as sabinas, seu pretendente não era romano, mas sim de outra comunidade³⁷⁹. A diferença fundamental é que neste caso a comunidade não era Roma e, portanto, a fidelidade não é dedicada a Roma. Além da reflexão sobre lealdade, o *exemplum* de Horácia pode ter aludido a como as mulheres sabinas poderiam ter sido percebidas por membros de sua própria comunidade, então, entre os sabinos, cujo rancor pela associação delas aos romanos poderia desfavorecer o estabelecimento da paz e *concordia*. Neste sentido, Stevenson destaca:

afinal, o que ela fez foi exatamente o que as sabinas fizeram, só que ao contrário: ela se identificou com a família do futuro marido de outra comunidade. A diferença crucial neste caso é que a comunidade não era Roma. O *exemplum* de Horácia serve para ilustrar como as sabinas podem ter sido percebidas pelos membros de sua própria comunidade, cuja raiva dificilmente ajudaria a estabelecer um acordo no novo estado³⁸⁰.

A indignação de Horácio surge porque sua irmã lamentou a perda do futuro marido e demonstra que esperava se casar e deixar sua casa paterna para passar a outro domínio masculino, o do esposo. A dor dessa perda deixa claro que as mulheres não eram indiferentes a essa passagem que o matrimônio representava. Tampouco os homens da casa original deixavam de perceber que o casamento significava uma mudança da balança de poder para a casa que transferia uma mulher e a possibilidade de geração de descendência para outra casa³⁸¹. Esse problema da criação de mais de uma via de sucessão

³⁷⁸ Cf: KRAUS, C. S. Take your medicine! Livy 1 and History's exemplary purpose. *Omnibus*, v. 40, 2000.

³⁷⁹ Cf: STEVENSON, op. cit., p. 183.

³⁸⁰ *Ibid.*, p. 183.

³⁸¹ SALLER, Richard. *The Family in Italy: from Antiquity to the Present*. New Haven, London: Yale University Press, 1991 e TREGGIARI, S. *Roman Marriage*. Oxford: Clarendon Press, 1991.

para uma mesma casa era um problema importante à época de Lívio. O próprio nome composto atribuído modernamente à dinastia Júlio-Cláudia indicia isso. Tibério, o segundo imperador romano, acrescentou a família imperial o nome dos Cláudios, a qual pertencia tanto Lívio quanto o pai biológico de Tibério, Tibério Cláudio Nero, de quem Lívio foi esposa antes de se casar com Augusto e que adotou este filho da esposa a fim de legitimá-lo para a sucessão imperial. Tibério Cláudio Nero, primeiro marido de Lívio Drusila, portanto, pai do imperador Tibério, era sobrinho do pai de Lívio, Marco Lívio Druso Cláudio. Este último, antes de ser adotado chamava-se Ápio Cláudio Pulcro e era descendente de Ápio Cláudio Cego³⁸².

1.2 Tanaquil

Em uma linha que pode ser associada ao *exemplum* de Horácia, o item do não pertencimento a Roma será elemento também fortemente presente nos *exempla* de Tanaquil e Túlia³⁸³. Elas integraram uma linhagem dinástica de reis não romanos, possuindo origens etruscas. A apresentação de Tanaquil se inicia com a figura de Lucumã (*Lucumo*), homem descrito como muito rico, mas que não poderia ter cargo político em Tarquínio, na Etrúria, por ser estrangeiro, tendo seu pai sido expulso de sua terra natal por razões políticas³⁸⁴. Ele se casou com Tanaquil. A partir disso, segundo Lívio, a ambição do homem foi intensificada. A sua mulher é descrita por Lívio com origem nobre e como quem não suportava ter sua condição social rebaixada devido a este matrimônio. Ela não se conformaria, não tolerando a humilhação que o marido representava, já que ele era desprezado pelos etruscos por ser filho de um estrangeiro exilado em Tarquínio³⁸⁵. Stevenson observa sobre esta descrição de Tanaquil: “Tito Lívio enfatiza suas habilidades políticas e faz dela uma figura de grande importância pública. Isso têm sido pensado para refletir o perfil público das mulheres etruscas, mas está de acordo com outros retratos de mulheres no primeiro livro de Tito Lívio”³⁸⁶.

³⁸² Cf: GALINSKY, K. *The Cambridge Companion to the age of Augustus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005 e HOLBROOK, A. L. *Constructions of the family in Livy's Ab urbe condita*. Hamilton: McMaster University. PhD diss. 2009.

³⁸³ Cf: HALLETT, J. *Fathers and Daughters in Roman Society. Women and the Elite Family*. Princeton: Princeton University Press, 1984, p. 223-225.

³⁸⁴ Liv. 1.34.1.

³⁸⁵ *Lucumonì contra, omnium heredi bonorum, cum divitiae iam animos facerent, auxit ducta in matrimonium Tanaquil, summo loco nata et quae haud facile iis in quibus nata erat humiliora sineret ea quo innupsisset* (Liv. 1.34.3-4).

³⁸⁶ In: STEVENSON, op. cit, p. 184. Cf: BRIQUEL, D. Les figures féminines dans la tradition sur les rois etrusques. *Comptes rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, v. 2, 1998, p. 397-414 e HALL,

Com tais motivações ambiciosas, na esperança de ver o marido cercado de honrarias, Tanaquil o convence a se mudarem para Roma. Ela teria indicado Roma para alcançar seus propósitos por ser uma jovem cidade em que a nobreza poderia ser conquistada rapidamente e por merecimento e que poderia, portanto, conceder lugar de destaque a um homem como Lucumã, descrito como bravo e esforçado, estrangeiro e sem origem nobre³⁸⁷.

Lívio explicou as razões e precedentes de Lucumã que justificariam a possibilidade de um estrangeiro ser um homem de destaque, até mesmo rei em Roma. Ele considerou que Tácio, sabino, foi rei, e Anco, rei à época em que Lucumã foi para Roma, era filho de uma sabina e ascendente da nobreza apenas por parte de seu avô. Em Roma, Lucumã se apresentou como Lúcio Tarquínio Prisco e o bom augúrio se cumpriu, com ele se tornando rei³⁸⁸. Os presságios sobre Tarquínio teriam sido recebidos por Tanaquil por meio de um episódio com uma ave e o marido, segundo Lívio, a mulher seria conhecedora dos prodígios celestes (*accepisse id augurium laeta dicitur Tanaquil*)³⁸⁹. O papel de Tanaquil na dinastia dos Tarquínios e seus poderes proféticos provavelmente pertencem aos primeiros relatos literários³⁹⁰. Contudo, apenas Lívio a desenvolve completamente como uma figura política proeminente e significativa na evolução da monarquia, enquanto outras tradições enfatizavam suas realizações e preocupações domésticas, destacando suas virtudes familiares³⁹¹.

A legitimidade em Roma poder ter um rei estrangeiro é fator extensamente enfatizado no discurso de Tarquínio para se eleger, na obra de Lívio. O autor forneceu detalhes de como o homem se aproximou do rei, do exercício de poder deste e dos demais homens proeminentes daquele tempo. Anco governou por 24 anos antes de Tarquínio, sendo que este foi eleito rei pela maioria esmagadora, de acordo com Lívio³⁹².

O nome deste homem que em Roma se tornaria o primeiro rei de origem etrusca deriva, portanto, do fato dele ter migrado de Tarquínio para Roma, por não poder atingir

J. F. Livy's Tanaquil and the Image of Assertive Etruscan Women in Latin Historical Literature of the Early Empire. *Augustan Age*, v. 4, 1985, p. 31-38.

³⁸⁷ *Spernentibus Etruscis Lucumonem exsule advena ortum, ferre indignitatem non potuit, oblitaque ingenitae erga patriam caritatis dummodo virum honoratum videret, consilium migrandi ab Tarquiniis cepit. Roma est ad id potissima visa: in novo populo, ubi omnis repentina atque ex virtute nobilitas sit, futurum locum forti ac strenuo viro* (Liv. 1.34.5-6).

³⁸⁸ Liv. 1.34-35.

³⁸⁹ Liv. 1.34.9.

³⁹⁰ Cf. Q. Fabius Pictor *fr.* 11b Peter; Enn. *Ann.* 145-6 Skutsch.

³⁹¹ Cf. Enn. *Ann.* 147 Skutsch; Plin. *HN* 8. 194; Paul. *Festus* 85 Lindsay. Cf. OGILVIE, R. M. *A Commentary on Livy: Books 1-5*. London: Oxford University Press, 1963, p.140-145; 156-165.

³⁹² Cf. Liv. 1.34-35.

lugar de destaque na primeira, pois sua origem era de Anco. Sobre a ascensão de Tarquínio Prisco em Roma, há indícios de que Lívio discute questões sobre ascensões de homens da Roma de seu próprio tempo, como aponta Balmaceda:

O discurso de Tarquínio antes de sua eleição como rei corresponde fielmente ao discurso que Salústio põe na boca de Mário: as declarações desses dois *homines novi* [homens novos] que apresentam seus méritos antes de serem eleitos para o mais alto cargo político são idênticas: não seu sangue, mas suas obras. A visão de Lívio de um *homo novus* empoderado na República Romana por seus méritos e bravura pode ser resultado da exposição e familiaridade do autor com a conhecida retórica de Cícero ou Salústio, mas também pode ser consequência do que o próprio Lívio estava vendo como uma estratégia política em seu próprio tempo, com Augusto dando importantes cargos políticos a novos homens como Agripa ou Estatilius Taurus. O interessante é que Lívio coloca essas novas ideias na boca de uma mulher³⁹³.

Esta associação que faz a Balmaceda pode se estender também para o contexto do passado romano, pois o próprio Tito Lívio diz que as pessoas de fora eram aceitas em Roma como uma medida implementada por Rômulo e Remo. Estes líderes do mito fundador que, foram expulsos injustamente e, portanto, teriam empatia e disposição para crer nas pessoas que viriam de fora. Além disso, a cidade era despovoada e precisava de habitantes. Em sua obra, Emma Dench explora esse aspecto da “abertura” dos romanos para os estrangeiros, algumas vezes referido como um multiculturalismo dos romanos, como uma característica identitária construída e base para o poder de Roma e para seu entendimento posterior³⁹⁴. Tal debate é importante para a análise dessa personagem, pois Lívio pode por meio da origem do casal etruscos de rei e rainha de Roma, estar refletindo a ascensão de pessoas ao seu redor em sua temporalidade. Neste sentido, é interessante pontuar que, por exemplo, o próprio Tácito tinha origem provincial e elogia isso em seu sogro, Agripa, que não teria herdado sua posição de destaque, mas a teria obtido, como tantos outros provinciais, em razão de sua indústria³⁹⁵.

³⁹³ Cf: BALMACEDA, Catalina. *Las mujeres de Livio: exempla, pasado y presente*. Vinã del Mar: Intus-legere historia, v. 14, n. 1, 2020, p. 175 e Vel. Pat. 2.127.

³⁹⁴ DENCH, E. *Empire and Political Cultures in the Roman World: Key Themes in Ancient History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

³⁹⁵ Cf: SYME R. *Tacitus*. Vols. I, II. Oxford: The Clarendon Press, 1958.

O primeiro traço moral de Tanaquil está na sua ambição vista em seu desejo de migrar para Roma. Segundo Lívio, a mulher conseguiu *facilmente* convencer seu marido ambicioso em abandonar a pátria que originalmente pertencia apenas à mãe de Lucumã, já que o pai era um exilado político em Tarquínio. Interessa notar que a ambição do homem se agrava com o laço de matrimônio com Tanaquil, de acordo com Lívio, e que isto é indicado pela descrição específica sobre a maneira com que ela persuadiu o marido, obtendo o que desejava *facilmente*. Esta menção evoca a atitude de influência de Hersília sobre Rômulo, este que igualmente havia acatado o conselho da recém esposa, também estrangeira, e ainda, que possuía origem em um povo inimigo em momento de conflito entre sabinos e romanos³⁹⁶. Diz Lívio sobre a persuasão de Tanaquil: *facile persuadet ut cupido honorum et cui Tarquinii materna tantum patria esset*³⁹⁷.

Tanaquil é caracterizada como esposa ambiciosa e que estimula a ambição do marido, sendo diretamente responsável pelo estabelecimento e sucesso dele em Roma e para a conquista final. Portanto, ela é agente de ascensão de Tarquínio como rei. Contudo, a interferência principal dela se mostra a partir da morte do marido. Neste sentido, Stevenson aponta um paralelo com Lavínia:

a preeminência temporária de Tanaquil na época da morte de seu marido lembra a de Lavinia, embora as duas mulheres difiram em seu apoio aos herdeiros reais ainda não maiores de idade. A intervenção de Tanaquil em assuntos públicos cruciais é uma reminiscência do comportamento de Hersilia e das Sabinas. De fato, ela provavelmente representa o ápice de tal intervenção, dado seu papel como criadora dois reis³⁹⁸.

Lívio relata que, por volta do trigésimo ano de reinado de Tarquínio, já havia enorme preferência, por parte do senado e do povo, por um sucessor de Tarquínio, chamado Sérvio Túlio. O antigo rei, Anco, possuía dois filhos legítimos que nunca aceitaram o poder do rei estrangeiro e que buscavam retomar o poder. Por isto, Tarquínio sofreu um

³⁹⁶ STEVENSON, op. cit., p. 184.

³⁹⁷ Liv. 1.34.7.

³⁹⁸ In: STEVENSON, op. cit., p. 184. Ver também: BAUMAN, R. A. Tanaquil, Livia and the death of Augustus. *Historia*, v. 43, 1994, p. 177– 88; CAILLEUX, F. Tanaquil, Tullia and Damarata: Women Secretly Advising Kings in Livy's History of Rome and the Degradation of Monarchy. *Dialogues D'Histoire Ancienne*, v. 17, 2017, p. 487-509 e GLINISTER, F. Women and Power in Archaic Rome. In: CORNELL, T; LOMAS, K. (eds.), *Gender and Ethnicity in Ancient Italy*. London: Accordia Research Institute, 1997, p. 115– 127.

atentado. Após Tarquínio ser morto pelos inimigos descendentes do antigo trono, Tanaquil atua de forma fundamental para a estabilidade do poder na ascensão do sucessor por ela e pelo marido escolhido, também escolhido como genro.

Neste sentido, Tanaquil representa o auge desse tipo de interferência, essencialmente política, que exibem mulheres na narrativa sobre a Roma inicial apresentadas por Lívio em seu primeiro livro. Ela é diretamente responsável pela ascensão de dois reis romanos e estrangeiros, seu marido e seu genro. O apoio que essa mulher concede a estes dois reis e as articulações que promove para atingir seu objetivo de alça-los ao poder, deve-se notar, causou atrito com outros pretendentes ao trono e, finalmente, ocasionou a morte de ambos. No caso do marido, o papel da mulher se deu já no princípio, escolhendo Roma como lugar para atingir sua ambição e, no caso de Sérvio Túlio, o desempenho de Tanaquil se mostra também prematuramente na vida deste rei³⁹⁹.

Tarquínio teria concedido sua filha em casamento a Sérvio Túlio, mesmo ele não tendo origem itálica e havendo conhecimento de que era filho de uma escrava, talvez ele próprio tendo sido escravo na infância. Porém, ele cresceu no palácio de Tarquínio Prisco, devido a seu pai ser supostamente de nome Sérvio Túlio e chefe de Estado em Cornículo, com a mãe escrava possuindo origem ilustre, com sua vida mantida em troca de servidão, durante conquista romana⁴⁰⁰. Neste contexto, a atuação de Tanaquil parece ter sido fundamental na criação de Sérvio Túlio como futuro rei, atuando na preparação e aceitação do poder desta figura. E também na criação da aceitação da narrativa, que não era segura, que a origem dessa criança era elevada⁴⁰¹. Isso nos faz remeter a Nero, que tentou dizer o mesmo sobre a liberta Acte, mas não conseguiu fazer com que se acreditasse que ela tinha uma origem real. Essa prevalência de uma versão da origem é importante. Há uma bibliografia extensa sobre esse ponto do estabelecimento de uma genealogia como aceita entre outras possíveis, indicamos este problema antes, por exemplo, para o caso da paternidade dos gêmeos de Reia Sílvia e a associação genealógica entre divindades romanas e a cidade de Roma e família imperial. Neste sentido, sobre a questão da memória sobre a genealogia, Faversoni analisou uma passagem em Sêneca, que remete ao que antes aparece no Teeteto de Platão, quando Sêneca diz que todos

³⁹⁹ Liv. 1.34-41. Cf. OGILVIE, R. M. *A Commentary on Livy: Books 1-5*. London: Oxford University Press, 1963, p. 140; CLAASSEN, J. M. The Familiar Other: the pivotal role of women in Livy's narrative of political development in early Rome. *Acta Classica*, n. 41, 1998, p. 85-87; FELDHERR, A. *Spectacle and Society in Livy's History*. Berkeley: University of California Press, 1998, p. 213-217.

⁴⁰⁰ Liv. 1.39.5.

⁴⁰¹ Cf. SMETHURST, S. E. *Women in Livy's History. Greece & Roma*, v. 19, n. 56, 1950, p. 81-82.

descendem de reis e de escravos, sendo o que os diferencia é a forma como a genealogia é lembrada⁴⁰². Portanto, a narrativa torna clara a capacidade que Tanaquil, em específico, demonstra não só de indicar uma genealogia adequada para seu protegido, mas também fazer com que se tornasse dominante, ainda que Tito Lívio, séculos depois, ainda registrasse a existência de dúvidas.

Neste sentido, Lívio atribui fala relevante a ela sobre Sêrvio Túlio, sendo que até então nenhuma outra personagem feminina apresentou alguma fala em ordem direta na narração de Tito Lívio. Na situação, ela salvou Sêrvio Túlio, de incêndio quando criança, anunciando o presságio sobre o destino grandioso deste, assim como havia antes recebido presságio sobre o marido:

vês esta criança que educamos em condição tão humilde? Fica sabendo que um dia ela será um raio de luz em nossos momentos difíceis e o sustentáculo de nosso trono ameaçado. Daqui por diante devemos cuidar, com toda a solicitude, deste ser destinado a cobrir-se de glórias públicas e privadas⁴⁰³.

De acordo com Lívio, a partir desse momento, a criança foi tratada e preparada como filho, adquirindo qualidades de um verdadeiro rei, até que foi escolhido como marido para a filha de Tanaquil e Tarquínio⁴⁰⁴. Mais uma vez o casamento é evidenciado como forma de construir a família⁴⁰⁵. Neste sentido, Tito Lívio claramente produz repetições para construir o repertório para possibilitar a utilidade transtemporal de sua exemplaridade.

Com a morte do marido Tarquínio, Tanaquil se mantém como uma espécie de preceptora de Sêrvio Túlio, orientando este e comandando a situação com o objetivo de lhe garantir o trono. Arranz relacionou diretamente esta ação de Tanaquil de trazer ao poder Sêrvio Túlio, com o qual não tinha parentesco sanguíneo, assim como o próprio

⁴⁰² Cf: FAVERSANI, F. *Estado e Sociedade no Alto Império Romano: Um Estudo das Obras de Sêneca*. 1. ed. Ouro Preto: EDUFOP, 2012, p. 105; FELDHERR, A. *Livy's Revolution: civic identity and the creation of the res publica*. In: HABINEK, T; SCHIESARO, A. (eds.). *The Roman Cultural Revolution*, Cambridge: Cambridge University Press, 1977 e MILES, G. *Livy: Reconstructing Early Rome*. Ithaca, London: Cornell University Press, 1995.

⁴⁰³ "Viden tu puerum hunc" inquit, "quem tam humili cultu educamus? Scire licet hunc lumen quondam rebus nostris dubiis futurum praesidiumque regiae adflictae; proinde materiam ingentis publice privatimque decoris omni indulgentia nostra nutriamus" (Liv. 1.39.3).

⁴⁰⁴ Liv. 1.39.4. O autor não menciona o nome desta suposta filha, com as figuras femininas seguintes sendo Túlia Maior e Túlia Menor, filhas já de Sêrvio Túlio e esta não nomeada mulher.

⁴⁰⁵ Cf: HOLBROOK, A. L. *Constructions of the family in Livy's Ab urbe condita*. Hamilton: McMaster University. PhD diss. 2009.

marido, às práticas posteriores de adoção no início do império. Assim, a autora analisou como Tanaquil foi fundamental para alavancar seu marido e seu enteado, embora este não fosse da mesma *gens*. Alguns desses costumes foram, segundo ela, aderidos na *domus*, como a adoção dos descendentes de Júlia, e Tibério, que também não pertencia à *gens Iulia*. Em seu estudo, a autora buscou entender o papel desempenhado pelas mulheres na origem e consolidação dos novos modelos aristocráticos na Itália central, e também sua importância jurídica em relação à titularidade dos bens, personalidade diferenciada pelo nome e uso do matronímico - costume que mais claramente distinguia as mulheres etruscas das gregas e romanas. Por fim, a autora também aponta que os historiadores que abordam o principado de Augusto fazem paralelos entre Júlia, mãe progenitora, e Túlia e, quanto ao exercício do poder, entre Lívia e Tanaquil e Túlia. Tanto no caso dos últimos reis quanto no principado, ela ressalta que os laços de linhagem e parentesco entre a *gens* governante e o herdeiro foram cruciais para a ascensão ao trono. Neste sentido, a fórmula que Augusto usou para estabelecer tais laços foi a *adoptio*⁴⁰⁶.

Enquanto Tarquínio ainda agonizava em sua morte, Lívio descreve que Tanaquil mandou fechar o palácio e mandou sair aqueles que presenciavam a situação. Cuidou dos ferimentos e de tudo o necessário para tentar salvar o marido, ao passo em que já tomava providências para caso ele não sobrevivesse⁴⁰⁷. Assim, chamando Sérvio Túlio imediatamente, Lívio atribui novamente fala à mulher, dando voz a Tanaquil pela segunda vez, item que, enfatizamos, até então não havia ocorrido com outras personagens femininas. Ela teria, pegando na mão, feito súplicas e aconselhado o sucessor do marido:

se és homem, Sérvio, este reino é teu e não daqueles que se serviram de mão alheia para perpetrar seu abominável crime. Ergue-te e deixa que te guiem os deuses que outrora te anunciaram a glória circundando-te a frente com o fogo divino. É chegada a hora do verdadeiro despertar. Embora estrangeiros, nós também reinamos. Lembra-te apenas de quem és e esquece tua origem. Se este golpe imprevisto te assusta, segue meus conselhos⁴⁰⁸.

⁴⁰⁶ Cf: ARRANZ, A. D. De Caya Cecilia (tanachvil) a Julia la Mayor: narrativas afectivas y patrimoniales. In: A. Domínguez Arranz, R.M^a Cid López, R.M^a Marina Sáez (eds.), *Madres y familias en la Antigüedad. Patronas femeninas en la transmisión de emociones y patrimonio*. Gijón: Editorial Trea, 2021, p. 133-149. Ver também: WALLACE-HADRILL, Andrew. Family and inheritance in the Augustan marriage-laws. *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, v. 27, 1981, p. 58-80.

⁴⁰⁷ Cf: MARTIN, P. A. Tanaquil la ‘faiseuse’ de rois. *Latomus*, v, 44, 1985, p. 5– 15.

⁴⁰⁸ "Servi, si vir es, regnum, non eorum qui alienis manibus pessimum facinus fecere. Erige te deosque duces sequere qui clarum hoc fore caput divino quondam circumfuso igni portenderunt. Nunc te illa

A postura de Tanaquil é a mais substancial descrição e atuação vinculada a uma personagem feminina em Lívio até aqui vista⁴⁰⁹. Em sua ação ela, ainda como esposa do rei Tarquínio Prisco, na morte do marido, aconselha do sucessor, seu genro, Sérvio Túlio. Neste aconselhamento, é central o tema sobre a relevância das origens do futuro rei que, assim como o casal real, era estrangeiro. Contudo, no caso de Sérvio Túlio, há mais um elemento importante, ele era de origem escrava. Assim, Tanaquil nega ou falsifica essa origem, que assume ser efetiva em diálogo privado, familiar e, através do casamento com sua filha, o eleva reconectando com uma origem anterior que seria já nobre. Nota-se que ela precisa de homens para atuar, não podendo fazer isso diretamente através de sua filha ou por si mesma. O obstáculo que se interpõe entre uma pessoa estrangeira, pessoa escravizada e mulher vai desenvolvendo-se. Um homem estrangeiro ou de origem escravizada poderia exercer o poder diretamente, mas uma mulher, não⁴¹⁰. Para além do tema de estrangeiros ascendendo politicamente em Roma, Tito Lívio parece estar aqui expressando um debate extensamente abordado por Joly: o exercício do poder por escravizados ou por pessoas com postura servil no Principado⁴¹¹.

Tanaquil se mostra, após inúmeras outras personagens, a mais bem desenvolvida figura feminina de Lívio. Como rainha, ao se tornar viúva, ela controlou toda a situação de assassinato promovido pelos dois filhos de Anco, que reivindicavam o poder, então concomitantemente agindo para tentar salvar o marido, incitando justiça, mas também legitimando o poder de Sérvio Túlio e, controlando o palácio ao omitir a morte do rei enquanto o sucessor se estabelecia no poder⁴¹². Na fala a Sérvio Túlio, ela o provoca, incitando-lhe coragem para que ele enfrente a situação de crise e assumo o trono. Em outras palavras, pode-se dizer que ela sugere que ele supere a sua origem servil, atuando com nobreza e liberdade que estariam na origem do poder de Tarquínio e seria a base do

caelestis excitet flamma; nunc expergiscere vere. Et nos peregrini regnavimus; qui sis, non unde natus sis reputa. Si tua re subita consilia torpent, at tu mea consilia sequere" (Liv. 1.41.3).

⁴⁰⁹ Cf: MEULDER, M. Trois femmes, trois fonctions: Tanaquil, Tullia, Lucrece (Tite- Live, 'Histoire romaine', livre I). *Revue des études anciennes*, v. 107, 2005, p. 543– 557.

⁴¹⁰ Cf: GLINISTER, F. Women and Power in Archaic Rome. In: CORNELL, T; LOMAS, K. (eds.), *Gender and Ethnicity in Ancient Italy*. London: Accordia Research Institute, 1997, p. 115-127.

⁴¹¹ Cf: JOLY, F. D. *Libertate Opus Est. Escravidão, manumissão e cidadania à época de Nero (54-68 d.C)*. Curitiba: Editora Progressiva, 2010 e JOLY, F. D. *A escravidão na Roma Antiga: política, economia e cultura*. São Paulo: Alameda, 2005.

⁴¹² Cf: BALMACEDA, Catalina. Las mujeres de Livio: exempla, pasado y presente. *Vinã del Mar: Intus-legere historia*, v. 14, n. 1, 2020, p. 182-183.

poder dele mesmo. Tito Lívio indica que as pessoas podem construir seu caminho para o poder e que ele não é natural, assim como as famílias⁴¹³.

Nesta performance de Tanaquil há imensa proximidade com Lívía Drusila, primeira imperatriz romana. Sobre a atuação de Lívía na morte de Augusto, no relato de Tácito, ser uma reminiscência da apresentação de Lívio da rainha Tanaquil em episódio de morte de seu marido, Tarquínio Prisco, Claassen indica que “ambos os autores usam o dispositivo narrativo das maquinações de uma mulher que trazem um resultado político. Tito Lívio relata este incidente em termos neutros, Tácito é fortemente negativo sobre Lívía”, o que discordamos. Como temos visto, a atuação de Tanaquil não é posta em termos neutros, mas a personagem e sua atuação se apresentam como um *exemplum*, que deve ser reconhecido em um conjunto mais amplo de *exempla* femininos em Lívio e que, como temos indicado, possuem a tópica central da interferência pública/política de mulheres como propulsor de uma reflexão moral na audiência e que se vincula à crítica uma decadência moral romana⁴¹⁴. Lívía foi descrita como madrasta cruel que assassina os concorrentes de seu filho, Tibério, para lhe garantir o trono. Foi sugerido nos relatos posteriores a Lívio, em Tácito e Suetônio, que ela poderia ter ajudado na morte de Augusto, fechando o palácio, controlando as notícias da morte do imperador e ainda, ela teria matado Agripa Póstumo a fim de gerir toda a situação de sucessão para promover Tibério.

O paralelo entre as ações e controle de Tanaquil em situação em momento da morte do marido, na narrativa de Lívio, e as ações de Lívía narradas por Tácito, em ocasião de morte de Augusto, também foi notado por Balmaceda:

A narrativa da morte de Tarquínio em Lívio é surpreendentemente semelhante à narrativa da morte de Augusto nos Anais de Tácito: o chamado da mãe ao herdeiro junto com o falecido, a ocultação da morte por um período de tempo, a proteção de o palácio com soldados e, finalmente, o anúncio oficial ao povo da morte do príncipe e de que Tibério é o novo imperador⁴¹⁵.

⁴¹³ Cf: CLAASSEN, J. M. The Familiar Other: the pivotal role of women in Livy’s narrative of political development in Early Rome. *Acta Classica*, n. 41, p. 75.

⁴¹⁴ *Ibid.*, p. 86-87.

⁴¹⁵ In: BALMACEDA, op. cit., p. 182-183. Bauman também fez esta associação das duas personagens e situações de morte dos maridos, cf: BAUMAN, R. A. Tanaquil, Livia and the death of Augustus. *Historia*, v. 43, 1994, p. 177-188.

Porém, a autora sugere que “a diferença é que os atos de Tanaquil são dados por Lívio de maneira positiva e digna de admiração, enquanto os de Lívía, segundo Tácito, são sombrios e duvidosos”, o que, como no caso da interpretação Claassen, discordamos e iremos ver mais adiante na análise específica sobre Lívía⁴¹⁶. Nosso argumento considera, como temos evidenciado, que os *exempla* em Lívio compõem uma coletividade de forma que a atuação de Tanaquil e suas consequências não se apresentam de forma isolada na narrativa, mas dentro de um repertório de *exempla* femininos livianos que tiveram como central o tema da intervenção, sobretudo pública e política. Os atos de Tanaquil não são positivos para Lívio: há uma linearidade em Lívio onde ele desenvolve a tópica da atuação feminina na política dentro de uma história romana mais ampla e que está entrelaçada à uma tópica de decadência moral de Roma. Tanaquil, assim como Lívía, ilustram a história da decadência de Roma, apontando para uma crítica sobre a era augustana e sobre a agência feminina. Portanto, Tanaquil, como muitas das mulheres do tempo de fundação, como analisamos, não são tomadas simplesmente como exemplos positivos, paradigmas imitáveis de um tempo de alta performance moral.

No caso de Tanaquil, ela não favorece um filho, já que sua filha é mulher, favorecendo assim o gênero na sucessão monárquica, enquanto Lívía favoreceu na sucessão imperial seu próprio filho, adotado pelo marido Augusto. O mesmo pode ser dito sobre Agripina Menor, com o agravante de que ela matou de fato, de acordo com os relatos, assassinando o marido para que o filho, ou ela através dele governasse, ainda que isso custasse a vida dela, conforme antecipou o famoso oráculo. Tanaquil não pertence ainda a um universo que era muito comum no Principado em que as mulheres contraíam diversas núpcias ao longo da vida, sendo as famílias compostas por descendências que acompanhavam os novos maridos. Em Roma, os descendentes acompanhavam seus pais em caso de separação de seus progenitores. Por exemplo, coube, assim, a Lívía criar os filhos anteriores de seu novo marido. Além disso, o recurso à adoção não se limitava aos enteados, mas se estendia a outros parentes e mesmo aliados familiares. Otaviano constrói seu caminho para o poder após ser adotado pelo seu tio Júlio César e ele próprio adotou sobrinhos⁴¹⁷. Mesmo com uma estrutura familiar muito mais simples, sem adoções ou

⁴¹⁶ BALMACEDA, op. cit., p. 183.

⁴¹⁷ Para o estudo dessa análise de uma família que vai se tornando mais elástica, com a passagem de relações predominantemente agnatas para cognatas, ver: SALLER, R. *Patriarchy, property and death in the Roman family*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. Este problema também é apresentado, mas com mais ênfase para as estratégias matrimoniais, em: AZEVEDO, Sarah F. L. *O adultério, a política imperial e as relações de gênero em Roma*. FFLCH-USP (Tese de doutorado), São Paulo, 2017.

múltiplos casamentos, Tanaquil é um eco claro dessa estratégia de formação familiar ao trazer seu genro para dentro do núcleo familiar, criando um herdeiro homem para o poder familiar e procurando obliterar seus vínculos familiares anteriores, que poderiam ligá-lo inclusive a uma origem servil.

A personagem de Tanaquil, primeiramente, considerando suas antecessoras femininas, consolida a percepção na obra de que as mulheres, sobretudo do primeiro livro de Tito Lívio, foram reconhecidas exibindo agência, pois elas se mostram como importantes agentes de ligações e mudanças políticas⁴¹⁸. Essa é uma conclusão inegável pela análise de Tanaquil por tratar-se, como notamos antes, da primeira mulher na narrativa a ser representada em detalhes substanciais, inclusive lhe sendo atribuídas duas falas em discurso direto e intervenções muito relevantes. Ela também se apresenta como anunciadora de presságios de acontecimentos políticos importantes de Roma, ainda que tais presságios sejam vinculados aos dois homens que se tornariam rei e não a ela própria⁴¹⁹.

Outro fator relevante associado a Tanaquil ser a primeira personagem do livro I de Lívio desenvolvida em detalhes se vincula à monarquia etrusca, como já apontado. Comparando diferentes narrativas antigas e gêneros literários, este ponto do papel de mulheres estrangeiras, indo de Medeia a Cleópatra, pode se tornar ainda mais relevante. A ligação com figuras da tragédia, em específico, aparece brevemente na bibliografia sobre as mulheres apresentadas por Tito Lívio. Ogilvie considerou que a caracterização de Tanaquil é "completamente moderna" e que ela pode ter sido modelada a partir de Medeia: "o desejo de ter um marido digno de si é muitas vezes expresso por heroínas trágicas"⁴²⁰. Sobre o tema das rainhas estrangeiras associadas às personagens míticas gregas e rainhas helenísticas, as autoras Hallett e Hersch argumentam em um capítulo, que Lívio descreve essas duas mulheres, Tanaquil e Túlia, como incorporando os aspectos negativos do domínio etrusco no início de Roma, concentrando-se quase exclusivamente em suas ambições políticas e manobras de bastidores. Suas condutas, de acordo com as autoras, destinam-se a enfatizar, para o público da era augusta de Tito Lívio, os perigos inerentes ao governo monárquico hereditário, especialmente

⁴¹⁸ Cf: FANTHAM, E; FOLEY, H. P; KAMPEN, N. B; POMEROY, S. B; SHAPIRO, H. A. *Women in the Classical World: image and text*. Oxford University Press: Oxford, 1994, p. 223 e CLAASSEN, op. cit., p. 75.

⁴¹⁹ FANTHAM, E; FOLEY, H. P; KAMPEN, N. B; POMEROY, S. B; SHAPIRO, H. A. op. cit., p. 225.

⁴²⁰ In: OGILVIE, R. M. *A Commentary on Livy: Books 1-5*. London: Oxford University Press, 1963, p. 143-144, 188.

as oportunidades que oferece aos parentes femininos de governantes masculinos de exercer controle irresponsável sobre o estado romano. As autoras relacionaram as rainhas descritas por Lívio, especificamente Túlia, à Cleópatra⁴²¹.

O tópico da monarquia etrusca coincide com uma mudança significativa na representação que faz o autor sobre os *exempla* femininos. Pode-se concluir que a nova atenção dedicada a personagens femininas na narrativa, então com a relevância dada a Tanaquil e suas sucessoras, sobretudo Túlia, é uma forma de preparar os leitores para a maior mudança política da primeira parte da obra: da monarquia à república⁴²². A mudança será concluída no relato do episódio de Lucrecia, usada como motivação inicial para queda da monarquia e instauração da república.

Destacamos ainda uma especificidade que conecta a virada que Tanaquil inaugura na representação feminina de Lívio e a visão da sociedade, fortemente patriarcal, da Roma augustana: esta sociedade não aprovava o envolvimento de mulheres proeminentes na política⁴²³. Isso é central na narrativa de Lívio sobre mulheres em *Ab urbe condita*. Esse elemento da rejeição e crítica da contemporaneidade de Lívio quanto a intervenção feminina foi também destacado por Hallett e Hersch, em conclusão do estudo sobre Tanaquil e Túlia:

em conclusão, Tito Lívio caricatura tanto Tanaquil quanto Túlia, sua aspirante a sucessora na realeza, como meramente uma espécie de agente política feminina - se não como animais políticos femininos - para ilustrar o quão pouco os romanos escaparam de serem governados, ou pelo menos co-governados, por mulheres manipuladoras durante o período real. Ele se esquece de compartilhar outros detalhes sobre como elas são representadas em outras fontes e, no caso de Tanaquil, representada com reverência, ao aguçar seu foco em sua busca pelo poder. E, visse ou não as mulheres da casa de Augusto como já usurpando as prerrogativas políticas masculinas na época em que escreveu o Livro I, ele evidentemente reconheceu seu potencial em

⁴²¹ HALLETT, J. P; HERSCH, K. K. Tanaquil and Tullia in Livy as Roman caricatures of Greek mythic and historic Hellenistic queens. In: CARNEY, E. D; MÜLLER, S. *The Routledge Companion to Women and Monarchy in the Ancient Mediterranean World*. London: Routledge, 2020. Especificamente para a comparação com Cleópatra, cf: p. 495-496.

⁴²² STEVENSON, op. cit., p. 183-184.

⁴²³ Cf. BAUMAN, R. A. *Women and Politics in Ancient Rome*. London: Routledge, 1992, p. 10-11; STEVENSON, Tom. Women of early Rome as *exempla* in Livy, *Ab Urbe Condita*, Book 1. *Classical World*, v. 104, n. 2, p.175-189, 2011, p. 184.

comportar-se à maneira das mulheres reais etruscas de Lívio das míticas rainhas gregas e históricas helenísticas que evocam, com consequências catastróficas para o estado romano⁴²⁴.

A desaprovação feminina pela interferência política e pública é construída narrativamente, na obra leviana, personagem após personagem, por meio de uma crítica que é refinada e intensificada. Tal crítica é arrematada e completamente circunscrita e, por fim, destacada notadamente com Tanaquil e, em seguida, através de Túlia. Neste sentido, paulatinamente, essas mulheres representadas por Lívio passam a ganhar poder de agência política/pública, havendo um crescimento de figuras femininas no fim na monarquia, representado então por meio das duas rainhas, e que será intensificado na república, culminando nas mulheres imperiais.

As mulheres Júlio-cláudianas, assim, representariam o auge dessa intensificação e da proeminência de mulheres na política. Neste viés, há justificativa e conexão entre a representação feminina de Lívio e a crítica posterior, sobretudo, de Tácito, ao representar as mulheres do período Júlio-claudiano. Elas são apresentadas como que parte das razões do pior momento já visto na história romana, neste viés, com as mulheres mais possivelmente repudiadas moralmente. Cenerini, em seu estudo de seis mulheres Júlio-Cláudias, destaca a representação de Agripina Menor em Tácito como o auge dessa aversão e crítica moral às mulheres do início do Principado:

são emblemáticas as palavras que Tácito (*Ann.* 12.65) atribuiu ao liberto Narciso: Agripina Menor, foi a causa de *maius flagitium*, ‘desgraça total’; ela foi ainda precursora de desastres e pior que a *impudicitia* de Valéria Messalina, até porque como uma madrasta ruim, ela conspirou para extinguir a linhagem direta de Cláudio. A imagem final não oferecia nenhuma segurança: *decus, pudorem, corpus, cuncta regno viliora habere*, para Agripina Menor, ‘o poder absoluto valia mais do que tudo, honra e decoro, decência, seu próprio corpo’ (*Tac. Ann.* 12.65.2). (...) Ela era uma mulher se comportando como um homem (*virago*), que tinha, portanto, uma personalidade volátil e contraditória, exemplificada pela famosa expressão: *Agrippina, quae filio dare imperium, tollerare imperante nequibat* (*Tac. Ann.* 12.64.3), ‘ela queria

⁴²⁴ In: HALLETT, J. P; HERSCH, K. K. op. cit., p. 499-500.

conceder poder a seu filho, mas ela não podia suportá-lo no poder'. A análise de fontes literárias e documentais relacionadas com Agripina, a Jovem, não nos permitem saber a história real, mas apenas reconhecer as maneiras pelas quais sua imagem foi manipulada⁴²⁵.

Portanto, Lívio, em semelhança ao que fez Tácito como autor posterior que narrou o início do principado como seu passado, construiu uma crítica póstera à agência política de mulheres na história romana. No caso de Lívio, temos matéria relativa à fundação de Roma, passando pela monarquia, até a república. O que se reconstrói é um passado que traz lições morais sobre os perigos da proeminência e das interferências políticas de mulheres. Portanto, estas ações de mulheres representaram um mal público a Roma e ilustraram uma história da decadência na perspectiva do autor. Em nossa opinião, ainda que sejam feitos esforços para interpretar positivamente a interferência de Tanaquil na ascensão de dois monarcas romanos, pode-se concluir que tal postura desta figura, no mínimo, evidencia e propulsiona a discussão sobre a agência feminina na esfera pública e privada. Sobre isso, Balmaceda comenta sobre a personagem: “uma Terência que ajuda a promover o marido, o *homo novus* Cícero, pode ser comparada à astuta Tanaquil”⁴²⁶.

Como temos defendido, a visão de Tito Lívio não se acomoda facilmente a polos positivos e negativo totalmente apartados e claramente separados e distinguíveis. A apreciação de cada episódio não faz o mesmo sentido quando pensado isoladamente, tendo pouca utilidade do ponto de vista do gênero literário histórico e mais particularmente de sua exemplaridade. Torna-se mais adequado quando tomado em conjunto com outros episódios relatados e também com a realidade concreta com a qual se defronta o leitor posterior. É com vistas a esse leitor posterior que escreve o historiador antigo, em uma tradição que se estende de Heródoto e Tucídides, alcança os autores estudados aqui centralmente, Tito Lívio e Tácito, e os ultrapassa, chegando a Luciano de Samósata e sua metáfora sobre o arquiteto de Faro:

⁴²⁵ In: CENERINI, F. *Julio-Claudian imperial women*. In: CARNEY, E. D., MÜLLER, S (eds.). *The Routledge Companion to Women and Monarchy in the Ancient Mediterranean World*. London: Routledge, 2020, p. 408. Ver também: KEITH, A. *Women in Augustan Literature*. In: JAMES, S. L; DILLON, S. (eds.). *A Companion to Women in the Ancient World*. Malden, Oxford: Blackwell, 2012, p. 385– 399.

⁴²⁶ In: BALMACEDA, op. cit., p. 180, 183.

Luciano cria uma imagem belíssima para expor a forma como deveria ser escrita a história. Ele cita o exemplo de um arquiteto, a quem um rei importante encomendou a construção de um farol para a grande cidade de Faro. Construiu ele a grande torre que lhe foi encomendada e escreveu nas pedras que estruturavam a obra a seguinte inscrição: ‘Sótrato, filho de Dexífanos, cnídio, aos deuses salvadores para os que navegam.’ Depois, revestiu as pedras com estuque e escreveu sobre o gesso que recobria o farol que seria inaugurado uma bela dedicação em nome do rei que encomendou a obra. Em pouco tempo se gastou a cobertura da torre e a inscrição que estava nas pedras seguiu sendo vista por longo tempo. Conclui Luciano: ‘Deste modo, não teve ele em vista seu presente nem a sua breve vida, mas o nosso presente e o futuro, enquanto a torre ficar de pé e perdurar sua arte’ (Luc. *Hist. Conscr.* 62)⁴²⁷.

Considerada essa posterioridade, Tanaquil pode ser percebida como positiva, afinal elevou ao poder seu marido e seu genro e ambos governaram longamente e de forma predominantemente tomada como justa e elevada, tendo contribuído de forma importante para Roma. Contudo, pode ser tomada como negativa na medida em que sua intervenção se dá em meio a crises que poderiam ter arruinado Roma, marcadas pela disputa sangrenta de poder e inserida em uma narrativa que evidencia que esses desmandos levariam à ruína dessa forma de poder. Assim, é negativo que mulheres interfiram na política, pois isso mostra que há algo disfuncional e que, no limite, pode levar ao colapso da cidade.

Desse modo, a reflexão que Tanaquil se volta de forma mais abrangente para as consequências destas ações femininas na história romana, guiada rumo à decadência. Afirmamos este ônus negativo no *exemplum* de Tanaquil também devido às consequências finais que a personagem encontra. Ambos os reis que ela viabilizou as ascensões acabam mortos e anunciam a queda da monarquia. O fim deste regime representou uma luta contra a tirania e em favor de valores morais associados principalmente as mulheres, como a *pudicitia*, e à melhor regulação e à tutela dessas. O governo do rei Tarquínio, o Soberbo, foi apresentado negativamente e como marco do fim iminente da monarquia. Portanto, de forma semelhante a Agripina Menor, Tanaquil

⁴²⁷ In: FAVERSANI, F. Escrita da história e as histórias dos antigos. In: CERQUEIRA, Fábio; GONÇALVES, Ana Teresa; MEDEIROS, Edalaura; BRANDÃO, José Luís. (Org.). *Saberes e poderes no mundo antigo*. 1ed.Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, v. 1, p. 29-30.

e aqueles que ela promoveu ao poder tiveram destinos fatais que poderiam se estender a um questionamento sobre a estabilidade do poder que dava espaço para a agência feminina.

A ação de Tanaquil, ainda, só apresenta sentido de compreensão coerente devido a suas personagens antecessoras. Podemos relacioná-la diretamente, com, pelo menos, os precedentes dados como negativos, neste caso, Tarpéia e Hersília, além das mulheres sabinas e Cloélia, como precedentes que figuram nessa ótica como positivos. Neste sentido, entendemos que a história da fundação de Roma, especificamente o livro primeiro da obra de Lívio, é uma história moral de Roma e sobre as origens da decadência e corrompimento moral romano, e que as mulheres cumprem papel importante na narrativa, especialmente quando consideradas conjuntamente. No cerne dessa corrupção, portanto, está a atuação de mulheres proeminentes, que atuam politicamente, extrapolando a esfera doméstica e atingido na esfera pública. Deste modo, observamos uma história da interferência política feminina que está contida dentro desta história mais ampla da decadência moral romana. Por isso, cada figura feminina não faz o mesmo sentido isoladamente e por si só, que faz quando lida nessa sequência de *exempla*, como um repertório moral feminino que se constrói cronologicamente e interconectadamente na narrativa e que se estende ao tempo e situações vividas pelo público que lia/ouvia as histórias de Tito Lívio e as ligava com suas próprias realidades, buscando interpretá-las à luz da exemplaridade construída pelo entendimento desse repertório. Não se trata, assim, de uma obra que traz sentidos fechados e prescritivos, isolados e dados para cada caso. O repertório funciona como conjunto multifacetado e polissêmico que permite múltiplas interpretações, sempre renovadas pelo surgimento de situações novas.

Nesta leitura, Tanaquil é um ápice da história da decadência ilustrada por mulheres romanas da Roma inicial, que será ainda reforçada com Túlia. Tanaquil, juntamente com Túlia, são as personagens mais aprofundadas, mais complexas, ou no mínimo, mais detalhadas na narrativa. Assim, podemos concluir que, quanto mais influência na esfera pública, mais Lívio concede espaço para uma figura feminina, com mais linhas sendo dedicadas a personagem em sua obra. A lógica parece manter-se se pensarmos o quão marcante é a presença de mulheres na época do próprio Tito Lívio, que o levou a observá-las de uma forma nova, e na narrativa posterior de Tácito, que dispôs longos capítulos com mulheres da casa imperial como personagens centrais. Em ambos os autores, percebemos que os autores criam personagens bastante detalhadas com as representações femininas, reconstruindo passados distantes deles, propondo uma narrativa histórica ou

mítica sobre episódios largamente difundidos do passado romano. Neste caso, com Lívio relatando um passado muito distante e Tácito um passado menos distante temporalmente a ele.

Entre a representação de Tanaquil e a de Túlia Maior, filha de Sêrvio Túlio, então neta de Tanaquil, como podemos inferir, Lívio apresenta uma breve menção a uma nova taxa, especificamente para viúvas. De acordo com Lívio, nas reformas de Sêrvio Túlio, que dividiu a sociedade em classes e cobrou impostos de acordo com suas rendas, o rei teria taxado as viúvas com um imposto anual alto⁴²⁸. Cícero menciona igualmente o pagamento desse imposto pelas viúvas, acrescentando também os órfãos (*orbi*). Assim, parece que quando a mãe já não estava viva, o pagamento do imposto poderia recair sobre os descendentes menores de idade de um equestre⁴²⁹. Chatelard e Stevens explicam que esse imposto permitia que os cavaleiros que tivessem o uso de um “cavalo público” (*equites equo publico*) mantivessem seus cavalos e que a disposição aplicava-se naturalmente às viúvas cujos maridos haviam pertencido às classes do *censo* sujeitas ao *tributum* e que, portanto, tinham os meios para pagar o imposto⁴³⁰.

A menção sobre a taxa, ainda que sucinta, parece aludir às leis sumptuárias posteriores. Por exemplo, destacamos em especial a mais famosa dessas, que é discutida em Lívio: a Lei Ópia, do período da segunda guerra púnica (218 – 201 a.C.), havendo um famoso discurso de Catão sobre a questão⁴³¹. Vassiliades argumenta sobre o tema da *Lex Oppia* na obra de Lívio, que as maneiras pelas quais Lívio constrói a argumentação de cada orador no debate sobre a revogação desta lei, em Liv. 34.1-8, indicam que os argumentos e estratégias persuasivas usadas por Catão e Valério são endereçadas aos leitores de Tito Lívio, que estão bem informados sobre o papel da *luxuria* na estrutura da decadência de Roma na narrativa de Lívio. Do ponto de vista do cônsul Catão, a *lex Oppia* era uma lei sumptuária destinada a limitar o apelo das mulheres ao luxo. Consequentemente, sua revogação traria a propagação da *luxuria*. O tribuno Valério, porém, considerava que a lei foi apenas uma medida de austeridade, votada nas circunstâncias excepcionais da guerra. Sua revogação, portanto, não constituiu nenhuma ameaça à moralidade. Em contraste com a tendência comum dos estudiosos de tentar encontrar o “vencedor” do debate na visão de Lívio, Vassiliades argumenta que Lívio justapõe duas estratégias de

⁴²⁸ Liv. 1.43.9.

⁴²⁹ Cic. *Rep.* II, 20.

⁴³⁰ Cf: CHATELARD, A; STEVENS, A. *Women as legal minors and their citizenship in Republican Rome*. *Clio: Women, Gender, History*, n. 43, Gender and the Citizen, 2016, p. 34-35.

⁴³¹ Liv. 34.1-8.

persuasão que falharam igualmente em impedir o declínio de Roma: Valério persuadiu seu público contemporâneo, mas nem ele, nem Catão, devem ter persuadido os leitores familiarizados com a narrativa de Tito Lívio. Essa justaposição permite que os leitores expliquem e entendam melhor a propagação da *luxuria* nos livros subsequentes das histórias de Lívio⁴³².

Considerando o contexto de Lívio, a questão que o autor parece estar aludindo por meio da menção desta nova taxa é o acúmulo de patrimônio que mulheres poderiam possuir, portanto, a viabilização legal disto e, não menos importante, a instrumentalização que poderia ser dada por homens ambiciosos que poderiam se ligar com essas viúvas pelo casamento ou por outras formas. Assim, encontrava-se em debate medidas que poderiam evitar tal acúmulo de riquezas, que conferiria mais poder para mulheres. O imposto de viúvas instituído por Sêrvio Túlio parece legitimar medidas de tal cunho. Essas medidas poderiam, através do recolhimento de imposto, deduzir o patrimônio de mulheres que se encontravam sem a tutela do marido, então falecido, e fortalecer o tesouro do Estado.

A aparente defesa ou benefício de tais medidas, no argumento de Lívio, pode ser notado por uma espécie de equilíbrio construído por meio da relação entre o impedimento da construção de fortunas por mulheres, então com sua taxação, e um adequado gerenciamento e investimento nos exércitos. Isto porque, explicando as reformas de Sêrvio Túlio, Lívio diz que armando e organizando a infantaria, o rei formou com os nobres da cidade doze centúrias de cavaleiros. Estes seriam pagos com um valor anual retirado do dinheiro público destinado à compra de cavalos e, para alimentá-los, haveria então usado como recurso a taxação criada com o imposto anual para viúvas⁴³³. Cabe notar ainda que Lívio especifica o valor desse imposto, com o valor total anual do financiamento bélico mencionado sendo apenas cinco vezes maior do que o anual para viúvas (*dena milia aeris* em relação a *bina milia aeris*)⁴³⁴. Ou seja, parece haver uma sugestão de que com tal imposto produziria uma sociedade em que as riquezas acumuladas por viúvas seriam direcionadas para o fortalecimento do exército romano, que receberia adequado investimento e, assim, estaria apto a exercer sua força e potencial

⁴³² Cf: VASSILIADES, G. The *lex Oppia* in Livy 34.1–7: Failed Persuasion and Decline. In: PAPAIOANNOU, S; SERAFIM, A; DEMETRIOU; K. (eds). *The ancient art of persuasion across genres and topics*. Leiden, Boston: Brill, p. 104-123.

⁴³³ *Ita pedestri exercitu ornato distributoque, equitum ex primoribus civitatis duodecim scripsit centurias; sex item alias centurias, tribus ab Romulo institutis, sub iisdem quibus inauguratae erant nominibus fecit. Ad equos emendos dena milia aeris ex publico data, et, quibus equos alerent, viduae attributae quae bina milia aeris in annos singulos penderent* (Liv. 1.43.8).

⁴³⁴ Liv. 1.43.9. Cf: OGILVIE, R. M. *A Commentary on Livy: Books 1-5*. London: Oxford University Press, 1963, p. 171-172.

bélico plenamente. A alternativa a isso, não explicitada, seria manter essa riqueza das viúvas disponível para uso particular, inclusive de homens que pudessem se associar a elas para se projetarem na vida pública. Dessa forma, é sugerido uma noção de equilíbrio moral e do estado, decorrente da percepção de que mulheres não deveriam possuir muitos bens quando não tinham marido, eliminando a possibilidade de elas se associarem a homens que seriam controlados ou, no mínimo, deveriam sua posição elevada a elas. Há, assim, a construção de uma noção de que as riquezas acumuladas poderiam conferir as mulheres viúvas excessivo poder particular, que, através da instituição do novo imposto, é associado à força bélica romana, aparentemente da monarquia, mas possivelmente remetendo à organização tardo republicana e imperial.

1.3 Túlia

Quando Lívio traz o *scelus tragicumque exemplum*⁴³⁵ de Túlia ele introduz o fim da monarquia, que, contudo, encontra encerramento efetivo apenas com o episódio de Lucrecia. O *exemplum* de Túlia pode ser melhor compreendido se levarmos em consideração todas as precedentes já citadas, em especial, Tanaquil. Túlia, filha mais nova (Menor) do rei Sérvio Túlio é apresentada de forma muito semelhante à sua ancestral, Tanaquil, já que se mostra como esposa ambiciosa, segundo Lívio, que fora destinada ao irmão mais fraco Arrúncio Tarquínio⁴³⁶.

No episódio em que Túlia Menor é apresentada, um dos irmãos Tarquínios, descrito como possuindo temperamento ardente em oposição ao temperamento moderado do irmão, usou do fato do Senado não ter sido a favor da distribuição de terra que Sérvio Túlio fez para enfraquece-lo. Na narrativa, quando Túlia se torna esposa deste Tarquínio, após assassinar seu primeiro marido, também um Tarquínio, ela frequentemente o instigou no lar para fazer oposição e conspiração contra o rei⁴³⁷.

Sérvio Túlio havia casado suas duas filhas com os dois Tarquínios com o objetivo de cessar possíveis disputas de poder entre esses irmãos. As irmãs também muito divergiam

⁴³⁵ Liv. 1.46.3. Sobre a criação do espetáculo na narrativa de Tito Lívio sobre a ascensão de Tarquínio, ver: FELDHERR, A. M. *Spectacle and Society in Livy's History*. Berkeley: University of California Press, 1998, p. 187-194; 213-217. O autor observa (p. 188), sobre esta frase, que é uma das duas vezes em que Lívio utiliza o termo “trágico”.

⁴³⁶ Liv. 1.46.5

⁴³⁷ *et ipse iuvenis ardentis animi et domi uxore Tullia inquietum animum stimulante* (Liv. 1.46.2). Cf: SMETHURST, S. E. *Women in Livy's History. Greece & Rome*, v. 19, 1950, p. 82.

na maneira de ser⁴³⁸. Esta ação dos laços matrimoniais apresenta grande proximidade aos arranjos familiares, associados a incestos, relatados sobre a dinastia Júlio-claudiana, com conexões muito entrelaçadas entre um número reduzido de famílias aristocráticas. Como apontamos na análise sobre Agripina Menor, as mulheres Júlio-Cláudias são centrais para o estabelecimento e manutenção de alianças políticas, por isso o entrelaçamento de famílias importantes e seus descendentes, sendo o adultério e o incesto representados nos relatos como ameaças à esta função⁴³⁹.

Além disso, Sêrvio Túlio crescera no Palácio de Tarquínio, e da rainha Tanaquil, como já discutido, sendo que sua mãe teria engravidado talvez lá, com suposta paternidade divina. Assim, abre-se um questionamento na narrativa sobre ele poder ser filho do próprio Tarquínio Prisco, incitando também o questionamento sobre a então esposa do rei, Tanaquil, ter acobertado o mito de divindade da suposta mãe de Sêrvio Túlio, Ocrisia. Nesta vertente, Sêrvio Túlio e os Tarquínios teriam parentesco sanguíneo anterior a Túlia. De toda forma, o casamento de Túlia com os Tarquínios apresentaria caráter incestuoso. De acordo com Lívio, “não se sabe ao certo se esse Lúcio Taquínio era filho ou neto de Tarquínio Prisco. De acordo com a maioria dos autores, inclino-me a considerá-lo filho. Tinha um irmão chamado Arrúncio Tarquínio, jovem de temperamento moderado”⁴⁴⁰.

Hallett e Hersch notaram variações nos relatos antigos quanto a genealogia de Túlia⁴⁴¹. De todo modo, nos parece que prevalece um caráter incestuoso, com Túlia sendo, em diferentes versões, neta de Tanaquil. O fato de Túlia casar-se com seu tio, no caso, dois deles e ter assassinado um deles, faz lembrar a extensa discussão sobre o caráter incestuoso, apresentada por Tácito. O episódio que discutimos no primeiro capítulo, aborda o casamento de Agripina Menor e seu tio, Cláudio, bem como o relato do

⁴³⁸ Liv. 1.42. *His duobus, ut ante dictum est, duae Tulliae regis filiae nupserant, et ipsae longe dispares moribus* (Liv. 1.46.5).

⁴³⁹ Cf: AZEVEDO, Sarah F. L. *O adultério, a política imperial e as relações de gênero em Roma*. FFLCH-USP (Tese de doutorado), São Paulo, 2017, p. 130; CORNELL, T. J. Some observations on the ‘crimen incesti’. In: *Le délit religieux dans la cité antique*, Rome: École Française de Rome, 1981, p. 27–37 e HALLETT, J. P. Women in Augustan Rome. In: JAMES, S. L.; DILLON, S. (eds.). *A Companion to Women in the Ancient World*. Malden, Oxford: Wiley-Blackwell, 2012, p. 372-384.

⁴⁴⁰ *Hic L. Tarquinius—Prisci Tarquini regis filius neposne fuerit parum liquet; pluribus tamen auctoribus filium ediderim—fratrem habuerat Arruntem Tarquinium mitis ingenii iuvenem* (Liv. 1.46.4). Cf: THOMSEN, R. *King Servius Tullius: A Historical Synthesis*. London: Gyldendal, 1980.

⁴⁴¹ “Tito Lívio representa a filha de Sêrvio Túlio, Túlia, como tendo casado, sucessivamente, com dois dos filhos de Tanaquil com seu marido Tarquínio Prisco (1.42.1). Dionísio de Halicarnasso, no entanto, sustenta que Sêrvio Túlio casou-se com a filha de Tanaquil, tornando Túlia sua neta (*Ant. Rom.* 4.3)”. In: HALLETT, J. P.; HERSCH, K. K. Tanaquil and Tullia in Livy as Roman caricatures of Greek mythic and historic Hellenistic queens. In: CARNEY, E. D., Müller, S. *The Routledge Companion to Women and Monarchy in the Ancient Mediterranean World*. London: Routledge, 2020, p. 500.

assassinato deste imperador, então morto pela sobrinha-esposa. Já o primeiro marido de Túlia, que foi também assassinado por esta que era sobrinha e esposa, era concorrente ao trono. Ambas essas personagens, portanto, promoveram os assassinatos de seus tios-maridos e interferiram diretamente na sucessão do poder. Interessa notar tais paralelismos, ainda que, por razões óbvias, Lívio não conhecesse o legado de Agripina Menor quando escreveu seu relato sobre Túlia, já que a primeira ainda nem havia nascido no período em que Lívio viveu. Contudo, Tácito, acessou os relatos e memória, em suas diferentes tradições, sobre ambas as figuras, que eram importantes personagens de diferentes períodos da História de Roma anteriores ao tempo em que ele próprio viveu. Isto nos faz formular uma hipótese que, propositalmente, houve uma associação dessas duas personagens por Tácito, que com tal associação transmitiu uma tradição que enfatizou aspectos negativos sobre Agripina Menor. Consideramos essa associação das personagens pela a ênfase que Tácito deu a discussão sobre o caráter incestuoso do casamento de Agripina com Cláudio, que teve como precedente o relato liviano sobre os casamentos de Túlia e seu desfecho: o assassinato que promove do primeiro marido-tio, o assassinato do rei, pai de Túlia, a expulsão da família dos Tarquínios da cidade e, por fim, o fim da monarquia. Tácito longamente debateu sobre o tema do incesto no episódio, especificamente discutindo sobre o potencial do casamento entre tio e sobrinha poder se tornar uma prática comum e aceita, mas que era representativa de um mal público para Roma, portanto, uma ameaça. Além disto, como já dito, Tácito relatou o assassinato de Cláudio e, por fim, fornece uma descrição de Agripina Menor, assim como a de Túlia Menor por Lívio, como *ferox*⁴⁴². Sobre as semelhanças dos traços de Túlia com mulheres mais contemporâneas a Lívio, Balmaceda destaca a proximidade com Agripina Menor:

Com todos esses exemplos, é quase impossível não pensar nas mulheres da República tardia com quem Lívio viveu: a enérgica e manipuladora Fúlvia tem alguns traços perversos da rainha Túlia, mas ela também é corajosa e ousada no campo de batalha, como a jovem Cloélia. (...) Outras mulheres da dinastia Júlio-Claudiana também são prefiguradas nas heroínas dos primeiros tempos de Lívio. Agripina, a Velha, por exemplo, esposa de Germânico, que forma uma verdadeira facção

⁴⁴² Sobre o termo *ferox*, observamos anteriormente, no primeiro capítulo, que foi utilizado no retrato de Tácito sobre Agripina Menor. Cf: GILLESPIE, C. Agrippina the Younger: Tacitus' *Unicum Exemplum*. In: KER, J; PIEPER, C. (eds.). *Valuing the Past in the Greco-Roman World. Proceedings from the Penn-Leiden Colloquia on Ancient Values VII. Mnemosyne Supplements*, v. 369, 2014, p. 279.

contra o imperador reinante Tibério, tem traços semelhantes a Túlia pela audácia e pela ambição com que se opõe ao rei para ganhar mais poder para o seu. Mas Túlia é mais parecida com a outra, Agripina, a Menor, esposa de Cláudio, que, como a ex-rainha, descaradamente se livra de possíveis rivais – Cláudio e Britânico – para que seu filho Nero suba ao trono⁴⁴³.

Túlia, primeiramente, teria se casado com Arrúncio Tarquínio. Ela e o outro irmão Tarquínio, Lúcio Tarquínio Soberbo, casado com sua irmã, foram descritos como portadores dos piores temperamentos. Lívio diz que teria sido “sorte que os dois temperamentos violentos não fossem unidos pelo matrimônio”⁴⁴⁴. Entretanto, Túlia Menor e o marido de sua irmã (Túlia Maior), Lúcio Tarquínio Soberbo, se uniram em queixas da fraqueza de seus companheiros e pela ambição pelo trono do pai dela, o rei Sérvio Túlio. Túlia Menor, foi descrita como orgulhosa e ambiciosa (*ferox*):

sofria por não encontrar o menor traço de ambição e de audácia em seu marido. Votava, porém, grande admiração ao outro Tarquínio, considerando-o um verdadeiro homem nascido de estirpe real. Desprezava a irmã porque, tendo um marido energético, paralisava-lhe a audácia com sua fraqueza⁴⁴⁵.

O termo *ferox* e *audacia*, além da conexão que sugerimos com Agripina Menor, ainda possivelmente faz remeter à Cleópatra, como observa Hallett e Hersch:

A caracterização de Horácio de Cleópatra (*Odes* 1.37.29) como *ferocior*, ‘mais do que normalmente feroz’, uma vez que ela premeditou seu suicídio, pode ter ecoado pela referência de Lívio (1.46.6) a Túlia como *ferox* ao incitar seu marido; sua afirmação sobre a ‘ousadia’ de Cleópatra com a palavra *ausa* (1.37.25) pelo uso de Lívio de *audaciam* e *audacia* para Túlia no mesmo capítulo; sua referência ao palácio de Cleópatra (1.37.25) como *regiam* pela *domus regia* de Lívio (1.47.4);

⁴⁴³ BALMACEDA, Catalina. Las mujeres de Livio: exempla, pasado y presente. *Vinã del Mar: Intus-legere historia*, v. 14, n. 1, 2020, p. 180, 183.

⁴⁴⁴ *Forte ita inciderat ne duo violenta ingenia matrimonio iungerentur fortuna* (Liv. 1.46.5).

⁴⁴⁵ *Angebatur ferox Tullia nihil materiae in viro neque ad cupiditatem neque ad audaciam esse; tota in alterum aversa Tarquinium eum mirari, eum virum dicere ac regio sanguine ortum: spernere sororem, quod virum nacta muliebri cessaret audacia* (Liv. 1.46.6).

seu uso do adjetivo *contaminato* para o ‘rebanho’ de eunucos de Cleópatra em seu séquito (*grege turpium morbo virorum*; 1.37.9) pela referência de Tito Lívio a Túllia (1.48.7) como *contaminata* pelo o sangue de seu pai⁴⁴⁶.

Além desta aproximação e a que temos destacado em relação a caracterização taciteada sobre Agripina Menor, a descrição liviana de Túlia se aproxima enormemente de sua antecessora imediata, Tanaquil, uma vez que a mulher aprovava e estimulava a ambição do marido, intensificando esta virtude que, pela desmedida, torna-se vício. Neste sentido, quanto aos personagens masculinos, a ambição mostrou-se moderada em Tarquínio Prisco, equilibrada em Sérvio Túlio, mas excessiva em Lúcio Tarquínio Soberbo, então rei imoderado, que exerceu um governo criticado por Lívio e que levou ao fim da monarquia⁴⁴⁷. Por outro lado, a ambição se apresentava de forma também deficiente ao irmão deste último, Arrúncio Tarquínio. Em conclusão, como no caso de Tanaquil, percebemos que a ambição de Túlia parece ser o que estabelece o potencial de ação dela, ou seja, a razão pela qual ela apresenta sua agência. Em ambos os casos há uma potencialidade negativa pela ambição excessiva, mas no caso de Túlia, também presente no marido e que se transpõe na forma de interferência política dela individualmente e do casal⁴⁴⁸.

De acordo com Lívio, não demorou a acontecer uma aproximação entre os dois. Executaram o desejo que Túlia confessou de ficarem livres para se casar, morrendo ao mesmo tempo sua irmã e o irmão dele, Arrúncio Tarquínio. Segundo Lívio, Sérvio Túlio não se opôs ao novo casamento, que foi celebrando, porém, sem também sua aprovação⁴⁴⁹. O paralelo que destacamos entre os casamentos de Túlia e o descrito como incestuosos por Tácito, de Agripina e Cláudio, não é comumente indicado pela a bibliografia. Green, por exemplo, menciona o casamento de Túlia com este segundo Tarquínio em uma análise que busca mais associações entre Sérvio Túlio e Cláudio, desconsiderando os paralelos entre os dois casamentos e, sobretudo, entre Túlia e Agripina Menor, notando apenas que “o casamento entre Túlia e Tarquínio foi

⁴⁴⁶ In: HALLETT, J. P; HERSCH, K. K. op. cit., p. 496.

⁴⁴⁷ Cf: GLINISTER, F. Kingship and tyranny in archaic Rome. In: LEWIS, S. (ed.). *Ancient Tyranny*. Edinburgh: Edinburgh University Press, p. 17-32 e LEWIS, S. Tyranny and response: introduction. *Bulletin of the Institute of Classical Studies*: Oxford University Press, v. 55, n. 2, 2012, p. 69-71.

⁴⁴⁸ STEVENSON, op. cit., p. 185.

⁴⁴⁹ Cf: Liv. 1.46.9.

considerado uma aliança profana”⁴⁵⁰. Nos encontros entre os dois, de acordo com Lívio, Túlia não poupava injúrias ao primeiro marido, mesmo sendo irmão de seu amante. Lívio, atribuindo muitos detalhes aos traços morais de Túlia, acrescentando sobre ela:

costumava dizer que teria sido preferível que ela própria fosse viúva e ele solteiro, ao invés de unidos a pessoas tão fracas e covardes que paralisavam seus atos. Se os deuses lhe tivessem dado o marido que merecia, ele não tardaria a empunhar o cetro que agora se achava nas mãos do pai⁴⁵¹.

Portanto, é devido à ambição de Túlia, que não aceita a fraqueza do marido e que ambicionava um marido que logo se tornasse rei, que o novo arranjo entre os dois casais ocorre. Ela impulsiona o plano, contando com Tarquínio Soberbo, para a morte dos outros dois, seus irmãos. Os dois se aproximaram, segundo Lívio, “pois o mal sempre atrai o mal. Mas foi a mulher a origem de toda a tragédia”⁴⁵². Neste sentido, poderia ser a mulher, Túlia neste caso, a liderança ou a responsável pelos planos de assassinato e a consequente ascensão de Tarquínio Soberbo. Ela, por isso, assemelha-se a Tanaquil, como quem de fato instigou, liderou e promoveu ações do novo marido pautadas na ambição. Contudo, no caso de Túlia, acrescentando-se dois assassinatos, de seu primeiro marido e de seu pai, para atingir o objetivo de o marido tornar-se rei.

Portanto, Túlia liderou a ambição, muito mais que seu novo marido. Ela incitou Lúcio Tarquínio Soberbo a destronar seu pai Sêrvio Túlio⁴⁵³, enquanto Tanaquil se limitou a fazer a conduzir a transição de poder que resultou de um assassinato que ela não desejou e, ainda menos, promoveu. Além disso, ela também é descrita como invejosa de Tanaquil⁴⁵⁴. Justamente por isso, a narrativa enfatiza a semelhança entre as duas, já que as ações de Túlia possuíam o mesmo caráter ambicioso e buscaram resultados semelhantes aqueles de Tanaquil, mas em escala muito ampliada tanto no que refere aos

⁴⁵⁰ In: GREEN, C. M. C. Claudius, kingship, and incest. *Société d'Études Latines de Bruxelles: Latomus*, T. 57, Fasc. 4, 1998, p. 785.

⁴⁵¹ *et se rectius viduam et illum caelibem futurum fuisse contendere, quam cum impari iungi ut elanguescendum aliena ignavia esset; si sibi eum quo digna esset di dedissent virum, domi se propediem visuram regnum fuisse quod apud patrem videat* (Liv. 1.46.7-8).

⁴⁵² *malum malo aptissimum; sed initium turbandi omnia a femina ortum est* (Liv. 1.46.7). Para o uso desta frase por Lívio, associada a ideia de repetição em Lívio, que vimos anteriormente quando discutimos o efeito cumulativo em Lívio, em um estudo de caso sobre Fábica Menor, cf: KRAUS, C. S. *Initium Turbandi Omnia a Femina Ortum Est: Fabia Minor and the Election of 367 B. C.* *Phoenix*, v. 45, n. 4, 1991, p. 314-325.

⁴⁵³ Liv. 1.47.1

⁴⁵⁴ Liv. 1.47.6.

vícios e violência quanto às consequências nocivas para a ordem pública e estruturação do regime político. O resultado principal era tornar o marido rei. Portanto, Lúcio Tarquínio Soberbo foi provocado pela sua mulher, Túlia, que preparou seu mais famoso crime e, portanto, seu segundo crime. Segundo descrito por Lívio, este crime foi realizado contra seu pai, quando ela não deixava o marido em sossego⁴⁵⁵. Neste sentido, além de Tanaquil, por instigar os crimes e maldade do marido, a personagem faz lembrar Popéia, esposa de Nero, que estimulou e exigiu medidas cruéis do imperador contra a sua primeira esposa, Octávia, e também contra a mãe dele. Lívio não testemunhou a atuação de Popéia, bem como já dito, seguramente, não pôde também ter em mente Agripina Menor. Entretanto, seus leitores puderam ler os *exempla* de Túlia e Tanaquil até mesmo além do que foi pensado pelo autor no momento da sua escrita. Certamente, essa utilidade é relevante para o reconhecimento da qualidade e para a transmissão da obra e dos *exempla* de Lívio.

A obra atribui fala à Túlia, como antes fez com Tanaquil. O discurso é ainda mais longo e detalhado do que aqueles dois que foram atribuídos por Lívio à personagem precedente. A fala começa de forma bastante semelhante àquela de Tanaquil direcionada a Sêrvio Túlio, da mesma forma incitando e questionando a natureza masculina do homem e a sua elevada origem. Observe-se que aqui, mais uma vez, a origem não é dada e estabelecida, mas precisa ser construída com ações e discursos que a coloquem no patamar desejado, que será aceito conforme a posição efetivamente alcançada. Na voz que dá a Túlia, Lívio demonstra como ela promoveu o assassinato do pai, instigando o marido ao crime e à ambição de ser rei, pois ela consideraria “que lhe faltara não um marido, mas um homem que se julgasse digno de reinar, que se lembrasse de que era filho de Tarquínio Prisco, que preferisse apoderar-se do trono e não apenas esperá-lo”⁴⁵⁶. Assim, Túlia se dirigiu ao marido:

Se tu és homem com quem julgo ter-me casado, eu te reconheço como marido e como rei. Do contrário, minha situação só fez piorar, pois agora estarei unida a um covarde e a um criminoso. Por que não te preparas? Tu não vieste de Corinto nem de Tarquínio como teu pai, de modo a teres de conquistar um trono estrangeiro. Os teus deuses lares e os de tua pátria, a imagem de teu pai, teu palácio, o trono que nele se

⁴⁵⁵ *non sibi defuisse cui nupta diceretur, nec cum quo tacita serviret* (Liv. 1.47.2).

⁴⁵⁶ *defuisse qui se regno dignum putaret, qui meminisset se esse Prisci Tarquini filium, qui habere quam sperare regnum mallet* (Liv. 1.47.2).

encontra, teu nome de Tarquínio, tudo enganas a cidade? Por que permites que te chamem de príncipe? Volta para Tarquínio ou para Corinto. Regride até tuas origens, tu que és mais semelhante ao teu irmão do que a teu pai⁴⁵⁷.

Na longa fala em que Lívio atribui voz a Túlia, ela instigava o marido a ter coragem, provocando-o, julgando que, nesta disputa, o trono pertenceria ao mais audacioso⁴⁵⁸. De acordo com Lívio, ela se comparava a Tanaquil, devendo conceder o trono ao marido e destronar o outro, pois sua antecessora havia conseguido, mesmo sendo estrangeira, entregar o trono também duas vezes, ao marido e ao genro. Portanto, ela, Túlia, sendo de estirpe real, não aceitava não ter poder para fazer um rei e destronar outro⁴⁵⁹.

Desta forma, “instigado pela ambição desenfreada da mulher”, Tarquínio Soberbo teria mobilizado os senadores contra Sérvio Túlio. Arquitetando um golpe e deslegitimado a ascensão do rei, ele disse, entre outras coisas relacionadas a sua suposta origem escrava e não romana do rei, que este havia recebido o trono das mãos de uma mulher (*non auctoribus patribus, muliebri dono regnum ocupasse*)⁴⁶⁰. Nota-se que a acusação do governante que atinge o poder por meio de manobras de mulheres é tópica que se repete em Lívio e Tácito, como veremos adiante na crítica apresentada por Tácito sobre Tibério em relação a Lívica e o mesmo ocorre para Nero quanto a Agripina Menor, como já vimos.

Como as virtudes em excesso que se tornam características negativas de Tarquínio Soberbo, especialmente a ambição imoderada, também sua audácia e coragem excessivas são suscitadas ou associadas à sua mulher, Túlia. Ela é apresentada claramente como quem com peculiar traço de crueldade causou o golpe que resultou no assassinato do pai.

⁴⁵⁷ "Si tu is es cui nuptam esse me arbitror, et virum et regem appello; sin minus, eo nunc peius mutata res est quod istic cum ignavia est scelus. Quin accingeris? Non tibi ab Corintho nec ab Tarquiniis, ut patri tuo, peregrina regna moliri necesse est: di te penates patriique et patris imago et domus regia et in domo regale solium et nomen Tarquinium creat vocatque regem. Aut si ad haec parum est animi, quid frustraris civitatem? Quid te ut regium iuvenem conspici sinis? Facesse hinc Tarquinius aut Corinthum; devolvere retro ad stirpem, fratri similior quam patri" (Liv. 1.47.3-6).

⁴⁵⁸ Liv. 1.48.1-2.

⁴⁵⁹ *His aliisque increpando iuvenem instigat, nec conquiescere ipsa potest si, cum Tanaquil, peregrina mulier, tantum moliri potuisset animo ut duo continua regna viro ac deinceps genero dedisset, ipsa regio semine orta nullum momentum in dando adimendoque regno faceret* (Liv. 1.47.6).

⁴⁶⁰ *Ibi Tarquinius maledicta ab stirpe ultima orsus: servum servaque natum post mortem indignam parentis sui, non interregno, ut antea, inuito, non comitiis habitis, non per suffragium populi, non auctoribus patribus, muliebri dono regnum ocupasse* (Liv. 1.47.10).

O traço de crueldade está em ela ter passado o carpento, carro usado por mulheres, sobre o corpo do pai.

Portanto, a personagem se mostra como quem incentivou e concluiu o golpe mortal contra o rei e seu pai, Sérvio Túlio, possuindo precedentes de crueldade por ter incitado antes também o assassinato do primeiro marido e de sua irmã. Não se configura, portanto, como o primeiro crime cruel que cometera. Diz Lívio: “acredita-se ter sido Túlia a instigadora do golpe, pois seus crimes anteriores não afastam essa hipótese. Consta como certo que ela foi ao Fórum num carpento e, sem se intimidar diante da multidão, chamou o marido para fora da cúria sendo a primeira a dar-lhe o título de rei”⁴⁶¹. Neste sentido, similarmente à Agripina, sua ação se torna verossimilhante devido ao seu passado já constituído de *infamia*, pelo crime anterior de assassinato de sua irmã e primeiro marido. Lívio, portanto, utiliza do mesmo artifício argumentativo para legitimar o episódio do carpento que fez Tácito ao sobrepor a hipótese de Agripina Menor ter procurado cometer incesto em vez de Nero no episódio que analisamos no início desta tese.

Além de ter sido a primeira a reconhecer o título de rei do marido, tendo interferido, garantindo o trono a ele e promovendo o reconhecimento de seu poder, ela ainda exibiria, portanto, um excesso de crueldade em sua interferência política em relação ao assassinato. Neste sentido, a ênfase na capacidade ou natureza moral da mulher para cometer tais crimes se assemelha à representação que percebemos no desenvolvimento da personagem de Agripina Menor, em Tácito. De forma análoga, o argumento contra Agripina Menor foi de que ela seria capaz de tentar cometer o incesto com Nero, seu filho, pelo o que já havia feito antes, ou seja, pelos seus de crimes antecedentes e cruéis, por exemplo, o precedente de incesto com seu tio Cláudio e o assassinato deste promovido por ela. Segundo Lívio, o local em que Túlia passou por cima de seu pai, de acordo com a tradição, perpetuou a lembrança de um crime horrível e desumano. A rua teria sido nomeada de rua do crime, por ter sido onde Túlia, imoderada e expressando desequilíbrio em sua crueldade, furiosa, já sendo associada ao assassinato o primeiro marido e da irmã, passou o carro sobre o cadáver do pai. Ainda segundo Lívio, com a descrição sangrenta

⁴⁶¹ *Creditur, quia non abhorret a cetero scelere, admonitu Tulliae id factum. Carpentum certe, id quod satis constat, in forum invecata nec reverita coetum virorum evocavit virum e curia regemque prima appellavit* (Liv. 1.48.5).

destacando a crueldade de Túlia no episódio, dizia-se que o sangue da vítima sujara o veículo, o carpento, e também a própria Túlia, maculada então com o sangue paterno⁴⁶².

Contudo, de acordo com Lívio, Túlia naturalmente teria, como Agripina Menor de acordo com Tácito, um final trágico. Isto seria decorrente, pelo que sugere o relato do autor, do próprio fato das origens comuns do casal. Há na sugestão do autor uma inclinação crítica sobre o caráter incestuoso da relação, de novo havendo analogia com Agripina Menor com seu tio e imperador, Cláudio e da tentativa de incesto com o filho. Mas, essa sugestão de crítica ao caráter se dá, principalmente, porque o reinado se iniciou com um crime contra Arrúncio Tarquínio e Túlia Menor. Diz o autor que Túlia “regressou para junto dos deuses penates que lhe eram comuns com seu marido. Mas a cólera desses deuses iria proporcionar em breve um final merecidamente trágico a esse reinado que se iniciava com um crime”⁴⁶³. Assim, esta passagem faz-nos remeter à previsão do oráculo sobre a morte de Agripina Menor.

O histórico de ações cruéis e moralmente criticadas de Túlia apresenta motivação pela ambição que a mulher possuía em relação ao trono. Tal ambição teria motivado as interferências políticas e crimes praticados, por ela e por seu segundo marido. Novamente, há semelhança com os relatos do período imperial, já que Agripina Menor, como vimos, também teria um mau destino no desfecho de sua vida, sendo que sua ambição insaciável, neste caso, sobretudo, ambição materna, a levaria a sofrer o matricídio. Além disto, há possível sugestão de crítica sobre a presença de incesto no arranjo familiar na monarquia, item que também se aproxima das críticas de Tácito sobre Agripina Menor e a família imperial. Do mesmo modo, pode-se lembrar a ilegitimidade apresentada ao casamento de Otaviano com Lívia, que não matou o marido desta que quis como esposa, mas o forçou ao divórcio, decidindo se casar com ela quando essa ainda estava grávida⁴⁶⁴. Sobre este matrimônio, Strunk conectou o rapto de Lívia por Otaviano com outros episódios de violações físicas às mulheres na história romana, sobretudo, o de Lucrecia⁴⁶⁵. Neste

⁴⁶² *Foedum inhumanumque inde traditur scelus monumentoque locus est—Sceleratum vicum vocant—quo amens, agitantibus furiis sororis ac viri, Tullia per patris corpus carpentum egisse fertur, partemque sanguinis ac caedis paternae cruento vehiculo* (Liv. 1.48.7).

⁴⁶³ *contaminata ipsa respersaque, tulisse ad penates suos virique sui, quibus iratis malo regni principio similes propediem exitus sequerentur* (Liv. 1.48.7).

⁴⁶⁴ Cf: FLORY, M. *Abducta Neroni Uxor: The Historiographical Tradition on the Marriage of Octavian and Livia. Transactions of the American Philological Association*, v. 118, 1988, p. 343–359.

⁴⁶⁵ Cf: STRUNK, T. E. Rape and Revolution: Lívia and Augustus in Tacitus' *Annales*. *Latomus*. T. 73, Fasc. 1, 2014, p. 126-148. Ver também o ato de Otaviano como adultério e os termos usados nas fontes antigas (*abducta, aufert e abduxit*) para a menção nas fontes de que Otaviano tomou Lívia para si: AZEVEDO, Sarah F. L. *O adultério, a política imperial e as relações de gênero em Roma*. FFLCH-USP (Tese de doutorado), São Paulo, 2017, p. 135-136.

sentido, há também o casamento de Nero com Popéia, que igualmente promoveu o divórcio dela com Oto. Em ambos casos, abre-se a hipótese de que as mulheres buscaram ativamente casamento com novos homens que seriam mais ambiciosos, mais de acordo com a posição que desejavam para si mesmas. A própria Cleópatra é acusada disso quando se torna amante de Júlio César e o instrumentaliza para tirar o poder e a vida de seu irmão e, depois, quando casa com Marco Antônio. Um problema para Otaviano, depois de vence-los em Ácio, foi o que fazer com os filhos de Cleópatra com César e Antônio. Neste sentido, Hallett e Hersch notam aproximações entre Túlia e Cleópatra:

A dicção de Tito Lívio descrevendo Túlia também traz à mente um célebre retrato de uma rainha helenística cujos abusos do poder real e influência prejudicial sobre os legítimos líderes políticos romanos, devia estar fresco na memória de seus leitores: Cleópatra VII do Egito, amante tanto de Júlio César quanto de Marco Antônio. Como a própria descrição de Lívio de Túlia enfatiza, as duas mulheres têm muito em comum. A profanação do sangue e das relações conjugais por Túlia através de seu envolvimento na morte de sua própria irmã e pai, Sérvio Túlio, e de seu primeiro marido, assemelha-se aos supostos envoltimentos de Cleópatra no assassinato de seus próprios irmãos, um dos quais, Ptolomeu XIV, também era seu marido e, na verdade, de sua própria irmã Arsinoë IV⁴⁶⁶.

O criticado governo de Lúcio Tarquínio Soberbo, prediz, na narrativa liviana, o fim da monarquia. Ele recebeu este cognome por ter negado sepultura ao sogro, Sérvio Túlio, do qual ele e Túlia tomaram o trono⁴⁶⁷. A explicação sobre o desfecho vinculado à dinastia dos Tarquínios e, especialmente, à Túlia, que precisa fugir do palácio, é estreitamente vinculado ao episódio de Lucrecia. Lívio conta que Sexto Tarquínio, filho de Tarquínio Soberbo, violentou Lucrecia, como já vimos. A situação é produzida a partir de uma convivialidade entre soldados e que Sexto Tarquínio, então filho do rei, rompe com as leis de hospitalidade, cuja tópica apresenta-se desde Homero⁴⁶⁸. Este filho do rei, portanto, ocasionou que a mulher, chamando o marido, pai e um fiel amigo deles, relatando o acontecido e falando sobre a perda de sua honra, os fez prometer vingança

⁴⁶⁶ In: HALLETT, J. P; HERSCH, K. K. op. cit., p. 496.

⁴⁶⁷ Liv. 1.49.1.

⁴⁶⁸ Cf: CALHOUN, C. G. Lucretia, Savior, and Scapegoat: The Dynamics of Sacrifice in Livy 1, 57– 59. *Helios*, v. 24, 1997, p. 151-69.

contra o príncipe criminoso, que seria estendida à toda a família real. Então, ela crava um punhal no próprio peito em resposta à desonra que sofreu⁴⁶⁹. A escolha moral de Lucrecia é paradigmática, como já analisamos. Chambers observa:

A posição de Lucrecia como *exemplum* é segura porque ela aparece em vários textos, e seu suicídio após o estupro e seu efeito sobre sua *pudicitia* – o que originalmente a marcou como um *exemplum* para seus contemporâneos – foi aceito como um nobre curso de ação. Consequentemente, ela abriu as portas para que o suicídio fosse visto como o desfecho adequado para a violação da castidade feminina, representando a pureza do *animus* feminino. Entretanto, as consequências de seu suicídio – isto é, convulsão política e derrubada da monarquia – não era visto como um resultado que outras mulheres deveriam deliberadamente tentar alcançar por meio da violação deliberada de sua *pudicitia*⁴⁷⁰.

É esta opção moral que causou a morte virtuosa a Lucrecia e, sobretudo, sua causa, ou seja, o crime de Sexto Tarquínio, que colocam a personagem de Lucrecia como o impulso para a queda da monarquia na narrativa liviana. Assim, Lívio narra que Roma e Colácio foram tomadas pela comoção devido à injustiça contra Lucrecia e aos crimes da realeza, ou seja, seus traços que passam a ser tomados como inatos de tirania. Neste contexto, teria sido armada a vingança, chefiada por Bruto, a quem o autor atribui fala pela qual a esposa criminosa (Túlia) e toda a descendência do rei Tarquínio Soberbo tem anunciada sua punição⁴⁷¹. Deste modo, Lívio relata que o ódio também se voltou contra Túlia, que foge do palácio, perseguida pela fúria de homens e mulheres que buscavam vingança⁴⁷².

O episódio através do qual Túlia é apresentada exhibe elementos tirânicos, como orgulho, desejo de poder, desejo sexual, assassinato, impiedade, injustiça e ilegalidade, e são estes elementos negativos que parecem propiciar o fim da monarquia, em oposição

⁴⁶⁹ Liv. 1.58.11. Cf: JOPLIN, P. K. Ritual Work on Human Flesh: Livy's Lucretia and the Rape of the Body Politic. *Helios*, v. 17, 1990, p. 51-70 e JOSHEL, S. R. The body female and the body politic: Livy's Lucretia and Verginia. In: MCCLURE, Laura K. (ed.). *Sexuality and Gender in the Classical World*. Oxford: Blackwell Publishers, 2002, p. 163-190.

⁴⁷⁰ In: CHAMBERS, L. *Exemplarity in Early Imperial Rome: gendered usability and literary constructions of female exempla*. Manchester: University of Manchester. PhD diss. 2021, p. 35.

⁴⁷¹ “(...) *di, testes facio me L. Tarquinius Superbum cum scelerata coniuge et omni liberorum stirpe ferro igni quacumque dehinc vi possim exsecuturum, nec illos nec alium quemquam regnare Romae passurum*”.

⁴⁷² Liv. 1.59.13.

às virtudes que Lucrecia simboliza e que são inaugurais de uma nova ordem política. Esses elementos tirânicos são observados por Stevenson e este autor diz que tais elementos “parecem claramente influenciados por representações gregas de tiranos e seus destinos. Tito Lívio é de fato explícito sobre isso”⁴⁷³. Elementos trágicos associados à monarquia poderiam ter sido primeiramente registrados por Fábio Pictor⁴⁷⁴.

Entretanto, a influência decisiva de Túlia, que exibe enorme interferência política, sobretudo, com sua ambição e crueldade, podem ter sido endossadas de forma inovadora no relato de Tito Lívio, que a torna herdeira direta de Tanaquil⁴⁷⁵, mas que também a associa aos inúmeros *exempla* de mulheres lidos em sucessão, que surgem por meio de episódios em que mulheres atuam exibindo interferência política ou onde suscitam discussões morais sobre a lealdade à Roma, especialmente em contraposição a lealdades a interesses particulares ou familiares, e não apenas, mas também a outras comunidades políticas. A noção que divisões internas podem ser até mais perigosas para ordem pública e preservação do regime político do que ameaças externas tinham claramente um forte apelo para as pessoas que viveram na transição da República para o Império, como Tito Lívio e seus primeiros leitores.

Portanto, como um *exemplum*, na narrativa que construiu um repertório de mulheres modelado pela exemplaridade, Túlia traz diretamente a reflexão e crítica moral ao potencial defeituoso, desequilibrado e disfuncional dos papéis de proeminência feminina notável através da inspiração e aconselhamento desempenhados por mulheres ao longo do primeiro livro de Tito Lívio⁴⁷⁶. Por outro lado, ela tende a ficar mais contrastante e afastada de outros papéis de destaque exibidos por outras personagens da monarquia, que são paradigmáticos em sentido mais positivo, como Virgínia, Clóelia e, principalmente, Lucrecia, que é apresentada em episódio tão conectado ao de Túlia. Portanto, a monarquia parece ter experimentado uma ampla diversidade de mulheres desempenhando papéis de proeminência, servindo de substrato para a reflexão moral impulsinonada por Lívio por meio da construção destes *exempla* femininos.

⁴⁷³ “pois a casa real de Roma produziu um exemplo de culpa trágica, como outros fizeram [as casas de Atreu e Édipo], a fim de que o ódio aos reis apressasse a vinda da liberdade e que o fim do poder real pudesse chegar naquele reinado que foi fruto do crime’ (*Tulit enim et Romana regia sceleris tragici exemplum, ut taedio regum maturior veniret libertas ultimumque regnum esset quod scelere partum foret*)”. In: STEVENSON, op. cit, p. 185. Cf: Liv. 1.46.3.

⁴⁷⁴ Ibid., p. 185.

⁴⁷⁵ Ibid., p. 185.

⁴⁷⁶ Ibid., p. 185.

Parte 2. Agripina Maior e Livia Drusa: exemplaridade, situação ética e *fama*

Há grande confluência entre a narrativa de Tácito e Lívio, como temos indicado. Um aspecto central está na propagação de uma discussão sobre a moral na sociedade, especialmente no que concerne às mulheres⁴⁷⁷. O estímulo ao debate moral é o que conecta os dois autores ao período de princípios do período imperial. Resultado da discussão moral propulsionada por Lívio, por exemplo, de acordo com Balmaceda, foi que “a *lex Iulia de maritandis ordinibus* (18 a.C.) e a *lex Iulia de adulteriis* (17 a.C) foram promulgadas poucos anos depois da publicação dos primeiros livros da *Ab Urbe Condita*”⁴⁷⁸. Segundo a autora, “não é absurdo pensar que Augusto queria regulamentar a moral e os matrimônios da elite romana seguindo as *mores maiorum* representadas por Lívio em sua grande memória da história romana”⁴⁷⁹. Apesar da proximidade temporal entre as leis e a obra de Lívio, em nossa opinião o autor reflete na obra uma demanda já presente na sociedade romana de seu tempo, não criando por si só tal discussão⁴⁸⁰. A sociedade do tempo da obra se preocupava com o declínio moral de Roma, sobretudo com a atuação moral de mulheres e com a agência política dessas que vinham impactando e ocupando lugares paradigmáticos na história de Roma⁴⁸¹.

Além da relação com Lívio, também informações trazidas nos relatos de Tácito coincidem em grande parte com os de Suetônio, apesar da diferença de gênero das obras. A análise das obras destes dois autores que escreveram sobre o início do Principado possibilita averiguar a caracterização de diversas figuras imperiais, e destacaremos duas. A obra destes autores nos faz perceber que a apresentação das figuras de Agripina Maior e Livia é determinada pela alteração de seus laços familiares. A nova dinâmica resultou do fim do casamento por motivo de morte ou assassinato dos maridos.

Nesses casos, a ideia sobre variabilidade situacional de Langlands, é particularmente útil: uma ação pode ser considerada correta ou não conforme as circunstâncias em que é executada; assim, o que é certo para uma pessoa em uma situação pode não ser adequada para outra⁴⁸². A ideia de que é importante levar em consideração

⁴⁷⁷ LEVICK, B. Historical Context of the *Ab Urbe Condita*. In: MINEO, Bernard (ed.). *A companion to Livy*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2015, p. 24-36

⁴⁷⁸ BALMACEDA, op. cit., p. 184.

⁴⁷⁹ Ibid., p. 184.

⁴⁸⁰ Cf. SYME, Ronald. *Livy and Augustus*. *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 64, 1959, p. 27-87.

⁴⁸¹ Para ver mais sobre o contexto de Lívio: MINEO, Bernard (ed.). *A companion to Livy*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2015.

⁴⁸² LANGLANDS, Rebecca. Roman *exempla* and situation ethics: Valerius Maximus and Cicero *De Officiis*. *The Journal of Roman Studies*. v. 101, 2011, p. 100-122.

o contexto ao avaliar um ato moral ou tomar uma decisão moral, e que as regras morais são, portanto, flexíveis e sujeitas a exceções e modificações, em vez de serem injunções universalmente aplicáveis, foi desenvolvida substancialmente pela filosofia moderna como ética da situação e contextualismo moral. Esta noção de variabilidade situacional é fundamental, como temos apontado, para a compreensão dos *exempla* e explica a impossibilidade de ver neles lições e conclusões muito objetivas. No caso da composição dos retratos de Lívía e Agripina Maior em Tácito, esta ideia nos ajudará a compreender as alterações de suas representações na narrativa, sobretudo, quando elas se tornam viúvas.

Roller também aponta que há um entendimento implícito entre os autores romanos de que os *exempla* estão sempre associados ao potencial de serem imitáveis, ou seja, que o leitor poderia pensar ativamente sobre como eles poderiam agir de maneira comparável em semelhantes ou diferentes circunstâncias (variabilidade situacional). Contudo, o discurso exemplar proposto por Roller assume que os exemplos femininos se encaixam perfeitamente em cada estágio separado, dentro do processo que descreveu, da mesma forma que os exemplos masculinos⁴⁸³.

Um conceito muito semelhante, descrito por Inwood como "flexibilidade e variabilidade situacional", foi teorizado por Sêneca. Esse conceito foi desenvolvido dentro do pensamento estoíco e é articulado por Sêneca como um meio de abordar um problema de longa data na ética estoíca e aristotélica: como aplicar as injunções morais universais de uma maneira que leve em consideração circunstâncias particulares. Neste sentido, Inwood baseou-se no trabalho de Frederick Schauer para produzir um modelo refinado de como essa variabilidade situacional pode permitir que regras morais sejam aplicadas de maneira sensível às circunstâncias: como diretrizes que geralmente devem ser usadas como auxílio ao raciocínio moral, mas que, quando a ocasião o exigir, pode ser dispensado. Isso permite ao raciocínio moral encontrar o equilíbrio entre a teoria abstrata e as demandas de um contexto particular⁴⁸⁴. De acordo com Matthew B. Roller, a avaliação estoíca de Sêneca se concentra nas bases sobre as quais a audiência que julga

⁴⁸³ Cf: ROLLER, M. B. *Models from the past in Roman culture: A world of exempla*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018 e CHAMBERS, L. *Exemplarity in Early Imperial Rome: gendered usability and literary constructions of female exempla*. Manchester: University of Manchester. PhD diss. 2021, p. 36-37.

⁴⁸⁴ Cf: INWOOD, B. Rules and reasoning in Stoic ethics. In: INWOOD, B. *Reading Seneca: Stoic Philosophy at Rome*. Oxford: Oxford University Press, 2005, 95-131. O conceito de situação ética foi desenvolvido em um contexto cristão em: FLETCHER, J. *Situation Ethics: the new morality*. Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 1966. Sobre aplicações à ética romana: MORGAN, T. *Popular Morality in the Early Roman Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

atribui valor moral aos atores e performances que observa. O autor indica que Sêneca preocupou-se principalmente com a dimensão moral da exemplaridade, como espera-se de um filósofo moral, embora também toque em suas dimensões retóricas e historiográficas⁴⁸⁵.

Como apontamos no primeiro capítulo, Roller pensou essas três dimensões da exemplaridade romana, divididas em retórica, ética/moral e historiográfica⁴⁸⁶. Sobre esta terceira perspectiva dos *exempla*, considerando uma relação entre passado e presente como apresenta Roller, há outros conceitos importantes, como temos apontado, para pensar as esferas sociais e culturais dos *exempla*⁴⁸⁷. Na abordagem de Roller, as funções sociais e culturais dos *exempla* são conectadas por meio destas três vertentes mencionadas. Neste sentido, primeiramente, os *exempla* se mostram fundamentais para a argumentação e a persuasão romana e, com isto, poderiam realmente afetar a forma com que os romanos se comportam. Segundo, *exempla* são componentes essenciais do discurso moral romano e proporcionam o estabelecimento, a reprodução e a modificação dos valores sociais. Terceiro, eles pressupõem uma relação particular entre presente e passado e, assim, constituem um tipo de consciência histórica⁴⁸⁸. Essas três funções podem estar profundamente interconectadas, de modo que identificar muito claramente cada uma das partes dessa separação triparte se torna, muitas vezes, difícil ou mesmo impossível. Por exemplo, como observa Roller:

a retórica persuasiva geralmente envolve discurso moral, e as figuras exemplares com cargas morais empregadas na argumentação romana tendem a ser extraídas do passado. Portanto, os romanos devem fazer certas suposições sobre como o presente deles se relaciona com o passado, para ser persuadido por argumentos morais que dependem de invocar figuras do passado⁴⁸⁹.

⁴⁸⁵ ROLLER, op. cit., p. 265-287.

⁴⁸⁶ ROLLER, op. cit., p. 10-17.

⁴⁸⁷ Para um estudo específico sobre o conceito de *virtus*, inserido na história política romana e pensado, mais especificamente, sob a perspectiva da moralidade, e que apresenta uma proposta sobre a relação de tal noção e a escrita histórica, cf: BALMACEDA, Catalina. *Virtus Romana: politics and morality in the Roman historians*. Chapel Hill, NC: The University of North Carolina Press, 2017. Um estudo desenvolvido sobre outro conceito chave já discutido, *pudicitia*, intrinsecamente relacionado aos *exempla* femininos e ao conceito de *fama*, dentro da esfera ético-moral romana, está em: LANGLANDS, Rebecca. *Sexual morality in ancient Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

⁴⁸⁸ Essas três formas de entender a atuação dos *exempla* na sociedade é desenvolvida mais detalhadamente em: ROLLER, op. cit., p. 10-17.

⁴⁸⁹ In: ROLLER, op. cit., p. 11.

Entretanto, essa organização sugerida por Roller é útil para entendermos o contexto romano e tem orientado os estudos atuais sobre ética e moralidade romana, uma vez que, frequentemente, cada estudo faz reflexões majoritariamente sob a perspectiva de uma dessas três dimensões. Essas distintas dimensões da exemplaridade, a retórica, a moral e a historiográfica, são, portanto, centrais para o trabalho que os *exempla* fazem na cultura romana e todas são pertinentes, em graus variados, para cada estudo de caso⁴⁹⁰, incluindo o nosso sobre Lúvia e Agripina Maior.

Sobre a concepção de situações éticas, Langlands propõe que se trata da chave da estrutura ética romana e que, dentro dessa estrutura, *exempla* podem ser entendidos como ferramentas morais mediadoras entre o universal e o particular, considerando que ao ler *exempla* e aplicá-los a decisões éticas, os romanos precisavam ter em mente o princípio da variabilidade situacional⁴⁹¹. Tal proposta nos permite entender, como temos destacado, que os preceitos dos *exempla* não funcionam segundo uma fórmula prescritiva, como se as mulheres devessem ou não devessem fazer ou dizer isto ou aquilo, mas uma mulher específica, em condições dadas, deveria ou não deveria fazer ou dizer isto ou aquilo com tal ou para tal pessoa. Entendendo a formação e funcionamento dos *exempla* e seus usos para a sociedade romana e por seus autores, mais especificamente para este caso, em Tácito, podemos entender a alteração moral que Lúvia e Agripina Maior atravessam ao terem seus laços familiares alterados por perderem seus maridos, que são importantes e elevadas figuras do Principado.

Apesar de não nos alongarmos aqui na discussão sobre exemplaridade ou, de modo mais geral, sobre a estrutura moral romana, pois apresentamos tal discussão na introdução e capítulos anteriores, indicamos ser central apontarmos um aporte teórico para a compreensão da situação de variabilidade ética dessas personagens específicas analisadas neste momento. Além disso, concordamos que a exemplaridade romana é um fenômeno cultural que abrange um conjunto particular de práticas sociais, crenças, valores e símbolos. Como estudos têm indicado, tal conjunto pode ser organizado e vinculado pelo ciclo de algumas operações, que Roller definiu em quatro: ação, avaliação, comemoração e estabelecimento de normas⁴⁹². O que nos importa ressaltar sobre a esfera moral na avaliação destes dois casos é que a morte de Augusto e Germânico é o que

⁴⁹⁰ ROLLER, op. cit., p. 10-17.

⁴⁹¹ LANGLANDS, Rebecca. *Exemplarity ethics in ancient Rome*. Cambridge, United Kingdom, New York: Cambridge University Press, 2018.

⁴⁹² Para obter uma compreensão desse fenômeno e uma averiguação mais detalhada das quatro operações: ROLLER, op. cit., p. 4-8.

ocasiona a mudança do julgamento moral na caracterização das personagens por Lívio. Este é o fator, ou ponto de partida dos *exempla* na narrativa, a partir do qual as duas mulheres encontram a nova condição de viúvas. Concomitantemente, elas passam a se situar em outra nova variação, quando se evidenciam como mães de figuras centrais para a sucessão imperial. Bauman também apontou algumas das marcas dessa virada de Lívio na narrativa taciteana: “o status de Lívio mudou drasticamente após a morte de Augusto. Seu testamento a adotou na família dos Júlios com o título de Augusta; seu nome passou a ser Júlia Augusta. A partir disso, ela era filha adotiva de Augusto e, tecnicamente, ela era irmã de Tibério”. O autor ainda notou as mudanças para Agripina Maior: “a concessão do poder tribunicio a Druso em 22 preencheu a vaga resultante da morte de Germânico e o marcou como o sucessor destinado, mas não houve reação imediata de Agripina; Tácito não a menciona após o caso de Germânico até 23”⁴⁹³.

Outra noção que exerce função importante e que deve ser considerada a partir destes dois *exempla*, é a de *fama*, noção já desenvolvida da análise sobre personagens discutidas anteriormente, sobretudo, Agripina Menor. As situações éticas produzem uma dinâmica própria para a narrativa dos *exempla* e a *fama* surge dessa composição. Como demonstramos na análise do caso de Virgínia, as ideias de *infamia* e *pudicitia* são essenciais para entender a noção romana de *fama*, estando as três diretamente relacionadas:

os conceitos de *fama* e *infamia* foram importantes ferramentas culturais para a regulação do bom comportamento. *Infamia* era a perda formal da boa reputação (*fama*). Poderia ser uma consequência da condenação por certos tipos de crime, e tinha implicações legais - a perda de reputação através de comportamento vergonhoso significava um estigma legal que privou os cidadãos de muitos de seus privilégios legais. Esperava-se que o comportamento público fosse monitorado pelo olhar moralizador da comunidade, e cada indivíduo agisse de tal forma que sua *fama* não fosse manchada. *Infamia* também poderia, mais informalmente, surgir da desgraça incorrida pelo próprio crime, representando novamente uma internalização das regras impostas externamente. O medo da desgraça ou diminuição diante dos olhos da comunidade foi claramente uma força importante para a regulação do

⁴⁹³ In: BAUMAN, R. *Women and Politics in Ancient Rome*. London: Routledge, 1992, p. 131; 143.

comportamento na Roma Antiga. Reforçando as restrições contidas nas leis romanas, havia o conceito de *pudor* - um sentimento de vergonha e desconforto sócio-ético decorrente de uma consciência de si como foco constante do olhar moralizador da comunidade, que colocou restrições sobre o comportamento de um indivíduo⁴⁹⁴.

Apesar de não empregarmos aqui o conceito de *fama* tão restritamente ao sentido mais possivelmente próximo ao romano, considerando seu par antagônico, *infamia*, pensamos que a fama de Agripina e Lúvia é construída nas obras de Tácito e Suetônio a partir da modelação que esses autores fazem dos comportamentos das duas mulheres nas situações éticas que as inserem. Por isso, em semelhança ao que concluímos para Agripina Menor, a fama dessas mulheres não é algo constante, mas resultado de alterações que podem ser pensadas dentro da ideia de *infamia* e de acordo com as razões e situações que os autores descreveram. Além disso, a *fama* é modelada na narrativa a partir das informações que esses autores acessam em sua época, posterior ao período em que Lúvia e Agripina viveram e também é resultado da interação com outras personagens na narrativa, em especial, formando uma composição simultânea feita de retratos masculinos. É preciso, portanto, considerar que não sabemos ao certo como e a partir de quem acessaram tal passado. Muito do conhecimento sobre esse passado sobre o qual escrevem não teve registro escrito coetâneo, ao menos não sobrevivente, em grande medida devido ao contexto político perigoso e repressivo da época Júlio-claudiana. Sobre este contexto, como informamos no início desta tese, as informações que remetem às mulheres romanas que viveram sob a dinastia Júlio-claudiana, ou seja, sob os Principados de Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero, são narradas em fontes escritas exclusivamente por homens aristocratas e as principais fontes para pensar tal período são posteriores ao período, sendo seus autores principais: Tácito (*Anais*), Suetônio (*Vida dos Doze Césares*) e Dião Cássio (*História Romana*) e o anônimo da tragédia *Octavia*⁴⁹⁵.

Além disso, conjuntamente dessa transmissão de informação sobre o passado, ou da relação estabelecida por esses autores com o passado, operam também os efeitos da própria narrativa, que é construída a partir de seus próprios julgamentos ético-morais e as percepções de seu próprio tempo. Ainda que muitas vezes essas fontes sejam tomadas

⁴⁹⁴ LANGLANDS, R. *Sexual morality in Ancient Roman*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 18.

⁴⁹⁵ Cf: KEITH, A. Women in Augustan Literature. In: JAMES, S. L; DILLON, S. (eds.). *A Companion to Women in the Ancient World*. Malden, Oxford: Blackwell, 2012, p. 385-399.

como “antigas” e se refiram a eventos “antigos”, sendo frequentemente tomadas como pertencendo por isso à mesma época, para nossa análise, insistimos e destacamos esse ponto, é importante ter claro que as fontes foram escritas em um momento posterior e esse afastamento é um elemento central na abordagem que adotamos, em que é central, como temos enfatizado, o conceito de *allelopoiesis*⁴⁹⁶.

Portanto, os autores atuam na reconstrução do passado que não testemunharam diretamente, mas receberam através de diversas fontes tanto escritas quanto visuais e também orais, que era acessível em diferentes medidas pelos nossos autores e também por seus públicos⁴⁹⁷. Tácito e Suetônio, assim como Lívio, não narram episódios que eles testemunharam diretamente em suas épocas e relatam eventos que, em linhas gerais, poderiam ser já conhecidos de seu público. Nesse sentido, a *fama* dessas mulheres é diretamente construída sob a perspectiva de Tácito e Suetônio em função da maneira como eles produzem as suas narrativas⁴⁹⁸. Não parece equivocado afirmarmos que a fama vinculada a essas duas figuras femininas imperiais por esses autores responsáveis pelos principais relatos historiográficos sobre o período Júlio-claudiano é resultante do delineamento ético-moral que eles próprios fazem dessas mulheres. Eles as modelaram de acordo com suas próprias balizas e condições, de acordo com a época em que se inseriam e de acordo com o que provavelmente era comum pensar àquela época sobre tais mulheres. Como apresentado antes, apesar das incertezas, Tácito viveu entre 54/56 d.C e 120 d.C, aproximadamente, sendo os *Anais* sua última obra. Esta obra é datada no final de sua vida. Já Suetônio, também havendo lacunas sobre tais informação, teria vivido entre 70 a.C e 141 d.C, aproximadamente, e sua obra tem datação entre os anos 119 a 112 d.C⁴⁹⁹.

Assim, as narrativas estão baseadas em tradições cujos contornos não conseguimos delimitar com total clareza. O que Tácito e Suetônio fazem é seleções

⁴⁹⁶ Cf: FAVERSANI, F; JOLY, F. D. Alexandre em Quinto Cúrcio e o Principado Romano: um estudo de *allelopoiesis*, Rio de Janeiro: *Phoénix*, v. 27, n. 2, 2021, p. 97-110. Para um estudo de intertextualidades entre Lívio e Tácito, ver: SHANNON, K. E. Livy and Tacitus on Floods: Intertextuality, Prodigies, and Cultural Memory. (eds.) DEVILLERS, O; SEBASTIANI, B. B. *Les historiens grecs et romains: entre sources et modèles*. Bordeaux: Ausonius Éditions, 2018.

⁴⁹⁷ FAVERSANI, Fábio. Escrita da história e as histórias dos antigos. In: CERQUEIRA, F; GONÇALVEZ, A. T; MEDEIROS, E; BRANDÃO, J. L. (orgs.). *Saberes e poderes no mundo antigo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 19-34.

⁴⁹⁸ WILKES, J. Julio-Claudian Historians. *The Classical World: The Johns Hopkins University Press*, v. 65, n. 6, 1972, p. 177-192; 97-203 e MELLOR, R. *The Roman Historians*. New York: Routledge, 1991.

⁴⁹⁹ Para uma apresentação e amplo estudo das obras desses autores, ver: WOODMAN, A. J. *The Cambridge Companion to Tacitus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010; LUCE, T. J; WOODMAN, A. J. (eds.). *Tacitus and the Tacitean Tradition*. Princeton: University Press, 1993 e WALLACE-HADRILL, A. F. *Suetonius: The Scholar and his Caesars*. New Haven, CT: Yale University Press, 1983.

particulares dessas diversas narrativas, que são recombinações e dispostas de uma forma nova e que visa ao estabelecimento de uma memória desses acontecimentos.

2.1 Lúvia: de viúva de Augusto a madrasta assassina

Com as considerações feitas anteriormente sobre o funcionamento dos *exempla* na sociedade romana, verificamos que são três as condições principais que modelam a variação ética para o caso de Lúvia. Primeiramente, a morte de Augusto, seguido de sua suposta relação com a morte de Agripa Póstumo e, por último, sua posição como mãe de Tibério⁵⁰⁰.

Tácito, construindo uma imagem de Lúvia como madrasta assassina⁵⁰¹, sobre a morte de Agripa Póstumo, diz que se trata da “primeira atrocidade do novo Principado”, no caso, governado por Tibério⁵⁰². Ele dirá a mesma coisa sobre o início do principado de Nero e as mortes promovidas por Agripina Menor. Ginsburg nota:

Agripina como assassina ocupa o centro do palco novamente no início do livro 13 dos Anais, quando o reinado de Nero começa com uma nota sinistra sobre o assassinato de Junio Silano, *ignaro Nerone per dolum Agrippinae* [‘sem o conhecimento de Nero, através da traição de Agripina’]. Como notaram os comentaristas, a abertura da narrativa (*prima novo principatu mors* [‘a primeira morte no novo principado’]) evoca um evento semelhante e linguagem semelhante no início do principado de Tibério (*primum facinus novi principatus fuit Postumi Agrippae caedes* [‘o primeiro crime do novo principado foi a execução de Agripa Póstumo’], 1.6.1). A vítima, no caso anterior, era neto de Augusto; Silano era um tataraneto do primeiro *princeps*⁵⁰³.

Contudo, o autor sugere que talvez Augusto nunca tenha adotado a este neto, Agripa Póstumo, mas somente aos seus irmãos, Caio e Lúcio. Na narrativa, Tibério teria

⁵⁰⁰ Para uma biografia de Lúvia, ver: DENNISON, M. *Livia Empress of Rome. A biography*. New York: St. Martin's Press, 2010. Sobre Lúvia anteriormente ao casamento com Augusto, ver: HUNTSMAN, E. D. Lúvia before Octavian. *Ancient Society*, v. 39, 2009, p. 121-169.

⁵⁰¹ Cf: BARRETT, A. A. Tacitus, Lúvia and the evil stepmother. *Rheinisches Museum für Philologie, Neue Folge*, 144. Bd., H. 2, 2001, p. 171-175.

⁵⁰² Tac. *Ann.* 1, 6.

⁵⁰³ In: GINSBURG, J. *Representing Agrippina. Constructions of Female Power in the Early Roman Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 35-36.

atribuído a intenção de assassinato de Agripa a Augusto, apesar do parentesco. Lembrando que Agripa Póstumo, Caio e Lúcio são filhos de Júlia, a velha, filha única de Augusto⁵⁰⁴. Estes três foram enteados de Tibério, assim como Júlia, a jovem e Agripina Maior. Além disso, Tibério se divorciou de Júlia devido a supostos adultérios por ela cometidos⁵⁰⁵.

O caso de Júlia sugere uma reflexão sobre o lugar de destaque que Lívio deu a castidade na caracterização dos *exempla* femininos de mulheres lendárias representadas em sua obra, especialmente os sacrifícios de Lúcrecia e Virgínia, que já analisamos, para preservarem a *pudicitia* como valor maior⁵⁰⁶. A memória de tais episódios pode ter influenciado consideravelmente a decisão de Augusto de punir as Júlias com banimento para ilhas desertas por suas condutas repudiadas. Júlia Maior foi desterrada para a ilha Pandatária em 2 a.C e Júlia Menor para as ilhas Tremiti em 8 d.C⁵⁰⁷. Neste sentido, ocorreria um reconhecimento público da performance e sacrifícios morais destas antecessoras históricas e lendárias de Júlia. De acordo com Balmededa, esta função paradigmática das matronas romanas da Roma inicial também deu origem ao fato de que o *princeps*, então determinado a restaurar os bons costumes e moral romana, se inspirou na legislação moral e matrimonial de seu governo⁵⁰⁸. Neste sentido se entende as promulgações da *lex Iulia de maritandis ordinibus* (18 aC) e *lex Iulia de adulteriis* (17 aC), pouco posteriores aos primeiros livros de *Ab Urbe Condita* e que visaram regulamentar a moral e os casamentos da elite romana, de acordo com a autora, seguindo os *mores maiorum* retratados por Lívio em sua obra que seria uma grande memória da história romana⁵⁰⁹.

⁵⁰⁴ Sua mãe, Júlia, a velha, “fora dada em matrimônio a Tibério, ainda em tempos dos Césares Caio, e Lúcio; porém desprezava o marido como seu inferior; e esta foi a razão principal porque ele se retirou para Rodes. Assim que entrou de posse do Império, calculando que a morte dela, ao longe, seria menos sentida, e achando-a banida e infamada, a fez enfim morrer lentamente de miséria e de fome, já quando lhe havia roubado todas as esperanças, depois da perda de seu filho Póstumo Agripa”. In: TÁCITO. *Anais*. I, 52. Trad. J. L. Freire de Carvalho. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., 1964. Todas as passagens referentes a obra *Anais* e citadas ao longo do texto são desta referida edição.

⁵⁰⁵ BAUMAN, R. *Women and Politics in Ancient Rome*. London: Routledge, 1992, p. 103-104.

⁵⁰⁶ Para mais informações sobre Júlia Maior, cf: FANTHAM, E. *Julia Augusti: the emperor's daughter*. London, New York: Routledge, 2006.

⁵⁰⁷ Cf: BALMACEDA, Catalina. Las mujeres de Livio: exempla, pasado y presente. *Vinã del Mar: Intus-legere historia*, v. 14, n. 1, 2020, p. 184; BALDSON, J. P. V. D. *Roman Women: Their history and habits*. London: The Bodley Head, 1962, p. 84; FANTHAM, E. *Julia Augusti, the Emperor's Daughter*. London, New York: Routledge, 2006, p. 79-91.

⁵⁰⁸ FRANK, R. I. Augustus' Legislation on Marriage and Children. *California Studies in Classical Antiquity*, n. 8, 1975, p. 41-52; BAUMAN, op. cit., p. 105-108.

⁵⁰⁹ BALMACEDA, op. cit., p. 184. Para ver mais sobre o contexto dessas leis e suas punições: AZEVEDO, Sarah F. L. *O adultério, a política imperial e as relações de gênero em Roma*. FFLCH-USP (Tese de doutorado), São Paulo, 2017 e SEVERY, B. *Augustus and the family at the birth of the Roman Empire*. New York, London: Routledge, 2003.

Entretanto, apesar das leis terem sido publicadas após a obra de Lívio, em nossa interpretação, o autor apenas refletiu uma demanda já estabelecida e clara para a sociedade romana de seu tempo: preocupava-se com o declínio moral de Roma, sobretudo, com a atuação moral de mulheres e com a agência política dessas que vinham impactando e mudando a história de Roma narrada na visão de Lívio. O que Lívio fez, e temos apontado aqui em várias oportunidades, é construir e apresentar de forma organizada um amplo repertório que ganha um contorno particular quando considerado em seu conjunto e, especialmente, na combinação de diferentes temporalidades, considerado o processo de *allelpoiesis*. Por meios diversos e com amplitudes temporais diferentes, o mesmo vale para Tácito e Suetônio.

Para Tácito, somente Tibério e Lívía, na condição de madrasta, teriam interesse pela morte de Agripa Póstumo. Assim, Tácito afirma que Lívía, por ciúmes de madrasta, e Tibério, por medo, apressaram os dias de um moço que lhes era odioso⁵¹⁰. Já Suetônio relata que, com a morte de Augusto, Agripa Póstumo é assassinado pelo tribuno militar encarregado de sua guarda, relatando que ele já estava desterrado na ilha Pianosa (*Planasia*). A ordem teria sido ditada pelo próprio Augusto ou por Lívía, com ou sem consentimento de Tibério⁵¹¹.

Tácito, ao relatar tal assassinato, está, ao mesmo tempo construindo uma novo retrato de Lívía, como madrasta cruel e mãe ambiciosa, e moldando outra ideia negativa que a liga ao filho herdeiro do Império. Ou seja, o retrato de Lívía é construído, primeiramente, em dependência a Augusto, e depois, pela interação com Tibério. É sugerida uma ideia de que o poder de Tibério e suas ambições quanto à república são apenas frutos de “violência preparada por intrigas feminis, e pela adoção de um velho”⁵¹². Dião Cássio relata que Tibério tornou-se muito defensivo sobre o papel que Lívía desempenhou em sua ascensão ao principado e que ele fez esforços para minimizar a contribuição dela. Mas, de acordo com Barrett, isso teria pouco a ver com os sentimentos de Tibério por sua mãe, dizendo mais sobre como Tibério visualizou a conduta adequada de um príncipe⁵¹³.

⁵¹⁰ Tac. *Ann.* 1.6.

⁵¹¹ Suet. *Tib.* 3.22. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Germape, 2003. Todas as passagens referentes a obra *Os doze césaes* e citadas ao longo do texto são desta referida edição.

⁵¹² Tac. *Ann.* 1.7.

⁵¹³ Cf: Dio 57.3.3; Tac. *Ann.* 1.6.3, 13.6, 1.14.3; Suet. *Tib.* 50.1–2, 3 e BARRETT, A. *Livia, First Lady of Imperial Rome*. New Haven: Yale University Press, 2002, p. 147.

Na visão apresentada por Tácito, o fato de Lívia ser mãe de Tibério acrescenta e aprofunda seus defeitos de governante, apresentando-se assim um retrato de Tibério que é rebaixado pela interação com Lívia apresentada na narrativa. Na posição de governante, ele ficaria refém dos caprichos da mãe, servindo a uma mulher. Isto e sua servidão também aos jovens filhos, de acordo com o autor, culminariam na dissolução da República. O autor relata que, com “os feminis caprichos de sua mãe, ficava exposto a servir uma mulher, e depois a dois mancebos [Germânico e Druso], que principiando por oprimir a República, acabariam por desmembrá-la”⁵¹⁴.

Com o assassinato de Agripa Póstumo correspondendo a uma manobra de Lívia para a ascensão de Tibério, Tácito a define, devido aos crimes que comete e sua influência sob Tibério, como “mãe fatal para a República, e madrasta ainda mais fatal para a casa dos Césares”⁵¹⁵.

Contudo, vemos que a atuação de intervenção de Lívia na casa imperial se dá já com o enfraquecimento de Augusto por motivo de doença e idade avançada. Tácito relata que a morte de Augusto, ou a velocidade dela, teria sido “ajudada pelas maldades da mulher”⁵¹⁶. Além disso, Lívia teria controlado o leito de morte de Augusto e as notícias de sua doença⁵¹⁷. Como destacamos antes, em análise sobre Tanaquil, o relato taciteano sobre a atuação de Lívia no momento de morte de Augusto claramente remete ao de Lívia sobre a atuação da rainha Tanaquil na morte de Tarquínio Prisco⁵¹⁸. Ambas controlam a casa centro do poder, as notícias sobre a morte, bem como garantem a sucessão do poder ao protegido, que no caso de Lívia é seu filho Tibério, e no caso de Tanaquil, seu genro Sêrvio Túlio. Há muito os paralelos entre Tanaquil e Lívia são observados, contudo, ocorrem majoritariamente por meio destas situações paralelas de morte/assassinatos de seus maridos, como já observava Charlesworth há quase um século atrás: “qualquer um que leia a conta que Tácito dá sobre a morte de Augusto e a ascensão de Tibério deve

⁵¹⁴ Tac. *Ann.* 1, 4.

⁵¹⁵ Tac. *Ann.* 1, 10. Sobre o conflito entre mãe e filho, ver: BARRETT, op. cit., p. 146-173.

⁵¹⁶ Tac. *Ann.* 1, 6.

⁵¹⁷ Tac. *Ann.* 1, 5. Barrett também associou o episódio de atraso das notícias de morte de Augusto, gerenciadas por Lívia, à demora no anúncio da morte de Trajano para que a adoção de Adriano pudesse ser estabelecida. Cf: BARRETT, op. cit., p. 385.

⁵¹⁸ Ver mais sobre a associação entre Lívia e Tanaquil: HALL, J. Livy's Tanaquil and the Image of Assertive Etruscan Women in Latin Historical Literature of the Early Empire. *Augustan Age IV*, 1985, p. 31-38; BAUMAN, R. A. Tanaquil-Livia and the death of Augustus. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*. Bd. 43, H. 2, 1994, p. 177-188 e MARTIN, R. H. Tacitus and The Death of Augustus. *The Classical Quarterly*, v. 5, 1955, p. 127.

ficar impressionado com o interessante paralelo entre isto e a passagem em que Tito Lívio descreve a maneira como Sêrvio Túlio foi levado ao trono”⁵¹⁹.

Como apontamos antes e discordamos, Balmaceda e Claassen avaliaram que Tanaquil, no relato de Lívio, exerce uma influência positiva ou neutra nesta situação de morte do marido e ascensão do sucessor, enquanto a atuação de Lívía seria colocada de forma negativa por Tácito⁵²⁰.

A caracterização das ações de Lívía nesta situação também se aproxima de Túlia, a última rainha romana, pois esta interferiu ainda mais drasticamente na sucessão do poder, causando múltiplos assassinatos. Como Lívía, que assassinou Agripa Póstumo para promover o filho ao poder imperial, Túlia, como apontamos antes, promoveu ao marido, assassinando o rei em exercício, então seu pai Sêrvio Túlio, e antes seu primeiro marido e irmã.

Ao falar sobre a “arte que esta mulher tinha de se apoderar do espírito do velho Augusto”⁵²¹, o autor afirma que Lívía o teria feito desterrar para a ilha Planasia o único neto que lhe restava, Agripa Póstumo. Além disso, diz Tácito que, talvez também por malícia da madrastra Lívía, morreu o irmão de Agripa Póstumo, Caio César, que estava ferido após voltar da Armênia: “ainda não bem curado de uma ferida: e não se sabe se por fatalidade, ou, pois tendo já morrido Druso, só dos enteados restava Tibério Nero”⁵²². Assim, Lívía é apresentada como inescrupulosa, cometendo crimes injustos ao ser responsável pela morte de herdeiro-neto de Augusto. Neste momento, já estavam mortos também Lúcio César, adotado pelo avô Augusto e que seria co-herdeiro junto ao irmão mais velho, Caio, além do filho de Lívía, Druso, restando apenas Tibério, enteado adotado por Augusto, finalmente como herdeiro e sucessor após a morte de Agripa Póstumo. Desse modo, surge na narrativa uma Lívía como madrastra cruel e injusta e mãe que manobra sob ambição excessiva rumo ao poder que pretende conferir ao seu filho e asseguraria poder para si mesma⁵²³.

⁵¹⁹ In: CHARLESWORTH, M. P. Livia and Tanaquil. *The Classical Review*, v. 41, n. 2, 1927, p. 55.

⁵²⁰ Cf: BALMACEDA, Catalina. Las mujeres de Livio: exempla, pasado y presente. *Vinã del Mar: Intus-legere historia*, v. 14, n. 1, 2020, p. 182-183 e CLAASSEN, J. M. The Familiar Other: the pivotal role of women in Livy’s narrative of political development in early Rome. *Acta Classica*, n. 41, 1998, p. 86-87.

⁵²¹ Tac. *Ann.* 1, 3.

⁵²² Cf. Tac. *Ann.* 1, 3.

⁵²³ Cf: KLEINER, D. Livia Drusilla and the Remarkable Power of Elite Women in Imperial Rome: a commentary on recent books on Rome’s first empress. *International Journal of the Classical Tradition*, v. 6, n. 4, 2000, p. 563-569.

A corrida de Lívía pelo poder teria ponto inicial na posse do poder de seu marido já velho e doente. Após a morte deste, tomou para si imoderada ambição e nunca cessou a disputa por poder com seu filho. Sobre isso, Suetônio diz que Tibério:

acusava ela de pretender partilhar com ele o império. Evitava encontrá-la, para não parecer que pautava seus conselhos, mas vez ou outra os recorria e mesmo obedecia. Ficou indignado pela sugestão de senadores do título ‘Filho de Lívía’, análogo ao ‘Filho de Augusto’, tendo lhe negado qualquer honra extraordinária, incluindo ser chamada ‘Mãe da Pátria’ e recomendava-lhe que ficasse longe de assuntos graves, impróprios para mulheres⁵²⁴.

Ainda segundo Suetônio, o “rompimento final de Tibério com Lívía, teria sido, segundo alguns, o motivo de seu retiro de três anos longe de Roma. Quando a mãe morreu, atrasou o funeral, de modo que o corpo já se decompunha e não lhe permitiu os desejos quanto ao funeral e nem sua apoteose”⁵²⁵.

Já Tácito relata que Tibério, não aprovou honras a ela, dizendo: “Que se devia guardar moderação nas honras concedidas às mulheres (...)’. Mas o motivo verdadeiro era os ciúmes, que o devoravam: receava que os obséquios feitos à mãe diminuíssem de alguma forma a sua autoridade, não consentiu que lhe desse (...) distinções”⁵²⁶. Tácito conta que “grande foi a adulação dos senadores para com Augusta; votando uns que lhe desse o título de *mãe*; outros, de *mãe da pátria* e o maior número, que ao nome do César se acrescentasse o de *filho de Júlia* [outro nome de Lívía] (...)”⁵²⁷. Bauman observou que havia anomalias nas honrarias e posição que haviam sido concedidas à Lívía, e que Tibério estava atento a isto:

a adoção foi uma tentativa de preencher a lacuna entre os Julianos e os Claudianos - tanto Lívía quanto Tibério eram agora Julianos honorários - e possibilitar que Lívía se intitulasse *divi Augusti filia*, ‘Filha do deus Augusto’. Mas havia algo anômalo na posição de Júlia. Como muitas das inovações de Augusto, ‘Augusta’ era ambígua. Como ‘Augusto’ era uma designação mais específica do imperador reinante do que ‘César’,

⁵²⁴ Suet. *Tib.* 3.50.

⁵²⁵ Suet. *Tib.* 3.51.

⁵²⁶ Tac. *Ann.* 1.14.

⁵²⁷ *Ibid.*, 1.14.

então poderia ser (e foi) argumentado que ‘Augusta’ significava algo mais do que uma mera viúva; designava uma imperatriz. Tibério estava bem ciente da anomalia. Ele não poderia evitar uma honra que havia sido decretada por Augusto, mas onde quer que ele pudesse intervir, ele o faria. (...) Ele vetou uma proposta de tornar Lívía *mater patriae*. Ele também bloqueou um movimento para adicionar *Iuliae filius*, ‘Filho de Julia’, à sua própria nomenclatura, rejeitando assim um matronímico que tinha implicações matriarcais. Mantendo que apenas honras moderadas deveriam ser prestadas às mulheres, ele proibiu a construção de um altar para comemorar sua adoção; e de acordo com algumas fontes ele vetou seu direito a um lictor. Ele também não permitiu que o nome dela fosse dado ao mês de outubro. Alguém pressionava muito pelo reconhecimento formal de Lívía como entidade constitucional. Ela pode não ter sido *Romana Princeps* antes, mas havia quem achasse que ela deveria ser agora⁵²⁸.

A partir do que apresenta Tácito e Suetônio sobre Lívía, podemos entender que, em seu retrato como personagem feminina, ela assume um novo lugar ao se tornar viúva do primeiro e elogiado imperador romano. Tal mudança traz uma diferente situação no delineamento do *exemplum* de Lívía, que se altera e passa a ser apresentado por meio de uma postura competitiva. Primeiramente, ela atuaria na morte do marido velho e doente e, em seguida, ela atuaria para promover o filho, Tibério, que sucedeu ao seu falecido marido.

Lívía, assim, usando como arena o espaço doméstico, atua para interferir na esfera pública com base em seus interesses particulares. É sugerido que ela deixa de lado o bem-estar e equilíbrio público ao fazer tais intervenções, de modo semelhante às atuações que já analisamos para os *exempla* femininos de Lívio, desde o episódio das sabinas até o de Lucrecia com o fim da monarquia e a atuação extrema de Túlia. Como as mulheres da Roma inicial que analisamos, ela causa um desequilíbrio e traz uma situação de ameaça pública ao agir dentro do espaço doméstico buscando consequências públicas, que alteraram a dinâmica e sucessão do poder imperial. Neste sentido, ela é representada com uma atuação que se mostra danosa à Roma, uma ameaça decorrente da falta de controle dos homens que deveriam limitar sua agência.

⁵²⁸ In: BAUMAN, R. *Women and Politics in Ancient Rome*. London, New York: Routledge, 1994, p. 131.

No caso de Lívía, como mãe do novo imperador, ela comete assassinato para garantir o poder ao filho e outras ações claramente repudiadas pelos autores. Lívía na narrativa de Tácito e Suetônio é apresentada como figura inescrupulosa, movida pela ambição, e que pretende controlar ao seu filho imperador, assim como fez Agripina Menor, como apontamos e de modo análogo as interferências públicas/políticas de mulheres do tempo da Roma inicial. Pela razão de seu filho concorrer ao poder imperial, surge uma Lívía que, acumulando poder para si, é protagonista de uma sequência de atuações criticadas. Tais ações resultam na competição pelo e com o filho e, por fim, causam a negação de honras por parte de seu filho. Sobre isto, Purcell nota:

existem maneiras importantes pelas quais a atividade e o status de Lívía são públicos e políticos no sentido masculino completo ao qual estamos acostumados no mundo romano. Ela cumpriu esses papéis masculinos em uma extensão muito maior do que jamais foi tolerado para homens libertos sob o Principado, por exemplo. Argumentei que a magnitude sem precedentes de seu sucesso nessa área é responsável pela tradição violentamente hostil que, ao mesmo tempo, menospreza sua posição, representando-a como a da mulher intrigante (temos muita sorte de ter evidências suficientes para corrigir essa visão) e tenta subvertê-la, tornando-a culpada de crimes que deliberadamente invertem suas virtudes professadas. Essa hostilidade é ainda latente nas versões encomiásticas do autor da *Consolatio* e de Veléio, como presumivelmente nas fontes muito completas usadas por Dião Cássio⁵²⁹.

Há uma diferença importante: no caso de Tanaquil e Túlia elas não concorrem com suas contrapartes masculinas. Esta ideia vale especialmente no caso de Tarquínio Soberbo e Túlia, feitos um para o outro, em busca do mal público. No caso, a contraposição é entre Tibério, que não sabia conviver nem controlar a sua mãe, e Augusto, que sabia conviver, limitar e controlar Lívía, que é ambiciosa buscando atuar na esfera pública. O agravamento da ambição de Lívía após a morte de Augusto justamente pode indicar uma crítica ao enfraquecimento desse controle masculino sob Lívía. Assim como vimos antes na narrativa liviana com os *exempla* das mulheres da Roma inicial, a

⁵²⁹ In: PURCELL, N. Livia and the womanhood of Rome. *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, n, 32, 1986, p. 96.

proeminência feminina, por exemplo, nos casos das sabinas e Hersília, caracterizou a deficiência masculina, neste caso, de Rômulo em governar. De modo semelhante, o ataque a *puđicitia* representados nos casos de Virgínia e Lucrecia também puderam representar críticas à tutela masculina, que falham em proteger a castidade, apesar de, nestes casos, a crítica principal ser direcionada às tendências tirânicas de homens e estruturas políticas que ameaçam a sociedade romana e a *puđicitia*.

Neste sentido, percebemos que ambos os casos, mulheres da Roma inicial e mulheres imperiais, constituem *exempla* que propõem reflexões sobre as ameaças e consequências da influência excessiva das mulheres sob os homens, bem como os perigos da falta de controle masculino sob o feminino, que para o contexto imperial tem a questão das honras concedidas para as mulheres como aspecto importante na construção dos retratos femininos e masculinos. Tais honras foram relatadas como negativas e indicaram falta de controle dos homens governantes sob suas mulheres, mães, esposas, filhas ou irmãs. Uma contribuição nova desta tese está em entender esses retratos das mulheres imperiais em Tácito de forma integrada aos *exempla* femininos de Lívio, constituindo um repertório em que o tema da proeminência e interferência pública feminina é compartilhando, e que evidencia também uma crítica às debilidades no controle masculino em diferentes contextos. Consideramos as diferentes temporalidades das obras dos autores e os períodos sobre o qual relataram, como temos destacados pela noção de *allelopoiesis*, em que passado e presente são construídos em dependência mútua e também de acordo com uma noção crítica, na perspectiva dos autores alvos do estudo, do estabelecimento de uma decadência moral ao longo da história romana desde seu princípio. A aplicação do conceito de *allelopoiesis* para o entendimento do repertório que integra os *exempla* e retratos de Lívio e Tácito diferencia nossa abordagem de outras já realizadas e possibilita uma visão nova e útil para os problemas estudados relativos à representação das mulheres nas obras analisadas e a exemplaridade.

Quanto à especificidade dos *exempla* imperiais, sobre o tema das criticadas honorarias obtidas por mulheres Júlio-Cláudias, no caso de Agripina Menor, por fim, temos algo intermediário, pois inicialmente Nero se submete a sua mãe como fez Cláudio, inclusive lhe devotando muitas honras, enquanto Augusto as deu moderadas a Lívia e Tibério as negou. Contudo, depois, Nero a acusa de não aceitar os limites que seriam indispensáveis e entendendo mal a piedade filial e as honras concedidas. Tais honras, depois daquelas dadas por Calígula a essa mesma Agripina e suas irmãs, precisavam ser maiores para serem destacadas. Este é um ponto relevante: as honras sob Augusto, por

serem inéditas, eram mais moderadas do que aquelas sob Nero, que já tinham o precedente de Calígula⁵³⁰.

2.2 Agripina Maior: de esposa exemplar a mãe ambiciosa

Para o caso de Agripina, veremos como o assassinato do marido, Germânico, altera sua situação ética, mais especificamente, por meio da nova condição de sua relação com Tibério. De forma similar a Lúvia, observamos um agravamento da caracterização da ambição relacionada à personagem após a morte do marido. Apresentando Agripina Maior, Barrett comenta a conexão entre ela e Lúvia:

a longo prazo, havia mulheres que poderiam continuar a linhagem de Augusto. Uma delas era a neta de Augusto, Agripina, a Velha, filha de Júlia por volta de 14 a.C. Agripina desempenharia um papel importante na história posterior de Lúvia, e sua personalidade garantiu que o relacionamento fosse espinhoso. Ela era uma mulher imperial de terceira geração, que não conhecia um mundo diferente daquele em que ela era filha da casa imperial⁵³¹.

Este relacionamento conflituoso das duas, destacamos, é pela possibilidade de ambas essas mulheres alteraram a linha de sucessão imperial por meio de seus novos arranjos matrimoniais, a geração de descendentes, então filhos promovidos ao poder por elas e, neste sentido pela legitimidade dessa descendência na corrida imperial, especialmente pelo vínculo que ambas possuem com Augusto. Shotter sugere: “de sua parte, Agripina terá visto a mão de Lúvia (e, por implicação, de Tibério) como crucial na destruição de sua família; ainda assim, suas ambições e esperanças foram estimuladas pelos rumores de que, em 4 d.C., Augusto teria preferido Germânico a Tibério”⁵³².

⁵³⁰ Sobre a concessão de honras públicas para mulheres no início do Principado, ver: JOLY, Fábio Duarte; FAVERSANI, Fábio. Os Júlio-Cláudios. In: BRANDÃO, José Luís; OLIVEIRA, Francisco de (coords.). *História de Roma Antiga: volume II: Império Romano do ocidente e romanidade hispânica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, p. 84-85; FLORY, M. Livia and the History of Public Honorific Statues for Women in Rome. *Transactions of the American Philological Association*, v. 123, 1993, p. 287–308; KLEINER, F. S. An Extraordinary Posthumous Honor for Livia. *Athenaeum*, v. 78, 1990, p. 508–514 e BARRETT, A. *Livia, First Lady of Imperial Rome*. New Haven: Yale University Press, 2002, p. 322-323.

⁵³¹ Cf. BARRETT, op. cit., p. 54.

⁵³² In: SHOTTER, D. C. A. Agrippina the Elder: A Woman in a Man's World. *HISTORIA-Z*, v. 49, n. 3, 2000, p. 341-357.

Assemelhando-se às rainhas Tanaquil e Túlia, ou Agripina Menor, que promovem seus protegidos ao trono, Agripina Maior lidera diversas tentativas de manobras para promover a um de seus filhos ao lugar de imperador. Ou seja, em sentido que Tácito muitas vezes sugere, ela promove incessantemente manobras para garantir o legado de seus descendentes.

Pelo enorme contraste, Tibério, segundo Tácito, tinha medo de Germânico, comandante prestigiado e que era tão adorado do povo⁵³³. Suetônio afirma que Tibério desprezava o filho Druso⁵³⁴ e o adotivo Germânico, tendo mandado matar por mão de Pisão este segundo⁵³⁵. Esta suspeita foi confirmada, segundo Suetônio, por ele ter tratado com crueldade a mulher e filhos de Germânico⁵³⁶. O assassinato de Germânico é central para a mudança da fama entorno de Agripina Maior na narrativa de Suetônio e, principalmente, de Tácito. Em semelhança a Lívía, o assassinato do marido é o ponto inicial da alteração de sua situação ética. A condição determinante também neste caso é a alteração de sua relação com Tibério, que se reconfigura em uma postura competitiva, uma vez que Agripina atua de forma a favorecer seus filhos descendentes de Germânico e que concorrem ao poder imperial. Germânico era filho de Druso, portanto, neto de Lívía e sobrinho de Tibério, que o adotou. Após a morte de Germânico, o herdeiro de Tibério seria seu filho biológico, chamado Druso Júlio César⁵³⁷. Ele teria sido, segundo Tácito, assassinado em disputa com Sejano, que teria seduzido e formado aliança com sua esposa Lívila⁵³⁸. Suetônio narra o mesmo sobre a morte de Druso⁵³⁹.

A primeira menção de Tácito a Agripina Maior está no relato da propagação da notícia de morte de seu avô Augusto. Enfatizando tal parentesco, Tácito inicia uma descrição elogiosa à mulher⁵⁴⁰. Ao mesmo tempo, esse primeiro retrato positivo de Agripina é também relacionado à sua ligação matrimonial com Germânico, mas, por outro lado, rebaixado por aparecer já como mãe de Calígula, dizendo Tácito: “tudo isto sofria, não só a filha de Agripa, a neta de Augusto, e a nora de Druso, tão insigneiramente fecunda e tão casta, porém o mesmo filho infante, nascido dentro dos quartéis, educado no meio

⁵³³ Tac. *Ann.* 1.7.

⁵³⁴ Druso Júlio César é o filho biológico, que aparentemente morreu de causas naturais e Druso César é o adotivo, filho biológico de Agripina e Germânico, e que morreu acusado de tramar contra Tibério após a morte de sua mãe e seu irmão Nero. Cf: LEVICK, B. *Tiberius the Politician*. London: Routledge, 1999.

⁵³⁵ Suet. *Tib.* 3.52.

⁵³⁶ Suet. *Tib.* 3.52.

⁵³⁷ Chamado assim em homenagem ao tio, filho morto de Lívía.

⁵³⁸ Tac. *Ann.* 2.84; 4.12.

⁵³⁹ Suet. *Tib.* 3.62.

⁵⁴⁰ Tac. *Ann.* 1.33.

das legiões, e que na frase militar tinha o nome de *Calígula*”⁵⁴¹. Gillespie aponta que os estudiosos antes observaram como Tácito explora as maneiras pelas quais a população recebia essa família como símbolos de um passado ancestral e um futuro imperial potente. Entretanto, os estudos, de acordo com a autora, não examinaram completamente as diferenças entre Germânico e Agripina. A autora esclarece:

embora as referências a Germânico como a imagem de seu pai Druso se combinam com a esperança da população por um retorno à *libertas* republicana, Agripina lembra a população da legislação moral de Augusto e da celebração da fecundidade da família imperial. Tácito apresenta Germânico e Agripina juntos, identificando Agripina como neta de Augusto, esposa de Germânico, e mãe de seus vários filhos (Tac. *Ann.* 1.33.1). Germânico, por outro lado, é amado pelo povo romano devido à memória de seu pai Druso (Tac. *Ann.* 1.33.2). Ambos os cônjuges são representantes de sua linhagem em modos diferentes: Agripina incorpora sua descendência augustana e é uma *univira casta*, enquanto espera-se que Germânico cumpra as expectativas do povo em relação a Druso⁵⁴².

A *fecunditas* é virtude central na caracterização de Agripina Maior e das mulheres imperiais no geral. Tácito usou o termo quatro vezes para se referir à Agripina Maior: os soldados de Germânico a reconhecem por sua impressionante fecundidade (*ipsa insigni fecunditate*, Tac. *Ann.* 1.41.2); Agripina é superior à esposa de Druso, Livila, tanto em fecundidade quanto em renome (*fecunditate ac fama*, Tac. *Ann.* 2.43.6); sua fecundidade é infeliz após a morte de Germânico (*infelici fecunditate*, Tac. *Ann.* 2.75.1); Sejano a considera arrogante por causa de sua fecundidade (*superbam fecunditate*, Tac. *Ann.* 4.12.3).

Além do aspecto central de sua ascendência, sobretudo, seu laço familiar com Augusto, a composição do retrato Agripina Maior, como nos *exempla* femininos em geral em Tácito, depende da interação com figuras masculinas às quais ela se associa nos episódios narrados. Em semelhança ao que vimos sobre o retrato de Agripina Menor, as características das personagens e a construção dos *exempla* deriva de como as

⁵⁴¹ Cf. Tac. *Ann.* 1, 41.

⁵⁴² In: GILLESPIE, C. Agrippina the Elder and the Memory of Augustus in Tacitus' Annals. *Classical World*, n. 1, 2020, p. 65-66, 69.

personagens são colocadas em interação na narrativa⁵⁴³. Neste sentido, as personagens taciteanas também devem ser consideradas em um coletivo de personagens, como já indicamos para a análise dos *exempla* femininos de Lívio e, sobretudo, em dependência da construção dos retratos masculinos com os quais interagem.

Tácito relatou a exposição de Agripina Maior ao perigo, elogiando-a, em contexto de morte de Augusto e sedição de parte do exército, com a revolta de algumas legiões. Ele ressalta constantemente a ideia de Germânico ser temido por Tibério, e mesmo Lívio, por sua popularidade e destaque pela sua carreira e feitos militares. Tácito diz que Germânico tinha:

os ódios do tio, e da avó; tanto mais temíveis, por serem injustos: porque todos eles nasciam de que, conservando sempre o povo romano uma saudosa memória por Druso, na persuasão que, se tivesse governado, lhe haveria restituído a liberdade, mostrava agora por Germânico a mesma afeição; porque também nele punha as mesmas esperanças. Com efeito, suas maneiras populares, e sua nímia afabilidade e doçura, faziam uma diferença absoluta do arrogante e misterioso Tibério⁵⁴⁴.

Neste sentido, Tácito acrescenta que o ódio de mãe e filho se direcionam também a Agripina: “acresciam ainda as ofensas feminis, que tinham princípio nos ciúmes da madrasta Lívio contra Agripina: mas também essa tinha uma altivez grande de gênio; e só merecia desculpa; porque, sendo casta e amiga do marido, toda sua aspereza se dirigia para o bem”⁵⁴⁵. Segundo Tácito, neste contexto perigoso de sedição do exército, em suposto discurso que Germânico teria proferido, ele enfatiza a proteção à mulher, como genitora de herdeiro-neto de Augusto e nora de Tibério⁵⁴⁶.

Há um claro paralelo aqui: Agripina assim como Lívio são apontadas como ativas e ambiciosas, no limite, tanto quando Augusto e Germânico estão vivos quanto quando estão mortos, mas há uma virada na representação dessa ambição. O que ocorre é que mortos eles, essa agência feminina não se dirige e fortalece alguém que é elevado e poderoso a ponto de não ser subjogado ou rebaixado. A alteração situacional é marcada

⁵⁴³ AZEVEDO, Sarah F. L; FAVERSANI, F. Interações pessoais e valores morais em Tácito: um estudo de algumas personagens femininas. In: (Org.) CANDIDO, M. R. *Mulheres na Antiguidade: novas perspectivas e abordagens*. Rio de Janeiro: UERJ/NEA, DG, 2012, p. 126.

⁵⁴⁴ Tac. *Ann.* 1, 33.

⁵⁴⁵ Tac. *Ann.* 1, 33.

⁵⁴⁶ Tac. *Ann.* 1, 42.

por uma mudança dos homens que estão próximos delas, no caso Tibério, mais do que nelas mesmas. Elas eram elevadas frente a Augusto/Germânico, que se mostravam ainda mais elevados do que elas e se engrandeciam na proximidade de grandes mulheres. Contudo, Tibério é rebaixado e não tem o valor dos outros dois. As pessoas valorosas, assim, colocam em ainda mais evidência que ele é pequeno e ele pode tolerar isso e elas não suportam estar abaixo de quem é pequeno. Isso se relaciona com o que foi visto em Lívio, mas não é exatamente o mesmo, obviamente. No caso de Lívio, temos pessoas baixas se unindo e buscando uma posição elevada, como os casais da dinastia dos Tarquínios. Deste modo, o repertório e a variabilidade situacional é fundamental, havendo uma comunicação importante entre Lívio, Tácito e Suetônio, que é concluída não neles mesmos simplesmente, mas no público.

Além disso, Tácito já dá indícios da grande aceitação e mesmo influência de Agripina sob o exército, já que constantemente acompanhava, em alguma medida até substituindo a liderança militar do marido, estando enormemente presente em tal ambiente. Diz Tácito:

enquanto isso (...), tinha corrido fama de que o exército se achava cercado, e que os Germanos iam entrar nas Gálias com todo o ar de vencedores. Se não fosse Agripina, havia já cobardes, que intentavam abaixo uma ponte, que estava no Reno: mas esta heroína impediu tão vergonhoso atentado; e fazendo as vezes do general em todos aqueles dias, distribuiu socorros aos soldados pobres e feridos. Conta C. Plínio, o historiador das guerras da Germânia, que ela mesma estivera no princípio da ponte, fazendo elogios, e dando agradecimentos às legiões, que voltavam. Isto, porém, ulcerou profundamente o coração de Tibério⁵⁴⁷.

Benoist notou que o tema da *dux femina* tornou-se normativo no contexto de uma forma legítima de luta contra a tirania, onde a intervenção das mulheres era considerada aceitável quando os homens antes delas falharam, por exemplo, Lucrécia, que atuou em resposta à tirania dos Tarquínios, Dido contra seu próprio irmão e Cloélia em resposta ao cerco de Roma pelos etruscos. De acordo com Chambers, Tácito, em particular, recorreu a esse motivo em suas obras, representando várias mulheres como *dux femina*, mas,

⁵⁴⁷ Tac. *Ann.* 1, 69.

segundo a autora, normalmente como uma característica negativa, como nos casos: Agripina Maior, *Ann.* 1.69; Plancina, *Ann.* 2.55, e Boudica, '*feminarum ductu bellare*', *Ann.* 14.35.1). Entretanto, diferentemente de Chambers, avaliamos que, para o caso de Agripina Maior especificamente, essa associação negativa não ocorre neste momento⁵⁴⁸. Neste sentido, sobre a participação de mulheres romanas em contexto militar, McHugh observa:

embora as mulheres romanas não fossem membros da estrutura militar, os historiadores modernos aludem a um paralelo entre as rainhas bárbaras, que possuíam poder político e militar, e as mulheres romanas que buscavam indevidamente envolvimento em atividades reservadas aos homens. Como observam Francesca L'Hoir e Judith Ginsburg, Tácito frequentemente emprega o estereótipo retórico negativo da *dux femina* (após uma famosa frase de Virgílio, referindo-se à rainha cartaginesa e comandante militar, Dido). Apesar de o próprio Tácito não usar o termo *dux femina*, esses comentaristas modernos incluem Boudica, Plancina e Agripina Menor de Tácito em seus exemplos de mulheres caracterizadas como *duces feminae*. L'Hoir coloca também Agripina Maior nessa categoria, pois assim, ela defende, 'Tácito insinua por meio dos murmúrios opacos de Tibério'⁵⁴⁹.

Concordamos com McHugh em sua defesa que Agripina Maior não se enquadra nesta classificação de mulheres. Ela entende que rainhas estrangeiras como Dido e Boudica agiram sozinhas e governaram seu povo. Para a autora, apesar de que os romanos não tiveram rainhas reinantes, a esposa do *princeps*, desde de Lúvia, embora não compartilhasse do poder direto exercido pelo marido, tinha certa visibilidade e status. McHugh ressalta que, ao contrário de Agripina, Lúvia “cai nas margens obscuras dessa categoria de *duces feminae*”⁵⁵⁰. Como esposa de Augusto, ela tinha, em virtude de seu

⁵⁴⁸ Ver para mais informações sobre a tópica da *dux femina* na literatura romana em geral: BENOIST, S. Women and *Imperium* in Rome. Imperial Perspectives. In: FABRE-SERRIS, J; KEITH, A. (eds.) *Women and War in Antiquity*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2015, p. 266-288; e para uma análise de Agripina Maior como *dux* em Tácito: McHUGH, M. R. *Ferox Femina: Agrippina Maior in Tacitus's Annales*. *Helios*, v. 39, n. 1, 2012, p. 73-96. Ver também: CHAMBERS, L. *Exemplarity in Early Imperial Rome: gendered usability and literary constructions of female exempla*. Manchester: University of Manchester. PhD diss. 2021, p. 90.

⁵⁴⁹ Cf: McHUGH, M. R. *Ferox Femina: Agrippina Maior in Tacitus's Annales*. *Helios*, v. 39, n. 1, 2012, p. 75-76 e L'HOIR, F. S. *Tragedy, Rhetoric, and the Historiography of Tacitus' Annales*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2006, p. 118.

⁵⁵⁰ McHUGH, op. cit., p. 75-76.

status, acesso indireto às pessoas mais influentes do Império. Lívia não aspirou ou realmente exerceu o poder por direito próprio, mas Tácito a acusa de vários crimes, como vimos, incluindo envenenar Augusto e orquestrar a morte de vários herdeiros aparentes para que seu próprio filho pudesse governar. Concordamos com a autora em sua conclusão sobre o assunto:

o retrato sinistro de Lívia contrasta fortemente com a descrição mais ambígua de Agripina nos Anais de Tácito, talvez porque esta última tenha sido vítima de Tibério e de sua mãe. Se Germânico tivesse vivido para suceder Augusto, Agripina teria substituído Lívia como esposa do *princeps*⁵⁵¹.

Assim, é importante destacarmos que, em nossa interpretação, essa atuação de Agripina junto ao exército, neste caso, não é criticada e nem indicada para tecer críticas a fraquezas, especialmente de liderança, associadas a Germânico. Isto demonstra a noção de que há uma variabilidade ética quanto ao emprego de *exempla*. Neste sentido, o estudo de McHugh indicou como Tácito harmonizou virtudes heróicas e masculinas dentro das virtudes femininas comuns em sua caracterização de Agripina Maior. Assim, a autora explica que Tácito criou “áreas nebulosas” no retrato de Agripina. Portanto, essas ambiguidades apontadas pela a autora sobre como Agripina Maior é retratada por Tácito indicam as mudanças de posições, em acordo com o que temos defendido sobre a variabilidade ética das situações na composição dos *exempla*⁵⁵². Não há modelos fixos que devem ou não devem ser cumpridos sob prescrições comportamentais, mas sim situações éticas que dependem de quem, com quem e onde se dão e a que se volta a ação.

Sobre Agripina Maior não recaiam suspeitas de que atuava para ganhar poder, mas o fazia, nesta situação, seguindo o modelo elevado de seu marido que buscava ele também a salvaguarda dos interesses do povo e do Senado de Roma e não o poder pessoal. Ou seja, vinculada ao elogiado marido, ela fazia prevalecer o bem público acima aos pessoais nesta situação de crise, apesar de que ela ainda exhibe uma atuação pública neste contexto militar. Neste sentido, sua atuação se aproxima àquelas vistas nos episódios das mulheres sabinas, Cloélia ou mesmo Tarpéia, que atuam em uma situação de crise e militar,

⁵⁵¹ Ibid., p. 75-76.

⁵⁵² Ibid., p. 74.

intervindo publicamente pelo bem público, mas que trazem muitas nuances e potencialidades interpretativas em seus *exempla*.

Desse modo, mais do que a ação em si mesma, a intenção atribuída por terceiros à ação tem importância na percepção do *exemplum*. Assim, ao elogiar Agripina Maior como companheira de Germânico e atuante no ambiente militar do marido, Tácito assinala a ameaça que ela, e o casal de modo geral, representava para Tibério, que não podia tolerar que alguém fosse mais destacado do que ele próprio. O bem da República pede homens grandiosos atuando à frente dos assuntos públicos. Mas a autopreservação de Tibério sempre verá nisso uma ameaça pessoal e não um bem público. Sendo ele alguém de pouco destaque, que assume o poder apenas por obra de sua mãe e não por seus méritos, tudo que lhe ultrapasse afeta diretamente seu interesse particular, pois alimenta a suspeita de que tal pessoa, suplantando-a, tome seu lugar e, para isso, necessariamente o elimine⁵⁵³.

Agripina tinha força na disputa na sucessão imperial por sua popularidade e reconhecidas virtudes, mas também por gerar descendentes diretos de Augusto, tanto por parte dela quanto do marido⁵⁵⁴. Tácito, ao relatar sua autoridade frente às tropas e glória por dar fim à sedição, relata que ao mesmo tempo introduziu seu filho, Calígula, vestido como soldado. O autor diz que isso foi um confronto e rebaixamento da autoridade imperial, uma ofensa e ameaça intolerável para Tibério:

quando uma mulher fazia a revista das tropas, se punha no meio das bandeiras, fazia donativos, e por uma afetação nunca vista trazia vestido o próprio filho do general à maneira dos soldados, e de boamente consentia que ao César se desse o nome de Calígula; que sombra de autoridade podia estar reservada para a pessoa dos imperadores? Agripina era muito mais respeitada pelos exércitos, do que os mesmos legados, e os mesmos generais; pois que uma mulher pudera sossegar uma sedição, que o nome do príncipe não pudera impedir⁵⁵⁵.

⁵⁵³ Cf: LEVICK, B. *Tiberius the Politician*. London: Routledge, 1999.

⁵⁵⁴ Cf: BAUMAN, R. A. *Women and Politics in Ancient Rome*. London: Routledge, 1992, p. 139; WOOD, S. *Memoriae Agrippinae: Agrippina the Elder in Julio-Claudian Art and Propaganda*. *American Journal of Archaeology*, v. 92, n. 3, 1988, p. 418-419 e GILLESPIE, C. *Agrippina the Elder and the Memory of Augustus in Tacitus' Annals*. *Classical World*, N. 1, 2020, p. 69-70.

⁵⁵⁵ Tac. *Ann.* 1, 69.

Plancina foi outra figura que se opunha a Agripina Maior e Germânico no contexto de disputa em meio à sucessão imperial. Ela era aliada de Lúvia e esposa de Pisão, que comandava províncias sob poder proconsular equiparável ao de Germânico⁵⁵⁶. Tácito diz que ela difamava o casal devido a tal ação não desagradar a Tibério e, de acordo com Tácito, ela não se continha dentro dos limites do que convém ao decoro de uma mulher⁵⁵⁷. No caso de Pisão, ele é descendente de um Pisão envolvido na Conspiração de Catilina e, depois, César vai se casar com uma Calpúrnica, famosa viúva do ditador. Essa família também é aquela do Pisão da conspiração Pisoniana debelada por Nero. É uma família que por séculos esteve no centro do poder e de conspirações. Os Júlio-Cláudios tiveram que, em diversos momentos, lidar com um Pisão conspirando contra eles, inclusive Tibério. O casal, cuja a acusação por má conduta no Oriente é lembrada no *senatus consultum de Cn. Pisone patre*, teria envenenado Germânico⁵⁵⁸.

Germânico, no momento de sua morte, teria se identificado como vítima deste casal, lamentando por “acabar por as artes de uma mulher” e, entre outras coisas, teria exigido ao senado vingança pelo crime que sofreu⁵⁵⁹. Tácito indica que, na hora de sua morte, Germânico direcionou algumas palavras a Agripina, “em particular dissera coisas que bem mostravam os grandes receios que tinha de Tibério”⁵⁶⁰, de modo que parece sugerir que Germânico alertara Agripina sobre os perigos que ela ainda deveria enfrentar e mesmo poderia ter suscitado nela a vontade por vingança e disputa por poder frente a Tibério. Essa hipótese é reforçada, pois acontece uma mudança na apresentação taciteana sobre Agripina após tal morte.

A situação ética da viúva Agripina é radicalmente diferente e resulta no surgimento de uma viúva desequilibrada, buscando na vingança o atendimento de seu interesse particular de reparação da honra perdida, mas também da sua preservação. O contraste é marcado em comparação àquela Agripina esposa do ilustre Germânico, ambos

⁵⁵⁶ Sobre a dupla, Plancina e Pisão, ver: SHOTTER, D. C. A. Agrippina the Elder: A Woman in a Man's World. *HISTORIA-Z*, v. 49, n. 3, 2000, p. 347; BARRETT, A. *Livia, First Lady of Imperial Rome*. New Haven: Yale University Press, 2002, p. 82-85; BAUMAN, R. A. *Women and Politics in Ancient Rome*. London: Routledge, 1992, p. 140-143 e RAPKE, T. T. Tiberius, Piso and Germanicus. *Acta Classica*. v. 25, 1982, p. 61-69.

⁵⁵⁷ Cf. Tac. *Ann.* 2, 55 e OSGOOD, J. Urgulania, Plancina, and Livia: Women's Initiative in Early Imperial Politics. In: *Leadership and Initiative in Late Republican and Early Imperial Rome, Mnemosyne Supplements*, Brill, v. 453, 2022, p. 189-209.

⁵⁵⁸ Cf: Plin. *HN* 11.187; Tac. *Ann.* 2.72, 2.82; Suet. *Calig.* 1.2 e McHUGH, op. cit., p. 73.

⁵⁵⁹ Cf. Tac. *Ann.* 2.71.

⁵⁶⁰ Tac. *Ann.* 2.72.

atuando em consórcio em favor da República⁵⁶¹. Swindle destaca a mudança da caracterização de Agripina Maior após a morte de Germânico:

após a morte e funeral de Germânico, Vipsania começa a vir sob condenação. Ela acaba sendo denunciada e exilada pelo imperador para ser posteriormente chamada de volta e morta. É como se Germânico desempenhasse o mesmo papel para Vipsania Agripina que Lívia ocupou para Tibério - ele a mantém moderada apenas por sua presença. Depois que ele se vai, ela é deixada à selvageria e à dissipação. Seu marido não está mais por perto para torná-la grande, então sua verdadeira personalidade pode brilhar. Parece que Tácito está afirmando que sua grandeza vem inteiramente de Germânico. Sem ele, ela é selvagem e incontrolável⁵⁶².

O desequilíbrio de Agripina Maior aparece, em Tácito, motivado pelas injustiças do destino da mulher, que resultou em sua busca por vingança e ambição, como o autor indica: “viam uma mulher tão ilustre, há pouco tão ditosa com um tão belo matrimônio, e adorada de todos, agora só depositária de relíquias sepulcrais, ansiosa por vingar seu marido, ignorando a sua sorte, e por uma infeliz fecundidade ainda exposta a mil reveses da fortuna”⁵⁶³. Esse aspecto da “infeliz fecundidade” é central na construção do retrato de Agripina Maior, assim como de outras personagens analisadas nessa tese. Os filhos representam uma possibilidade de ascender ao poder e, portanto, fazem da mulher que está associada a eles uma ameaça, assim como eles próprios são. No caso de Agripina Maior, tanto sua ascendência quanto descendência têm papel fundamental em sua representação, como observa Gillespie:

Tácito reflete a opinião contemporânea ao repetir a identificação paradigmática de Agripina como neta de Augusto, esposa leal de Germânico e mãe de seus filhos, reconhecendo assim a recepção de Agripina como matrona modelo promovida por Augusto e proeminente no início do reinado de Tibério. Ele também destaca o casamento leal

⁵⁶¹ Cf: SWINDLE, J. M. A Rhetorical Use of Women in Tacitus' *Annales*. *Studia Antiqua*, v. 3 n. 1, 2003, p. 112-114.

⁵⁶² *Ibid.*, p. 114.

⁵⁶³ *At Agrippina (...) miserantibus cunctis quod femina nobilitate princeps, pulcherrimo modo matrimonio inter venerantis gratantisque aspici solita, tunc feralis reliquias sinu ferret, incerta ultionis, anxia sui et infelici fecunditate fortunae totiens obnoxia (...)*. In: Tac. *Ann.* 2, 75.

de Agripina e observa sua fecundidade como a qualidade em que ela supera todas as outras mulheres imperiais. Ela ganha importância como um sinal de dinastia e da família Júlio-Claudiana como um todo; como o público de Tácito bem sabia, essa dinastia passou a depender de Agripina para sua sobrevivência⁵⁶⁴.

Neste sentido, sobre Agripina como matrona modelo, Foubert propõe interessantes paralelos entre diferentes mulheres para argumentar que Tácito, “deliberadamente tentou evocar a imagem da matrona tradicional como uma estrutura com a qual seu público poderia avaliar e criticar as mulheres imperiais”⁵⁶⁵. Agripina, como viúva, surge como uma projeção da virtuosidade de seu marido falecido e de suas virtudes vinculadas a Augusto. Porém, aclamada como exemplo moral e portadora de legítimo poder advindo de Augusto, cada vez mais representava juntamente a seus descendentes perigo para Tibério. Indício desta tensão é que, em meio ao luto de Agripina no funeral do marido (Tac. *Ann.* 3.1), diz Tácito que Tibério não “dissimulava a suma alegria que tinha com a morte de Germânico” (Tac. *Ann.* 3.2), assim como sua mãe Lívia, e a amiga Plancina, também não lamentaram (Tac. *Ann.* 2.3). Sobre a rivalidade de Tibério com Agripina, particularmente, Tácito diz:

nada chegou tanto ao vivo a Tibério como a extraordinária afeição que todos mostravam ter por Agripina: chamavam-na a glória da pátria, o único ramo do sangue de Augusto, e o único retrato dos belos costumes antigos; e erguendo as mãos para o céu e para os deuses, pediam-lhes, que conservassem ilesos seus filhos, e os defendessem da maldade dos perversos⁵⁶⁶.

Em meio ao relato sobre o luto de Agripina, Tácito lembra que “o divino Júlio e o divino Augusto, os quais, apesar de ter o primeiro perdido sua filha única, e o segundo todos os netos, assim mesmo, ambos souberam limitar as suas mágoas”⁵⁶⁷, concluindo com a ideia

⁵⁶⁴ In: GILLESPIE, C. Agrippina the Elder and the Memory of Augustus in Tacitus' Annals. *Classical World*, n. 1, 2020, p. 69.

⁵⁶⁵ In: FOUBERT, L. Literary Constructions of Female Identities: The Parallel Lives of Julio-Claudian Women in Tacitus' Annals. *Studies in Latin Literature and Roman History*, v. 15, 2010, p. 345.

⁵⁶⁶ (...) *nihil tamen Tiberium magis penetravit quam studia hominum accensa in Agrippinam, cum decus patriae, solum Augusti sanguinem, unicum antiquitatis specimen appellarent versique ad caelum ac deos integram illi subolem ac superstitem iniquorum precarentur.* (Tac. *Ann.* 3, 4).

⁵⁶⁷ *ut quondam divus Iulius amissa unica filia, ut divus Augustus ereptis nepotibus abstruserint tristitiam. nil opus vetustioribus exemplis, quotiens populus Romanus cladis exercituum, interitum ducum, funditus*

de que *principes mortalis, rem publicam aeternam esse*⁵⁶⁸. Tal ideia reafirma àquela apresentada por Tácito sobre um suposto sonho⁵⁶⁹ de Germânico com a avó, Lívía, e que traz a noção de que o destino correto e justo seria, com presságio do sacrifício do próprio Germânico, sua descendência herdar o que lhe é legítimo ter: o poder imperial. Este poder deveria ser legado pela figura de um de seus filhos, que acabou sendo Calígula, uma vez que Tibério combateu os demais concorrentes deste núcleo que o ameaçava, trazendo especificamente Calígula para o interior de sua casa em Capri⁵⁷⁰.

Sobre a ameaça e medo de manobras de Agripina que o imperador teria, Tácito fala que “Sejano, afirmava para Tibério estar já Roma dividida em partidos como nos tempos das guerras civis; e que mesmo havia já indivíduos que se intitulavam do partido de Agripina”⁵⁷¹. Sejano acumulou grande poder e influência, conspirando até contra o herdeiro de Tibério, Druso, e se colocava na competição pela sucessão imperial. Tácito afirmou que Agripina Maior lhe inspirava ódio⁵⁷². Sejano também quis se casar com a viúva de Augusto, Lívía. Segundo autor, Agripina Maior, já como grande rival de Lívía, sendo cultivada uma crescente inimizade entre as duas⁵⁷³, se opôs ao casamento, afirmando que o matrimônio causaria grande discórdia e novo partido na família dos Césares⁵⁷⁴. Importante notar que Sejano busca alcançar o poder se aliando a uma mulher importante, Lívila: filha do Druso, que era filho de Lívía e foi adotado por Augusto, então ela era neta de Augusto e Lívía, irmã de Germânico, além de viúva de Druso, filho de Tibério⁵⁷⁵. Ainda que Tibério tenha negado a aliança matrimonial de Sejano com esta sua

amissas nobilis familias constanter tulerit. principes mortalis, rem publicam aeternam esse. proin repeterent sollemnia, et quia ludorum Megalesium spectaculum suberat, etiam voluptates resumerent (Tac. Ann. 3, 6).

⁵⁶⁸ “Os príncipes eram mortais, mas que a república era eterna”. Cf. Tac. Ann. 3, 6.

⁵⁶⁹ Tac. Ann. 2, 14.

⁵⁷⁰ Cf: WINTERLING, A. *Caligula: a biography*. Berkeley: University of California Press, 2011 e LEVICK, B. *Tiberius the Politician*. London: Routledge, 1999.

⁵⁷¹ “(...) ao que se não se desse logo um pronto remédio, podia muito bem ter consequências funestas. Que não havia pois outros meios para abafar na sua origem estas discórdias senão castigar fortemente um ou outro chefe dos mais atrevidos”. Cf. Tac. Ann. 4, 17.

⁵⁷² Tac. Ann. 1, 69. Cf: “Discord in the state: Agrippina, Tiberius and Sejanus” em: BAUMAN, R. A. *Women and Politics in Ancient Rome*. London: Routledge, 1992, p. 143-145.

⁵⁷³ Tac. Ann. 4, 12.

⁵⁷⁴ Tac. Ann. 4, 40. Sobre Sejano, cf: BODDINGTON, A. Sejanus. Whose Conspiracy? *The American Journal of Philology*, v. 84, n. 1, 1963, p. 1-16; WOODMAN, A. J. Tiberius and the Taste of Power: The Year 33 in Tacitus. *The Classical Quarterly New Series*, v. 56, n. 1, 2006, p. 175-189 e BINGHAM, S. *The Praetorian Guard. A History of Rome's Elite Special Forces*. London, New York: I.B. Tauris, 2013.

⁵⁷⁵ Cf: WOOD, S. E. Vipsania Agrippina and Livilla I, the Women of the Family of Tiberius. In: WOOD, S. E. (ed.). *Imperial Women: A Study in Public Images, 40 B.C. - A.D. 68*. Leiden: Brill, *Mnemosyne Supplements*, v. 194, 2000, p. 177-202 e SINCLAIR, P. Tacitus' Presentation of Livia Julia, Wife of Tiberius' Son Drusus. *The American Journal of Philology*, v. 111, n. 2, 1990, p. 238-256.

nora viúva, é relatado o envolvimento amoroso entre os dois⁵⁷⁶. Bauman observa sobre esta possibilidade de laço matrimonial:

Tibério respondeu que o casamento dividiria a *Domus* em duas, desestabilizada pela rivalidade feminina que já acontecia. A esse respeito, Tácito observa que Livila foi pressionando Sejano a honrar sua promessa de casamento. Isto é uma referência a uma tradição muito difundida, segundo a qual Sejano havia decidido se livrar de Druso. Ele escolheu como aliada Livila, a quem seduziu com promessas de casamento e poder, e traçou uma conspiração contra Druso. Para dar crédito a sua promessa, Sejano se divorciou de sua esposa, Apicata. Oito anos depois, após a queda de Sejano, Apicata revelou a verdade em uma carta a Tibério. (...) Uma das características significativas do episódio é que Sejano, que não era amigo de nenhum dos Julianos, o que quer que fosse para Tibério, aliou-se a uma mulher Cláudia⁵⁷⁷.

Apesar de ter rivais como Lívía, Pláncina e Sejano, Agripina Maior tinha alianças em Roma, tendo alguns sofrido punições comandadas por Tibério devido à amizade com ela. Um exemplo é sua prima, Cláudia Pulcra, segundo Tácito, acusada de adultério apenas por compor força junto a Agripina. Cláudia Pulcra é outra figura de família muito importante e que se destacava pelo o potencial que podia trazer àqueles homens que a ela poderiam se associar⁵⁷⁸. Bauman apresenta alguns detalhes sobre o episódio:

em 26, Sejano impedindo uma solução dinástica para o problema de Agripina, voltou aos tribunais. Seu primeiro alvo foi Claudia Pulcra, neta de Otávia, prima em segundo grau de Agripina, e viúva de P. Quinctilius Varus que havia perdido um exército na Alemanha em 9 DC. Ela era descendente de Ap. Claudius, um dos amantes da Júlia, a Velha, o que é possível, mas não pode ser provado. Seu caso foi visto como o primeiro de uma série de eventos destinados a levar à queda de Agripina (Tac. *Ann.* 4.52.1; Suet. *Tib.* 53.1). O acusador de Claudia era

⁵⁷⁶ Cf: Vell. 2.97.3; Tac. *Ann.* 1.33.3, 2.82.3; Suet. *Claud.* 1.4 e BARRETT, A. *Livia, First Lady of Imperial Rome*. New Haven: Yale University Press, 2002, p. 42.

⁵⁷⁷ Cf: BAUMAN, R. A. *Women and Politics in Ancient Rome*. London: Routledge, 1992, p. 147. Sobre a carta de Apicata para Tibério, cf: Tac. *Ann.* 4.3, 4.8.1, 4.10–11; Suet. *Tib.* 62.1; Cass. Dio. 58.11.6–7; Plin. *HN.* 29.20.

⁵⁷⁸ Cf: McHUGH, M. R. *Ferox Femina: Agrippina Maior in Tacitus's Annales*. *Helios*, v. 39, n. 1, 2012, p. 85.

Cn. Domício Afer, que logo se tornaria o maior orador da época, e as acusações eram de *stuprum* com um certo Furnius, que se interessava por magia e tentava envenenar Tibério. (...) A sentença de Pulcra não está registrada, mas provavelmente foi banimento. Algum empreendimento tortuoso estava em andamento nos conselhos das *Partes Agrippinae*⁵⁷⁹.

Tácito narra: “Agripina, naturalmente violenta, e agora muito mais furiosa pelo perigo que corria a sua parenta, foi imediatamente falar com Tibério”⁵⁸⁰. Tácito sugere detalhes sobre o encontro:

(...) a quem por acaso encontrou fazendo um sacrifício a seu pai. Esta circunstância, inflamando ainda mais a sua cólera, rompeu então para com ele nas seguintes palavras: - E está bem ao mesmo homem sacrificar vítimas à divindade de Augusto, e perseguir ao mesmo tempo os seus descendentes? Ou está, por ventura, difundindo o seu espírito divino nessas estátuas insensíveis e mudar? Não: ele o está em mim, verdadeira imagem sua, e gerada de seu sangue celeste! Apesar disso, vejo-me agora indiretamente ameaçada, e exposta não só a todos os perigos, mas até à mesma ignomínia. Nem os crimes de Pulcra são mais do que um pretexto; porque o único e imperdoável, que ela tem cometido, é o mostrar-se indiscretamente minha amiga (...) ⁵⁸¹.

Gillespie propõe uma análise deste embate entre os dois personagens, o qual chama de “anedota”, nesta situação em que Agripina aborda Tibério em um ambiente privado enquanto ele cumpre seus deveres para com o primeiro imperador divinizado (Augusto). Segundo a autora, o culto privado de Tibério é separado de suas citações de Augusto como precedentes, sendo que Agripina repreende Tibério e insiste que ele reconheça a hipocrisia de suas ações, pois ele sacrifica a seu pai divinizado enquanto persegue seus descendentes: “ela o repreende por sua inconsistência e desafia Tibério em ambos os níveis, político e familiar, contestando sua comemoração do divino Augusto,

⁵⁷⁹ In: BAUMAN, op. cit., p. 147-148.

⁵⁸⁰ Tac. *Ann.* 4, 52.

⁵⁸¹ Tac. *Ann.* 4, 52.

bem como sua exibição de *pietas* para com um ancestral”⁵⁸². Gillespie ainda afirma que Agripina não negou a importância de atos de culto ou a presença de estátuas de culto, mas ela estaria argumentando que os descendentes de Augusto preservariam melhor seu sangue e imagem. Agripina, assim, insiste que a divindade de Augusto deve proteger seus descendentes e que, se Tibério reconhecesse Augusto como divino, deveria seguir este preceito. Já Shannon-Henderson discutiu o episódio como um confronto da “complexa inter-relação entre a adoração do imperador morto, a competição entre seus descendentes e o uso do aparato de culto de Augusto para homenagear membros vivos da família imperial”⁵⁸³.

No relato deste encontro conflituoso entre Agripina Maior e Tibério, ela já se apresenta na narrativa taciteana como completamente imoderada, movida pelo desejo de poder. Neste sentido Bauman observa que Tácito, “embora geralmente simpatize com a causa dela, ele não hesita em enfatizar suas *atrocitas*, sua 'dureza', bem como sua excitabilidade”⁵⁸⁴. Tácito apresentou a resposta repreendedora que o imperador teria dado a ela, em grego: “que o não reinar era toda a sua ofensa”⁵⁸⁵. Agripina, em tom apelativo e, talvez, dissimulando ameaça, teria dito a Tibério:

que se compadecesse do seu estado de viúva; que lhe faliu desse um marido, porque ela ainda estava em idade de casar-se; que as mulheres honestas não podiam encontrar outras consolações senão no matrimônio; e que na cidade havia muitas pessoas que de boamente se quereriam encarregar da mulher e dos filhos de Germânico⁵⁸⁶.

McHugh observa que, para Tácito, este confronto de Agripina com Tibério marcou o início do fim, pois “sua oposição ao príncipe era simplesmente aberta demais, especialmente porque ela o lembrou de que, ao contrário de Tibério, era uma descendente legítima de Augusto, e não uma herdeira adotiva, e que ela e seus descendentes representavam uma séria ameaça ao mandato de Tibério”. A autora argumenta que essa passagem nos aproxima de uma apreciação de uma característica que Agripina possuía:

⁵⁸² In: GILLESPIE, C. Agrippina the Elder and the Memory of Augustus in Tacitus' Annals. *Classical World*, n. 1, 2020, p. 73

⁵⁸³ In: SHANNON-HENDERSON, K. E. *Religion and Memory in Tacitus' Annals*. Oxford: OUP Oxford (Oxford Classical Monographs), 2019, p. 194-195.

⁵⁸⁴ BAUMAN, op. cit., p. 149.

⁵⁸⁵ Tac. *Ann.* 4, 52.

⁵⁸⁶ Tac. *Ann.* 4, 52; 53.

“sua franqueza, que, além de sua inegável *pudicitia, fecunditas, constantia e fides*, Tácito talvez admirasse, mas também reconhecesse como um comportamento perigoso sob o reinado de um tirano”. A autora ainda sintetiza a recepção dos estudiosos sobre essa “franqueza” de Agripina:

Agripina não tinha medo de falar o que pensava. Na verdade, ela parecia incapaz de enganar ou dissimular. Os estudiosos modernos interpretaram isso como um traço positivo ou negativo. Por exemplo, enquanto Gunhild Vidén vê isso como evidência da honestidade de Agripina, Barbara Levick critica a perspicácia política de Agripina como ‘inadequado às suas necessidades’. O destino final de Agripina parece corroborar com a avaliação de Levick. Mas em um ambiente em que, como descreve Mellor (1994, 52), Tácito via claramente a lisonja e a bajulação para com os que estão no poder como a fonte da corrupção de todos os relacionamentos, a sinceridade de Agripina e a oposição franca ao *princeps* eram louváveis, embora talvez imprudentes⁵⁸⁷.

Sobre Agripina ser incapaz de dissimular, é interessante notar que Tácito (*Ann.* 4.45) a descreve como *simulatorum nescia*, ou seja, incapaz de enganar, e incapaz de disfarçar seu tom de voz ou maneira enquanto jantava em um banquete depois que Sejano avisou-a de que Tibério pretendia envenená-la. Agripina rejeitou a fruta oferecida por Tibério e, ao fazê-lo, ofendeu ao imperador.

Tácito relata a resposta de Tibério ao pedido de Agripina Maior: “o César, que bem conhecia toda a importância desta petição, e não lhe queria dar a saber nem os seus receios, nem os seus ressentimentos, calou-se, e se retirou sem lhe dar a resposta que ela com tanta instância lhe pedia”⁵⁸⁸. O autor ainda diz que a circunstância não foi relatada por nenhum historiador e que encontrou nos “comentários de sua filha Agripina [Menor], que depois foi a mãe de Nero, e escreveu a sua vida, assim como os sucessos de toda a sua família”⁵⁸⁹. Bauman nota sobre isto que, provavelmente, esse relato das memórias “não escondam o lado mais forte de sua personagem; a explosão em relação a Claudia

⁵⁸⁷ In: McHUGH, M. R. *Ferox Femina: Agrippina Maior in Tacitus's Annales*. *Helios*, v. 39, n. 1, 2012, p. 85. Cf: VIDÉN, G. *Women in Roman Literature. Attitudes of Authors under the Early Empire*. Göteborg: *Acta Universitatis Gothoburgensis (Studia Graeca et Latina Gothoburgensia, LVII)*, 1993, p. 108; LEVICK, B. *Tiberius the Politician*. London: Routledge, 1972, p. 172 e MELLOR, R. *Tacitus*. New York, London: Routledge. 1994, p. 52.

⁵⁸⁸ Tac. *Ann.* 4, 53.

⁵⁸⁹ Tac. *Ann.* 4, 53.

Pulcra ocorre imediatamente antes do pedido de casamento em Tácito e pode muito bem voltar para a mesma fonte”⁵⁹⁰. Segundo Bauman, há suposições de que o marido específico a quem Agripina tinha em mente era C. Asínio Galos que, de acordo com o autor, possuía alta qualificação para a posição. Sobre Asínio Galo como potencial marido de Agripina, Bauman afirma que ele havia sido mencionado por Augusto “como possível, embora inadequado, candidato ao trono”. Ainda sobre Asínio Galos, Bauman nota que ele tinha casado com a esposa divorciada de Tibério, que era meia-irmã de Agripina, Vipsania, e que também “colocou lenha nas chamas ao se comportar provocativamente para Tibério (...) desde a morte de Vipsania em 20, ele estava disponível para um novo casamento”⁵⁹¹. Definitivamente, uma nova aliança matrimonial entre Agripina Maior e um homem importante representava enorme perigo para Tibério.

Em Suetônio, coincide as palavras que Tibério teria dito: “Crês-te ofendida, filhinha, *por não dominares?*”⁵⁹². Diz Suetônio que o imperador parou de falar com ela e de convidá-la para comer, pois ela recusava os alimentos, com medo de ser envenenada e a baniu para a ilha Pandatária, ainda mandando um centurião espancá-la e arrancar-lhe um olho. Ela quis morrer de fome, mas ele mandou que ela fosse alimentada à força. Perseguindo-a, fez o dia de seu nascimento nefasto⁵⁹³. Ginsberg observa que Agripina teve seu enterro negado no Mausoléu de Augusto e seu aniversário declarado *dies nefastus*. Ginsberg e outros sugerem que estátuas contemporâneas podem ter sido removidas ou destruídas⁵⁹⁴.

Já Tácito diz que Sejano, instigando a rivalidade de Agripina por Tibério, teria feito Agripina pensar que Tibério estaria conspirando contra ela planejando um envenenamento⁵⁹⁵. Assim, o autor narra uma situação em que Agripina teria recusado comer um fruto que o imperador lhe deu, dissimulando ao aceitar o presente, e depois o entregando aos escravos. É relatado, neste contexto que “Tibério disse para Lúvia: ‘que a ninguém já poderia causar admiração se o vissem tratar com mais rigor uma mulher, que

⁵⁹⁰ In: BAUMAN, op. cit., p. 149.

⁵⁹¹ In: BAUMAN, op. cit. 1992, p. 149.

⁵⁹² Suet. *Tib.* 3.53. Cf: MCHUGH, op. cit., p. 85.

⁵⁹³ Suet. *Tib.* 3.53.

⁵⁹⁴ Cf: GINSBERG, L. D. *Staging Memory, Staging Strife: Empire and Civil War in the Octavia*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2017, p. 170. Ver também: WOOD, S. E. *Memoriae Agrippinae: Agrippina the Elder in Julio-Claudian Art and Propaganda*. *American Journal of Archaeology*, v. 92, n. 3, 1988, p. 409-426; VARNER, E. Portraits, Plots, and Politics: *Damnatio Memoriae* and the Images of Imperial Women. *Memoirs of the American Academy in Rome*, v. 46, 2001, p. 62 e GILLESPIE, C. Agrippina the Elder and the Memory of Augustus in Tacitus’ Annals. *Classical World*, n. 1, 2020, p. 78.

⁵⁹⁵ Cf: WOOD, S. *Memoriae Agrippinae: Agrippina the Elder in Julio-Claudian Art and Propaganda*. *American Journal of Archaeology*, v. 92, n. 3, 1988, p. 424.

publicamente estava dando a entender que ele a queria envenenar”⁵⁹⁶. Destacamos que há um paralelismo entre os ataques de Tibério a Agripina Maior e Nero a Agripina Menor. Ambos buscam construir uma narrativa de rebaixamento de suas vítimas e que seu controle ou mesmo eliminação seriam uma demanda do interesse público, da salvação do estado, frente a mulheres perigosas e imoderadas. Considerando estas aproximações, Wood destaca um paralelismo entre a mãe, Agripina Maior e a filha, Agripina Menor, ao comentar esta passagem sobre Agripina Maior recusar a comida em jantar com Tibério:

ela, portanto, recusou comida em um banquete de estado, ofendendo gravemente Tibério em uma ocasião pública. Não é difícil imaginar paralelos próximos para todos esses eventos na vida de Agripina Menor durante qualquer um dos dois períodos em que ela pode ter escrito essas memórias. Uma mulher que se orgulhava de sua descendência de Augusto, mas que se acreditava perseguida pelo imperador reinante, uma viúva solitária e sem amigos, vulnerável às maquinações daqueles que gozavam do favor do imperador: essa era a imagem de si mesma que Agripina Menor poderia desejar promover. A crítica que Tibério dirigiu à mãe dela, *non ideo laedi, quia non regnaret*, ou palavras de efeito semelhante, também pode ter sido dirigida em algum momento a ela⁵⁹⁷.

Um aspecto desse contexto de disputa entre Agripina e Tibério é indicado por uma menção que Tácito faz de uma preferência de Agripina Maior por seu filho Nero César em vez de Druso, enquanto Sejano favorecia este segundo⁵⁹⁸. O autor coloca Agripina e Nero como vítimas públicas e insidiosas de Sejano⁵⁹⁹. Sobre este momento, Bauman observa que Tibério retirou-se para Capri, deixando Sejano livre, sendo que este, a partir de então, “começou a minar Nero César, jogando com o ciúme de Druso do irmão mais velho, que era o favorito de Agripina. Também se fala da esposa de Nero, Júlia, agindo como uma 'informante' em nome de Livila e Sejano (Tac. *Ann.* 4.59-60)”⁶⁰⁰. Porém, de acordo com o autor, tais informações não são “nada mais do que ruído (...) o próximo grande desenvolvimento foi o caso de Titius Sabinus, um dos pontos focais de Tácito para

⁵⁹⁶ Tac. *Ann.* 4.54.

⁵⁹⁷ In: WOOD, S. E. op. cit., p. 424.

⁵⁹⁸ Tac. *Ann.* 4.60.

⁵⁹⁹ Tac. *Ann.* 4.67.

⁶⁰⁰ In: BAUMAN, R. A. *Women and Politics in Ancient Rome*. London: Routledge, 1992, p. 149.

o ataque às *Partes Agrippinae* (..) o caso chegou ao auge em 1º de janeiro, 28, após um longo período de preparação”⁶⁰¹. Tácito também relata uma fala de Tibério sobre seus inimigos lhe armarem traições e sobre o risco de vida que corria com referência a Nero e Agripina⁶⁰².

A oposição de Tibério tão declaradamente pública foi demonstrada por sua ausência no funeral de sua mãe, Lívia. Contudo, Barrett, comenta a ausência de Tibério no funeral, de forma que não reconhece tal ação de Tibério como indício de forte oposição em relação a mãe, ainda que em momento de sua morte. De acordo com o autor, os arranjos foram providenciados pelo o imperador:

de fato, a cerimônia foi adiada por alguns dias porque, segundo Suetônio, o imperador tinha a perspectiva de comparecer. Não era para ser, e a natureza acabou ditando o cronograma. O corpo começou a se decompor e o funeral teve que acontecer, com ou sem Tibério. Tácito dá a entender que ele não estava disposto a desistir dos confortos de Capri para se dar ao trabalho de se despedir de sua mãe, e que ele simplesmente escreveu para dizer que a pressão dos assuntos de estado impediu sua presença. (...) Tibério organizou à revelia os ritos públicos, com as tradicionais procissões com máscaras mortuárias ancestrais⁶⁰³.

Nesta ocasião do funeral de Lívia, o bisneto C. César Calígula, ou seja, o filho de Agripina Maior, fez o elogio fúnebre a Lívia⁶⁰⁴. Barrett comenta que a escolha por Calígula fazer o discurso seguia a tradição romana de um jovem da família proferir tal discurso e destaca que Calígula tinha habilidades oratórias destacadas, tendo quando criança feito um discurso para um povo da Ásia Menor⁶⁰⁵. Contudo, em nossa opinião, a análise do autor deixa de lado o que poderia significar, para Tibério, esta escolha por Calígula em sua ausência, considerando o contexto mais amplo em que a mãe, Agripina Maior, juntamente dos filhos, incluindo Calígula, são considerados inimigos por Tibério e seus concorrentes em meio as disputas pelo poder e sucessão imperial. Portanto, é relevante que Tibério não compareceu ao funeral, além de não recomendado a apoteose

⁶⁰¹ Ibid., p. 149.

⁶⁰² Tac. *Ann.* 4.70.

⁶⁰³ In: BARRETT, A. A. Tacitus, Livia and the evil stepmother. *Rheinisches Museum für Philologie, Neue Folge*, 144. Bd., H. 2, 2001, p. 216.

⁶⁰⁴ Tac. *Ann.* 5.6.

⁶⁰⁵ Cf: BARRETT, op. cit., p. 216.

da mãe e, como vimos anteriormente na análise sobre Lúvia, também advertiu sobre adutores de mulheres⁶⁰⁶.

Além disso, Tácito mencionou a existência de uma carta de Tibério para Agripina e Nero, que não teria sido enviada anteriormente por respeito a Lúvia⁶⁰⁷. Em meio à disputa, Tibério acusou Nero de obscenidade, porém, segundo Tácito, o povo estaria a favor de Nero, tendo carregado imagens dele em procissão⁶⁰⁸. Contudo, ao mesmo tempo, cercavam a cúria também a favor de Tibério⁶⁰⁹. Bauman diz que “em 27, então, Tibério escreveu ao senado acusando Nero de homossexualidade e Agripina de desobediência e insubordinação. Não houve, Tácito especialmente observa, nenhuma menção de rebelião”⁶¹⁰. O termo homossexualidade, empregado por Bauman, não é adequado, considerando que o que Tácito diz é *procacius libidinem ingeniorum* e, sobretudo, que este é um conceito que não existia na Antiguidade, mas um conceito moderno criado a partir dos discursos médicos do século XIX⁶¹¹.

Segundo Tácito, os manifestantes descreditando esta carta, que diziam ser falsa, diziam que não era a vontade do príncipe perder toda a sua família. Já a ira contra Sejano é aumentada. Ainda assim, Tibério renova e reforça as acusações contra Agripina e Nero (Tac. *Ann.* 5. 5). Bauman observa que o senado se reuniu para considerar a carta em uma atmosfera de extrema tensão ou, de acordo com o autor, “de quase anarquia”⁶¹². Segundo o autor, nesta manifestação violenta realizada em frente a porta do senado, enquanto manifestantes carregavam imagens de Agripina e Nero, outros expressavam sua lealdade a Tibério, gritando que a carta supostamente vinda de Tibério era uma falsificação, pois o imperador não poderia favorecer a destruição de sua *Domus*. De acordo com Bauman, o senado foi suspenso sem que fosse tomada uma decisão e Tibério emitiu um decreto repreendendo a população⁶¹³. Além disso, Bauman aponta que ele censurou o senado por não agir de acordo com sua carta, apontando que o atraso aumentou a agitação e expôs a majestade imperial ao ridículo. Ele também ordenou que todo o caso fosse reservado para sua decisão⁶¹⁴.

⁶⁰⁶ Tac. *Ann.* 5.2.

⁶⁰⁷ Tac. *Ann.* 5.3.

⁶⁰⁸ Tac. *Ann.* 5.4.

⁶⁰⁹ Tac. *Ann.* 5.4.

⁶¹⁰ In: BAUMAN, R. A. *Women and Politics in Ancient Rome*. London: Routledge, 1992, p. 151.

⁶¹¹ SILVA, Semíramis C. Identidade cultural e gênero no Principado romano: uma proposta de análise interseccional das representações do imperador Heliogábalo (século III E.C.). Rio de Janeiro: *Phônix*, v. 24, n. 2, 2018, p. 166.

⁶¹² BAUMAN, op. cit., p. 152.

⁶¹³ Ibid., p. 152.

⁶¹⁴ Ibid., p. 152 e Tac. *Ann.* 5.4.5, 5.5.1.

Segundo Tácito, “se espalhou um rumor de que a morte de Agripina Maior tinha sido decidida, porém que o César, receando a presença dos romanos, procurava solidão para aí executar este crime”⁶¹⁵. Porém, estes não são punidos com “penas capitais”, ocorrendo o desterro para a ilha Pandatária, mas o trecho de Tácito referente a tal desfecho foi perdido. Assim, há a primeira lacuna do texto, referente a três anos: parte do ano de 782, todo o ano de 783 e quase todo o de 784. Neste tempo, houve o desterro de Agripina Maior para a ilha de Pandatária e o de seu filho, Nero, para a ilha Pôncia, onde morreu de fome, além da condenação de seu irmão, Druso, que foi morto nos fundos do palácio. Também ocorreu a prisão de Galo e a conspiração de Sejano, que caiu em desgraça arrastando consigo Lívila, sua cúmplice, e seus filhos, sendo que Tibério havia prometido a mão dela a Sejano. Bauman comenta as penas sofridas por Agripina e também Nero:

(...) sabemos que Nero foi julgado, declarado inimigo público e exilado na ilha de Pôncia, onde foi levado ao suicídio em 31. Pode-se supor com segurança que seu julgamento e o de Agripina foram realizados perante o senado em Roma; embora Tibério tenha conduzido alguns julgamentos em Capri, esses réus em particular eram perigosos demais para arriscar o transporte. (...) Tibério reivindicou o crédito por não tê-la estrangulado ou expulso nas Escadas Gemônias, como aconteceu com Sejano. O senado votou agradecimento por este ato de clemência, acrescentou o aniversário de Agripina aos dias de mau agouro e votou um sacrifício anual a Júpiter no aniversário de sua morte⁶¹⁶.

Apesar da lacuna no texto taciteano, também sabemos do destino de Agripina Maior por outras partes do relato da obra, quando o autor fala sobre a morte de Druso. Ele relata que Druso, em suas últimas palavras, teria acusado Tibério de ter assassinado a nora, entre outros males que causou a família⁶¹⁷. Além disto, o autor também fez uma consideração sobre a morte de Agripina Maior, falando sobre ela: “altiva por caráter, e grandemente ambiciosa, trocou sempre os vícios e apetites das mulheres pelos brios e sentimentos varonis”⁶¹⁸. De acordo com Bauman, “o banimento de Agripina e Nero sinalizou o fim latente das *Partes Agrippinae*. Seu filho mais novo, Druso, foi preso e acabou sendo acusado e declarado *hostis*, finalmente morrendo de fome em 33, pouco

⁶¹⁵ (...) *inde rumor parari exitium neque id imperatorem palam audere, secretum ad perpetrandum quare* (Tac. Ann. 4.54).

⁶¹⁶ In: BAUMAN, op. cit p. 152, 153.

⁶¹⁷ Tac. Ann. 6.24.

⁶¹⁸ (...) *sed Agrippina aequi impatiens, dominandi avida, virilibus curis feminarum vitia exuerat* (...). (Tac. Ann. 6, 25).

antes de Agripina”⁶¹⁹. Ela morreu no mesmo dia em que, dois anos antes, Sejano foi executado, de modo que foi decretado que na época dessas duas mortes, fosse feita oferta a Júpiter⁶²⁰. A data seria dia 15 antes das calendas de novembro: 18 de outubro. Além disso, Tácito diz que a morte de Agripina trouxe a de Plancina, que acusada de crimes evidentes, matou-se, tendo sido casada com Cn. Pisão, que também caiu em desgraça. Plancina era protegida de Lívia, mas tinha inimizade com Agripina Maior⁶²¹. Já Suetônio, relata que após a condenação de sua nora e netos, só viajavam acorrentados e que Tibério a baniou para a ilha Pandatária⁶²². Na ilha, também segundo Suetônio, Tibério teria dado ordens de ela fosse espancada e que tivesse um olho arrancado, ela tentou matar-se de fome, mas ele mandou que fosse alimentada a força. Suetônio diz que Tibério fez o dia de seu nascimento se tornar nefasto⁶²³. Bauman nota, sobre a morte de Agripina Maior:

ela não foi declarada *hostis*, ou inimiga do estado, como Nero havia sido, mas isso não prova uma percepção menos séria de seu papel. Era simplesmente que tal declaração não era competente contra uma mulher. Como diz Tácito, uma mulher não poderia ser acusada de almejar o poder supremo — *occupandae rei rublicae* (Tac. *Ann.* 6.10.1). Então eles fizeram a próxima melhor coisa⁶²⁴.

É importante notar que o argumento de punição comandada por Tibério decorre de um entendimento de que Agripina e sua descendência era uma ameaça ao Estado e não a ele mesmo, que tentava construir uma imagem elevada de si rebaixando a desta mulher. Contudo, Agripina representava, ela em si, perigo para Tibério por ser descendente de Augusto e por suas virtudes, amplificadas com o matrimônio com Germânico. Portanto, a percepção de que Agripina representava ameaça pública, assim como Lívia, parece ser também a visão de Tácito sobre a personagem. Apesar das variações e ambiguidades, caracterizando elogios e desaprovações, Tácito apresenta uma visão crítica sobre mulheres que buscaram a promoção de sua descendência invadindo e desequilibrando a esfera pública e política.

⁶¹⁹ In: BAUMAN, op. cit, p. 152-153. Ver também: LEVICK, B. *Tiberius the Politician*. London: Routledge, 1999.

⁶²⁰ Tac. *Ann.* 6.25.

⁶²¹ Tac. *Ann.* 6.26.

⁶²² Suet. *Tib.* 3.64.

⁶²³ Suet. *Tib.* 3.53.

⁶²⁴ BAUMAN, op. cit., 1992, p. 153.

2.3 Conclusões

Concluimos que há variações das representações taciteanas de Lívía e Agripina e tais variações dentro da narrativa atravessam os mesmos temas apresentados por meio de personagens livianas, em especial, Tanaquil e Túlia. Ambas as imperiais apresentam alterações e ambiguidades em seus retratos, de esposa exemplar, dotada de virtudes associada a ascendência e ao matrimônio elevado, até a caracterização de imperatriz e madrasta assassina, ou mãe injusta, tomada por vingança e ambição e que busca incessantemente a ascensão dos filhos ao poder. Ainda quando é este o resultado, essas figuras são representadas extrapolando seus lugares como mães e competindo por poder.

As imprecisões nas suas caracterizações confirmam o que temos indicado sobre a flexibilidade dos *exempla* e demonstram como situações éticas criam diferentes contextos e contornos para um mesmo *exemplum*. Neste sentido, percebemos que há uma variabilidade sobre quais ações em situações morais são criticadas ou não na narrativa antiga, dependendo da situação em que tais mulheres são colocadas. Por exemplo, vimos que a atuação de Agripina Maior no exército não é alvo de crítica por Tácito, ao passo em que as intervenções de Lívía e Tanaquil em momento da morte de seus maridos parecem apontar para o tema do excesso de atuação feminina, que atinge a esfera pública, e o excesso de ambição pessoal dessas personagens. A alteração dessas representações modela a fama que é construída e transmitida sobre elas, de acordo com as variações que são traçadas na narrativa sobre o comportamento moral de cada uma. Além disso, essas variações possibilitam que consideremos os retratos dessas mulheres imperiais, assim como as mulheres semi lendárias em Lívio, como *exempla*, e que se conectam a este repertório exemplar feminino mais amplo, especialmente o de Lívio.

Os *exempla* das rainhas Tanaquil e Túlia, bem como os retratos de Lívía e Agripina nas obras de Tácito e Suetônio evidenciam a atuação de mulheres proeminentes, que teriam buscado e conseguido um grande poder de intervenção na esfera pública, motivado, sobretudo, em suas ambições pessoais. No caso das imperiais, elas se promoveram na *Domus Caesaris*. Muitas vezes, autores antigos, neste caso, Tácito especialmente, reprovam esse poder que seria excessivo e que teria ainda implicações para fora da *Domus* e que seria negativo para um bem-estar público de Roma, pois baseia-se em uma ambição pessoal e não reflete uma lealdade esperada em relação a Roma. Para o contexto imperial, tais representações literárias trazem inúmeros indícios de uma nova dinâmica, viabilizada pela novidade da *Domus caesaris*, entre os espaços privados e

públicos e, principalmente, sobre a atuação feminina nesses espaços. Esta é a conclusão, por exemplo, considerada a acusação de Lúvia tentar partilhar com Tibério o Império ao lhe dar conselhos e de Agripina Maior ao competir com o imperador Tibério para promover seus filhos, causando comoção pública em seu próprio favor. O gerenciamento de Lúvia dentro da *domus* extrapola funções doméstica e alcança funções políticas, sobretudo em situações de crise, como na morte de Augusto. Os retratos tanto de Lúvia como de Agripina Maior, são formados combinando essas personagens em arranjos específicos, alterando as imagens de cada uma delas e permitindo leituras diversas, o que as compõem como *exempla*, bem distante de uma visão prescritiva ou de uma simples oposição entre positivo e negativo, virtuoso ou indigno, bem e mal etc. Defendemos que esses retratos são construídos também em dependência da interação com personagens masculinas. Quando a interação delas concentra-se em personagens elevados, como os maridos Augusto e Germânico, suas caracterizações também são elevadas. Mas, quando a interação central passa a ser com Tibério e outras personagens as quais se associam contra o imperador, a representação sobre elas se altera.

O tema dessa interferência pública prejudicial ao equilíbrio público é tema central na representação também das rainhas em Lúvio. Horácia, como destacamos, é uma precedente imediata das rainhas na narrativa e, semelhantemente ao episódio de Tarpéia e das sabinas, apresenta como o tópico da lealdade a Roma está no seio da temática da atuação pública feminina. Neste sentido, a ambição pessoal exacerbada percebida nas rainhas distancia-se de um comprometimento com o bem público, expresso pela lealdade a comunidade.

As acusações de que as rainhas promoveram homens, maridos ou protegidos ao poder, de forma desequilibrada baseada em interesses privados, em uma ambição desequilibrada e que ocasiona assassinatos e consequências cruéis, são repetidas nos casos de Lúvia e Agripina Maior, que tomamos como *exempla*. Como no caso destas últimas, as lições sobre as rainhas não são óbvias, mas sugerem uma reflexão sobre os danos desse tipo de agência feminina dentro da história romana narrada pelos historiados antigos.

A partir da narrativa dos eventos que envolvem essas mulheres, foi possível refletir sobre diferentes aspectos relacionados à dimensão ética da exemplaridade romana, indicando a importância da atuação dos *exempla* na construção da fama de Lúvia Drusila e Agripina Maior e dos tópicos que as conectam e formam os *exempla* das rainhas da dinastia estrangeira. Estes casos demonstraram que *exempla* são fundamentais para

entendermos os múltiplos perfis ou diferentes momentos morais traçados pelos autores para uma mesma figura feminina imperial. Ou seja, as composições dos retratos das personagens dependem das situações éticas que elas são inseridas e que formam os *exempla*, e que devem ser interpretadas considerando-se um repertório mais amplo de *exempla* femininos, que possuem temas e tópicos que se repetem e se associam, por exemplo, a lealdade a cidade, a promoção de homens ao poder pela mão de mulheres, e a ambição descontrolada de esposa e mães.

Portanto, concluímos que as representações dessas figuras imperiais analisadas estão em diálogo com a tradição exemplar de Lívio e se colocam especialmente próximas das figuras das rainhas romanas, apresentadas por Lívio como precedentes diretas das mulheres imperiais. Em nossa visão, os *exempla* das rainhas de Lívio transmitiram uma ideia de legado moral maléfico para esfera pública e que guiaram a decadência moral em Roma, com essas rainhas sendo precedentes diretas do Império e suas mulheres.

Considerações finais

Esta tese foi um estudo de alguns dos *exempla* femininos da obra *Annales*, de Tácito e *Ab urbe condita*, de Tito Lívio, que foram correlacionados por meio das tópicas que são recorrentes nos episódios relatados por estes autores, destacando-se a de intervenção pública e política feminina. Estes temas percebidos nos episódios constituem o que chamamos de repertório e integram a tradição exemplar a qual defendemos que ambos os autores se associam. Para a análise de tais episódios que envolveram as personagens de mulheres nas obras, utilizamos de um sistema analítico que incluiu os conceitos de *allelopoiesis*, *exemplum*, repertório e retrato. Além disso, as noções de *fama* e *pudicitia* foram centrais para a análise de alguns desses episódios e personagens. O escopo deste trabalho não esteve em todas as personagens femininas das duas obras estudadas ou em todos os episódios que elas participam, mas elegemos algumas delas e alguns episódios específicos para construirmos e apresentarmos nossas hipóteses.

Destacamos ao longo da tese o distanciamento temporal entre os autores estudados e o período sobre o qual escreveram, bem como a diferença temporal entre os dois, a fim de evidenciarmos o processo de *allelopoiesis*. Sobre este fenômeno, entendemos que a exemplaridade, como uma tradição que vincula os dois autores, se associa a construção mútua entre passado e presente dentro deste processo mais amplo da construção e transmissão da memória. Tal conceito foi originalmente desenvolvido por classicistas alemães e tem sido desenvolvido no Brasil no âmbito do grupo pesquisa ao qual nos vinculamos, o Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (LEIR-UFOP).

Na primeira parte da tese, discutimos dois eventos relacionados a Agripina Menor, descritos por Tácito, e o episódio de Tarpéia, relatado por Lívio. Essas histórias nos permitiram refletir sobre a construção da memória romana em torno desses eventos e como as representações dessas mulheres eram influenciadas pelo comportamento atribuído a elas em situações específicas. Essas representações eram flexíveis e sujeitas a mudanças ao longo do tempo, conforme a transmissão dos autores.

Esses eventos, incluindo o suposto incesto entre Agripina e Nero e o episódio de Tarpéia, eram rumores conhecidos durante o período em que essas figuras históricas viveram e continuaram a ser divulgados ao longo do período imperial e posteriormente. Ambos os eventos foram narrados de maneira ambígua e apresentavam diferentes interpretações, evidenciando o processo de disputa de memórias em torno deles.

Tanto Lívio quanto Tácito destacaram a natureza exemplar desses episódios e seu papel nas narrativas sobre a Roma antiga. No entanto, as obras não apresentaram visões unicamente negativas ou críticas objetivas em relação às ações de Agripina ou Tarpéia, mas estimularam um debate moral sobre os eventos. As narrativas desses *exempla*, dinâmicas e fluidas, adquiriram múltiplos significados em diferentes contextos e épocas.

Tácito retratou Agripina Menor de forma mais desfavorável do que outras mulheres imperiais, enfatizando sua ambição pelo poder e sua participação no assassinato de seu marido Cláudio. Sua disposição em aceitar a morte estava condicionada à ascensão de Nero ao poder imperial. Essa caracterização sombria sugere que ela buscava o poder para si mesma através de seu filho.

Demonstramos que a representação de Agripina por Tácito está relacionada a outras figuras femininas na história de Roma através do tópico da progenitura feminina, como Lavínia, Reia Sílvia e Aca Larência. Existe um tema recorrente de mulheres promovendo homens ao poder e exercendo influência em seu governo, com a maternidade assumindo lugar central. Neste sentido, os episódios analisados também abordam os vínculos familiares, alianças matrimoniais e o papel materno, destacando a importância da geração de filhos e a transmissão do poder.

Tanto Agripina quanto Tarpéia desempenham ações que vão além do papel esperado das mulheres, independentemente de visarem o bem público de Roma ou benefícios pessoais. Tácito critica a participação de Agripina no incesto, retratando-o como um mal público e um precedente para a transgressão feminina. Já Lívio retrata Tarpéia como uma traidora de Roma, em vez de uma heroína.

As representações literárias de Agripina e Tarpéia são influenciadas pelos retratos elaborados para cada uma delas, mas Agripina é retratada como a mais propensa ao incesto, em oposição ao seu filho, Nero. Constatamos que as críticas literárias às atuações femininas se intensificaram com o aumento da influência das mulheres na *Domus Caesaris*.

Em resumo, esses eventos e personagens revelam a dinamicidade da memória e a variedade de interpretações ao longo do tempo. As representações de Agripina Menor e Tarpéia variaram de acordo com o contexto histórico e a intenção do autor ao narrar um *exemplum*. É importante reconhecer essa complexidade ao analisar a construção da memória romana em torno de figuras femininas e considerar múltiplas perspectivas para uma compreensão mais abrangente de um repertório de personagens femininas.

A segunda parte da tese examinou o episódio de Virgínia, uma jovem capturada como escrava por um decênviro chamado Ápio Cláudio, que resultou em sua morte pelo próprio pai, Virgínio. Esse episódio foi comparado ao de Lucrecia, ambos retrataram mulheres ligadas à fundação de Roma que morreram defendendo o pudor feminino, ou *pudicitia*, ameaçado por homens tirânicos. Esses *exempla* foram vistos como precedentes morais construídos por Lívio e considerados em relação aos relatos posteriores sobre o período do Principado romano.

A discussão abordou o controle masculino e sua falta nas situações envolvendo mulheres, exemplificado também pelos casos de Cloélia e das mulheres sabinas. Essas personagens anteciparam o tema da intervenção feminina na narrativa liviana e destacaram a falta de controle masculino em relação ao feminino. As consequências das ações de Ápio foram exploradas, incluindo a revolta da plebe e a queda dos decênviros, levando a transformações políticas, como a nomeação de tribunos da plebe.

As mudanças nas magistraturas e a nomeação dos homens que tutelaram Virgínia apresentam lições sobre a manutenção do equilíbrio moral na esfera doméstica e pública. A atuação do pai de Virgínia em proteger sua filha e combater a tirania de Ápio Cláudio é considerada louvável por preservar a ordem pública e política, garantir a tutela e a ordem doméstica. Essa atuação contrasta com a falta de controle de Rômulo sobre sua esposa Hersília e com a atuação das sabinas, que agiram sem tutela masculina em busca da paz. O episódio de Virgínia, junto com Hersília, as sabinas e Cloélia, evidencia a importância da tutela masculina e suas consequências tanto na esfera doméstica quanto na pública.

Nesta tese, em sua terceira parte, examinamos as situações morais que envolvem as personagens das últimas duas rainhas em Lívio, em paralelo com situações morais das personagens Lívia e Agripina Maior no relato de Tácito sobre o Principado romano. Concluímos que essas situações através das quais os *exempla* são construídos revelam mais sobre as demandas de regulação e controle do comportamento feminino na época de início do principado do que sobre concepções morais de um passado distante. Ao analisar as representações de Lívia e Agripina Maior, em conexão com as últimas rainhas romanas apresentadas por Lívio, constatamos variações significativas nas narrativas taciteanas. Essas variações nas representações confirmam a flexibilidade dos *exempla* e como diferentes contextos éticos moldam um mesmo *exemplum*.

Identificamos um padrão de representação que retrata mulheres proeminentes, como Lívia e Agripina Maior, em busca e obtenção de poder na esfera pública, motivadas principalmente por ambições pessoais. Essa atuação é vista como excessiva e negativa

para o bem-estar público de Roma, de acordo com Tácito. Além disso, a interação dessas mulheres com figuras masculinas influencia suas caracterizações, resultando em retratos variados.

Observamos que a interferência pública feminina é um tema central na representação das rainhas em Lívio. A lealdade a Roma é essencial nesse contexto, e a ambição pessoal exacerbada é considerada prejudicial ao equilíbrio público. As acusações de promover homens ao poder com base em interesses privados, resultando em assassinatos e consequências cruéis, se repetem nos casos de Lúvia e Agripina Maior.

Ao examinar os eventos envolvendo essas quatro personagens, pudemos refletir sobre diferentes aspectos éticos da exemplaridade romana. A atuação dos *exempla* na construção da fama de Lúvia Drusila e Agripina Maior e os temas que as conectam às rainhas estrangeiras, Tanaquil e Túlia, são destacados. Compreendemos que as composições dos retratos das personagens dependem das situações éticas em que são inseridas, levando em consideração um repertório mais amplo de *exempla* femininos.

Concluimos que as representações das figuras imperiais estudadas estão em diálogo com a tradição exemplar de Lívio, especialmente com as figuras das rainhas romanas. Acreditamos que os *exempla* das rainhas de Lívio transmitiram a ideia de um legado moral maléfico para a esfera pública, antecipando as mulheres imperiais.

Referências Bibliográficas

Fontes Primárias:

- AUGUSTUS. *Res Gestae Divi Augusti*. Translated by Frederick W. Shipley. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1979.
- CAESAR. *The Gallic War*. Translated by H. J. Edwards. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1986.
- CASSIUS DIO. *Roman History*, V. IX. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- LÍVIO. *Ab urbe condita*. São Paulo: Editora Paumape, 1989.
- LIVY. *History of Rome*. Translated by B. O. Foster. Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1988.
- PLUTARCO. *Vida de Rômulo*. Tradução, introdução e notas de Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008.
- SUETÔNIO. *A vida dos doze césaes*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Introdução de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Ed. Germape, 2003.
- SUETONIUS. *The Lives of the Twelve Caesars*. Trad. GAVORSE, Joseph. New York: Modern library, 1931.
- TÁCITO. *Anais*. Trad. J. L. Freire de Carvalho. Prefácio de Breno Silveira. São Paulo: Ed. W. M. Jacksonville Inc, 1964.
- TACITUS. *Annals*. The Loeb Classical Library, 1962.
- TACITUS. *The Annals*. Translated by A.J. Woodman. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, 2004.
- VIRGÍLIO. *Eneida de Virgílio*. Trad. José Victorino Barreto Feio, José Maria da Costa e Silva; Org. Paulo Sérgio de Vasconcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. de Carlos Alberto Nunes; Org. João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2014.

Bibliografia:

- AGNOLON, Alexandre. *O Catálogo das Mulheres: os Epigramas Misóginos de Marcial*. São Paulo: Humanitas, 2010.
- AGNOLON, A. O artífice e o poeta: os epigramas plásticos-eróticos de Rufino e a emulação nas artes. *Classica*, v. 34, n.2, 2021, p. 1-20.

- ALEXANDRIDIS, A. *Exklusiv oder bürgernah? Die Frauen des römischen Kaiserhauses im Bild*. In: C. Kunst and U. Riemer (eds.). *Grenzen der Macht: Zur Rolle der römischen Kaiserfrauen*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2000.
- ARIETI, J. A. Rape and Livy's view of Roman History. In: DEACY, S; PIERCE, K. F (eds.). *Rape in Antiquity*. London: Duckworth, 1997, p. 209-222.
- ARRANZ, A. D. De Caya Cecilia (tanachvil) a Julia la Mayor: narrativas afectivas y patrimoniales. In: A. Domínguez Arranz, R.M^a Cid López, R.M^a Marina Sáez (eds.), *Madres y familias en la Antigüedad. Patronas femeninas en la transmisión de emociones y patrimônio*. Gijón: Editorial Trea, 2021, p. 133-149.
- AZEVEDO, Sarah F. L. de. *História, Retórica e Mulheres no Império Romano: um estudo sobre as personagens femininas e a construção da imagem de Nero na narrativa de Tácito*. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012.
- AZEVEDO, Sarah F. L. *O adultério, a política imperial e as relações de gênero em Roma*. FFLCH-USP (Tese de doutorado), São Paulo, 2017.
- AZEVEDO, Sarah F. L.; FAVERSANI, F. Interações pessoais e valores morais em Tácito: um estudo de algumas personagens femininas. In: (Org.) CANDIDO, M. R. *Mulheres na Antigüidade: novas perspectivas e abordagens*. Rio de Janeiro: UERJ/NEA, DG, 2012, p. 123-137.
- BADIAN, Ernst. *Calpurnius Piso Frugi, Lucius*. *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- BALDSON, J. P. V. D. *Roman Women: Their history and habits*. London: The Bodley Head, 1962.
- BALMACEDA, C. História exemplar: A competição na Historiografia romana. Mariana: *História da Historiografia*, v. 12, n. 29, 2019, p. 69-95.
- BALMACEDA, C. *Las mujeres de Livio: exempla, pasado y presente*. Vinã del Mar: Intus-legere historia, v. 14, n. 1, 2020, p. 168-189.
- BALMACEDA, C. *Virtus Romana: politics and morality in the Roman historians*. Chapel Hill, NC: The University of North Carolina Press, 2017.
- BARCHIESI, A. Exemplarity: Between Practice and Text. In: MAES, Y; PAPY, J; VERBAAL, W. (eds.). *Latinitas Perennis. Volume II: Appropriation and Latin Literature*. (Brill's Studies in Intellectual History), v. 178, Leiden: Brill, 2009, p. 41-62.
- BARRETT, A. A. *Agrippina: Sex, Power and Politics in the Early Roman Empire*. New Haven: Yale University Press, 1996.

- BARRETT, A. A. *Agrippina, Sister of Caligula, Wife of Claudius, Mother of Nero*. London: Batsford, 1996.
- BARRETT, A. A. *Livia, First Lady of Imperial Rome*. New Haven: Yale University Press, 2002.
- BARRETT, A. A. Tacitus, Livia and the evil stepmother. *Rheinisches Museum für Philologie, Neue Folge*, 144. Bd., H. 2, 2001, p. 171-175.
- BAROIN, C. Remembering One's Ancestors, Following in their Footsteps, Being Like Them. In: DASEN, V; SPÄTH, T. (eds.). *Children, Memory, and Family Identity in Roman Culture*. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 19-48.
- BARTSCH, S; FREUDENBURG, K; LITTLEWOOD, C. (eds.). *The Cambridge Companion to the Age of Nero*. 1. ed. New York: Cambridge University Press, 2017.
- BAUDOU, A. *Tarpéia. Traîtresse indo-européenne, héroïne pisonienne*. Cahiers des Études, *Anciennes*, v. 29, 1995, p. 81–89.
- BAUMAN, R. A. Tanaquil, Livia and the death of Augustus. *Historia*, v. 43, 1994, p. 177-188.
- BAUMAN, R. A. *Women and Politics in Ancient Rome*. London: Routledge, 1992.
- BEARD, Mary. Looking (harder) for Roman Myth: Dumézil, Declamation, and the problems of definition. In: *Mythos in mythloser Gesellschaft: Das Paradigma Roms*, edited by Fritz Graf. Stuttgart, Leipzig: Teubner, 1993, p. 44-64.
- BELLEMORE, J. When Did Valerius Maximus Write the *Dicta et Facta Memorabilia*? *Antichthon*, v. 23, 1989, p. 67-80.
- BELL, S; HANSEN, I. L. (eds.). *Role Models in the Roman World: Identity and Assimilation*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2008.
- BÉLO, T. P. As moedas das mulheres imperiais. *Mare Nostrum*, v. 11, n. 1, 2020.
- BÉLO, Tais Pagoto. Britannia: violência, poder e contato. Porto Alegre: *Anos 90*, v. 25, n. 47, 2018, p. 77-109.
- BELCHIOR, Y. K. Boatos, opinião pública e assassinatos políticos: o caso de Júlio César. *Codex: Revista Discente de Estudos Clássicos*, v.7, 2019, p.78 – 91.
- BÉLO, T. P. Octavia and Cleopatra among rivals. *Rev. Arqueologia Pública*, v. 16, n. 1, 2021, p. 26-48.
- BELCHIOR, Y. K. *Nero: Bom ou Mau Imperador? Retórica, Política e Sociedade em Tácito (54 a 69 d.C.)*. 1. ed. Curitiba: Editora Prismas, 2016.
- BELCHIOR, Y. K. Vencidos pela fama do não visto César: os boatos e a invasão de César à Itália em 49 a.C. *Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos*, v.13, 2019, p. 46-63.

- BENOIST, S. Women and *Imperium* in Rome. Imperial Perspectives. In: FABRE-SERRIS J; KEITH, A. (eds.) *Women and War in Antiquity*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2015, p. 266-288.
- BERGEMANN, L.; DÖNIKE, M.; SCHIRRMEISTER, A.; TOEPFER, G.; WALTER, M.; WEITBRECHT, J. Transformation: A Concept for the Study of Cultural Change. In: BAKER, P.; HELMRATH, J.; KALLENDORF, C. (eds.). *Beyond Reception: Renaissance humanism and the transformation of Classical Antiquity*. Berlin/New York: De Gruyter, 2019, p. 9-26.
- BINGHAM, S. *The Praetorian Guard. A History of Rome's Elite Special Forces*. London, New York: I.B. Tauris, 2013.
- BITARELLO, M. B. Etruscan Otherness in Latin Literature. *Greece & Roma, Second Series*, v. 56, n. 2, 2009, p. 211-233.
- BLOOMER, W. M. *Valerius Maximus and the Rhetoric of the New Nobility*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1992.
- BODDINGTON, A. Sejanus. Whose Conspiracy? *The American Journal of Philology*, v. 84, n. 1, 1963, p. 1-16.
- BOURDIEU, P. *Language and Symbolic Power*. Cambridge: Polity Press, 1991.
- BOURDIEU, P. *Masculine Domination*. Cambridge: Polity Press, 2001.
- BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. *Reproduction in Education, Society and Culture*. Second Edition, London: Sage Publications, 1990.
- BRADLEY, K. R. The Exemplary Pliny. In: DEROUX C. (ed.) *Studies in Latin Literature and Roman History* (Collection Latomus 323), v. XV, Bruxelles: Éditions Latomus, 2010, p. 384-422.
- BRANDÃO, J. L. O Principado de Augusto. In: BRANDÃO, José Luís (coord.); OLIVEIRA, Francisco de (coord.). *História de Roma Antiga: volume II: Império Romano do ocidente e romanidade hispânica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, p. 13 – 46.
- BRINTON, A. Cicero's Use of Historical Examples in Moral Argument. *Philosophy and Rhetoric*, v. 21, n. 3, 1988, p. 169-184.
- BRIQUEL, D. Les figures féminines dans la tradition sur les rois étrusques. *Comptes rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, v. 2, 1998, p. 397-414.
- BROWN, R. D. Livy's Sabine women and the ideal of *concordia*. *TAPhA*, v. 125, 1995, p. 291-319.

- BRUCE, W. *Libri Annales Pontificum Maximorum*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1999.
- BUCKLEY, E.; DINTER, M. (eds.). *A Companion to the Neronian Age*. 1. ed. Malden: Wiley-Blackwell, 2013.
- CAILLEUX, F. Tanaquil, Tullia and Damarata: Women Secretly Advising Kings in Livy's History of Rome and the Degradation of Monarchy. *Dialogues D'Histoire Ancienne*, v. 17, 2017, p. 487– 509.
- CALHOUN, C. G. Lucretia, Savior, and Scapegoat: The Dynamics of Sacrifice in Livy 1, 57– 59. *Helios*, v. 24, 1997, p. 151-69.
- CALAME, Claude. *Myth and History in Ancient Greece: The Symbolic Creation of a Colony*. tr. Daniel W. Berman. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2003.
- CARNEY, E. D; MÜLLER, S (eds). *The Routledge Companion to Women and Monarchy in the Ancient Mediterranean World*. London: Routledge, 2020.
- CARROLL, Maureen. Death and society: social and economic aspects of the death in the Roman world. In: *Mors omnibus instat. Aspectos arqueológicos, epigráficos y rituales de la muerte en el Occidente Romano*. Javier Andreu, David Espinosa y Simone Pastor (Cood.). Madrid: Liceus, 2011.
- CENERINI, F. *Julio-Claudian imperial women*. In: CARNEY, E. D., MÜLLER, S (eds.). *The Routledge Companion to Women and Monarchy in the Ancient Mediterranean World*. London: Routledge, 2020, p. 399-410.
- CHAMBERS, L. *Exemplarity in Early Imperial Rome: gendered usability and literary constructions of female exempla*. Manchester: University of Manchester. PhD diss. 2021.
- CHAMPLIN, E. *Nero*. 1. ed. Cambridge: Harvard University Press, 2003.
- CHAPLIN, J. D; KRAUS, C. S. (eds.). *Oxford Readings in Classical Studies: Livy*. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 297–320.
- CHAPLIN, J. D. *Livy's exemplary history*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2000.
- CHAPLIN, J. D. Livy's use of *exempla*. In: MINEO, B. (Ed.). *A Companion to Livy*. (Blackwell Companions to the Ancient World). New York: John Wiley & Sons Inc, 2014, p. 102-113.
- CHARLES, M. B. Nero and Sporus Again. *Latomus: Société d'Études Latines de Bruxelles*. T. 73, Fasc. 3, 2014, p. 667-685.
- CHARLESWORTH, M. P. Livia and Tanaquil. *The Classical Review*, v. 41, n. 2, 1927, p. 55-57.

- CHATELARD, A; STEVENS, A. *Women as legal minors and their citizenship in Republican Rome*. *Clio: Women, Gender, History*, n. 43, Gender and the Citizen, 2016, p. 24-47.
- CLAASSEN, Jo Marie. The Familiar Other: the pivotal role of women in Livy's narrative of political development in Early Rome. *Acta Classica*, n. 41, 1998, p. 71-103.
- COELHO, Ana Lúcia S. *As Metamorfoses de Nero: um estudo da construção da tradição literária sobre o último Júlio-Cláudio e o seu Principado (I-III d.C.)*. (Tese de Doutorado) PPGHIS-UFOP: Mariana, 2021.
- CORBIER, M. Male power and legitimacy through women: the *domus Augusta* under the Julio-Claudians. In: HAWLEY, Richard; LEVICK, Barbara. (eds.) *Women in Antiquity: New assessments*. London: Routledge, 1995, p. 178-193.
- CONRAU-LEWIS, Kyle J. (review) M. B. ROLLER. Models from the past in Roman culture: A world of *exempla*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018; R. LANGLANDS. Exemplary ethics in ancient Rome. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. London: *The Journal of Roman Studies*, v. 109, 2019, p. 1-3.
- CORNELL, T. J. Some observations on the 'crimen incesti'. In: *Le délit religieux dans la cité antique*, Rome: École Française de Rome, 1981, p. 27-37.
- CORNELL, T. J. *The Beginnings of Rome. Italy and Rome from the Bronze Age to the Punic Wars*: New York, London: Routledge, 1995.
- CORNELL, T. J. (ed.) *The Fragments of the Roman Historians*, 3 volumes. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- DENCH, E. *Empire and Political Cultures in the Roman World: Key Themes in Ancient History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- DENNISON, M. *Livia Empress of Rome. A biography*. New York: St. Martin's Press, 2010.
- DONALDSON, I. *The Rapes of Lucretia: A Myth and Its Transformations*. Oxford, New York: The Clarendon Press, Oxford University Press, 1982.
- DIXON, S. Rape in Roman law and myth. In: DIXON, S. (ed.). *Reading Roman Women: Sources, genres and real life*. London: Bristol Classical Press, 2001, 45-55.
- ELSNER, J. Constructing decadence: The representation of Nero as imperial builder. In: ELSNER, J; MASTERS, J. (eds.). *Reflections of Nero: Culture, History & Representation*. London: Duckworth, 1994, p. 112-130.
- ELSNER, J; MASTERS, J. (eds.). *Reflections of Nero: Culture, History & Representation*. London: Duckworth, 1994.

- EVANS, R. Learning to be Decadent: Roman Identity and the Luxuries of Others. *The Australian Society for Classical Studies*, v. 32, *Proceedings*, 2011, p. 1-7.
- FANTHAM, E; FOLEY, H. P; KAMPEN, N. B; POMEROY, S. B; SHAPIRO, H. A. *Women in the Classical World: image and text*. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- FANTHAM, E. *Julia Augusti, the Emperor's Daughter*. London, New York: Routledge, 2006.
- FAVERSANI, F; JOLY, F. D. Alexandre em Quinto Cúrcio e o Principado Romano: um estudo de allelopoiesis. Rio de Janeiro: *Phoênix*, v. 27, n. 2, 2021, p. 97-110.
- FAVERSANI, Fábio. Escrita da história e as histórias dos antigos. In: CERQUEIRA, F; GONÇALVES, A. T. M; MEDEIROS, E; BRANDÃO, J. L. (orgs.). *Saberes e poderes no mundo antigo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 19-34.
- FAVERSANI, F. *Estado e Sociedade no Alto Império Romano: Um Estudo das Obras de Sêneca*. 1. ed. Ouro Preto: EDUFOP, 2012.
- FAVERSANI, Fábio. *Gênero, documentos e interpretações: um estudo sobre Agrippina minor*.
- FAVERSANI, Fábio. *Quinquennium neronis* e a ideia de um bom governo. Rio de Janeiro: *Phoênix*, 2014, p. 158-177.
- FAVERSANI, Fábio. Tirano, louco e incendiário: BolsoNero. Análise da constituição da assimilação entre o Presidente da República do Brasil e o Imperador Romano como allelopoiesis. *História da Historiografia*. v. 13, n. 33, 2020, p. 375-395.
- FELDHERR, A. Livy's Revolution: civic identity and the creation of the *res publica*. In: HABINEK, T; SCHIESARO, A. (eds.). *The Roman Cultural Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, p. 136-157.
- FELDHERR, A. *Spectacle and Society in Livy's History*. Berkeley: University of California Press, 1998.
- FISCHLER, Susan. *Social Stereotypes and Historical Analysis: The case of Imperial Women at Rome*. In: *Women in Ancient Societies: an illusion of the night*. In: ARCHER, L. J; FISCHLER, S; WYKE, Maria. (eds.). London: The Macmillan Press, 1994.
- FLETCHER, J. *Situation Ethics: the new morality*. Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 1966.
- FLORY, M. *Abducta Neroni Uxor*: The Historiographical Tradition on the Marriage of Octavian and Livia. *Transactions of the American Philological Association*, v. 118, 1988, p. 343-359.

- FLORY, M. Livia and the History of Public Honorific Statues for Women in Rome. *Transactions of the American Philological Association*, v. 123, 1993.
- FLOWER, H. I. *Ancestor Masks and Aristocratic Power in Roman Culture*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- FRANK, R. I. Augustus' Legislation on Marriage and Children. *California Studies in Classical Antiquity*, n. 8, 1975, p. 41-52.
- FORNARA, C.W. *The Nature of History in Ancient Greece and Rome*. Berkeley: University of California Press. 1983.
- FORSYTHE, G. *Livy and Early Rome: A Study in Historical Method and Judgment*. Stuttgart: Steiner, 1999.
- FOUBERT, L. Literary Constructions of Female Identities: The Parallel Lives of Julio-Claudian Women in Tacitus' Annals. *Studies in Latin Literature and Roman History*, v. 15, 2010, p. 344–65.
- FOUBERT, L. Vesta and Julio-Claudian women in imperial propaganda. *Ancient Society*, n. 45, 2015, p. 187-204.
- FOX, M. *Roman Historical Myths: The Regal Period in Augustan Literature*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- FOX, M. *The Representation of the Regal Period in Livy*. In: MINEO, B. (ed.). *A Companion to Livy*. (Blackwell Companions to the Ancient World). New York: John Wiley & Sons Inc, 2015, p. 286-298.
- FRANK, R. I. Augustus' Legislation on Marriage and Children. In: BOUVRIE, S. Augustus' legislation on morals which morals and what aims? *Symbolae Osloenses, California Studies in Classical Antiquity*, n°8, 1975, pp. 41-52; n° 59, 1984, pp. 93-113.
- FURNEAUX, H. *The Annals of Tacitus*, v. 1, 2nd ed. Oxford: Oxford University Press, 1896.
- GALINSKY, K. *The Cambridge Companion to the age of Augustus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- GARDNER, J. F. *Women in Roman Law and Society*. Indiana: Indiana University Press, 1991.
- GARNSEY, P; SALLER, R. *The Roman Empire: Economy, Society and Culture*. London, New Delphi, New York, Sydney: Bloomsbury Publishing, 2ed, 2014.
- GIACOSA, G. *Women of the Caesars: Their Lives and Portraits on Coins*. Trans. R.R. Holloway. Milan: Edizioni Arte e Moneta, 1977.

- GILLESPIE, C. Agrippina the Elder and the Memory of Augustus in Tacitus' *Annals*. *Classical World*, n. 1, 2020, p. 59-84.
- GILLESPIE, C. Agrippina the Younger: Tacitus' *Unicum Exemplum*. In: KER, J; PIEPER, C. (eds.). *Valuing the Past in the Greco-Roman World. Proceedings from the Penn-Leiden Colloquia on Ancient Values VII*. Leiden, Boston: *Mnemosyne Supplements*, v. 369, p. 269-293.
- GILLESPIE, C. *Goddesses on Earth? Tacitus on Exemplarity and Excess in the Domus Augusta*. Philadelphia: University of Pennsylvania. PhD diss. 2012.
- GINSBERG, L. D. *Staging Memory, Staging Strife: Empire and Civil War in the Octavia*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2017.
- GINSBURG, J. *In maiores certamina: Past and Present in the Annals*. In: LUCE, T. J; WOODMAN, A. J. (eds.), *Tacitus and the Tacitean Tradition*. Princeton: Princeton University Press, 1993, p. 86-103.
- GINSBURG, J. *Representing Agrippina. Constructions of Female Power in the Early Roman Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GLINISTER, F. Kingship and tyranny in archaic Rome. In: LEWIS, S. (ed.). *Ancient Tyranny*. Edinburgh: Edinburgh University Press, p. 17-32.
- GLINISTER, F. Women and Power in Archaic Rome. In: CORNELL, T; LOMAS, K. (eds.), *Gender and Ethnicity in Ancient Italy*. London: Accordia Research Institute, 1997, p. 115–127.
- GODOLPHIN, F. R. B. A Note on the Marriage of Claudius and Agrippina. *Classical Philology*, v. 29, 1934, p. 143–145.
- GONÇALVES, Ana Teresa M. *A noção de propaganda e sua aplicação nos estudos clássicos: o caso dos imperadores romanos Septímio Severo e Caracala*. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.
- GOODYEAR, F. R. D. *The Annals of Tacitus: Books 1–6, Vol. 1: Annals 1.1–54, Cambridge Classical Texts and Commentaries*. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.
- GOWING, A. M. *Empire and Memory. The Representation of the Roman Republic in Imperial Culture*. Cambridge. 2005.
- GREEN, C. M. C. Claudius, kingship, and incest. *Société d'Études Latines de Bruxelles: Latomus*, T. 57, Fasc. 4, 1998, p. 765-791.
- GRIFFIN, M. T. *Nero: The End of a Dynasty*. 1. ed. London: Routledge, 2001.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. *História Antiga*. São Paulo: Contexto, 2014.

- GUARINELLO, Norberto. Uma morfologia da história: as formas da história antiga. *Politeia: hist. e soc.* Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, 2003, p. 41-61.
- HALLETT, J. P. Cornelia and her Maternal Legacy. *Helios*, v. 33, n. 2, 2006, p. 119-147.
- HALLETT, J. *Fathers and Daughters in Roman Society. Women and the Elite Family*. Princeton: Princeton University Press, 1984.
- HALLETT, J. P. Fulvia, mother of Iullus Antonius: new approaches to the sources on Julia's adultery at Rome. *Helios*, n. 33, v. 2, 2006, p. 149-164.
- HALLETT, J. P; HERSCH, K. K. Tanaquil and Tullia in Livy as Roman caricatures of Greek mythic and historic Hellenistic queens. In: CARNEY, E. D; MÜLLER, S. *The Routledge Companion to Women and Monarchy in the Ancient Mediterranean World*. London: Routledge, 2020.
- HALLETT, J. P. Women in Augustan Rome. In: JAMES, S. L; DILLON, S. (eds.). *A Companion to Women in the Ancient World*. Malden, Oxford: Wiley-Blackwell, 2012, p. 372-384.
- HALL, J. F. Livy's Tanaquil and the Image of Assertive Etruscan Women in Latin Historical Literature of the Early Empire. *Augustan Age*, v. 4, 1985, p. 31-38.
- HANSEN, J. A. *Instituição retórica, técnica retórica, discurso*. Matranga, Rio de Janeiro, v.20, n.33, 2013 p. 11-46.
- HAUSTEINER, E. M; HUHNHOLZ, S; WALTER, M. Imperial interpretations: The *imperium romanum* as a category of political reflexion. *Mediterraneo Antico*, Napoli, v. 12, fasc. 1-2, p. 11-15, 2010.
- HAWLEY, Richard; LEVICK, Barbara. *Women in Antiquity: New assessments*. London: Routledge, 1995.
- HOLBROOK, A. L. *Constructions of the family in Livy's Ab urbe condita*. Hamilton: McMaster University. PhD diss. 2009.
- HUNTSMAN, E. D. Livia before Octavian. *Ancient Society*, v. 39, 2009, p. 121-169.
- HUTCHINSON, G.O. *Latin Literature from Seneca to Juvenal: A Critical Study*. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- INWOOD, B. *Reading Seneca: Stoic Philosophy at Rome*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- INWOOD, B. Rules and reasoning in Stoic ethics. In: INWOOD, B. Inwood. *Reading Seneca: Stoic Philosophy at Rome*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- JOPLIN, P. K. Ritual Work on Human Flesh: Livy's Lucretia and the Rape of the Body Politic. *Helios*, v. 17, 1990, p. 51-70.

- JOSEPH, K. *Pudicitia: The Construction and Application of Female Morality in the Roman Republic and Early Empire*. Waltham/Boston: Brandeis University. Master's Thesis, 2018.
- KEEGAN, P. *Livy's women: crises, resolutions, and female in Rome's foundation History*. New York: Routledge, 2021.
- KEITH, A. Women in Augustan Literature. In: JAMES, S. L; DILLON, S. (eds.). *A Companion to Women in the Ancient World*. Malden, Oxford: Blackwell, 2012, p. 385–399.
- KLEINER, D. E. E. *Cleopatra and Rome*. Cambridge: Harvard University Press, 2005.
- KLEINER, D. E. E. Livia Drusilla and the Remarkable Power of Elite Women in Imperial Rome: a commentary on recent books on Rome's first empress. *International Journal of the Classical Tradition*, v. 6, n. 4, 2000, p. 563-569.
- KLEINER, F. S. An Extraordinary Posthumous Honor for Livia. *Athenaeum*, v. 78, 1990, p. 508–514.
- KRAUS, C. S. From *Exempla* to *Exemplar*? Writing History around the Emperor in Imperial Rome. In: J. Edmondson, S. Mason and J. Rives (eds.) *Flavius Josephus and Flavian Rome*. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 181-200.
- KRAUS, C. S. *Initium Turbandi Omnia a Femina Ortum Est: Fabia Minor and the Election of 367 B. C.* *Phoenix*, v. 45, n. 4, 1991, p. 314-325.
- KRAUS, C. S. Take your medicine! Livy 1 and History's exemplary purpose. *Omnibus*, v. 40, 2000.
- JAMES, S. L; DILLON, S. (eds.). *A Companion to Women in the Ancient World*. Malden, Oxford: Blackwell, 2012.
- JOLY, F. D. A escravidão romana em perspectiva sincrônica: escravos e libertos sob o Principado de Nero. *Politeia*, v.3, n.1, p. 63-83, 2003.
- JOLY, Fábio Duarte; FAVERSANI, Fábio. Os Júlio-Cláudios. In: BRANDÃO, José Luís; OLIVEIRA, Francisco de (coords.). *História de Roma Antiga: volume II: Império Romano do ocidente e romanidade hispânica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, p. 79-110.
- JOLY, Fábio Duarte. *Libertate opus est: Escravidão, manumissão e cidadania à época de Nero (54-68 d.C)*. Curitiba: Editora Progressiva, 2010.
- JOSEPH, K. *Pudicitia: The Construction and Application of Female Morality in the Roman Republic and Early Empire*. Waltham, Boston: Brandeis University. Master's Thesis, 2018.

- JOSHEL, S. The body female and the body politic: Livy's Lucretia and Verginia. In: MCCLURE, Laura K. (ed.). *Sexuality and Gender in the Classical World*. Oxford: Blackwell Publishers, 2002.
- LANGLANDS, R. *Exemplarity ethics in ancient Rome*. Cambridge: United Kingdom; New York: Cambridge University Press, 2018.
- LANGLANDS, R. Pliny's "Role Models of Both Sexes": Gender and Exemplarity in the *Letters*. *EuGeStA*, v. 4, 2014, p. 214-237.
- LANGLANDS, R. Reading for the Moral in Valerius Maximus: The Case of Severitas. *Cambridge Classical Journal*, v. 54, 2008, p. 160-187.
- LANGLANDS, R. Roman *Exempla* and Situation Ethics: Valerius Maximus and Cicero *De Officiis*. *The Journal of Roman Studies*, v. 101, 2011, p. 100-122.
- LANGLANDS, R. Roman Exemplarity: Mediating between General and Particular. In: LOWRIE, M; Lüdemann, S. (eds.). *Exemplarity and Singularity: Thinking Through Particulars in Philosophy, Literature and Law*. New York: Routledge, 2015, p. 68-80.
- LANGLANDS, R. *Sexual morality in Ancient Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- LANNA DE FREITAS, J. V. *O crimen maiestatis e o Principado Romano (27 A.C – 68 D.C): conflito, competição e representação*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Ouro Preto. 2021.
- LAROSA, B. The Mythical Exempla of Faithful Heroines in Seneca the Elder's Work. In: DINTER, M. T; GUÉRIN, C; MARTINHO, M. (eds.). *Reading Roman Declamation: Seneca the Elder*. Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 186-200.
- LEVICK, B. *Augustus: Image and Substance*. Harlow, London, New York: Longman, 2010.
- LEVICK, B. Historical Context of the *Ab Urbe Condita*. In: MINEO, Bernard (ed.). *A companion to Livy*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2015, p. 24-36.
- LEVICK, B. *Tiberius the Politician*. London: Routledge, 1999.
- LEWIS, S. Tyranny and response: introduction. *Bulletin of the Institute of Classical Studies*: Oxford University Press, v. 55, n. 2, 2012, p. 69-71.
- LOWRIE, M. Cicero on Caesar or Exemplum and Inability in the *Brutus*. In: ARWEILER A; MÖLLER, M. (eds.). *Vom Selbst-Verständnis in Antike und Neuzeit. Notions of the Self in Antiquity and Beyond*. Berlin: De Gruyter, 2008, p. 131-154.

- LEVICK, B. Historical context of the *Ab Urbe Condita*. In: MINEO, B. (ed.). *A Companion to Livy*. (Blackwell Companions to the Ancient World). New York: John Wiley & Sons Inc, 2014, p. 24-36.
- L'HOIR, F. S. Tacitus and Women's Usurpation of Power. *Classical World*, v. 88, 1994.
- L'HOIR, F. S. *The Rhetoric of Gender Terms. 'Man', 'Woman', and the Portrayal of Character in Latin Prose*. Leiden, New York: Brill, 1992.
- L'HOIR, F. S. *Tragedy, Rhetoric, and the Historiography of Tacitus' Annales*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2006.
- LOWRIE, M; LÜDMANN, S. *Exemplarity and singularity: thinking through particulars in philosophy, literature and law*. New York: Routledge, 2015.
- LUCE, T. J. Tacitus on 'History's Highest Function': *praecipuum munus annalium*. *Ann. 3.65. Aufstieg und Niedergang der römischen Welt II.33.4*, 1991.
- LUCE, T. J; WOODMAN, A. J. (eds.). *Tacitus and the Tacitean Tradition*. Princeton: University Press, 1993.
- MANCISIDOR, S. C. Impudicitia: la transgresión de la virtude sexual femenina en la Roma antigua. In: (eds.) MACENLLE, R. C; MARTÍNEZ, A. V. *Estudo de Arqueoloxía, Prehistoria e Historia Antiga: achegas dos novos investigadores*. Santiago de Compostela: Andavira Editora, 2016, p. 273-288.
- MARQUES, J. B. *Estruturas narrativas nos Anais de Tácito*. Ouro Preto: História da historiografia, n. 5, 2010, p. 44-57.
- MARQUES, J. B. *Tradição e renovações da identidade romana em Tito Lívio e Tácito*. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- MARTIN, P. A. Tanaquil la 'faiseuse' de rois. *Latomus*, v, 44, 1985, p. 5– 15.
- MARTIN, R. H. Tacitus and The Death of Augustus. *The Classical Quarterly*, v. 5, 1955.
- MARTIN, R; WOODMAN, A. J. *Tacitus Annals Book IV*, Cambridge Greek and Latin Classics. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- MARTINS, Caroline Morato. *Modelos éticos femininos na Roma Antiga: uma análise sobre a construção da fama de Lúvia Drusila e Agripina Maior*. Belo Horizonte: Outros Tempos, v. 17, n. 29, 2020, p. 83-99.
- MAYER, R. G. Roman Historical Exempla in Seneca. In: HIJMANS, B. L; GRIMAL, P. (eds.). *Sénèque et la prose latine: neuf exposés suivis de discussions*. Geneva: Fondation Hardt, 1991, p. 141-176.

- McHUGH, M. R. *Ferox Femina: Agrippina Maior in Tacitus's Annales*. *Helios*, v. 39, n. 1, 2012, p. 73-96.
- MELLOR, R. *Tacitus*. New York, London: Routledge, 1994.
- MELLOR, R. *Tacitus: The Classical Heritage*. New York, London: Garland Publishing, 1995.
- MELLOR, R. *The Roman Historians*. New York: Routledge, 1991.
- MEULDER, M. Trois femmes, trois fonctions: Tanaquil, Tullia, Lucrece (Tite- Live, 'Histoire romaine', livre I). *Revue des études anciennes*, v. 107, 2005, p. 543– 557.
- MIKOCKI, T. *Sub specie deae: Les impératrices et princesses romaines assimilées à des déesses*. Rome: Bretschneider, 1995.
- MILES, Gary B. *Livy: reconstructing early Rome*. Ithaca, London: Cornell University Press, 1995.
- MILLAR, F. *A study of Cassius Dio*. Oxford: Clarendon Press, 1964.
- MILNOR, K. Augustus, History, and the landscape of the law. *Arethusa*, v. 40, n. 1, 2007, p. 7-23.
- MILNOR, K. *Gender, Domesticity, and the Age of Augustus: Inventing Private Life*, Oxford: University Press, 2005.
- MINEO, B. Livy's political and moral values and the Principate. In: MINEO, B. (Ed.). *A Companion to Livy*. (Blackwell Companions to the Ancient World). New York: John Wiley & Sons Inc, 2014.
- MORELLO, R. Traditional *Exempla* and Nerva's New Modernity. Making Fabricius Take the Cash. In: KÖNIG, A; WHITTON, C. (eds.). *Roman Literature under Nerva, Trajan and Hadrian. Literary Interactions, AD.96-138*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018, p. 302-329.
- MORGAN, T. *Popular morality in the early Roman Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- MOTA, Thiago E. A. *A Eneida de Virgílio*. In: SANTOS, Domique (org.), *Grandes epopéias da Antiguidade e do Medievo*. Blumenau: Edifurb, 2014.
- MULLENS, H. G. The decadence theme in Augustan literature. *Vergilius* (1938-1940), n. 6, 1940, p. 26-31.
- MURNAGHAN, Sheila. Tragic Realities: Fictional Women and the Writing of Ancient History. *EuGeStA*, n. 5, 2015.
- MUSTAKALLIO, K. Roman Funerals: Identity, Gender and Participation. In: MUSTAKALLIO, K; HANSKA, J; SAINIO, H. L; VUOLANTO, V. (eds.). *Hoping for*

- Continuity. Childhood, Education and Death in Antiquity and the Middle Ages.* Rome: Acta Instituti Romani Finlandiae, v. 33, 2005, p. 179-190.
- NEEL, Jaclyn. *Early Rome. Myth and society: a sourcebook.* Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2017.
- NEEL, Jaclyn. *Tarpeia the Vestal.* Cambridge: Cambridge University Press, *The Journal of Roman Studies*, Vol. 109, 2019, p. 1-28.
- OGILVIE, R. M. *A Commentary on Livy: Books 1-5.* London: Oxford University Press, 1963.
- OSGOOD, J. Urgulania, Plancina, and Livia: Women's Initiative in Early Imperial Politics. In: *Leadership and Initiative in Late Republican and Early Imperial Rome, Mnemosyne Supplements*, Brill, v. 453, 2022, p. 189-209.
- POMEROY, Sarah B. *Goddesses, whores, wives and slaves. Women in Classical Antiquity.* New York: Schoken Books Inc, 1995.
- PURCELL, N. Livia and the womanhood of Rome. *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, n. 32, 1986, 78-105.
- RAAFLAUB K; TOHER, M. *Between Republic and Empire. Interpretations of Augustus and his Principate.* Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1993.
- RAMSBY, T. R; SEVERY, B. Gender, Sex, and the Domestication of the Empire in Art of the Augustan Age. *Arethusa*, v. 40, 2007, p. 43-71.
- RAPKE, T. T. Tiberius, Piso and Germanicus. *Acta Classica*. v. 25, 1982, p. 61-69.
- ROLLER, M. B. Between Unique and Typical: Senecan *Exempla* in a List. In: LOWRIE, M; LÜDEMANN, S. (eds.). *Exemplarity and Singularity. Thinking Through Particulars in Philosophy, Literature and Law.* Abingdon: Routledge, 2015, p. 81-95.
- ROLLER, M. B. Cloelia: Timelessness and Gender. In: ROLLER, Matthew B. *Models from the past in Roman culture: a world of exempla.* Cambridge: Cambridge University Press, 2018. p. 66-93.
- ROLLER, M. B. Exemplarity in Roman Culture: The Cases of Horatius Cocles and Cloelia. *Classical Philology*, v. 99, n. 1, 2004, p. 1-56.
- ROLLER, M. B. *Models from the past in Roman culture: a world of exempla.* Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- ROLLER, M. B. Precept(or) and Example in Seneca. In: VOLK, K; WILLIAMS, G. (eds.). *Latin Philosophy.* Oxford: Oxford University Press, 2015, 129-56.
- ROWLAND, M. Effeminacy as Imperial Vice in Suetonius' Nero and Caligula. *Classicum*, v. 36, n. 2, 2010, p. 23-30.

- RUTLAND, L.W. Women as Makers of Kings in Tacitus' *Annals*. *Classical World*, v. 72, 1978.
- SALLER, R. 'Familia, Domus', and the Roman Conception of the Family. *Phoenix*, v. 38, n. 4, 1984, p. 336-355.
- SALLER, R. *Patriarchy, property and death in the Roman family*. Cambridge, Cambridge University Press, 1994.
- SALLER, R. *The Family in Italy: from Antiquity to the Present*. New Haven, London: Yale University Press, 1991.
- SEVERY, B. *Augustus and the family at the birth of the Roman Empire*. New York, London: Routledge, 2003.
- SHANNON-HENDERSON, K. E. *Religion and Memory in Tacitus' Annals*. Oxford: OUP Oxford (Oxford Classical Monographs), 2019.
- SHANNON-HENDERSON, K. E. Livy and Tacitus on Floods: Intertextuality, Prodiges, and Cultural Memory. (eds.) DEVILLERS, O; SEBASTIANI, B. B. *Les historiens grecs et romains: entre sources et modèles*. Bordeaux: Ausonius Éditions, 2018.
- SHOTTER, D. C. A. Agrippina the Elder: A Woman in a Man's World. *HISTORIA-Z*, v. 49, n. 3, 2000, p. 341-357.
- SILVA, G. J. da; FUNARI, P. P; GARRAFFONI, R. S. Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. *Revista Brasileira de História*, Salvador, v. 40, n. 84, 2020, p. 43-66.
- SILVA, Semíramis C. Identidade cultural e gênero no Principado romano: uma proposta de análise interseccional das representações do imperador Heliogábalo (século III E.C.). Rio de Janeiro: *Phoênix*, v. 24, n. 2, 2018, p. 142-166.
- SINCLAIR, P. Tacitus' Presentation of Livia Julia, Wife of Tiberius' Son Drusus. *The American Journal of Philology*, v. 111, n. 2, 1990, p. 238-256.
- SMETHURST, S. E. *Women in Livy's History. Greece & Roma*, v. 19, n. 56, 1950, p. 80-87.
- SOLODOW, J. B. Livy and the Story of Horatius, 1.24–26. *TAPhA*, v. 109, 1979, p. 251-268.
- STADTER, P. A. *Plutarch and the Historical Tradition*. London: Routledge, 2002.
- STAPLES, A. *From Good Goddess to Vestal Virgins. Sex and Category in Roman Religion*, London, New York: Routledge, 1998.
- STEVENSON, Tom. Women of early Rome as exempla in Livy, *Ab Urbe Condita*, Book 1. *Classical World*, v. 104, n. 2, 2011, p.175-189.

STRUNK, T. E. Rape and Revolution: Livia and Augustus in Tacitus' *Annales*. *Latomus*. T. 73, Fasc. 1, 2014, p. 126-148.

SUMI, G. *Ceremony and Power. Performing Politics in Rome Between Republic and Empire*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2005.

SWINDLE, J. M. A Rhetorical Use of Women in Tacitus' *Annales*. *Studia Antiqua*, v. 3 n. 1, 2003, p. 112-114.

SYME, R. Livy and Augustus. *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 64, 1959, p. 27-87.

SYME R. *Tacitus*. Vols. I, II. Oxford: The Clarendon Press, 1958.

TAYLOR, D. *The Archive and the Repertoire: Performing Cultural Memory in the Americas*. Durham, London: Duke University Press, 2003.

THOMSEN, R. *King Servius Tullius: A Historical Synthesis*. London: Gyldendal, 1980.

TREGGIARI, S. *Roman Marriage*. Oxford: Clarendon Press, 1991.

TREGGIARI, S. Women in the Time of Augustus. In: GALINSKY, K. (ed.) *The Cambridge Companion to the Age of Augustus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 130-148.

VACINOVÁ, Lenka. The punishment of *tarpeia* and its possible iconographic inspiration. *AUC Philologica*, 2017, p. 43-55.

VAN DER POEL, M. The Use of *Exempla* in Roman Declamation. *Rhetorica*, v. 27, n. 3, 2009, p. 332-353.

VANDIVER, E. The founding mothers of Livy's Rome: the Sabine women and Lucretia. In: TITCHENER, F. B; MOORTON, R. F. (eds.). *The Eye Expanded: Life and the Arts in Greco-Roman Antiquity*, Berkeley: University of California Press, 1999, p. 206-232.

VARNER, E. Portraits, Plots, and Politics: *Damnatio Memoriae* and the Images of Imperial Women. *Memoirs of the American Academy in Rome*, v. 46, 2001, p. 41-93.

VASSILIADES, G. The *lex Oppia* in Livy 34.1-7: Failed Persuasion and Decline. In: PAPAIOANNOU, S; SERAFIM, A; DEMETRIOU; K. (eds). *The ancient art of persuasion across genres and topics*. Leiden, Boston: Brill, p. 104-123.

VIDÉN, G. Women in Roman Literature. Attitudes of Authors under the Early Empire. Göteborg: *Acta Universitatis Gothoburgensis (Studia Graeca et Latina Gothoburgensia, LVII)*, 1993.

WALKER, C. L. *Hostages in Republican Rome*. Washington: Center for Hellenic Studies, 2005.

- WALLACE-HADRILL, Andrew. Family and inheritance in the Augustan marriage-laws. *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, v. 27, 1981, p. 58-80.
- WALLACE-HADRILL, A. F. *Suetonius: The Scholar and his Caesars*. New Haven, CT: Yale University Press, 1983.
- WALSH, P. G. *Livy: His Historical Aims and Methods*. Cambridge: University Press, 1961.
- WARDLE, D. *Suetonius' Life of Caligula: A commentary*. Brussels: Lotomus, 1994.
- WARDMAN, A. E. The rape of the Sabines. *The Classical Quarterly*, v. 15, 1965, p. 101-103.
- WEBB, L. Gendering the Roman imago. *EuGeStA*, v. 7, 2017, p. 140-183.
- WELCH, T. Perspectives on Livy and of Livy's Tarpeia. *EuGesta*, n. 12, 2012, p. 169-200.
- WILCOX, A. *Exemplary Grief: Gender and Virtue in Seneca's Consolations to Women*. *Helios*, v. 33, n. 1, 2006, p. 73-100.
- WILKES, J. Julio-Claudian Historians. *The Classical World: The Johns Hopkins University Press*, v. 65, n. 6, 1972, p. 177-192; 97-203.
- WINTERLING, A. *Caligula: a biography*. Berkeley: University of California Press, 2011.
- WINTERLING, A. *Loucura Imperial na Roma Antiga*. *História (São Paulo)*, v. 31, n. 1, 2012, p. 4-26.
- WISEMAN, T. P. The wife and children of Romulus. *Classical Quarterly*, v. 33, 1983, p. 445-452.
- WOOD, C. B. *Exemplarity in Tacitus: literary, cultural, and political contexts*. Princeton: Princeton University. PhD diss. 2018.
- WOODMAN, A. J. *The Cambridge Companion to Tacitus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- WOODMAN, A. J. Tiberius and the Taste of Power: The Year 33 in Tacitus. *The Classical Quarterly New Series*, v. 56, n. 1, 2006, p. 175-189.
- WOOD, S. E. Diva Drusilla Panthea and the Sisters of Caligula. *American Journal of Archaeology*, v. 99, n. 3, 1995, p. 457-482.
- WOOD, S. E. *Memoriae Agrippinae: Agrippina the Elder in Julio-Claudian Art and Propaganda*. *American Journal of Archaeology*, v. 92, n. 3, 1988, p. 409-426.

WOOD, S. E. Vipsania Agrippina and Livilla I, the Women of the Family of Tiberius. In:
WOOD, S. E. (ed.). *Imperial Women: A Study in Public Images, 40 B.C. - A.D.*
68. Leiden: Brill, *Mnemosyne Supplements*, v. 194, 2000, p. 177-202.